

SAL 9020.15



**HARVARD
COLLEGE
LIBRARY**

BIBLIOTHECA
LUZO-BRAZILEIRA
LITTERATURA BRAZILEIRA

A

LITTERATURA BRAZILEIRA

NOS

TEMPOS COLONIAES

DO SECULO XVI AO COMEÇO DO XIX

ESBOÇO-HISTORICO

SEGUIDO

DE UMA BIBLIOGRAPHIA E TRECHOS DOS POETAS E PROSADORES
D'AQUELLE PERIODO QUE FUNDAM
NO BRAZIL A CULTURA DA LINGUA PORTUGUEZA

POR

EDUARDO PERIE

Felix Perie



BUENOS AYRES

EDUARDO PERIÉ, EDITOR

Administração, Alsina 29

1885

BAL 9020.15

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

June 10, 1924

4340
100

Typ. da Bibliotheca Luzo-Brazileira

A FELIX FERREIRA

Os escriptores antigos, quando publicavam as suas obras, costumavam dedical-as a um Mecenas, que lhes servisse de protecção e amparo; e como encontrei uma e outra coisa no povo d'esta terra carinhosa, de que Felix Ferreira é um dos mais legitimos representantes, escolho-o para Mecenas consagrando-lhe estas paginas despretenciosamente escriptas n'uma roça.

Lamento que a falta de tempo e subsidios indispensaveis me não permitta offerecer-lhe obra de maior valia; mas, se apezar de pobre, o meu trabalho conseguir agradar-lhe, ficará realisada a aspiração do seu verdadeiro amigo

Eduardo Perié.

AO LEITOR

Vacilla-me o espirito, conturba-se-me a razão e falta-me o animo ao traçar estas primeiras linhas, não tanto pela magnitude da empreza a que metto hombros, aliás indubitavelmente superior ás minhas forças, como por não corresponder tanto quanto desejára ao que da minha pobre penna esperam aquelles, que honrando-me com a sua amizade, me determinaram a emprehender este trabalho, proemio dos que com mais tempo e mais estudos me proponho a publicar a respeito do Brazil) ajudando-me com os seus conselhos e auxiliando-me com essa fidalga benevolencia, com que fui recebido desde que pisei terras brasileiras, e que brilhou em torno de mim como um fulgido raio de luz tropical, animando-me e sustentando-me em occasiões de

desanimo, e arrancando-me por ultimo uma promessa que hoje realiso, posto que prematuramente, escrevendo este primeiro livro.

Mas, posso em consciencia dizer que este trabalho é todo meu? — Não. — Sem o auxilio efficassissimo de tão modesto quão intelligente, culto e laborioso brasileiro, sem a collaboração do meu presado amigo Felix Ferreira, nunca teria podido, apesar da minha boa vontade, reunir em cinco a seis mezes o material para escrever este primeiro tomo, prefacio de obra mais avultada e mais digna de tão florescente e bella litteratura contemporanea sul-americana. Era-me indispensavel a sua coadjuvação, porque não posso consagrar ao estudo mais que algumas horas da noite, em rasão de ter os dias absorvidos pelo improbo trabalho de dar vida e impulso a esta *Bibliotheca*, cuja primeira serie completa este primeiro volume, que o é tambem dos que pretendo escrever a respeito do Brazil e dos brasileiros, e com cujo producto espero poder percorrer e estudar a vastissima existencia d'este imperio, e reunir emfim os dados precisos para escrever com consciencia e pleno conhecimento de causa.

A Felix Ferreira, repito, devo todas as notas, indicações e grande parte das obras que me foi necessario consultar, todas as noticias bibliographicas

que se encerram n'este primeiro volume, e a recopilação dos estudos que outras pennas, mais auctorizadas do que a minha, tem feito sobre a litteratura brasileira. Por isso uno seu nome ao meu n'estas paginas, não só como um tributo de gratidão prestado ao amigo, mas também como um preito rendido á verdade e o comprimento de um dever que para mim é sagrado.

Condensou, pois, n'este primeiro volume, tudo quanto pude investigar e recolher dos primeiros vagidos de uma litteratura, que implantada n'estas regiões por um povo conquistador, e que vivendo tão trabalhosamente n'aquella época, entre o fragor dos combates, o regimen da colonia, e a catechisação do Jesuita, chegou até nossos dias esplendorosa, graças a uma pleiade de bons poetas e escriptores cheios de vida, energia, sentimento e até ás vezes de muita originalidade, e que com as suas obras se impuzeram á admiração do mundo pensante. Essa pleiade illustre que deo, pode-se dizer, vida ao pensamento potente e soberano da joven America, que brilha como uma promessa futura no nadir da humanidade, com seu espirito de liberdade e independencia de um continente, que foi o ultimo a surgir d'entre as ondas nas derradeiras convulsões do cahos dos mares, mas que por isso mesmo, attingirá maior altura e brilhantismo. Grande

futuro está por certo reservado a este feracissimo solo regado por assombrosos rios, coberto de florestas colossaes e dilatadissimas campinas, quando assumir o logar que lhe compete no templo do progresso humano, por esforços titanicos de seus denodados filhos. Na America está o germen fecundo da nova civilisação que ha de deslumbrar o porvir.

Não sei se chegarei ao cabo da minha jornada; não sei se minhas forças corresponderão aos meus anhelos; mas em todo o caso caber-me-ha sempre uma gloria — a de haver tentado conquistá-la.

A LITTERATURA BRAZILEIRA

Do seculo XVI ao começo do XIX

ESBOÇO HISTORICO

I

Governava D. Affonso VI os antigos reinos de Castella e Leão, que unidos a outros, que n'aquella época constituíam a península Iberica, formam hoje os reinos de Hespanha e Portugal, quando por entre o fragor da guerra de reconquista, que durou cerca de oito seculos, sustentada maravilhosamente por aquelles povos heroicos contra os Arabes que no seculo VIII invadiram o continente europeu, appareceram dois principes francezes valorosos e esforçados pertencentes á casa dos Capetos, um que tinha por nome D. Raymundo, e o outro D. Henrique de Borgonha. Avidos de gloria e de renome alistatam-se, ambos nas fileiras leonezas e castelhanas para combater debaixo do estandarte da Cruz contra as poderosas legiões do Crescente.

Foram tantos os seus actos de bravura e tão preclaros os seus feitos, que el-rei D. Affonso para

recompensar tão bons e leaes serviços lhes deu em casamento suas duas filhas: D. Urraca e D. Thereza. A primeira, filha legitima, casou com D. Raymundo; a segunda, filha natural, esposou D. Henrique.

D. Affonso VI segundo os usos e costumes d'aquella época, creou feudos e senhorios para seus genros, dividindo para isso em duas zonas a rica provincia de Galliza: a septentrional que era a parte mais importante, coube em dote a D. Urraca; e a meridional, que se estende do rio Minho ao Mondego, pertenceu a D. Thereza, e foi chamada desde então — *Portocale* ou *Portogallo*, como recordação ou, para melhor dizer, como continuação do nome que tinha sob a dominação Gallo-romana.

Por morte de D. Affonso succedeo-lhe no throno sua filha D. Urraca, volvendo por conseguinte á corôa de Castella e Leão o territorio, que aquella princesa levára em dote; ao passo que a parte meridional continuando em poder de D. Henrique começava a gozar de certa independencia, ainda que rendendo vassallagem á corôa de Castella, que imperava n'aquella porção da antiga Iberia.

Fallecendo o conde D. Henrique, a princesa D. Thereza continuou administrando os Estados, que constituíam o seu dote, mas dentro em pouco dividiram-se os seus vassallos em dois partidos, um que reconhecia a viava de D. Henrique como legitima senhora d'aquelles dominios, e outro que proclamava seu filho como unico dono e chefe d'aquelle senhorio.

Rebentou a guerra civil com todos os seus horrores; correu sangue de irmãos em varios recontros, e tal foi o poder que adquiriu o partido do joven D. Affonso Henriques, que a mãe teve de fugir para Castella e pedir soccorro aos antigos vassallos de seu pae D. Affonso VI, emquanto o filho assumia absoluta direcção do seu pequeno Estado.

Soccorrida D. Thereza por Gallegos, Leonezes e Castelhanos, ameaçou suffocar o fogoso principe arrebatando-lhe o nascente reino; porém elle, para oppôr tenaz resistencia a seus contrarios alliados, reconhecendo a imperiosa necessidade em que se achava de dilatar os dominios e augmentar o numero dos vassallos, invadio os Estados dos Mouros seus visinhos, e foram tantos os prodigios, tamanhas as heroicidades e tão portentosos os seus feitos d'armas, que ao cabo de pouco tempo vio realisado o seu intento, graças ás terras e vassallos de que appropriou os mussulmanos.

Uma vez conseguido este resultado, allegando a sua ascendencia franceza, D. Affonso Henriques obteve o auxilio de muitos compatriotas de seu pae, e aproveitando-se das guerras de successão, que por morte de D. Urraca se desencadearam em Leão e Castella, proclamou-se independente, fazendo-se reconhecer como tal pelo Papa, e obrigando-se a pagar ao Vaticano um imposto annual em troca d'esse reconhecimento.

Tal foi o modo como se constituiu a monarchia e reino de Portugal por meados do seculo XII.

«Provincia separada da monarchia de Leão e

muitos que se chamava Portugal, do porto dos Gallos.»

Além d'essas intimas relações com os francezes, entrou tambem como já dissemos, e por muito, no aperfeiçoamento do idioma luzitano, o elemento litterario provençal, a linguagem predilecta das trovas e cantares, do amor e da galanteria, do sublime e do maravilhoso, que quasi, pode dizer-se, foi a essencia, o perfume delicado que amenisou e adoçou a poesia portugueza.

«Quasi todos os fidalgos portuguezes. diz o sr. Theophilo Braga, usavam do poetar provençal; a linguagem dos *Cancioneiros* por certo que nunca foi fallada, mas contribuiu bastante para fixar a prosodia da lingua. No mais antigo monumento da poesia portugueza, o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* ou *d'Ajuda*, é onde se encontra mais caracterisada a poesia provençal. Todo aquelle artificio de strophes é uma imitação directa da Provença.»

A essas causas que deixamos assignaladas, e que explicam satisfactoriamente as differenças que hoje separam o portuguez do galliziano, pode-se acrescentar o impulso que o romance castelhano teve por esses tempos, e que influio em todos os dialectos que se fallavam em Hespanha. «Por suas frequentes relações com a França e a Italia, suas guerras na Allemanha e em Flandres, diz Fernandes Pinheiro, infiltraram os hespanhoes em sua linguagem muitas locuções peregrinas, hauridas das fontes supra indicadas, ao passo que os portuguezes, mais

definida, provêem do latim rustico, implantado na península pelo dominio romano e usado em Hespanha até o seculo V, época, em que teve logar a invasão dos Vandalos, Alanos e Suevos, que destruíram a primitiva civilisação.

A invasão visigoda, que determinou a expulsão dos barbaros, trouxe novos elementos constitutivos áquelles idiomas, os quaes á medida que se succediam as invasões, iam-se mesclando com o Carthaginez, o Phenicio, o Grego, o Celtico e o Teutonico. Por ultimo chegaram os Arabes, novos conquistadores que trouxeram nova civilisação á península e concederam aos filhos do paiz liberdades, direitos e franquias de que até então não haviam gozado, estabeleceram a liberdade religiosa, apesar do primeiro Concilio dos Bispos catholicos ter-se reunido em Cordova, sob a protecção do Kalifa, exerceram por sua vez uma grande influencia na formação dos idiomas,—influencia natural e inevitavel, porque eram os unicos que n'aquella época possuíam uma litteratura.

-Aroum Al-Raschide, diz um illustre historiador, no seculo VIII, chamou á sua côrte sabios Gregos, fomentou o estudo das litteraturas Grega e Orientaes, reunindo os seus thesouros em bibliothecas importantes, onde se encontravam os originaes ao lado de traducções cuidadosamente feitas. Os seus successores imitaram-lhe o exemplo e em pouco tempo Bagdad, Bassoura, Damasco, Ispaham, na Asia; Cairo, Fez, Marrocos, na Africa; Sevilha, Cordova, Malaga, e Granada nas Hespanhas, tornaram-

se focos de luz, e resplandeceram com o ensino da medicina, pharmacia, cirurgia, mathematicas, astronomia, geographia, agricultura, historia, sciencias naturaes e bellas lettras. Os Arabes escreviam livros scientificos, chronicas, poemas, canções, tratados de rhetorica e philosophia; traduziram os auctores Gregos, e foi por meio d'essas traducções das obras de Aristoteles que se conservou e chegou até nós este, como muitos outros sabios da antiguidade.»

Assim pois, é de todo ponto fóra de duvida que a lingua, que deo origem á portugueza, foi a Gallega, e a razão da grande differença entre esse dialecto ainda hoje fallado na Galliza e o portuguez moderno, provém de que a lingua gallega se desenvolveo na parte meridional entre um povo, que proclamou a sua independencia, convertendo-se por ultimo em idioma official e cultivado de um reino que sempre ia progredindo, crescendo e aperfeiçoando-se em seus costumes, ao passo que na parte septentrional ficou reduzida a um dialecto provincial cultivado apenas pelos trovadores, e ainda assim não tardou a ser eclypsada pela lingua hespanhola que já então florescia e avassallava todos os idiomas das suas provincias.

N'esse decurso de tempo contribuíram tambem para o aperfeiçoamento da lingua portugueza e como poderosos elementos: o *Latim* que foi o idioma official da monarchia luzitana até quasi os fins do seculo XIV, e n'elle se redigiam todos os documentos; o *Francez* que era a lingua patria dos principes fundadores do reino e dos cavalleiros

dextros e valentes no manejo das armas como nas galanterias do amor.

Conta-se que em uma das muitas e atrevidas correrias que os cavalleiros de D. Affonso Henriques costumavam fazer pelas terras dos Mouros, coroadas geralmente do mais brilhante exito, Gonçalo Ermiguez aprisionou uma moura por nome Oriolana, dotada de tantas graças e attractivos e de tão singular formosura, que o cavalleiro cegamente apaixonado de seus encantos casou com ella depois de redimida pelas aguas lustraes do baptismo. A esse cavalleiro, poeta e namorado, é que se attribue com bons fundamentos as seguintes strophes, que bem podem chamar-se o primeiro balbuciar da poesia portugueza:

Tinhera-bos, non tinhera-bos
Tal á tal cá assoma;
Tinherades-me, non tinherades-me,
De lá vinheredes, e cá ficaredes,
Ca andaba todo em soma.

Por mil goibos trebelhando
Oy—oy—bos lombrego;
Algorceme de ca la folgando
As me ei per que do terreno
Non ha he tal perchego.

Ouriana—Ouriana—oy tem por certo
Que tinha bida biber.

A seu contemporaneo Egas Moniz são attribuidas tambem estas endeixas:

Uma me reprecara :
Ei, infançon, non sé.
Mal houvesse la terra
Que tien o malo Ré!
Si ei armas usára
Ja a mi fé non sé
Si homo mi levará
D'aquella mala le?
Bos, adeus, bos vades,
Ei infançon, non sé.
Ei le reprecara:
A mi fé non iré:
Ca ojos dessa cara
Caros los compraré.
A's las longas terras
Entra bos me iré :
Las cumpridas vias
Per bos andaré:
Lingua d'Aravia
Ei la fallaré;
Moros si os bisse,
Moros os mataré.

No figueral figueredo
No figueral entré.
Moro que las guardava
Cerca lo aché.
Troncon desganhara
Troncon desganhé;
Las ninhas furtara
Las ninhas furté;
La que a mi fallara
N'alma la canté.

«Observemos agora, diz o sr. Conselheiro Pereira da Silva, como se achava já alterada a lingua no

tempo de D. Diniz, fins do seculo XIII e começos do XIV. Poeta era o soberano, e muito dedicado ás lettras; deixou de lavra propria um enorme cancioneiro, que reune cantares, romances, silvas e coplas de todas as especies e variedades.

«Apparece o portuguez de D. Diniz tão affastado já do gallego primitivo, que é força reconhecer que corre mais galante, suave e coberto de gallas novas, que só progressos visiveis e sensiveis da nacionalidade, da sociedade e do povo; o contacto, as relações, as communicações com estrangeiros; necessidades novas e modificações de costumes, indole, tendencias e aspirações; mais luzes emfim e mais civilisação, podem e soem imprimir a um idioma.»

Vejamos como poetava el-rei D. Diniz, e apreciemos o grao de aperfeiçoamento, que já havia attingido a lingua portugueza:

Oy ei cantar d'amor
Em um formoso vergeu:
Uma formosa pastora
Que no parecer seu
Jamás nunca li por vi,
E porem disse-lhe assi:
Senhor, por vosso eu...
Tornou-me sanhuda enton,
Quando me esta oye diser;
E disse.—Ide-vos, varon,
Quem vos foi aqui trouquer,
Para me irdes de estorvar?—
E ei disse:—A quisto cantar
Que fez quem vi bem querer.

e mais distincta, libertando-se das palavras barba-
ras do dialecto, e enriquecendo-se com um precioso
caudal de vocabulos puros.

El-rei D. Pedro I cognominado *Crú*, o infante
D. Sanches e mais que todos D. Duarte, conde de
Barcellos, cultivaram a poesia com grande proveito
e adiantamento, pois apesar do rudimentario da
linguagem, da falta de adjectivos que só mais tarde
vieram locupletar o idioma, a incorrecção da syn-
taxe, o defeito da rima mais toante que rythmica
e a ignorancia da metrificacção, essas producções
acentuaram de uma maneira muito apreciavel o des-
envolvimento e perfeição da lingua, que tanto bri-
lho e esplendor não tardaria em alcançar.

Sem embargo, apesar dos esforços de D. Diniz,
até o seculo XIV não conseguiu a lingua portugue-
za attingir o seu maior gráo de perfeição, e até
o apparecimento de D. João I não se usava da lin-
gua nacional senão nas relações de intimidade,
nas trovas e cantares, e nos primeiros tentamens da
prosa vulgar, sendo o latim o privilegiado para os
actos publicos e documentos officiaes.

Com a morte de D. Fernando, que teve lugar em
1383, começou a submergir-se a monarchia Portu-
guesa, e Portugal a ser presa de grande anarchia
até o ponto de perigar a sua independencia.

Casara aquelle rei com D. Leonor Telles, da
qual teve uma só filha, que esposou por sua
vez com D. João I de Castella. Morto D. Fer-
nando tomou a viuva as redeas do Governo, como
regente em nome de sua filha e unica herdeira dõ

throno; porém a nação dividiu-se em dois grandes partidos como no tempo de D. Affonso Henriques, declarando-se um d'elles em favor de D. Leonor e o outro contra ella.. Singular coincidência: a morte de um principe e a insurreição de seus vassallos contra a viuva tinham dado vida á nacionalidade portugueza; a morte de D. Fernando e a sublevação d'esse mesmo povo contra a que fora esposa do seu rei, ameaçavam destruil-a.

Tinha D. Fernando tres irmãos bastardos, dos quaes dois eram filhos da desditosa Ignez de Castro, e por motivos politicos viviam ambos longe da patria; o terceiro, D. João, filho de uma certa Theresia Lourenço, cognominado o Mestre d'Aviz, era muito querido do povo, e por conseguinte indigitado para succeder a D. Fernando.

Os mediadores de ambos os partidos trataram de resolver o conflicto casando a princesa viuva D. Leonor Telles com o principe D. João, seu cunhado; mas, os amores illicitos que a rainha entretenha com um fidalgo castelhano, o Conde de Andeiro, accrescentavam por tal modo a sua impopularidade, que se tornou impossivel a realisação de semelhante alvitre.

Uma revolução, como geralmente acontece em casos analogos, decidiu a questão. O povo ameaçava invadir o alcaçar de seus reis, e a rainha atemorizada diante da attitudo de seus vassallos, consentiu em receber em seu palacio D. João, o qual dizia querer testemunhar-lhe e jurar-lhe fidelidade; mas uma vez no palacio, em presença da rainha,

pelos *rhapsodistas*, especie de truões que representam cantando versos alheios. No seu *Cancioneiro* el-rei D. Diniz queixa-se d'essa villania e abastardamento da arte, *d'aquelles que só cantam n'um periodo do anno, na estação das flores, indo de porta em porta explorar a caridade.*

c) *A escola intermediaria* floresceo do meiado seculo XIV ao começo do XV, foi como que uma reacção contra a tendencia cada vez mais dominante de se deixar absorver pela escola hespanhola.

d) *A escola hespanhola* marca afinal a época da absorpção que tanto se temia. Do XV ao principio do XVI seculo, os poetas inspiram-se unicamente nas fontes visinhas. Contra esta influencia ergueram brados energicos, mas que de nada serviram. Ninguem se furta ás influencias do seu tempo. Dos duzentos e oitenta e seis poetas reunidos por Garcia de Rezende no seu *Cancioneiro Geral* vinte e nove escreveram em hespanhol.

A estas quatro escolas pode-se acrescentar ainda a *ingleza*, que na opinião de Fernandes Pinheiro: «teve grande incremento por occasião do consorcio d'el-rei D. João I com uma princesa d'essa nação, filha do Duque de Lancastre. Os primeiros cavalleiros da época timbravam em seguir as pegadas dos heroes legendarios do cyclo bretão, ou da *Tavola Redonda*; o famoso Nuno Alvares tomava por modelo Galaaz.»

Citam-se como primeiros trovadores da escola galliziana, a fundamental, Gonçalo Henriques ou Hermigues e Egas Moniz, cavalleiros da côrte, tão

dextros e valentes no manejo das armas como nas galanterias do amor.

Conta-se que em uma das muitas e atrevidas correrias que os cavalleiros de D. Affonso Henriques costumavam fazer pelas terras dos Mouros, co-rodas geralmente do mais brilhante exito, Gonçalo Ermiguez aprisionou uma moura por nome Oriolana, dotada de tantas graças e attractivos e de tão singular formosura, que o cavalleiro cegamente apaixonado de seus encantos casou com ella depois de redimida pelas aguas lustraes do baptismo. A esse cavalleiro, poeta e namorado, é que se attribue com bons fundamentos as seguintes strophes, que bem podem chamar-se o primeiro balbuciar da poesia portugueza:

Tinhera-bos, non tinhera-bos
Tal á tal cá assoma;
Tinherades-me, non tinherades-me,
De lá vinheredes, e cá ficaredes,
Ca andaba todo em soma.

Por mil goibos trebelhando
Oy—oy—bos lombrego;
Algorceme de ca la folgando
As me ei per que do terreno
Non ha he tal perchego.

Ouriana—Ouriana—oy tem por certo
Que tinha bida biber.

A seu contemporaneo Egas Moniz são attribuidas tambem estas endeixas:

za, estabelecendo a autonomia da linguagem popular, decretou que todos os documentos publicos fossem escriptos unicamente no idioma patrio, deixando o uso exclusivo do latim para a Igreja. E como se tudo isto não fôra bastante, mandou crear a legislação patria, para cujo fim nomeou uma commissão escolhida entre os varões mais doutos que levassem ao cabo tão alto commettimento, o qual se effectuou com grande applauso de nobres e plebeus. Tudo emfim se modificou, tudo se alterou e reorganisou sob seu reinado; leis, usos, costumes e instituições tomaram um character essencialmente nacional, muito mais adiantado e perfeitamente autonomico.

N'aquella brilhantissima época da monarchia portugueza a lingua não podia ficar postergada; assim é que ella floresceu e enriqueceu-se dia a dia, graças aos poetas e prosadores do tempo, que formaram, porque assim digamos, a aurora esplendente da litteratura luzitana.

Entre os escriptores mais notaveis d'esse periodo, citam-se Vasco da Lobeira, o auctor de *Amadis de Gaula* primorosa novella cavalleiresca, que antes de apparecer publicada no patrio idioma já o andava em francez, inglez e hespanhol. Era *Amadis de Gaula* um cavalleiro andante, e suas romancescas aventuras formam o intrincado labyrintho d'aquella novella, que mereceu ser poupada no auto de fé que fez o Cura do *D. Quichote*, o que bem prova o apreço em que a tinha Miguel de Cervantes.

Reza a lenda que o rei Mauregato, usurpador do throno das Austurias e Galliza, e que se dizia filho natural de D. Affonso de Castella e de uma moura, para conseguir o auxilio dos Arabes afim de arrancar aquella corôa da cabeça de seu sobrinho, D. Affonso de Castro, comprometteo-se a pagar ao Kalifa de Cordova um tributo de cem donzellas.

Andando Guesto Ansures pelos campos, encontrou uma *taifa* de mouros, que se occupava em aprisionar as jovens mais bellas do logar, para com ellas pagar aquelle infame imposto. Já havia seis donzellas postas a bom recato, quando o cavalleiro poeta sentio-se tomado de tão profunda indignação, que arrancando o tronco de uma figueira investio contra os mouros tão denodadamente, que os poz todos em debandada e em vergonhosa fuga, livrando assim aquellas donzellas e impedindo que outras fossem igualmente aprisionadas.

Em lembrança de tão portentoso e cavalheiresco acontecimento foi que Guesto Ansures tomou o nome de—Figueiredo—que se perpetuou em muitas familias da mais alta nobreza. E' esse o assumpto do poemeto, que é o seguinte:

No figueral figueredo
Ai no figueiral entré:
Seis ninhas encontrara
Seis ninhas encontré.
Lhorando as achara,
Lhorando as aché.
Quien las maltratara
A tão mala lé?

Uma me reprimara :
Ei, infançon, non sé.
Mal houvesse la terra
Que tien o malo Ré!
Si ei armas usára
Ja a mi fé non sé
Si homo mi levara
D'aquella mala le?
Bos, adeus, bos vades,
Ei infançon, non sé.
Ei le reprimara:
A mi fé non iré:
Ca ojos dessa cara
Caros los compraré.
A's las longas terras
Entra bos me iré :
Las cumpridas vias
Per bos andaré:
Lingua d'Aravia
Ei la fallaré;
Moros si os bisse,
Moros os mataré.

No figueral figueredo
No figueral entré.
Moro que las guardava
Cerca lo aché.
Troncon desgalhara
Troncon desgalhé;
Las ninhas furtara
Las ninhas furté;
La que a mi fallara
N'alma la canté.

«Observemos agora, diz o sr. Conselheiro Pereira da Silva, como se achava já alterada a lingua no

Mas eu que digo — Passei!
Antes inda hei de passar.

As aguas que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxeram ao pensamento
Que assim eram minhas mágoas.

«Com o despontar do novo seculo, diz o douto Fernandes Pinheiro, soara a derradeira hora da escola hespanhola: a luz vinha agora da Italia, que gozava do singular privilegio de fazer passar pelas forcas caudinas da civilisação os rudes soldados de Carlos VIII e de Francisco I e os ferozes *lansquenets* e os *reitres* de Carlos V e do condestavel de Bourbon. Já nos ultimos annos do reinado de D. João II bruxuleava a renascença italiana nas margens do Tejo, e o severo monarcha, emulo de Luiz XI, entretinha epistolar escambo com o famoso Angelo Poliziano, a quem prodigalisava os mais carinhosos epithetos, incitando-o a escrever a historia de Portugal.»

Da estada de Navagero em Hespanha, como embaixador de Veneza, quasi tanto como das frequentes relações entre os dois paizes, resultou a introdução da litteratura italiana e a sua influencia sobre a litteratura hespanhola. Facil foi ao amigo de Bembo convencer Boscan da inferioridade dos metros usados em sua patria, convertendo á nova escola esse extrenuo paladino de Mena e Santilhana, que no ardor do seu proselytismo arrastou o vigoroso engenho de Garcilaso de la Vega. Quasi pela mesma época recolhia Sá de Miranda de suas

O proprio rei poeta apresenta em suas produções provas de constante adiantamento; já de muito melhor metrificacão e harmonia mais suave são, por exemplo, estas strophes tambem suas :

Non chegou, madre, o meu amigo,
E hoje é o prazo sahido.
Ai, madre! Morro de amor.

Non chegou, madre, o meu amado,
E hoje este prazo passado.
Ai, madre! morro d'amor.

Por que mentio o desmentido,
Que o prazo é hoje sahido?
Ai, madre! Morro de amor,

Porque mentio o perjurado,
E é hoje o prazo passado?
Ai, madre! morro de amor.

Massias, contemporaneo de D. Diniz, que o sr. Theophilo Braga considera antes hespanhol que portuguez, cujos amores com uma mulher casada valeram-lhe a morte dada pelo injuriado marido, em tom mais apaixonado exprime os seus sentimentos, já em uma linguagem tão aperfeiçoada, que parece quasi a do nosso tempo. Diz o poeta:

Cativo, de minha tristura
Ja todos tomam espanto,
E perguntam que ventura
Foi a que me atormenta tanto.
Mas não vi ao mundo amigo

O que mais do meu quebranto
Diga que esta que vos digo,
Que subir nunca devia
A pensar no que é folia.

Cuidei subir em alteza
Por cobrar maior estado,
E cahi em tal pobreza,
Que morro desamparado;
Com pesar e com desejo
Que vos dirá malfadado!
Lo que em lei bem o vejo
Quando o louco vai mais alto
Subir, cahe de maior salto.

E quão pobre e quão saudoso
Porque me dou a pensar!
Minha loucura assi crece
Que morro por entonar
Pois nunca mais a vereil
Si; non ver é desejar.
E por tanto assi direi,
Quien em carcel so viver,
Em carcel se veja morrer!

Minha ventura em demanda
Me puzo e tão denudada
Que seja sempre negada:
Pero mas non saberão
De minha cinta ladrada.
E porem assi dirão,
Cão raivoso e coisa brava,
De seu valor sei que trava.

Do reinado de D. Diniz em diante principia a
lingua portugueza a tornar-se culta, mais correcta

e mais distincta, libertando-se das palavras barbas do dialecto, e enriquecendo-se com um precioso caudal de vocabulos puros.

El-rei D. Pedro I cognominado *Crú*, o infante D. Sanches e mais que todos D. Duarte, conde de Barcellos, cultivaram a poesia com grande proveito e adiantamento, pois apesar do rudimentario da linguagem, da falta de adjectivos que só mais tarde vieram locupletar o idioma, a incorrecção da syntaxe, o defeito da rima mais toante que rythmica e a ignorancia da metrificacção, essas producções acentuaram de uma maneira muito apreciavel o desenvolvimento e perfeição da lingua, que tanto brilho e esplendor não tardaria em alcançar.

Sem embargo, apesar dos esforços de D. Diniz, até o seculo XIV não conseguiu a lingua portugueza attingir o seu maior gráo de perfeição, e até o apparecimento de D. João I não se usava da lingua nacional senão nas relações de intimidade, nas trovas e cantares, e nos primeiros tentamens da prosa vulgar, sendo o latim o privilegiado para os actos publicos e documentos officiaes.

Com a morte de D. Fernando, que teve logar em 1383, começou a submergir-se a monarchia Portugueza, e Portugal a ser presa de grande anarchia até o ponto de perigar a sua independencia.

Casara aquelle rei com D. Leonor Telles, da qual teve uma só filha, que esposou por sua vez com D. João I de Castella. Morto D. Fernando tomou a viuva as redeas do Governo, como regente em nome de sua filha e unica herdeira do

voadores do continente americano; como vamos es-
forçar-nos por demonstrar.

A theogonia tupy, segundo Couto de Magalhães, reconhecia uma trindade progenitora: o sol creador de todos os viventes; a lua creadora de todos os vegetaes; e *Perudá* ou *Rudá*, o deus do amor, encarregado de promover a reprodução dos seres creados. Denominava-se o primeiro *Guaracy*, de *guara*, vivente e *cy*, mãe; o segundo *Jacy*, de *ja*, vegetal e *cy*, mãe¹. Esta theogonia que não descrevemos miudamente para nos não affastarmos demasiado do nosso objectivo, não patenteia uma relação intima com o culto do sol dos Incas do Peru, e dos Talscaltecas do Mexico?

Demais, como podiam estar os indigenas do Brazil atrasados em poesia, quando entre elles bastava que um prisioneiro tivesse boa voz para o canto ou soubesse improvisar uma canção, para que se lhe concedesse a vida e muitas vezes a propria liberdade? Não era possivel que seres, que viviam em continuo contacto com a natureza mais esplendida do mundo, no meio de paizagens superiores a quantas hajam podido sonhar os poetas ou colorir os magicos pinceis dos pintores, não houvessem experimentado a necessidade imperiosa, que sentem as almas, de expandir os sentimentos em ritmos mais ou menos harmoniosos, mais ou menos perfectos, e traduzir de uma maneira sublime a sublimidade de sua admiração e de seu sentir.

¹ Os indios não reconhecem paternidade na criação mas sim maternidade.

Além d'isso, o deus do amor tinha a seu serviço uma serpente, que reconhecia as jovens que se conservavam virgens, recebendo d'ellas os presentes que traziam, e devorando aquellas que haviã faltado á castidade.

Eis aqui pois perfeitamente caracterisada a paixão, a recordação e a pureza, trindade suprema do sentimento, e fonte de toda a poesia, a qual resalta das invocações que temos transcripto, tanto pela sua originalidade como pela delicadeza de seus conceitos.

Póde por ventura haver nada mais ideal e poetico do que a legenda de *Mani*? Esta tradição indiana explica o descobrimento e uso da mandioca, o pão do selvagem, e com a qual fabricam tambem elles diversas bebidas, como o *puchirum*, o *Kauin*, a *maniquera* e outras semelhantes. Reza a lenda :

Em época muito remota, que se perde na noite dos tempos, appareceo grávida a filha de um chefe indio que morava nos arredores do logar que occupa hoje em dia Santarem. Irritado o pae pela offensa recebida, e querendo castigar o auctor da deshonra de sua filha, procurou conseguir que esta lhe revellasse o nome do seductor. Mas os rogos, as supplicas e até castigos mais severos foram inuteis, pois a joven assegurava que nunca tivera contacto com homem algum. O pae, cego de colera, e vendo que não podia vencer o silencio da filha, decidiu matal-a; mas uma noite appareceo-lhe em sonhos um homem branco, e disse-lhe que

a não matasse, porque era verdade que a filha não conhecêra varão algum. No fim dos nove mezes deu á luz uma menina formosissima e branca como a neve, circumstancia essa que causou o assombro a todos, o que foi causa de ser visitada a menina não só por toda a tribu como tambem pelas nações visinhas, que tiveram curiosidade de conhecer a representante de uma raça desconhecida.

A menina, a quem puzeram o nome de *Mani*, fallava e corria pelos campos no fim de poucos mezes, até que morreu sem dar mostras de sentir a menor dôr. Foi enterrada no chão da tribu, como era uso, cuidando-se da sepultura todos os dias, como era tambem costume fazer por um determinado espaço de tempo. Um dia, viram nascer na sepultura uma planta que não arrancaram porque era desconhecida. Cresceu, floresceu e deu fructos, e os que comeram d'elles embriagaram-se. Este phenomeno completamente desconhecido entre os indios, augmentou a superstição que sentiam por aquella planta; por ultimo cavaram a terra, e n'ella encontraram um tuberculo que suppueram ser da mesma conformação do corpo de *Mani*. Comeram o tuberculo, e acharam-n'o excellente; e assim aprenderam a fazer uso da *mandioca*, nome degenerado de *Mani-óca* que significa *casa* (óca) de *Mani*; transformação dos seus restos mortaes. Esta denominação—*manioca*—é quasi a mesma que se conserva entre os francezes.

Prescindindo, porém, das reminiscencias asiati-

cepções indianas, transformada com o transcurso dos annos em lenda popular.

Existe n'uma collina
Pelas margens do Pestel,
Um encanto que surpr'ende
O viajor no batel.
Se ao largo singra uma igára,
Se perto voga a canôa,
O remador se benzendo
Dobra o joelho na prôa.

Fundo mysterio !... Quem póde
Sondar um mysterio... Quem ?
Ao alto nem de pensal-o
Chegar inda ousou ninguém.
A cachoeira assombrada,
Que acima rolando medra,
Batendo o corpo no rio
Se agarra de pedra em pedra !

Ha um prestigio ! — De noite,
Na correnteza fremente,
Da montanha se desdobra
Crespa esteira reflectente.
E' horrendo esse lampejo
Da phosphorica luzerna !
Parece o rio um phantasma
Que errando accende a lanterna.

D'esse topo incendiado
Ao fundo da bruma clara,
Não vé-se a chamma que alenta
O facho que o rio aclara.

As aves piam nos ares,
Sobre a vaga que transluz...
E os patos-bravos sacodem
Das azas gottas de luz !

Diz o povo que a *mae d'agua*
La vive n'essa cimeira,
N'um palacio d'ouro fino
A' borda da ribanceira...
E quando o rio se veste
D'esse clarão que fascina,
E' que o paço em que ella habita
Todo inteiro se illumina.

Conçalves Dias, o inaugurador da poesia brasileira, em seus formosos *Cantos* que valeram do sũdo historiador portuguez Alexandre Herculano o mais justo e apreciado louvor, tambem tratou d'este assumpto com a inexcõdível magia da sua harmoniosa e dulcissima metrificacão. A sua *Mãe d'agua* disputa em bellezas e primazias com a de Mello Moraes Filho. D'este gentilissimo poeta é tambem tão estimavel a tradicção do *Caapõra*, que não podemos furtar-nos ao desejo de aqui transcrevel-a na integra.

E' caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar;
Quando alguem o encontra nas estradas
Saltando encruzilhadas
Se põe a esconjurar.

E' alma de um tapuyo
Fazendo diabruras no sertão...

se foram confundindo no romance—composição arabe adoptada pelos hespanhoes e portuguezes—a tradição indiana e a poesia brasileira; conservando aquella toda a sua originalidade, graças á versificação parnasiana a que tanto se presta por sua structura para a lenda; e luzindo n'esta todas as galas da poesia moderna, sem perder um atomo do idealismo selvagem, nem um quilate da sua ingenuidade primitiva. Eis porque temos affirmado que a poesia indiana ou tupy tem influenciado na poesia brasileira, fornecendo um dos elementos que constitue a sua originalidade e independencia. Infelizmente não se compenetraram bem os primeiros poetas brasileiros do meio em que viviam, não estudaram como deviam a vida indigena, sendo certo que para isto concorreram muito os falsos escrúpulos dos Jesuitas que tinham por malefico tudo quanto provinha das raças indigenas!

No largo periodo de tres seculos, durante os quaes foi o Brazil simples colonia, os poetas brasileiros tiveram sempre os olhos voltados para a mãe-patria. D'ahi essa pretendida imitação servil, que tanto condemna Fernando Wolf e já antes d'elle o Visconde d'Almeida Garret na introdução do *Parnaso Lusitano*. O primeiro poeta que volveu os olhos para a esplendida natureza que o cercava, foi Manuel Botelho d'Oliveira que descreveu a *ilha da Muré* servindo-se de côres inteiramente novas e perfeitamente characteristics d'este bello paiz; depois d'elle Santa Rita Durão não soube tirar todo o partido da famosa lenda do *Caramuru*, a mais ori-

ginal e a mais bella de quantas colligiram os primitivos chronistas brasileiros; melhor que este, aliás illustradissimo poeta bahiano, andou José Basilio da Gama, no seu poema *Uruguay* que póde ser considerado como pedra angular do edificio da verdadeira litteratura brasileira!

A independencia do Brazil, despertando o amor da patria e inspirando aos poetas os cantos ardentes com que saudavam a liberdade, apagou os rapidos e fulgentes lampejos da poesia indigena-brasileira. Por muito tempo jazeu em completo olvido esse riquissimo manancial, até que Francisco Adolpho Warnhagen, de volta da Allemanha onde assistia ao desenvolvimento que estava tendo o estudo da linguistica, e o ardor com que se estava procurando reunir os elementos dos idiomas extinctos para explicar a formação dos novos, propoz que o *Instituto historico geographico* se chamasse tambem *Ethnographico*, e que a lingua, usos e costumes indigenas entrassem no programma dos fins sociaes.

Dois trabalhos de maxima valia se fizeram então: um do sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva a respeito dos indigenas do Rio de Janeiro ¹, e outro de Gonçalves Dias abrangendo todas as raças brasileiras e comparando-as com os incolas da

¹ Memoria historica documentada das aldeias dos indios da provincia do Rio de Janeiro. — Na Rev. do Inst. Histor. tomo xvii — 1855.

za, estabelecendo a autonomia da linguagem popular, decretou que todos os documentos publicos fossem escriptos unicamente no idioma patrio, deixando o uso exclusivo do latim para a Igreja. E como se tudo isto não fôra bastante, mandou crear a legislação patria, para cujo fim nomeou uma commissão escolhida entre os varões mais doutos que levassem ao cabo tão alto commettimento, o qual se effectuou com grande applauso de nobres e plebeus. Tudo emfim se modificou, tudo se alterou e reorganizou sob seu reinado; leis, usos, costumes e instituições tomaram um character essencialmente nacional, muito mais adiantado e perfeitamente autonomico.

N'aquella brilhantissima época da monarchia portugueza a lingua não podia ficar postergada; assim é que ella floresceu e enriqueceu-se dia a dia, graças aos poetas e prosadores do tempo, que formaram, porque assim digamos, a aurora esplendente da litteratura luzitana.

Entre os escriptores mais notaveis d'esse periodo, citam-se Vasco da Lobeira, o auctor de *Amadis de Gaula* primorosa novella cavalleiresca, que antes de apparecer publicada no patrio idioma já o andava em francez, inglez e hespanhol. Era *Amadis de Gaula* um cavalleiro andante, e suas romancescas aventuras formam o intrincado labyrintho d'aquella novella, que mereceu ser poupada no auto de fé que fez o Cura do *D. Quichote*, o que bem prova o apreço em que a tinha Miguel de Cervantes.

os seus discursos eram agradabilissimos de ouvir-se. Du Montel o confirma, dizendo-nos o prazer que tinha de os escutar, quando estava entre elles, — não se cansando de repetir qual a graça, a fluidez e a doçura das suas expressões, sempre acompanhadas de um sorriso benevolo e sympathico. Esse riso e essa graça no fallar tive eu occasião de observar em tribus mais barbaras que as tupys. Em taes casos elles procuram agradar aos ouvintes amigos ou alliados, não só com palavras lisongeiras, mas tambem com a amenidade da voz e da physionomia. Parece que este predicado era levado ao mais alto grao pelos Tupys e principalmente pelas mulheres, porque não é raro elogiarem os antigos viajantes a conversação das mulheres, e como ellas fallavam com a voz cheia de lisonjas e caricias.

Aos *Tupys* podemos com todo o fundamento applicar o que dos homens primitivos diz Viery. «A primeira linguagem do homem foi primeiro cantos do que discursos: os selvagens cantam, isto é, modulam fallando a sua linguagem com uma multidão de accentos inarticulados; mais exprimem sentimentos do que ideias, e dirigem-se mais ao coração do que ao espirito; como têm mais sensação do que noções, são obrigados a servirem-se de objectos physicos para exprimirem quasi todas as abstracções do espirito; — eis o motivo porque fazem tão grande uso de metaphoras, dos emblemas, das allegorias; eis o motivo porque elles personificam os objectos inanimados, e empregam os tropos mais

energicos para se fazerem comprehender, o que dá a seus discursos um caracter muito poetico.» E logo apoz accrescenta: «é entre os selvagens que havemos de buscar a verdadeira eloquencia e a alta poesia.»

E, de facto, entre os *Tupys* era tudo musica e poesia; o nascimento e a morte, a guerra e as festas, o amor e a religião, a linguagem a vida, tudo era poesia. Eram presados por bons cantores, as mulheres mesmo sabiam improvisar, e as aguas da Carioca passavam por ter o condão de dar mais maviosidade ao canto dos *Tamoyos*. Emquanto os *Tapuyas* arrancavam sons duros da garganta, semelhantes ao regougar das Guaribas, aspero como o roçar dos leques pelos troncos escabrosos da palmeira, — os *Tupys* bebiam na solidão do mar, e á entrada das florestas os sons mais doces da natureza. Na sua linguagem harmoniosa e quasi toda labial, travada e intercalada de vogaes, imitavam o ciciar da brisa a correr sobre as ondas espelhadas do Oceano, a agitar levemente a igára derivando á tona d'agua, e a enredar-se pelas folhas dos bosques que aromatisam o littoral.

Valiam-se de comparações para exprimir o pensamento, e dos gestos para os rematar. Fallavam cantando, porque a poesia e a musica andavam intimamente ligadas na sua linguagem onomatopaeica; o cair da fructa, o estalar dos ramos, o correr das fontes, o peneirar da chuva eram sons imitados da natureza; e elevando-se a regiões mais altas — no trovão, no raio, no relampago, ouviam a voz, viam

o olhar, sentiam os efeitos da ira de *Tupan*; expressões felizes que admiramos, imitadas do hebraico em um poeta allemão cantando a grandeza de Deus.

Para os homens escolhiam nomes que exprimissem a força, a robustez e a coragem; era a anta, o tigre, o ipé, a palmeira, a frecha e o arco; — para as mulheres os dos objectos mais brandos, mais doces, mais delicados—das aves, das fructas e das flores; era o romper d'alva, o cipó flexivel, a junça do brejo: e com um sentimento do bello, que não era muito de esperar n'elles, tomando o nome da flôr do manacá, para designar a moça mais bella de uma tribu.

Contavam os annos pela florescencia do cajueiro, as suas quadras pelos fructos então amadurecidos, pelo cair das folhas, pelo desovar das tartarugas, dos peixes ou das aves.

Calculavam o espaço pelo alcance dos tiros da frecha, pelos soes da jornada: contavam até 5, e d'ahi passavam a 10 e 20, ainda que Paw e Robertson lhes neguem o composto além de 3. De 20 em diante serviam-se de comparações — tantos — como taes aves em taes margens, como certos animaes em certos logares, como os troncos das florestas, como os cabellos da cabeça, como as estrelas do ceo, como as areias do mar.

•E havemos de crêr, conclue Gonçalves Dias muito acertadamente este brilhante capitulo de seu valioso trabalho, que taes homens, atilados em seus negocios, bem conservados e amigos de saber, pren-

sos e sobretudo mais gosto artistico em suas composições; mas essa lacuna não tardou a preencher Bernardim Ribeiro, sobrepujando a todos os seus contemporaneos, como bem prova uma composição sua intitulada *Menina e Moça*, legenda romantica escripta em prova e verso de um lyrismo encantador. A posteridade appellidou-o com razão o poeta das recordações e melancholia; e nenhum dos coevos o excedeu no sentimentalismo e suavidade da linguagem. Quanta sonoridade, quanto mimo e quanta tristeza n'estas preciosas endeixas !

Ao longo de uma ribeira
Que vae pelo pé da serra,
Onde me a mim fez a guerra
Muito tempo o doce amor,
Me levou a minha dor.

Já era tarde do dia,
E a agua d'elle corria
Por entre um alto arvoredor,
Onde ás vezes ia, e quedo
O rio, outras vezes não.

Entrada era de verão
Quando começam as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso.

Ao arruido saudoso
Das aguas cantavam ellas;
Todas as minhas querellas
Si me puzeram diante.

Ali morrer quizerá antes
Que ver por onde passei :

que os americanos, mesmo aquelles de espirito mais inculto mostram para aprender tudo quanto lhes ensinam. A sua percepção é muito prompta e não raro encontram-se entre elles individuos fallando tres ou quatro linguas, tão distinctas entre si como o francez e o allemão.»

Outro elemento que tambem influiu grandemente não só na poesia como na lingua brasileira, que hoje se afasta o seu tanto da portugueza, é o africano. O negro, esse pobre ente reduzido a uma abjecta escravidão, que felizmente para o Brazil não tardará a desaparecer completamente; o negro, repetimos, arrebatado á morte que o esperava nos sangrentos altares dos deuses africanos, era o unico contingente de trabalho e producção que vinha a estas plagas. Apesar da sua obscuridade e abatimento nem por isso deixava de introduzir palavras, usos, costumes e reminiscencias africanas, que com o andar do tempo deviam por sua vez tomar logar na natureza, confundindo-se com os habitos, costumes, idioma, bailes e cantos populares, cuja surpreendente originalidade principia a debuxar-se de uma maneira determinada e precisa, graças aos trabalhos de investigação, analyse, inducção e estudo, a que se dedicam actualmente algumas corporações scientificas e alguns dos mais distinctos litteratos brasileiros.

E' singular e muito notavel que o elemento africano, transportado de tão longinquas plagas, mais rude e mais boçal que o indigena, entrasse no entanto com mais força na constituição do povo bra-

peregrinações na Italia, vivamente impressionado das intimas e doudas praticas, que tivera com Lactancio Tolomei e João Rucellai, e bastante resolvido a tentar uma revolução litteraria, de que esperava ser coryphee. E' por tanto evidente que a influencia italiana seguiu nos dois reinos da península iberica direcção parallelá e synchronica. As mesmas causas produziram os mesmos effeitos.

Semelhantemente ao que acontecera no reino visinho, onde Castillejo quebrara lanças contra os innovadores, encontrou Sá de Miranda tres classes de adversarios: os apaixonados do *villancete*, e *esparças* do *Cancioneiro Geral*, os poetas dramaticos, propugnadores dos autos e farças populares, capitaneados por Gil Vicente e Antonio Prestes, e os amigos dos romances escriptos em versos octosyllabos, que se viam desthronados pelos classicos endecasyllabos.

Renhido foi o combate; mas como em taes casos sempre acontece, pertenceu a victoria ás idéas novas. Sob o estandarte do illustre chefe alistaram-se os mais esperançosos talentos da geração moderna: Ferreira, Bernardes, Sá de Menezes, Jorge Monte Mor, Pedro de Andrade Caminha e outros. Essa florescencia simultanea de tão bellos e cultos engenhos fez dar ao seculo XVI a denominação de *aureo*, e o venturoso monarcha que colhia a herança de D. Diniz e dos seus successores, foi equiparado pelos posterios a Pericles, Augusto e Leão X.

Tal era o estado da lingua e da litteratura portugueza no principio do seculo XVI, em cujo pri-

meiro anno Pedro Alvares Cabral descobriu a terra de Santa Cruz, que veio depois a denominar-se Brazil.

Reinava então D. Manoel, no mais levantado esplendor da sua fortuna. Afortunado o chamavam com razão, pois quando menos pensava e tão longe andava do throno, por morte de D. João II, viu-se d'elle herdeiro por simples parentesco colateral, e de subito posto á frente de um reino, justamente na occasião em que esse reino iniciava a serie de conquistas e descobertas que assombraram as gerações futuras, e que deviam collocar-o entre as primeiras nacionalidades do seculo aureo. A Providencia dotára D. Manuel de qualidades excellentes, que muito se assimilhavam ás que exornaram o animo de D. João II, seu antecessor. «Nunca, nem antes nem depois, diz um illustre contemporaneo, attingira a nacionalidade, a lingua e a litteratura portugueza a apogeo tão explendido e tão radioso. Não deixou só o novo monarcha que por si marchassem e progredissem os elementos e recursos que encontrára, de antemão e tão patrioticamente reunidos e methodisados pela dynastia de Aviz. Coadjuvou-os poderosamente e conseguiu, dando-lhes efficaz impulso, a maior somma de venturas para o reino, que espantam como se realisaram tão aceleradamente.»

II

Passaram-se os primeiros periodos da conquista entre o estrondo dos combates, e os golpes de machado dos primeiros povoadores, que retumbaram nas florestas virgens das comarcas hoje brasileiras, como seguro prenuncio de uma civilização futura; e a cruz, alçando a sua fronte augusta sobre as povoações embryonarias que se levantavam no continente americano, era o unico pharol de piedade, de progresso e de esperança, que vinha illuminar as scenas de sangue e de exterminio, que necessariamente deviam ter logar entre os indigenas e os conquistadores—os primeiros defendendo seus bosques com essa ferocidade sublime que accende o amor da independencia, e os segundos pelejando debaixo de seus estandartes, como se fossem titães, para assegurar a conquista. No meio d'aquella lucha tremenda e continua erguia-se a voz do sacerdote, não só como ministro de Deus Espirito, mas tambem como um effluvio sacrosanto da patria, que devia repercutir na alma d'aquelles guerreiros, como uma revelação divina envolta com as recordações do ninho paterno, como uma nova luz, ou como uma promessa de amor, de paz e de ventura para o indio mal vencido.

Passaram-se os annos, firmára-se a conquista,

o guerreiro ia-se convertendo em colono; e os missionarios seguindo infatigavelmente a obra da civilisação, tendo que aprender o idioma dos selvagens para catechisal-os, estudar seus costumes e até identificar-se com elles para convertel-os, assentaram a primeira pedra no cimento d'esse edificio que se chama litteratura americana, e que tantos fructos promette dar no porvir. Pena é que o mesmo fervor, com que levaram ao cabo a sua obra, as preocupações d'aquella época e a instrucção relativamente rudimentar que recebiam a respeito de tudo quanto não fosse theologia, os fizessem destruir o rico manancial das tradições indianas, de cujos esplendores apenas alcançamos hoje pallidos vislumbres, e isso mesmo, graças aos estudos anthropologicos que com uma constancia digna do maior applauso se estão desenvolvendo actualmente.

Acusam geralmente a Hespanha e Portugal de não haverem trazido ao continente americano mais que um espirito egoista de conquista e poderio, deixando á igreja o cuidado de assentar as bases da civilisação e do progresso; mas esta accusação é gratuita, como a que formulou Fernando Wolf contra os escriptores brasileiros, no seu *Brésil Littéraire*, chamando-os servis imitadores dos hespanhoes e portuguezes. Como haviam de implantar os conquistadores d'estas regiões uma civilisação superior á que possuia a mãe-patria? como haviam de ser as producções dos escriptores brasileiros outra cousa que não fosse o reflexo das escolas de Coimbra e Salamanca, onde então estu-

dulcissimos, taes como Luiz Delphino, Mucio Teixeira, Raymundo Correia, Theophilo Dias, Mello Moraes Filho, Alberto d'Oliveira, Valentim Magalhães e outros, que de momento nos escapam á memoria, ainda que tenhamos as suas obras colleccionadas para a segunda parte d'estes estudos.

Trabalham estes nobilissimos operarios actualmente com os materiaes accumulados pelos tres seculos do periodo colonial, e o meio seculo da fundação e da consolidação do imperio; mas, como em taes casos acontece, esse material, cahos a principio e elementos esparsos ainda agora, offerece muito diamante por lapidar de involta com muitos pingos d'agua sem valor, ouro em barra no meio de montões de malacacheta, joio finalmente entre muito trigo são e succulento, que é preciso joeirar com cuidado. E' este o maior trabalho da geração actual. •

No dia em que os estudos ethnicos, philologicos e anthropologicos puderem reconstruir o passado, exhumando do condemnavel olvido em que jazem as tradições rudimentares dos elementos, que prestaram seu contingente ao idioma e á poesia nacionaes; n'esse dia repetimos, tomarão ambos um character mais distincto e mais original, mais independente, e por consequencia mais brasileiro. Para este resultado devem concorrer alguns trabalhos, que sabemos estão sendo realisados por brasileiros que se dão a estudos serios e de verdadeiro cunho nacional, taes como: o sr. Ladislau Netto que sabia e proficientemente faz inventario dos thesou-

zil, mas que mantinha vivo o sentimento da litteratura de além mar. Em segundo logar, apresentam-se as legendas e a poesia indiana, ainda que Warnhagen primeiro e Wolf depois tenham affirmado erradamente que os indigenas serviam-se antes da nossa poesia como de texto a seus cantos, especie de psalmodias, com que exaltavam geralmente as gentilezas de seus antepassados, acompanhando-os com o tamboril¹.

Ninguém ignora que «nas vertentes occidentaes d'este mesmo solo², existiam imperios tão poderosos como os mais afamados da Asia, nações que levantavam edificios emulos dos do Egypto e Assyria; classes entendidas nas sciencias astronomicas á semelhança dos Magos da Persia, seitas religiosas cujos ritos asceticos e severos recordam os do Indostão, e artifices tão dextros como os Chins e os Japonezes.» A ser assim, como é possível crer que os indigenas do Brazil estivessem tão afastados de seus congeneres, que desconhecessem completamente a civilisação que existia no continente americano? — O que é certo é que, como tudo que provinha da civilisação indigena foi condemnado e proscripto pelos Missionarios e Jesuitas como cousas do inferno ou artes maleficas do rei das trevas; pois n'aquella época o *Souden* de Macrobio, ou o

¹ Especie de timbale que os indios fabricavam com uma cabaça ou um coco.

² Ladislau Netto, Introducção á *Revista da Exposição Antropologica*.

mente. Melhor encaminhados em seu objectivo, occupando-se cada um com a sua especialidade, bem depressa ter-se-hia formado o centro, o ponto de partida para a reorganisação da historia do Brazil, segundo os principios da sciencia nova.

Dos tres elementos que temos assignalado como constituidores da nacionalidade brasileira—da raça mestiça—synthesis das tres raças—portuguesa, indiana e africana—, ha de surgir uma nova e fulgente litteratura, que inspirando-se na admiravel natureza americana, e na crescente civilisação que se desenvolve desde Manáus até Matto Grosso, brilhará com maximo fulgor illuminando as gerações futuras, as quaes são aguardadas por invejavel e grandioso destino.

III

Nem o conegò Januario da Cunha Barbosa, um dos illustres fundadores do Instituto Historico Brasileiro, e o primeiro que reunio as poesias brasileiras e deu-as á publicidade em uma serie de pequenos fasciculos, que com a denominação geral de *Parnaso Brasileiro* formam dois preciosos volumes hoje rarissimos; nem os seus seguidores e imitadores como Francisco Adolpho Warnhagen no *Florilegio da poesia brasileira*, impresso em Madrid, João Manuel Pereira da Silva no seu *Novo Parnaso Brasileiro*; nem finalmente os que primeiro escreveram a historia com respeito á litteratura d'este

paiz, deram jámais importancia ao elemento indigena, e ainda menos ao elemento popular, á poesia d'esse eterno anonymo que se chama povo, que aliás é a fonte, a origem, o genesis da poesia culta e individual.

Tratando de duas obras relativas á poesia popular e tradiçõs indigenas — *Mythos e Poemas* de Mello Moraes Filho, e — *Cantos Populares* de Sylvio Romero, prefaciados por Theophilo Braga, — em dois bem elaborados folhetins bibliographicos escreveo o sr. Felix Ferreira o seguinte:

«Assim como nas plantas e animaes fosseis, nos restos osseos do homem primitivo, nos vestigios inapagados das convulsões volcanicas, nos detritos marinhos postos nas mais elevadas alturas ou profundezas da terra, a geologia vai buscar os elementos constitutivos da formação do nosso globo; assim nas tradições, lendas e mythos, nos dolmens e instrumentos de pedra lascada ou polida, vae igualmente a historia soletrar as phrases com que tem de recompor a vida da humanidade.

E' por isso que a poesia moderna, melhor encaminhada, pondo-se ao serviço da sciencia, abandonou em grande parte as regiões ideaes e do sentimentalismo para moldar-se ás fórmulas, menos bellas talvez, mas sem duvida mais perfectas do realismo. E assim como em auxilio da historia veio a poesia, em auxilio da poesia vieram os documentos escriptos ou conservados na memoria do povo; d'ahi essas relações intimas dos poetas com as tradições e

como consequencias os *Cantos Populares* e os *Mythos e Poemas*.

A exploração das inesgotaveis minas do nosso passado não é tão recente, como querem alguns. Operarios illustres precederam ha muito os actuaes, e não sabemos se com maior gloria e mais sciencia.

✓ O incontestavel, embora contestado, fundador do americanismo na poesia brasileira, Antonio Gonçalves Dias, não foi um fantasista, que, como Bazilio da Gama, escondeu no brilhante artificio da fórmula a ignorancia do fundo ethnographico. O immortal poeta maranhense, além de sentir correr-lhe nas veias o sangue indigena, aprendeu no regaço materno talvez o rythmo, a monodia e mythos dos seus antepassados. Mais tarde depois de preparado pelos solidos estudos da universidade de Coimbra, penetrou nos recessos das florestas e decifrou nas pégadas das grandes migrações a historia dos antigos dominadores d'esta parte da America. Não foi um curioso, como foram alguns, foi um ethnographo profundo, que, guiado pelos sabios allemães que lhe eram familiares, estudou os usos e costumes, as lendas e tradições das raças aborigenes. Foi elle talvez o primeiro que deu entre nós uma direcção scientifica a taes estudos.'

Poeta harmonioso e inspirado, como provam os sonoros versos dos seus primeiros cantos, que arrancaram espontaneos applausos de Alexandre Herculano, philologo notavel como exemplificam as arcaicas *Sextilhas de Frei Antão*, conhecedor da

Segundo Couto de Magalhães, a joven india, atribulada com a ausencia do ente querido implora a *Rudá*, quando o sol occulta a sua concha de ouro no occaso e a lua desponta cheia de melancholia, e estendendo o braço direito para o lado em que suppõe andar ausente o amante, canta tristemente:

«Oh! *Rudá*! tu que estás nos ceus e amas as chuvas . . . Tu que estás no céu . . . fazes com que elle (o amante) por mais mulheres que tenha visto, todas lhe pareçam feias; fazes com que elle se lembre de mim esta tarde, quando o sol se occulte por traz da montanha!»

Quando a joven namorada se dirige á lua cheia, diz: «—Eia, oh minha mãe (a lua,) fazei chegar esta noite ao coração d'elle (do amante) a lembrança de mim.»

Quando a invocação se dirige á lua nova é nos seguintes termos:

«Lua nova! lua nova! assoprae em fulano lembranças de mim. eis-me aqui estou em tua presença. Fazei com que eu sómente occupe o seu coração.»

Pena é que Couto de Magalhães, de quem trasladamos estas traducções, não pudesse interpretar alguns versos, indubitavelmente por causa das alterações, que tem experimentado o idioma tupy pelo contacto com os conquistadores; phenomeno este que se opera sempre que se põe em relação intima duas raças que possuem idiomas distinctos, como por modo inverso se afastam indubitavelmente do cruzamento do sangue.

Além d'isso, o deus do amor tinha a seu serviço uma serpente, que reconhecia as jovens que se conservavam virgens, recebendo d'ellas os presentes que traziam, e devorando aquellas que haviam faltado á castidade.

Eis aqui pois perfeitamente caracterisada a paixão, a recordação e a pureza, trindade suprema do sentimento, e fonte de toda a poesia, a qual resalta das invocações que temos transcripto, tanto pela sua originalidade como pela delicadeza de seus conceitos.

Póde por ventura haver nada mais ideal e poetico do que a legenda de *Mani*? Esta tradição indiana explica o descobrimento e uso da mandioca, o pão do selvagem, e com a qual fabricam tambem elles diversas bebidas, como o *puchirum*, o *Kauin*, a *maniquera* e outras semelhantes. Reza a lenda :

Em época muito remota, que se perde na noite dos tempos, appareceo grávida a filha de um chefe indio que morava nos arredores do logar que occupa hoje em dia Santarem. Irritado o pae pela offensa recebida, e querendo castigar o auctor da deshonra de sua filha, procurou conseguir que esta lhe revellasse o nome do seductor. Mas os rogos, as supplicas e até castigos mais severos foram inuteis, pois a joven assegurava que nunca tivera contacto com homem algum. O pae, cego de colera, e vendo que não podia vencer o silencio da filha, decidiu matal-a; mas uma noite appareceo-lhe em sonhos um homem branco, e disse-lhe que

a não matasse, porque era verdade que a filha não conhecêra varão algum. No fim dos nove mezes deu á luz uma menina formosissima e branca como a neve, circumstancia essa que causou o assombro a todos, o que foi causa de ser visitada a menina não só por toda a tribu como tambem pelas nações visinhas, que tiveram curiosidade de conhecer a representante de uma raça desconhecida.

A menina, a quem puzeram o nome de *Mani*, fallava e corria pelos campos no fim de poucos mezes, até que morreu sem dar mostras de sentir a menor dôr. Foi enterrada no chão da tribu, como era uso, cuidando-se da sepultura todos os dias, como era tambem costume fazer por um determinado espaço de tempo. Um dia, viram nascer na sepultura uma planta que não arrancaram porque era desconhecida. Cresceu, floresceu e deu fructos, e os que comeram d'elles embriagaram-se. Este phenomeno completamente desconhecido entre os indios, augmentou a superstição que sentiam por aquella planta; por ultimo cavaram a terra, e n'ella encontraram um tuberculo que supuseram ser da mesma conformação do corpo de *Mani*. Comeram o tuberculo, e acharam-n'o excellente; e assim aprenderam a fazer uso da *mandioca*, nome degenerado de *Mani-óca* que significa *casa* (óca) de *Mani*; transformação dos seus restos mortaes. Esta denominação—*manioca*—é quasi a mesma que se conserva entre os francezes.

Prescindindo, porém, das reminiscencias asiati-

Esta simples passagem de auctor quasi contemporaneo do primeiro periodo da existencia colonial do Brazil vem corroborar as nossas affirmações a respeito da poesia e das tradições indianas, demonstrando evidentemente a razão porque aquelle poderoso elemento indigena cahiu em pleno olvido, e foi em todos os tempos lançado a tão injusto desprezo. Fez-se mais; procurou-se extirpar do espirito dos selvagens tudo quanto tivesse conexão com o seu passado, arraigando-lhe novas crenças, novos costumes e até uma nova nacionalidade; e ante esta augusta trindade intellectual, filha da civilisação europea, devia desaparecer tudo quanto pertencia ao primitivo indigena. Não obstante o padre Anchieta, ponto de partida— repetimos—de quanto respeita á litteratura brasileira, estudou detidamente as tribus que catechisava, senão com criterio scientifico, ao qual se oppunham as opiniões e preoccupações d'aquelle tempo, pelo menos com o juizo claro e analytico de que era dotado. Com o fructo de suas observações escreveu elle uma obra ácerca dos usos e costumes dos indios, trabalho não menos notavel do que as suas comedias—ou para melhor dizer—autos, escriptos em portuguez e tupy, pois que os dedicava a ambas as nacionalidades; as quaes se representavam nos adros das igrejas, notando-se em quasi todas ellas os rasgos caracteristicos dos personagens das antigas comedias.

Não menos apreciados são os seus trabalhos a respeito da lingua tupy, embora confundidos sem-

pre em seu espirito a fórma com a piedade e o fervor religioso, que o animava; mas que ainda assim serviram de base a seus successores para continuar a obra da civilisação, e a nós actualmente para decifrar o passado indigena. O padre Anchieta é, além de poeta e philologo da infancia da civilisação brasileira, um ensinamento perenne e um exemplo eloquentissimo para os governos que tenham de reger os destinos do Brazil, pois lhes mostra os methodos e a maneira mais segura de conquistar para o progresso e civilisação mais de um milhão de indigenas, que se extraviam pelas regiões inexploradas que encerra este vastissimo imperio, com grande prejuizo da sua riqueza e engrandecimento, os quaes constituem por outro lado uma ameaça sangrenta para o porvir.

Warnhagem, Wolf e o proprio Fernandes Pinheiro embalde prescindiram quasi do vulto imponente do padre Anchieta. Em vão o deixaram na sombra, porque a luz da nova sciencia illuminou a figura do grande thaumaturgo e grangeou-lhe a admiração e respeito da posteridade. As investigações modernas próvaram até á saciedade que é elle o verdadeiro fundador da litteratura brasileira. Exhumemos do sarcophago da historia algumas das suas preciosas composições, e vejamos como o grande cathechisador manejava a lingua tupy:

CANTIGA

Tupana cuapa
Coran çauça

cepções indianas, transformada com o transcurso dos annos em lenda popular.

Existe n'uma collina
Pelas margens do Pestel,
Um encanto que surpr'ende
O viajor no batel.
Se ao largo singra uma igára,
Se perto voga a canôa,
O remador se benzendo
Dobra o joelho na prôa.

Fundo mysterio !... Quem póde
Sondar um mysterio... Quem ?
Ao alto nem de pensal-o
Chegar inda ousou ninguém.
A cachoeira assombrada,
Que acima rolando medra,
Batendo o corpo no rio
Se agarra de pedra em pedra !

Ha um prestigio ! — De noite,
Na correnteza fremente,
Da montanha se desdobra
Crespa esteira reflectente.
E' horrendo esse lampejo
Da phosphorica luzerna !
Parece o rio um phantasma
Que errando accende a lanterna.

D'esse topo incendiado
Ao fundo da bruma clara,
Não vé-se a chamma que alenta
O facho que o rio aclara.

As aves piam nos ares,
Sobre a vaga que transluz...
E os patos-bravos sacodem
Das azas gottas de luz !

Diz o povo que a *mae d'agua*
La vive n'essa cimeira,
N'um palacio d'ouro fino
A' borda da ribanceira...
E quando o rio se veste
D'esse clarão que fascina,
E' que o paço em que ella habita
Todo inteiro se illumina.

Conçalves Dias, o inaugurador da poesia brasileira, em seus formosos *Cantos* que valeram do sũdo historiador portuguez Alexandre Herculano o mais justo e apreciado louvor, tambem tratou d'este assumpto com a inexcẽdível magia da sua harmoniosa e dulcissima metrificacão. A sua *Mãe d'agua* disputa em bellezas e primazias com a de Mello Moraes Filho. D'este gentilissimo poeta é tambem tão estimavel a tradicção do *Caapóra*, que não podemos furtar-nos ao desejo de aqui transcrevel-a na integra.

E' caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar;
Quando alguem o encontra nas estradas
Saltando encruzilhadas
Se põe a esconjurar.

E' alma de um tapuyo
Fazendo diabruras no sertão...

Cavalgando o *queixada* mais bravio,
Transpõe valles e rio
Com o cachimbo na mão !

Assombro das manadas,
Enreda a onça em mattos de cipó ;
De montanha em montanha vae pulando,
Vae quasi que voando,
Suspenso n'um pè só !

Ao pobre viandante
Assombra e ataca em meio do caminho;
E pede fumo e fogo, e sem demora
Lhe mostra a Caipóra
Seu negro cachimbinho.

Servido no que pede,
A contas justas, safa-se a correr...
Do contrario, se fica descontente,
De coegas a gente
Faz rir até morrer.

E' caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar;
No norte, diz o povo convencido:
— Não indo prevenido
Não é bom viajar !

Ha n'esta tradição vestigios manifestos das lendas indianas, ainda que hoje vulgarisada entre as classes populares, não só do norte como diz o poeta, mas tambem do sul. No Rio de Janeiro, informa Felix Ferreira, na fazenda de Santa Cruz de antiga propriedade dos Jesuitas e hoje de S. M. o Imperador, é crença geral entre os que ali

são nascidos, que o *Caapira* ou *Caipóra*, como é mais commum, tem por companheiro o *Sacy Pereira*, um passaro nocturno, tambem de um pé só que anda a deshoras a cantar pelas estradas: — «*Sacy Pereira*, minha perna me doe.»

Na *Lenda da abobora* versifica Mello Moraes Filho a tradição genesiaca da formação dos mares, que provem de uma grande abobora, que serviu de sepultura ao filho de Yáia:

Os caboclinhos viram
A abobora—sem assombro,
Ergueram-n'a contentes
Ao pequenino hombro.

Porèm do centro o liquido
Pingando cahe, gotteja,
E dos milhões de póros
Mareja, sim, mareja !

E n'isso assoma Yáia
Grave sombrio, quedo;
Elles dispersam rápidos
Com indizível medo.

No chão se abrindo o fructo
Que inunda extremos lares...
D'esta agua—o mytto barbaro
Do genesis dos mares.

Por estas simples transcripções e menções vêem os nossos leitores como com o andar dos tempos

se foram confundindo no romance—composição arabe adoptada pelos hespanhoes e portuguezes—a tradição indiana e a poesia brasileira; conservando aquella toda a sua originalidade, graças á versificação parnasiana a que tanto se presta por sua structura para a lenda; e luzindo n'esta todas as galas da poesia moderna, sem perder um atomo do idealismo selvagem, nem um quilate da sua ingenuidade primitiva. Eis porque temos affirmado que a poesia indiana ou tupy tem influenciado na poesia brasileira, fornecendo um dos elementos que constitue a sua originalidade e independencia. Infelizmente não se compenetraram bem os primeiros poetas brasileiros do meio em que viviam, não estudaram como deviam a vida indigena, sendo certo que para isto concorreram muito os falsos escrupulos dos Jesuitas que tinham por malefico tudo quanto provinha das raças indigenas.!

No largo periodo de tres seculos, durante os quaes foi o Brazil simples colonia, os poetas brasileiros tiveram sempre os olhos voltados para a mãe-patria. D'ahi essa pretendida imitação servil, que tanto condemna Fernando Wolf e já antes d'elle o Visconde d'Almeida Garret na introdução do *Parnaso Lusitano*. O primeiro poeta que volveu os olhos para a esplendida natureza que o cercava, foi Manuel Botelho d'Oliveira que descreveu a *ilha da Maré* servindo-se decôres inteiramente novas e perfeitamente characteristics d'este bello paiz; depois d'elle Santa Rita Durão não soube tirar todo o partido da famosa lenda do *Caramuru*, a mais ori-

ginal e a mais bella de quantas colligiram os primitivos chronistas brasileiros; melhor que este, aliás illustradissimo poeta bahiano, andou José Basilio da Gama, no seu poema *Uruguay* que póde ser considerado como pedra angular do edificio da verdadeira litteratura brasileira!

A independencia do Brazil, despertando o amor da patria e inspirando aos poetas os cantos ardentes com que saudavam a liberdade, apagou os rapidos e fulgentes lampejos da poesia indigena-brasileira. Por muito tempo jazeu em completo olvido esse riquissimo manancial, até que Francisco Adolpho Warnhagen, de volta da Allemanha onde assistia ao desenvolvimento que estava tendo o estudo da linguistica, e o ardor com que se estava procurando reunir os elementos dos idiomas extinctos para explicar a formação dos novos, propoz que o *Instituto historico geographico* se chamasse tambem *Ethnographico*, e que a lingua, usos e costumes indigenas entrassem no programma dos fins sociaes.

Dois trabalhos de maxima valia se fizeram então: um do sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva a respeito dos indigenas do Rio de Janeiro ¹, e outro de Gonçalves Dias abrangendo todas as raças brasileiras e comparando-as com os incolas da

¹ Memoria historica documentada das aldeias dos indios da provincia do Rio de Janeiro. — Na Rev. do Inst. Histor. tomo XVII — 1855.

Os *romances*, as *xacaras*, os *villancetes* e *endeixas*, importadas pelos portuguezes e renovadas e acrescentadas cada vez que chegava de Portugal um novo contingente de colonos, soldados ou povoadores, foram aclimando-se e transformando-se insensivelmente. graças aos tres elementos que constituíram o primitivo povoamento do Brazil, o portuguez, o indigena e o africano. Por isso é que o mesmo romance apparece variado em differentes provincias, não com o firme proposito de destruir a acção europêa, senão para dar-lhe um colorido de localidade em muitas d'essas producções populares, que devia originar mais tarde o sentimento de independencia, que caracteriza hoje a litteratura nacional.

E' certo que esse sentimento não chegou a caracterisar-se senão muito posteriormente; mas póde dizer-se que, desde que os filhos dos primeiros colonos tiveram idade precisa para pensar, nasceu n'elles um espirito inconsciente de emancipação, que se foi pronunciando cada vez mais, como póde observar-se nos cantos populares que passamos a citar.

Prescindindo do romance de *D. Carlos de Montealbar*, que apparece em Sergipe com algumas variantes, e do *Pajehu de flores* com outras hespanholas e portuguezas; vejamos o conhecidissimo romance da *Nau Catharineta*, tal como encontramos nos *Cantos Populares*¹ recolhidos pelo sr. Syl-

¹ *Cantos populares do Brazil*, prefaciados por Theophilo Braga, 2 volumes.

os seus discursos eram agradabilissimos de ouvir-se. Du Montel o confirma, dizendo-nos o prazer que tinha de os escutar, quando estava entre elles, — não se cançando de repetir qual a graça, a fluidez e a doçura das suas expressões, sempre acompanhadas de um sorriso benevolo e sympathico. Esse riso e essa graça no fallar tive eu occasião de observar em tribus mais barbaras que as tupys. Em taes casos elles procuram agradar aos ouvintes amigos ou alliados, não só com palavras lisongei-ras, mas tambem com a amenidade da voz e da physionomia. Parece que este predicado era levado ao mais alto grao pelos Tupys e principalmente pelas mulheres, porque não é raro elogiarem os antigos viajantes a conversação das mulheres, e como ellas fallavam com a voz cheia de lisonjas e caricias.

Aos *Tupys* podemos com todo o fundamento applicar o que dos homens primitivos diz Viery. «A primeira linguagem do homem foi primeiro cantos do que discursos: os selvagens cantam, isto é, modulam fallando a sua linguagem com uma multidão de accents inarticulados; mais exprimem sentimentos do que ideias, e dirigem-se mais ao coração do que ao espirito; como têm mais sensação do que noções, são obrigados a servirem-se de objectos physicos para exprimirem quasi todas as abstracções do espirito; — eis o motivo porque fazem tão grande uso de metaphoras, dos emblemas, das allegorias; eis o motivo porque elles personificam os objectos inanimados, e empregam os tropos mais

energicos para se fazerem comprehender, o que dá a seus discursos um character muito poetico.» E logo apoz accrescenta: «é entre os selvagens que havemos de buscar a verdadeira eloquencia e a alta poesia.»

E, de facto, entre os *Tupys* era tudo musica e poesia; o nascimento e a morte, a guerra e as festas, o amor e a religião, a linguagem a vida, tudo era poesia. Eram presados por bons cantores, as mulheres mesmo sabiam improvisar, e as aguas da Carioca passavam por ter o condão de dar mais maviosidade ao canto dos *Tamoyos*. Emquanto os *Tapuyas* arrancavam sons duros da garganta, semelhantes ao regougar das Guaribas, aspero como o roçar dos leques pelos troncos escabrosos da palmeira, — os *Tupys* bebiam na solidão do mar, e á entrada das florestas os sons mais doces da natureza. Na sua linguagem harmoniosa e quasi toda labial, travada e intercalada de vogaes, imitavam o ciciar da brisa a correr sobre as ondas espelhadas do Oceano, a agitar levemente a igára derivando á tona d'agua, e a enredar-se pelas folhas dos bosques que aromatisam o littoral.

Valiam-se de comparações para exprimir o pensamento, e dos gestos para os rematar. Fallavam cantando, porque a poesia e a musica andavam intimamente ligadas na sua linguagem onomatopaica; o cair da fructa, o estalar dos ramos, o correr das fontes, o peneirar da chuva eram sons imitados da natureza; e elevando-se a regiões mais altas — no trovão, no raio, no relampago, ouviam a voz, viam

o olhar, sentiam os effeitos da ira de *Tupan*; expressões felizes que admiramos, imitadas do hebraico em um poeta allemão cantando a grandeza de Deus.

Para os homens escolhiam nomes que exprimissem a força, a robustez e a coragem; era a anta, o tigre, o ipé, a palmeira, a frecha e o arco; — para as mulheres os dos objectos mais brandos, mais doces, mais delicados—das aves, das fructas e das flores; era o romper d'alva, o cipó flexivel, a junça do brejo: e com um sentimento do bello, que não era muito de esperar n'elles, tomando o nome da flôr do manacá, para designar a moça mais bella de uma tribu.

Contavam os annos pela florescencia do cajueiro, as suas quadras pelos fructos então amadurecidos, pelo cair das folhas, pelo desovar das tartarugas, dos peixes ou das aves.

Calculavam o espaço pelo alcance dos tiros da frecha, pelos soes da jornada: contavam até 5, e d'ahi passavam a 10 e 20, ainda que Paw e Robertson lhes neguem o composto além de 3. De 20 em diante serviam-se de comparações — tantos — como taes aves em taes margens, como certos animaes em certos logares, como os troncos das florestas, como os cabellos da cabeça, como as estrelas do ceo, como as areias do mar.

«E havemos de crêr, conclue Gonçalves Dias muito acertadamente este brilhante capitulo de seu valioso trabalho, que taes homens, atilados em seus negocios, bem conservados e amigos de saber, pren-

dados com o dom da eloquencia e da poesia, que fallam seis horas e mais sem nenhuma interrupção, captivando por tão longo espaço o seu auditorio, sabendo suscitar todas as paixões e persuadir-lhes todas as vontades, fossem privados de altas faculdades intellectuaes? Havemos de duvidar do que affirmam os escriptores que de perto os observaram e estudaram, que eram facillimos de admitirem a civilisação, e aptos para todas as industrias? Não.—Concordamos com o padre Vasconcellos—eram homens que só com a musica e o canto podiam ser chamados á vida civilisada, homens que, segundo a *Noticiado Brazil*¹ «eram engenhosos para tomarem quanto lhes ensinavam os brancos, e que para carpinteiros de machado, serralheiros, oleiros, carreiros, e para todos os officios de engenho tinham grande tino»; homens que, segundo o Ouvidor Sampaio «não só no canto, mas em qualquer outra arte, recebem com muita facilidade as instrucções que se lhes dão».

Auctoridade não menos insuspeita, se é que não é mais—pois trata-se de um estrangeiro que não póde ser movido pelo aliás louvavel sentimento de patriotismo, o amor de raça—e que conviveu entre os indigenas do Brazil por longos oito annos, D'Orbigny, assim se exprime fallando dos incolas d'esta parte da America:

«Tivemos occasião de julgar da extrema aptidão

¹ Gabriel Soares de Sousa.

que os americanos, mesmo aquelles de espirito mais inculto mostram para aprender tudo quanto lhes ensinam. A sua percepção é muito prompta e não raro encontram-se entre elles individuos fallando tres ou quatro linguas, tão distinctas entre si como o francez e o allemão.»

Outro elemento que tambem influiu grandemente não só na poesia como na lingua brasileira, que hoje se afasta o seu tanto da portugueza, é o africano. O negro, esse pobre ente reduzido a uma abjecta escravidão, que felizmente para o Brazil não tardará a desaparecer completamente; o negro, repetimos, arrebatado á morte que o esperava nos sangrentos altares dos deuses africanos, era o unico contingente de trabalho e producção que vinha a estas plagas. Apesar da sua obscuridade e abatimento nem por isso deixava de introduzir palavras, usos, costumes e reminiscencias africanas, que com o andar do tempo deviam por sua vez tomar logar na natureza, confundindo-se com os habitos, costumes, idioma, bailes e cantos populares, cuja surprehendente originalidade principia a debuxar-se de uma maneira determinada e precisa, graças aos trabalhos de investigação, analyse, inducção e estudo, a que se dedicam actualmente algumas corporações scientificas e alguns dos mais distinctos litteratos brasileiros.

E' singular e muito notavel que o elemento africano, transportado de tão longinquas plagas, mais rude e mais boçal que o indigena, entrasse no entanto com mais força na constituição do povo bra-

fallam mais o portuguez que a lingua natal. Da linguagem portugueza, adulterada menos pelo elemento africano que pelo abastardamento que os idiomas soffrem sempre nos logares incultos, ha tambem numerosas poesias.

Eis algumas de incontestavel originalidade:

A MUTUCA

Hoje eu fui por um caminho
e topei um gavião
com a mutuca no chapéu,
moriçoca no calção.
Encontrei um persevejo
montado n'um caranguejo
caranguejo de barrete
moriçoca de balão.
Homem velho sem ceroulas
não se trepe em bananeira;
mulher velha alcoviteira,
toda gosta de funcção.
Arrepia sapucaia,
sambombaia;
Manoel Pereira
macacheira
manipeira¹
o teu pae era ferreiro,
o meu não era;
tua mãe tocava folles
meu amor
para tocar alvorada
na porta do trovador.

.....

¹ Macacheira é o aipin, *Manihot aypi*. A manipeira é o caldo da mandioca depois de extraída a tapioca ou polvilho.

de *Bellas-artes*,¹ observa judiciosamente Felix Ferreira que: «algumas vezes essas pinturas (das catacumbas de Roma) são um mixto do paganismo com o catholicismo, exactamente como observamos entre nós nos africanos, cujas praticas religiosas indicam claramente a mistura de duas crenças opostas. E' vulgar entre nós a palavra *Zumbi*, que ouvimos frequentemente empregada pelos pretos como synonymo de Deus; ora, este mesmo *Zumbi* significa para elles um espirito superior, bem ou malfazejo, conforme está de humor, cuja ira é preciso applacar com cantorias e engrimações, que o feiticeiro celebra com o concurso dos fieis.»

No vocabulario brasileiro notam-se muitas palavras de origem puramente africana, que são empregadas ainda pelos mais doutos escriptores; não perdeu com isso a lingua; antes locupletou-se com imagens ricas de onomatopeia e sonoridade. A lingua portugueza fallada e mesmo escripta actualmente no Brazil, não é um dialecto, como erroneamente diz Theophilo Braga no seu *Manual de litteratura*, e muito menos «com degeneração da phonetica», mas o mesmo idioma que se falla e escreve em Portugal, porém mais sonoro, mais suave, e diremos até, mais poetico. Correctos no dizer, fluentes no expôr, e em geral dotados de uma clareza admiravel, os escriptores brasileiros levam vanta-

¹ *Bellas-Artes, Estudos e apreciações* — Rio de Janeiro, 1885 — 8.º.

gem aos portuguezes na harmonia do verso e na elegancia da prosa.

Alguns ha, é certo, descuidados na fôrma, mas tão brilhantes na narrativa e tão opulentos de imagens, que de boamente se lhes perdoa taes descuidos. Citaremos por exemplo, José de Alencar, o mais fecundo e mais original dos romancistas brasileiros, que na sua curta existencia deixou copioso cabedal de primores á litteratura brasileira; Joaquim Manuel de Macedo que escreveu tambem grande numero de romances, alguns dos quaes destituídos de merecimento, mas outros que o collocam entre os mais imaginosos escriptores modernos do sul da America; Manuel Antonio de Almeida, que legou sómente um romance, mas que tanto basta para ser considerado como um dos fundadores do romance brasileiro; e, como estes, outros de mais ou menos secundaria importancia.

Os brasileiros descuidaram por muito tempo o estudo da lingua, a instrucção publica jazeu por muito tempo em grande atrazo; hoje porém assim não acontece. O ensino primario e secundario, principalmente no Rio de Janeiro, está tão adeantado e desenvolvido como nos principaes paizes da Europa; além de numerosas escólas publicas e particulares, ha o collegio de Pedro II com um duplo corpo docente, na generalidade composto de altas capacidades litterarias, que é uma perfeita faculdade de lettras, onde funccionam cadeiras de philologia e de varias linguas das mais cultas, antigas e modernas; sem contar que para as classes inferiores ha

o lyceu de Artes e Offícios, que é o primeiro estabelecimento do seu genero na America do Sul, e talvez com rarissimos competidores na Europa e Estados Unidos.

A lingua portugueza ou antes brazileira,—como já se póde chamar o antigo idioma iberico que aqui está tomando uma feição tão caracteristica que ha de supplantar a da mãe patria—acha-se hoje no mais alto gráo de aperfeiçoamento e conta entre os seus mais fecundos e esmerados cultores nomes taes como: João Francisco Lisboa, cujas obras são modelos de estylo e vernaculidade; Sotero dos Reis, que legou um *Curso de Litteratura* de uma erudição rara; Justiniano José da Rocha, o mais aprimorado dos jornalistas da geração a que ainda pertenceo Evaristo Ferreira da Veiga, não menos fluente e culto, e outros muitos. Isto em relação aos mortos; pois entre os vivós contam-se poetas e prosadores da estatura alevantada e bella de Velho da Silva, Antonio Henriques Leal, Gusmão Lobo, Machado de Assiz, Carlos de Laet, Felix Ferreira, Sant'Anna Nery, Ladislau Netto, Ferreira d'Araujo, Benjamin Franklin, Ferreira Vianna, José do Patrocínio e outros illustres operarios da imprensa, que no tocante á correcção da linguagem, á belleza do estylo, e ao primor da fórmula da tem a invejar á pleiade, aliás brilhantissima dos actuaes escriptores portuguezes de maior nomeada.

A'quella turma valiosa de insignes prosadores junta-se uma outra não menos preciosa de poetas

dulcissimos, taes como Luiz Delphino, Mucio Teixeira, Raymundo Correia, Theophilo Dias, Mello Moraes Filho, Alberto d'Oliveira, Valentim Magalhães e outros, que de momento nos escapam á memoria, ainda que tenhamos as suas obras collecionadas para a segunda parte d'estes estudos.

Trabalham estes nobilissimos operarios actualmente com os materiaes accumulados pelos tres seculos do periodo colonial, e o meio seculo da fundação e da consolidação do imperio; mas, como em taes casos acontece, esse material, cahos a principio e elementos esparsos ainda agora, offerece muito diamante por lapidar de involta com muitos pingos d'agua sem valor, ouro em barra no meio de montões de malacacheta, joio finalmente entre muito trigo são e succulento, que é preciso joear com cuidado. E' este o maior trabalho da geração actual. •

No dia em que os estudos ethnicos, philologicos e anthropologicos puderem reconstruir o passado, exhumando do condemnavel olvido em que jazem as tradicções rudimentares dos elementos, que prestaram seu contingente ao idioma e á poesia nacionaes; n'esse dia repetimos, tomarão ambos um character mais distincto e mais original, mais independente, e por consequencia mais brasileiro. Para este resultado devem concorrer alguns trabalhos, que sabemos estão sendo realisados por brasileiros que se dão a estudos serios e de verdadeiro cunho nacional, taes como: o sr. Ladislau Netto que sabia e proficientemente faz inventario dos thesou-

A' excepção de uma ou outra em que se revela a mão adextrada de poeta feito, póde dizer-se que o auctor d'esses versos é esse eterno poeta anonymo que se chama—povo, isto é, o vulgo, uma gente de vida nomada, que sente todos os estos da paixão, um pobre labrego que rega com o suor do rosto o sulco que abre o arado; a moça que namora; o rapaz que devaneia; o contrabandista que atravessando serras e mares vae entretenendo as horas de perigo, cantando suas esperanças e seus desenganos; o filho do pescador que ao compasso dos remos, emquanto sopra a brisa do mar, pensa no objecto do seu amor, que se abriga na choça, que de longe avista na orla da praia; o pregoeiro que vende pelas ruas da cidade; o obscuro operario; qualquer, emfim, d'esses que fazem parte d'essa multidão de analphabetos, que vivem ás vezes mais do accaso que do trabalho, mas que sentem, pensam, amam, soffrem, odeiam, esperam ou desesperam, e traduzem suas paixões e seus sentimentos, em cantos melodiosos que arrebatam com acentos tão patheticos e écos tão vibrantes, que ás vezes dir-se-ia terem lagrimas na voz. São esses os auctores d'essas quadras populares, a quem

suppunha que já o tinhas
dentro do peito gravado.

Riem no céu as estrellas,
riem as vagas no mar,
mas ninguém sabe rir tanto,
como a luz do teu olhar. .

mente. Melhor encaminhados em seu objectivo, occupando-se cada um com a sua especialidade, bem depressa ter-se-hia formado o centro, o ponto de partida para a reorganisação da historia do Brazil, segundo os principios da sciencia nova.

Dos tres elementos que temos assignalado como constituidores da nacionalidade brasileira—da raça mestiça—synthesis das tres raças—portugueza, indiana e africana—, ha de surgir uma nova e fulgente litteratura, que inspirando-se na admiravel natureza americana, e na crescente civilisação que se desenvolve desde Manáus até Matto Grosso, brilhará com maximo fulgor illuminando as gerações futuras, as quaes são aguardadas por invejavel e grandioso destino.

III

Nem o conegò Januario da Cunha Barbosa, um dos illustres fundadores do Instituto Historico Brasileiro, e o primeiro que reunio as poesias brasileiras e deu-as á publicidade em uma serie de pequenos fasciculos, que com a denominação geral de *Parnaso Brasileiro* formam dois preciosos volumes hoje rarissimos; nem os seus seguidores e imitadores como Francisco Adolpho Warnhagen no *Florilegio da poesia brasileira*, impresso em Madrid, João Manuel Pereira da Silva no seu *Novo Parnaso Brasileiro*; nem finalmente os que primeiro escreveram a historia com respeito á litteratura d'este

paiz, deram jámais importancia ao elemento indigena, e ainda menos ao elemento popular, á poesia d'esse eterno anonymo que se chama povo, que aliás é a fonte, a origem, o genesis da poesia culta e individual.

Tratando de duas obras relativas á poesia popular e tradições indigenas — *Mythos e Poemas* de Mello Moraes Filho, e — *Cantos Populares* de Sylvio Romero, prefaciados por Theophilo Braga, — em dois bem elaborados folhetins bibliographicos escreveo o sr. Felix Ferreira o seguinte:

« Assim como nas plantas e animaes fosseis, nos restos osseos do homem primitivo, nos vestigios inapagados das convulsões volcanicas, nos detritos marinhos postos nas mais elevadas alturas ou profundezas da terra, a geologia vai buscar os elementos constitutivos da formação do nosso globo; assim nas tradições, lendas e mythos, nos dolmens e instrumentos de pedra lascada ou polida, vae igualmente a historia soletrar as phrases com que tem de recompor a vida da humanidade.

E' por isso que a poesia moderna, melhor encaminhada, pondo-se ao serviço da sciencia, abandonou em grande parte as regiões ideaes e do sentimentalismo para moldar-se ás fórmulas, menos bellas talvez, mas sem duvida mais perfectas do realismo. E assim como em auxilio da historia veio a poesia, em auxilio da poesia vieram os documentos escriptos ou conservados na memoria do povo; d'ahi essas relações intimas dos poetas com as tradições e

como consequencias os *Cantos Populares* e os *Mythos e Poemas*.

A exploração das inesgotaveis minas do nosso passado não é tão recente, como querem alguns. Operarios illustres precederam ha muito os actuaes, e não sabemos se com maior gloria e mais sciencia.

✓ O incontestavel, embora contestado, fundador do americanismo na poesia brasileira, Antonio Gonçalves Dias, não foi um fantasista, que, como Bazilio da Gama, escondeu no brilhante artificio da fórma a ignorancia do fundo ethnographico. O immortal poeta maranhense, além de sentir correr-lhe nas veias o sangue indigena, aprendeu no regaço materno talvez o rythmo, a monodia e mythos dos seus antepassados. Mais tarde depois de preparado pelos solidos estudos da universidade de Coimbra, penetrou nos recessos das florestas e decifrou nas pégadas das grandes migrações a historia dos antigos dominadores d'esta parte da America. Não foi um curioso, como foram alguns, foi um ethnographo profundo, que, guiado pelos sabios allemães que lhe eram familiares, estudou os usos e costumes, as lendas e tradições das raças aborigenes. Foi elle talvez o primeiro que deu entre nós uma direcção scientifica a taes estudos.'

Poeta harmonioso e inspirado, como provam os sonoros versos dos seus primeiros cantos, que arrancaram espontaneos applausos de Alexandre Herculano, philologo notavel como exemplificam as arcaicas *Sextilhas de Frei Antão*, conhecedor da

lingua tupy como documenta o seu *Diccionario*, embora corrigido em algumas phrases por auctoridades que o succederam no estudo da materia, Gonçalves Dias não se limitou a inaugurar a escola americana com esses primores artisticos, rendilhados como as ogivas gothicas que se chamam *Y-Juca-Pirama*, o *Canto do selvagem e Marabá*; fez mais, escreveu esse livro tão pouco lido e até quasi desconhecido, o *Brazil e a Oceania*, pedra fundamental do portico grandioso que sonhara, mas não pudera realizar, conforme a traça concebida, e por isso mesmo o deixou truncado nos *Tymbiras*, como o fuste de uma columna corinthia derrocada do templo ionio.

Quando o Instituto, por proposta do mestre da nossa historia, Francisco Adolpho Varnhagen, juntou o titulo—ethnographica—á sua revista, iniciaram-se alguns trabalhos em relação ao assumpto, que, nem por jazerem esquecidos, deixam de ser os precursores dos actuaes estudos anthropologicos que a exposição do museu nacional poz por algum tempo em actividade, inspirando ao sr. Mello Moraes Filho a *Revista Anthropologica*, que com o catalogo da Exposição que está sendo elaborado sob a direcção do sr. Ladisláo Netto, serão os marcos miliarios ou ponto de partida para novos e mais bem dirigidos estudos.

Entre as memorias aventadas pelo Instituto Historico e publicadas na respectiva *Revista*, occupa lugar immediato, ao *Brazil e Oceania* uma memoria a respeito dos primitivos habitantes do Rio

de Janeiro, do sr. Joaquim Norberto. Lastima-se ao ler este bem acabado trabalho, que o auctor, que é também poeta, não aproveitasse o cabedal adquirido para dotar a litteratura nacional, que aliás muito lhe deve, com alguns poemetos americanos.

E' certo que o sr. Norberto escreveu, mas não publicou até agora, uma lenda ou cousa semelhante, haurida da narrativa de Hans Staden, livrinho tão precioso quão inexplorado pelos nossos poetas.

Não nos faltam elementos fundamentaes para uma boa escola americana, materiaes valiosos para trabalhos alentados e bons. As singelas paginas de Pero de Magalhães Gandavo, o nosso Herodoto sob o ponto de vista chronologico, as de João de Lery, de Ives d'Evreux e outros dos seculos idos; as d'este seculo como os trabalhos graphicos de Debret, os estudos conscienciosos do venerando amigo do Brazil, o sr. Ferdinand Dinis, e modernamente os de Martins, Couto de Magalhães e Baptista Caetano, são inexhauriveis jazidas de quasi ignoradas gemmas.»

Não admira, porém que por tal modo fosse desprezado ou antes ignorado por Januario da Cunha Barbosa, Warnhagen, Pereira da Silva, Wolf e outros o valor d'esses dois poderosos elementos formadores da poesia brasileira; as tradicções, mythos e poemas indigenas e a poesia popular, os primeiros vagidos do povo brasileiro, quando esses

mesmos escriptores e ainda ultimamente o conego Fernandes Pinheiro, no seu aliás excellente *Resumo de historia litteraria*, apenas de passagem mencionam o nome do verdadeiro fundador da poesia culta no Brazil, o padre José de Anchieta,¹ hespanhol de nascimento, pois era natural da ilha de Teneriffe.

No bosquejo que precede o *Florilegio da poesia brasileira*, apenas Warnhagen cita como tradicionaes os fragmentos dos cantos populares:

Mandei fazer um balaio
Para deitar algodão

e o estribilho

Banguê que será de ti;

citações que, antes d'elle, fizera tambem o conego Januario no prefacio do seu *Parnaso*; mas nenhum apresenta Anchieta como fundador da poesia e theatro no Brazil, ainda que não lhes fossem por certo desconhecidas as passagens dos primeiros chronistas que se referem de modo muito positivo ao glorioso missionario, e até narram, como Fernão Cardin,² as festas e descantes dos selvagens, entoando versos do padre Anchieta. «As cantigas pias de José em propria lingua, contrapostas ás que elles costumavam cantar vãs e gentílicas.»

¹ Vide a *Noticia Bibliographica* que segue este Esboço 1.

² Vide a *Noticia Bibliographica* que segue este Esboço iv.

Esta simples passagem de auctor quasi contemporaneo do primeiro periodo da existencia colonial do Brazil vem corroborar as nossas affirmações a respeito da poesia e das tradições indianas, demonstrando evidentemente a razão porque aquelle poderoso elemento indigena cahiu em pleno olvido, e foi em todos os tempos lançado a tão injusto desprezo. Fez-se mais; procurou-se extirpar do espirito dos selvagens tudo quanto tivesse conexão com o seu passado, arraigando-lhe novas crenças, novos costumes e até uma nova nacionalidade; e ante esta augusta trindade intellectual, filha da civilização europea, devia desaparecer tudo quanto pertencia ao primitivo indigena. Não obstante o padre Anchieta, ponto de partida— repetimos—de quanto respeita á litteratura brasileira, estudou detidamente as tribus que catechisava, senão com criterio scientifico, ao qual se oppunham as opiniões e preocupações d'aquelle tempo, pelo menos com o juizo claro e analytico de que era dotado. Com o fructo de suas observações escreveu elle uma obra ácerca dos usos e costumes dos indios, trabalho não menos notavel do que as suas comedias—ou para melhor dizer—autos, escriptos em portuguez e tupy, pois que os dedicava a ambas as nacionalidades; as quaes se representavam nos adros das igrejas, notando-se em quasi todas ellas os rasgos característicos dos personagens das antigas comedias.

Não menos apreciados são os seus trabalhos a respeito da lingua tupy, embora confundidos sem-

pre em seu espirito a fórma com a piedade e o fervor religioso, que o animava; mas que ainda assim serviram de base a seus successores para continuar a obra da civilisação, e a nós actualmente para decifrar o passado indigena. O padre Anchieta é, além de poeta e philologo da infancia da civilisação brasileira, um ensinamento perenne e um exemplo eloquentissimo para os governos que tenham de reger os destinos do Brazil, pois lhes mostra os methodos e a maneira mais segura de conquistar para o progresso e civilisação mais de um milhão de indigenas, que se extraviam pelas regiões inexploradas que encerra este vastissimo imperio, com grande prejuizo da sua riqueza e engrandecimento, os quaes constituem por outro lado uma ameaça sangrenta para o porvir.

Warnhagem, Wolf e o proprio Fernandes Pinheiro embalde prescindiram quasi do vulto imponente do padre Anchieta. Em vão o deixaram na sombra, porque a luz da nova sciencia illuminou a figura do grande thaumaturgo e grangeou-lhe a admiração e respeito da posteridade. As investigações modernas prôvaram até á saciedade que é elle o verdadeiro fundador da litteratura brasileira. Exhumemos do sarcophago da historia algumas das suas preciosas composições, e vejamos como o grande cathechisador manejava a lingua tupy:

CANTIGA

Tupana cuapa
Coran çauça

serva mais ou menos acentuado o vestigio da côr; o caboclo mostra-se mais rebelde ás molezas da sociedade culta, e conserva a selvagem independencia da sua origem indigena. Deixando-se absorver pela raça branca, o mulato despreza as tradições da raça negra e apenas para esta conserva a piedade do superior para o inferior mas nunca do irmão para o irmão; o caboclo, ao contrario, conserva as tradições indigenas, e como que prolonga os seus usos e costumes no meio da nova sociedade, de que geralmente vive segregado. D'ahi a existencia de uma poesia que já não pertence ao indigena e não é produzida pelo branco, poesia que predomina no norte e que não tem sido convenientemente investigada. E' essa a origem que no Paraguay fórma um perfeito dialecto e no Brazil um patuá, que erroneamente o sr. Theophilo Braga suppõe fallado e até escripto em algumas das nossas provincias.

«O caboclo tem a sua feição caracteristica muito distincta, e no Pará, Amazonas, Maranhão, Ceará e Rio Grande do Norte, fórma quasi uma raça á parte, que vive oscillante entre a sociedade culta e a selvagem. As suas tradições são um mixto de ambas as sociedades, e de ambas tira elementos constitutivos de uma historia e litteratura — seja licita a expressão — fallada, que passa de paes a filhos. Muitas d'essas tradições que hoje emprestamos aos indigenas são obra sua, estudando-as aprofundadamente reconhece-se n'ellas vestigios das duas raças que lhes deram origem.»

Esta these que o sr. Felix Ferreira aventa de passagem, e que bem desejaríamos que elle desenvolvesse, é talvez o ponto de partida para a descoberta de um quarto elemento que, se não tem actuado, ha de ainda actuar no desenvolvimento da litteratura brasileira. O caboclo, esse filho das raças conquistadora e conquistada, vivendo nas proximidades ou mesmo no meio dos bosques e confundindo em sua memoria as reminiscencias e tradições indianas com as noções embryonarias da nossa civilisação, fluctuando entre o passado que se perde na noite dos tempos e um presente que não comprehende bem; em face da natureza, e entregue, sobretudo no norte, á industria pastoril, devia exercer o sentimento poetico que germinava em seu espirito, applicando-o á sua vida nomada, que constitue o seu mundo. Creou os *romances* e *xacaras* dos vaqueiros ou pastores, entre as quaes se destacam o *Rabicho da Geralda*, a *Vaca do Burel* e outras composições em que os filhos dos bosques, seguindo a senda que lhes traçaram os seus maiores, cantam a apotheose do touro e do cavallo, como os indigenas puros cantaram a anta e o jabuty.

Apesar de muito conhecidos, não podemos deixar de transcrever aqui alguns d'esses poemetos que são os melhores documentos da originalidade da poesia brasileira.¹

¹ As historias da litteratura brasileira que possuímos, diz o sr. Felix Ferreira, são por demais incompletas, pois nem aquell-

Eis aqui o *Rabicho da Geralda* conforme José de Alencar o recolheu na provincia da Ceará:

O Rabicho da Geralda

I

Eu fui o liso Rabicho,
boi de fama conhecido;
nunca houve n'este mundo
outro boi tão destemido.
Minha fama era tão grande
que enchia todo o sertão,
vinham de longe vaqueiros
p'ra me botarem no chão.
Ainda eu era bezerro
quando fugi do curral
e ganhei o mundo grande
correndo no bamburral.
Onze annos eu andei
pelos catingaes fugido;
minha senhora Geralda
já me tinha por perdido.
Morava em cima da serra
onde ninguem me avistava,
só sabiam que era vivo
pelo rastro que deixava.
Sahi um dia a pastar
pela malhada do Christo
onde por minha desgraça
d'um caboclinho fui visto.

les que, como o sr. Norberto de Sousa e Silva a bosquejaram, nem os que como Fernandes Pinheiro a escreveram detalhadamente, trataram da poesia popular, e dos seus elementos constitutivos, das transplantações portuguezas do reino e das ilhas da Madeira e dos Açores, das tradições indigenas e das degenerescencias africanas. Sem o estudo d'esses elementos não ha historia da nossa litteratura possivel.

Os escriptos de Bento Teixeira¹ revelam um detido estudo dos acontecimentos que elle narra elegantemente. As suas descripções são cheias de imagens, de vida e de movimento, e nos seus versos pastoris, nas suas eglogas e sonetos é notavel a correcção da fórma e naturalidade do entreccho.

A *Prosopopéa*, cuja paternidade Warnhagen chegou a negar-lhe² apoiando-se em datas contradictorias, talvez tão defficientes como as que o fizeram desconhecer a importancia relativa que tinha n'aquella época a modinha brasileira, a poesia popular e a indigena; a *Prosopopéa*, repetimos, escripta em oitava-rima, e dedicada a seu amigo e compatriota Jorge de Albuquerque Coelho, governador de Pernambuco, e impressa em Lisboa em 1601, demonstra a doçura do seu estylo, o florido de sua imaginação e o caudal de sentimento, que lhe brotava da phantasia vivaz e impressionista.

Eis como Bento Teixeira Pinto, se expressava a respeito do proprio estylo: «Quiz antes ser notado de breve que de prolixo, porque o meu intento principal é ser o Senhor louvado e glorificado de todos, o qual usando da sua benignidade com os afflictos, os salva de perigos e os guia a salvamento; pelo que peço não olhem as palavras que

¹ Na sua *Historia geral do Brazil*, 1.^a edição, tom. II, pag. 53.

² Vide *Noticia Bibliographica*, os *specimens* transcriptos.

Todos tres muito contentes
trataram de me seguir,
consumiram todo o dia
e á noite foram dormir.
No fim de uma semana
voltaram mortos de fome,
dizendo: «O bicho senhores
não é boi; é lobishome.»

II

Outro dia que eu malhei
perto d'uma ribanceira,
ao longe vi o Cherem
com seu amigo Moreira.
Arranquei logo d'ahi
em procura de um fechado;
juntou atraz o Moreira
correndo como um damnado.
Mas logo adeante esbarrei
escutando um zoadão;
Moreira se despenhou
no fundo de um barrocão:
—Corre, corre, boi malvado,
não quero saber de ti,
já me basta a minha faca
e a espora que perdi.
Alevantou-se o Moreira
juntando todo o seu trem,
e gritou que lhe acudisse
ao seu amigo Cherem.
Corre a elle o Cherem
com muita resolução:
—Não se engane, sô Moreira,
que o Rabicho é tormentão.
—Ora deixe-me, Cherem;
vou mais quente que uma brasa.

Seguiram pela vereda
e lá foram ter a casa.

III

Resolveram-se a chamar
de Pajeú um vaqueiro;
d'entre todos que lá tinha
era o maior catingueiro.
Chamava-se Ignacio Gomes,
era um cabra coriboca,
de nariz achamurrado,
tinha cara de pipoca.
Antes que de lá sahisse
amolou o seu ferrão:
—Onde encontrar o Rabicho
d'um tópe o boto no chão.
Quando esse cabra chegou
na fazenda da Gruixaba,
foi todo o mundo dizendo:
Agora o Rabicho acaba.
—Senhores, eu aqui estou,
mas não conheço dos pastos:
só quero me dêem um guia
que venha mostrar-me os rastos.
Que eu não preciso de o ver
para pegar o seu boi;
basta-me só ver-lhe o rasto
de tres dias que se foi.

IV

De manhã logo mui cedo
fui á malhada do Christo,
em antes que visse o cabra
já elle me tinha visto.
Encontrei-me cara a cara
com o cabra topetudo;

não sei como n'esse dia
ali não acabou tudo.
Foi uma carreira feia
para a serra da Chapada
quando eu cuidei era tarde,
tinha o cabra na rabada.
—Corra, corra, camarada,
puxe bem pela memoria;
quando eu vim da minha terra
não foi p'ra contar historia.
Tinha adeante um pau cahido
na descida de um riacho;
o cabra saltou por cima,
o russo passou por baixo.
—Puxe bem pela memoria
corra, corra, camarada;
quando eu vim da minha terra
não vim cá dar barrigada.
O guia da contra-banda
ia gritando tambem:
—Veja que eu não sou Moreira,
nem seu amigo Cherem.
Apertei mais a carreira
fui passar no boqueirão:
o russo rolou no fundo,
o cabra pulou no chão.
N'esta passagem dei linha,
descancei meu coração,
que não era d'esta feita
que o Rabicho ia ao moirão.
O cabra desfigurado
lá foi ter ao carrapicho:
—Seja bem apparecido,
dá-me novas do Rabicho?
—Senhores, o boi eu vi,
o mesmo foi que não ver,
pois como este excommungado
nunca vi um boi correr.

Tornou-lhe o Goes n'este tom:
—Desengane-se co'o bicho;
pelos olhos se conhece
quem dá volta no Rabicho.
Esse boi, é escusado,
não ha quem lhe tire o fel;
ou elle morre de velho,
ou de cobra cascavel.

V

Veu aquella grande sécca
de todos tão conhecida;
e logo vi que era o caso
de despedir-me da vida.
Seccaram-se os olhos d'agua
onde eu sempre ia beber,
botei-me no mundo grande,
logo disposto a morrer.
Segui por uma vereda
até dar n'um cacimbão,
matei a sede que tinha,
refresquei o coração.
Quando quiz tomar assumpto
tinham fechado a porteira;
achei-me n'uma gangorra
onde não vale carreira.
Corri os quatro cantos;
tornei a voltar a traz,
mas toda a minha derrota
foi o diabo do rapaz.
Correu logo para casa
e gritou aforçurado:
—Gentes, venham depressa
que o Rabicho está pegado.
Trouxeram tres bacamartes,
cada qual mais desalmado;

os tres tiros que me deram
de todos fui trespassado.
Só assim saltaram dentro,
eram vinte p'ra me matar,
sete nos pés, dez nos chifres,
e mais tres p'ra me sangrar.
Disse então o José Lopes
ao compadre da Mafalda:
—Só assim nós comeríamos
do Rabicho da Geralda.

VI

Acabou-se o boi de fama,
o corredor famanaz,
outro boi como o Rabicho
não haverá nunca mais.

O Boi-Espacio

Eu tinha meu Boi-Espacio,¹
qu'era meu boi cortelleiro,²
que comia em tres sertão,³
bebia na cajazeira,⁴
malhava⁵ lá no oiteiro,
descançava em Riachão.⁶
Meu boi preto caraúna;
por ter a ponta mui fina
sempre fui, botei-lhe a unha.

¹ Boi de pontas largas.

² Boi manso que vem sempre ao curral.

³ O povo prescinde do plural quando assim o exige a rima.

⁴ Logar proximo á villa do Lagarto, em Sergipe.

⁵ O povo diz geralmente: *maiára*, *maiadô*, *maia*, em logar de malhára, malhador e malhar.

⁶ Villa da provincia de Sergipe.

—Não vejo terras de Hespanha,
nem areias de Portugal,
vejo só tres espadas
para contigo batalhar.

«Sobe, sobe, ali, marujo,
n'aquelle tópe real;
vé se vés terras de Hespanha
areias de Portugal.

—Alviçaras, meu capitão,
alviçaras vos quero dar:
Já vejo terras de Hespanha,
areias de Portugal;
tambem vejo tres meninas
debaixo de um laranjal.

«Todas tres são minha filhas
todas tres vos dera a ti:
uma para vos lavar,
outra para vos engomar,
a mais bonita d'ellas todas
para contigo casar.

.....
Palavras não eram ditas,
Chiquito cahiu no mar.

Ve-se n'este romance como o povo brasileiro procurava dar um caracter essencialmente americano ás composições mesmo vindas d'além-mar; mas onde se destaca com mais precisão e sentimento local, e por conseguinte mais americanismo, pois ainda que a fórmula seja européa é impossivel deixar de reconhecer o embryão de uma poesia que tendia a emancipar-se, é nas modinhas populares, que Warnhagen suppoz insignificantes,¹

¹ *Florilegio da poesia brasileira, Introdução.*

citando apenas o popular estribilho bahiano

Bangué que será de ti.

e as canções, uma também bahiana:

Mandei fazer um balaio
Para deitar algodão

e outra fluminense:

Vem cá Bitú, vem cá Bitú¹
Que é d'elle teu camarada?

A' modinha, pois, elemento tradicional brasileiro e notavel geralmente pela melodia de seu canto, é que se seguiu o romance imitado do europeu. N'ella se encontram frequentemente pala-

¹ Nos *Cantos Populares* está escripto — Vem cá *Vitu*, e o sr. Theophilo Braga, escreve também *Vitu*; mas o sr. Felix Ferreira, que é fluminense, e conhece a canção desde sua infancia affirma ser—Bitu—; e informa que essa canção não é embryonaria da litteratura brasileira, mas producção do começo d'este seculo; e sabe de seu pae, que é também quasi fluminense, pois vive no Rio de Janeiro ha 67 annos, que esse *Bitu* era um vagabundo que se embriagava frequentemente com cachaça, e que tendo desaparecido por occasião de umas chuvas torrencias occorridas em 1817, e suppondo-se ter perecido afogado, deu por isso motivo á vulgarissima canção:

Vem cá Bitu! Vem cá Bitu
Que é d'elle teu camarada?
«Agua do monte o levou.»
Não foi agua, não foi nada,
Foi cachaça que o matou.

Outros affirmam, diz o sr. Felix Ferreira, que a canção não se entendia com Bitu directamente, mas com um seu compa-
nheiro de bebedeira.

Me metteram no curral
me trancaram de alçapão;
e bati n'um canto e n'outro,
não pude sair mais não!
Adeus, fonte onde eu bebia,
adeus, pasto onde comia,
malhador onde eu malhava;
adeus, ribeira corrente,
adeus, caraiba verde,
descanço de tanta gente!...

O couro do Boi-Espacio
deu cem pares de surrão,
para carregar farinha
da praia do Maranhão.
O fato do Boi-Espacio
cem pessoas a tratar,
outras cem para virar...
o resto p'ra urubusada.
O sebo do Boi-Espacio
d'elle fizeram sabão
para se lavar a roupa
da gente lá do sertão.¹
A lingua do Boi-Espacio,
d'ella fizeram fritada;
comeu a cidade inteira
não foi mentira, nem nada.
Os miolos do Boi-Espacio,
d'elles fez-se panellada;
comeu a cidade inteira,
o resto p'ra cachorrada.
Os cascos do Boi-Espacio
d'elles fizeram canôa,

¹ As rhapsodias sergipanas tratam com desdém os homens do sertão, por isso dizem a *gente lá de cima*.

fallam mais o portuguez que a lingua natal. Da linguagem portugueza, adulterada menos pelo elemento africano que pelo abastardamento que os idiomas soffrem sempre nos logares incultos, ha tambem numerosas poesias.

Eis algumas de incontestavel originalidade:

A MUTUCA

Hoje eu fui por um caminho
e topei um gavião
com a mutuca no chapéu,
moriçoca no calção.
Encontrei um persevejo
montado n'um caranguejo
caranguejo de barrete
moriçoca de balão.
Homem velho sem ceroulas
não se trepe em bananeira;
mulher velha alcoviteira,
toda gosta de função.
Arrepia sapucaia,
sambombaia;
Manoel Pereira
macacheira
manipeira¹
o teu pae era ferreiro,
o meu não era;
tua mãe tocava folles
meu amor
para tocar alvorada
na porta do trovador.

.....

¹ Macacheira é o aipin, *Manihot aypi*. A manipeira é o caldo da mandioca depois de extraída a tapioca ou polvilho.

A vacca do Burel(Versão pernambucana)¹

Na fazenda do Burel,
nos verdes onde pastei,
muitos vaqueiros de fama
nos carrascos² eu deixei.
O afamado Ventania,
montado no Tempestada,
foi quem primeiro espantou-me
estando eu n'uma *maiáda*.
Mais adeante encontrei
com o vaqueiro João
no seu cavallo lazão,
já vinha correndo em vão.
Logo me fiz ao carrasco,
fui-me abarbar com o Velloso;
no atravessar o riacho
só lhe deixei o rasto
por ser elle tão teimoso !
Ouvi grande tropellada
que zunia no sertão;
era o afamado Grinalda
com o Ferreira Leão.
Que dois vaqueiros de fama
encontrei no bebedor !...
Logo me fiz ao carrasco,
e elles mal me enxergou.
Mais adeante ouço gritar:
—Nem do rasto dou noticia
em que carrasco escondeu-se
a encantada *lagartixa* ! ?

¹ Publicada por Sylvio Romero, como que as duas anteriores, nos seus *Cantos populares do Brazil*.

² *Carrasco*, matto ralo e baixo.

Eu no tempo de bezerra
a muitos vaqueiros logrei;
na fazenda fiz *sueira*¹
muitas porteiras pulei.
Abarbada me vejo
com o vaqueiro Miguel,
no seu cavallo Festejo
na fazenda do Burel.
Que dois vaqueiros temiveis,
João Bernardo e Miguel!...
Perto do curral os logrei,
quasi que os deixei de pé.

—Só se eu morrer amanhã,
ou não me chamar Miguel,
só assim deixas de entrar
no teu curral do Burel.
Eu te juro, *lagartixa*,
que não me has de escapar;
nem que corras como o vento
tu has de entrar no curral.
Corre, corre, *lagartixa*,
quero ver a tua fama;
que no curral de Burel
quero fazer tua cama.
Toda a minha vontade
é no teu rasto acertar;
tu verás como se tranca
a *lagartixa* no curral.
Cerca, Velloso na grota
faz esteira no baixio;
aperta para o meu lado,
lá vem como um corropio.
Oh! que vaquinha damnada!
ella não corre, ella vòá...

¹ Dar trabalho, fazer *suar*.

D'este modo iam-se transformando insensivelmente os cantos populares portuguezes, açorianos e da ilha da Madeira, em cantos brasileiros; transformação natural e logica; pois assim egualmente os portuguezes haviam tomado e refundido muitas quadras, endeixas, romances e xacaras hespanholas, o que fez com que o sr. Sylvio Romero, considerando-as como originaes, incluísse nos seus *Cantos populares* quadras muito conhecidas e repetidas em Hespanha, como passamos a dar alguns exemplos:

Versão portugueza

Ha tres dias que não como,¹
ha quatro que não almoço;
por falta de teus carinhos
quero comer, mas não posso.

Dentro do meu peito tenho
dois engenhos de marfim;
quando um anda, outro desanda
quem quer bem não faz assim.

Dizem que ciumes matam,
ciumes não matam, não;
pois se ciumes matassem
estava eu morto de paixão.

Se o querer bem se pagasse
muito me estavas devendo;
com dinheiro não me pagas
o bem que te estou querendo.

Versão hespanhola

Me llamaban á comer
y á la mesa me sentaba,
de pensar en tu querer
las ganas se me quitaban.

Dentro de mi pecho tengo
dos escaleras de vidrio,
por una sube mi amor
por otra baja tu olvido.

Dicen que los celos matan
yo digo que no és verdad,
pues si los celos mataran
yo me hubiera muerto yá.

Si el querer bien se pagase
cuanto me fueras debiendo,
pero como no se paga
ni me debes ni te debo.

¹ Sylvio Romero—*Cantos populares do Brazil*, tomo 1, pag. 189 e 199, tomo II, pag. 58.

traz o ferro do Burel,
não tem canda, é cochê.¹
E' cega, só tem um chifre,
muito esperta e arisca
são estes todos signaes
da afamada *lagartixa*.
—Ora se é esta a famanaz
que tanto susurro tem feito !
para pegar esta vaquinha
é bastante o meu Mosquete.²
Ora, vamos todos sete
lá mais perto da *maiáda*;
quando passei o campestre
vi uma vez lá deitada.
Affrouxa a rédea, caboclo
encosta a espora, Preguiça,
quero ver a tua fama
com a tyranna *lagartixa*,
vae tomando mais alento;
que o meu rucilho não corre,
já me vôa como vento.
Todo o gado adeante corre,
não a quero perder de vista;
hei de mostrar meu talento
à vaqueirada de crista.
João Bernardo não sabe
que meu cavallo é de cubiça;
como eu posso ser logrado
por esta pobre *lagartixa*?
—Aqui mesmo no carrasco
muitas famas tem ficado;
no atravessar o riacho
has de ficar arriado.

¹ Manca.

² Cavallo pequeno e corredor.

A' excepção de uma ou outra em que se revela a mão adextrada de poeta feito, póde dizer-se que o auctor d'esses versos é esse eterno poeta anonymo que se chama—povo, isto é, o vulgo, uma gente de vida nomada, que sente todos os estos da paixão, um pobre labrego que rega com o suor do rosto o sulco que abre o arado; a moça que namora; o rapaz que devaneia; o contrabandista que atravessando serras e mares vae entretenendo as horas de perigo, cantando suas esperanças e seus desenganos; o filho do pescador que ao compasso dos remos, emquanto sopra a brisa do mar, pensa no objecto do seu amor, que se abriga na choça, que de longe avista na orla da praia; o pregoeiro que vende pelas ruas da cidade; o obscuro operario; qualquer, emfim, d'esses que fazem parte d'essa multidão de analphabetos, que vivem ás vezes mais do accaso que do trabalho, mas que sentem, pensam, amam, soffrem, odeiam, esperam ou desesperam, e traduzem suas paixões e seus sentimentos, em cantos melodiosos que arrebatam com acentos tão patheticos e écos tão vibrantes, que ás vezes dir-se-ia terem lagrimas na voz. São esses os auctores d'essas quadras populares, a quem

suppunha que já o tinhas
dentro do peito gravado.

Riem no céu as estrellas,
riem as vagas no mar,
mas ninguém sabe rir tanto,
como a luz do teu olhar. .

mais que aos poetas conhecidos e illustrados, tem de se pedir o segredo de suas tradições. E' por esses principalmente que levantamos um protesto contra os que tão mal e infundadamente tem acoiado os poetas brasileiros de servís imitadores.

Similhante imitação não existe tão sensivelmente como se affigurou a Garrett e Wolf, pois ambos desconheceraam a poesia popular brasileira, guiando-se unicamente pelo que leram, e justamente o que havia impresso e lhes chegára ás mãos foram os poetas arcadicos, os classicos que tudo imitavam, e seguiam as escólas dominantes.

O visconde de Almeida Garrett, homem de fino gosto litterario e poeta distinctissimo, tendo de escrever a introdução do *Parnaso lusitano*, no qual foram incluidos os poetas mais notaveis dos tempos coloniaes, avaliou a poesia brasileira pelos *specimens* reunidos para aquelle fim, sem se dar talvez ao trabalho de colleccionar o que já por essa época havia publicado o conego Januario da Cunha Barbosa no *Parnaso brasileiro*, e andava disperso pelos periodicos litterarios do Rio de Janeiro. A poesia popular foi-lhe completamente desconhecida, como foram os poetas de segunda ordem, que na formação da poesia nacional mais produziram originariamente. Não compulsou tambem Garrett os chronistas e escriptores coloniaes, nem soube talvez da existencia dos archivios das arcadias que existiram no Brazil, embora em muito curta duração.

Não mais feliz que o illustre cantor de *D. Branca*

SOL POSTO

(Sergipe)

Quando rompe o claro dia,
magino¹ na triste tarde;
lembro² de quem anda ausente,
redobra maior saudade.

Cresce o dia, o sol aponta,
põe-se em pino e vae-se a aurora;
eu certifico a lembrança,
magino eu quem foi-se embora.

Sol posto que vive ausente,
amor do meu coração,
leva-me longe da vista,
porém do sentido³ não.

Sol posto, que vive ausente,
teu amor não se acabou;
inda agora está mais firme
do que quando começou.

Tudo quanto é verde, sécca,
agua corrente se acaba;
amor firme não se deixa,
quem ama nunca se enfada.

Eu tenho meu arco e flecha

(Rio de Janeiro)

Eu tenho meu arco e flecha
p'ra matar meu passarinho.
O sol na nuvem escureceu;
no mesmo instante clareou.

¹ Imagino, penso.

² Lembra-me.

³ Ideia.

ducções poeticas do periodo colonial, como não são egualmente ainda em nossos dias as que escrevem os poetas cultos do Brazil; mas grande parte senão são inteiramente novas, nem por isso deixam de ter o cunho de uma nacionalidade em embryão. Accusa Garrett, por exemplo, a Thomaz Gonzaga de ter seguido cegamente os classicos latinos, produzindo imitações em vez de originaes. Não achamos muito justa a observação, pois mesmo no cantor de *Marilia* que é o poeta mais alatinizado do seu tempo, dos que poetaram no Brazil, encontram-se poesias de cunho brasileiro, como mais adeante demonstraremos.

Demais, a originalidade não consiste unicamente no fundo, mas tambem na fórmula, nem tão pouco nas imagens referentes ao meio em que se vive. Tirar a liberdade ao poeta de levantar o vôo da inspiração ás regiões abstractas, é encerral-o no estreito espaço do positivo e concreto. Gonçalves de Magalhães por escrever a sua mais bella ode a respeito de Waterloo não deixou por isso de enriquecer a poesia brasileira com uma joia do mais alto valor. A poesia, como a arte, é cosmopolita.

Para provar até que ponto foram injustos Garrett e Wolf negando originalidade á poesia brasileira, basta por exemplo citar:

O Lucas da Feira

(Sergipe)

Adeus, terra do limão,
terra onde fui nascido;

*Bateu aza, foi-se embora,
Mandô saiará,
Deixou a penna no ninho.
Mandô sarará.*

Finalmente, antes de continuar o estudo pela ordem chronologica dos poetas e escriptores brasileiros, que por um momento interrompemos, fechemos este parenthesis inserindo algumas quadras essencialmente nacionaes, cheias de imagens e de pensamentos, as quaes revelam melhor que quanto pudesseamos dizer, a indole d'este povo poeta, impressionavel e sonhador, que á semilhança do povo andaluz e italiano, canta seus amores, seus pezares e suas alegrias em notas tão doces, tão sonoras e algumas vezes tão magestosas, que é impossivel deixar de admirar-o.

Com pena peguei na penna,
com penna para te escrever,
a penna cahiu da mão
com pena de não te ver.

Do pinheiro nasce a pinha,
da pinha nasce o pinhão,
da mulher nasce a firmeza,
do homem a ingratição.

Olhos pretos, olhos pardos,
olhos azues soberanos,
estas tres castas de olhos
para mim foram tyrannos.

Se vires a garça branca
pelos ares ir voando,
dirás que são os meus olhos
que te vão acompanhando.

Quatrocentos guardanapos
seis vintens em cada ponta,
você diz que sabe tanto,
venha sommar esta conta.

Com sangue de minhas veias
eu mandei-te uma cartinha;
com o sangue de teu odio
mandaste resposta á minha.

Se o casar fosse tão bom
no fim como é no começo,
eu pediria a meu pae
que me casasse no berço.

Menina dos olhos grandes,
olhos grandes como o mar,
não me olhes com teus olhos
para eu não me afogar.

A açucena quando nasce,
vem abrindo, vem fechando;
meu amor quando me enxerga,
vem todo se requebrando.

Mangericão douradinho,
douradinho até ao pé,
o meu coração é teu
o teu não sei de quem é.

Eu queria, ella queria,
eu pedia, ella não dava;
eu chegava, ella fugia,
eu fugia, ella chorava.

Mandei fazer um barquinho
da casca do camarão,
para levar o meu bem
de Santos a Cubatão.

Eu vi Cupido montado
no seu cavallo picaço,
de bolas e atirador
de faca, rebenque e laço.

Mulatinha, se eu pudera
formar do mundo um altar,
n'elle te collocaria
para o povo te adorar.

Vae-te carta venturosa,
vae vér a quem quero bem,
diga-lhe que eu fico chorando
por não poder ir tambem.

Negro preto, côr da noite,
cabello de pichahim,
pelo amor de Deus te peço,
negro, não olhes p'ra mim.

O tatú me foi á roça,
toda a roça me comeu,
plante roça quem quizer,
que o tatú quero ser eu.

Tens os dentes tão miudos
como pedrinhas di *sá*,
tens a falla deliciosa
para mais penas mi *dá*.

Dizem que a mulher é falsa,
tão falsa como um *papé*,
mas quem vendeu Jesus Christo,
foi homem, não foi *mulhé*.

Meu amor é uma lage
que está no meio do mar;
dâ-lhe o vento, dão-lhe as ondas,
não se move do logar.

Ba'atinha quando nasce
deita rama pelo chão;
mulatinha quando deita
bota a mão no coração.

Fui soldado, sentei praça
no regimento do amor;
como sentei por meu gosto
não posso ser desertor.

Coração, arriba, arriba,
onde não puder, descança,
que não ha maior allivio
que seja de uma esperança.

Tudo que nasce no mundo
tem seu fim particular:
tudo nasce com destino
eu nasci para te amar.

Eu te vi e tu me viste,
tu me amaste, eu te amei;
qual de nós amou primeiro
nem tu sabes, nem eu sei.

Não sei se vá ou se fique,
não sei se fique ou se vá;
indo lá não fico aqui,
ficando aqui não vou lá.

No sertão de Cariripe
havia um sapo casado,
na secca de vinte e cinco
quasi que morre torrado.

Pescador que andas pescando
lá para as bandas do sul,
pescador, vê se me pescas
a moça do lenço azul.

Meu Sam Benedicto
é santo de preto
elle bebe garapa,
elle ronca no peito.

Meu Sam Benedicto
eu venho-lhe pedir
pelo amor de Deus
para tocar *cucunbi*.¹

Meu Sam Benedicto
foi do mar que vieste;
domingo chegaste,
que milagre fizeste !
fogo de terra,
fogo do mar;
que a nossa Rainha
nos ha de ajudar.

«E' curiosa, diz o sr. Felix Ferreira, e parece não ter sido ainda estudada no Brazil, a mestiçagem das tres raças—portugueza, indigena e africana—e comparadas entre si; o que aliás é materia muito interessante para a anthropologia. A raça negra e branca produziu o — mulato —, o mestiço mais commum do Brazil e que fórma justamente um dos elementos mais poderosos da mentalidade brasileira; a raça indigena e branca produziu o — caboclo —, o mestiço, menos vulgar e tambem o menos intelligente, mas em compensação mais robusto e mais consentaneo com as agruras da vida campestre. O mulato adheriu inteiramente á vida civilisada, e da sua origem africana apenas con-

¹ Instrumento africano.

Eu como cravo me abro,
tu como rosa te fechas,
eu como amante te busco,
tu como ingrata me deixas.

O amor entra pelos olhos,
vae ao peito direitinho,
se não acha resistencia
vae seguindo o seu caminho.

Menina, minha menina,
gosto muito de teu serio,
parece que recebestes
a corôa do imperio.

Quando te fores embora
me escrevas do caminho,
se não tiveres papel
nas azas de um passarinho.

Da bocca faço tinteiro,
da lingua penna aparada,
dos dentes letra miuda
dos olhos carta fechada.

Laranjeira da fortuna
que só duas laranjas deu,
uma que cahiu no chão,
outra que meu bem comeu.

Você me chamou de feio,
eu tambem digo que sim;
lá em casa havia um feio
que pegou feiura em mim.

O bicho pediu sertão,
o peixe pediu fundura;
o homem pediu riqueza,
a mulher a formosura.

Esta these que o sr. Felix Ferreira aventa de passagem, e que bem desejariamos que elle desenvolvesse, é talvez o ponto de partida para a descoberta de um quarto elemento que, se não tem actuado, ha de ainda actuar no desenvolvimento da litteratura brasileira. O caboclo, esse filho das raças conquistadora e conquistada, vivendo nas proximidades ou mesmo no meio dos bosques e confundindo em sua memoria as reminiscencias e tradições indianas com as noções embryonarias da nossa civilisação, fluctuando entre o passado que se perde na noite dos tempos e um presente que não comprehende bem; em face da natureza, e entregue, sobretudo no norte, á industria pastoril, devia exercer o sentimento poetico que germinava em seu espirito, applicando-o á sua vida nomada, que constitue o seu mundo. Creou os *romances* e *xacaras* dos vaqueiros ou pastores, entre as quaes se destacam o *Rabicho da Geralda*, a *Vaca do Burel* e outras composições em que os filhos dos bosques, seguindo a senda que lhes traçaram os seus maiores, cantam a apotheose do touro e do cavallo, como os indigenas puros cantaram a anta e o jabuty.

Apesar de muito conhecidos, não podemos deixar de transcrever aqui alguns d'esses poemetos que são os melhores documentos da originalidade da poesia brasileira.¹

¹ As historias da litteratura brasileira que possuimos, diz o sr. Felix Ferreira, são por demais incompletas, pois nem aquel-

Eis aqui o *Rabicho da Geralda* conforme José de Alencar o recolheu na provincia da Ceará:

O Rabicho da Geralda

I

Eu fui o liso Rabicho,
boi de fama conhecido;
nunca houve n'este mundo
outro boi tão destemido.
Minha fama era tão grande
que enchia todo o sertão,
vinham de longe vaqueiros
p'ra me botarem no chão.
Ainda eu era bezerro
quando fugi do curral
e ganhei o mundo grande
correndo no bamburral.
Onze annos eu andei
pelos catingaes fugido;
minha senhora Geralda
já me tinha por perdido.
Morava em cima da serra
onde ninguem me avistava,
só sabiam que era vivo
pelo rastro que deixava.
Sahi um dia a pastar
pela malhada do Christo
onde por minha desgraça
d'um caboclinho fui visto.

les que, como o sr. Norberto de Sousa e Silva a bosquejaram, nem os que como Fernandes Pinheiro a escreveram detalhadamente, trataram da poesia popular, e dos seus elementos constitutivos, das transplantações portuguezas do reino e das ilhas da Madeira e dos Açores, das tradições indigenas e das degenerescencias africanas. Sem o estudo d'esses elementos não ha historia da nossa litteratura possivel.

não só lançaram os fundamentos da historia d'esta parte da America, mas tambem deram á publicidade as primeiras impressões que esta natureza gigante produziu no espirito culto do luso-europeu.

O primeiro documento historico referente á descoberta, como querem uns, ou encontro como pretendem outros, do Brazil por Pedro Alvares Cabral, é a carta de Pedro Vaz de Caminha, escrivão da feitoria da casa da India, que vinha a bordo de um dos navios commandados por Cabral.

«Esta carta escripta a el-rei D. Manuel a respeito da descoberta do Brazil, diz Felix Ferreira na sua *Bibliographia historica*,¹ existiu por mais de tres seculos ignorada na Torre do Tombo, em Lisboa, até que o padre Manuel Ayres do Casal a publicou no tomo I da sua *Chorographia Brazili-ca*,² em 1817, conforme uma cópia que encontrou no Archivo de Marinha, do Rio de Janeiro.³ Em 1821 Ferdinand Denis traduziu-a para o francez e publicou-a nos *Annales des voyages* de Vernem; em 1828 D'Offers trasladou-a para o allemão, inserindo-a nas paginas do tomo II do *Feldner's reisendurch brasilien* e Alexandre Humboldt commentou-a favoravelmente na sua historia de geographia do novo mundo.

«A carta de Vaz de Caminha, pela ordem chro-

¹ Inedita.

² Imprensa Regia, Rio de Janeiro. 2 vol.

³ Depois d'elle sahio no tomo IV da *Collecção de noticias para a historia das nações ultramarinas*. Lisboa, 7 vol.

Todos tres muito contentes
trataram de me seguir,
consumiram todo o dia
e á noite foram dormir.
No fim de uma semana
voltaram mortos de fome,
dizendo: «O bicho senhores
não é boi; é lobishome.»

II

Outro dia que eu malhei
perto d'uma ribanceira,
ao longe vi o Cherem
com seu amigo Moreira.
Arranquei logo d'ahi
em procura de um fechado;
juntou atraz o Moreira
correndo como um damnado.
Mas logo adeante esbarrei
escutando um zoadão;
Moreira se despenhou
no fundo de um barroco:
—Corre, corre, boi malvado,
não quero saber de ti,
já me basta a minha faca
e a espora que perdi.
Alevantou-se o Moreira
juntando todo o seu trem,
e gritou que lhe acudisse
ao seu amigo Cherem.
Corre a elle o Cherem
com muita resolução:
—Não se engane, sô Moreira,
que o Rabicho é tormentão.
—Ora deixe-me, Cherem;
vou mais quente que uma brasa.

Seguiram pela vereda
e lá foram ter a casa.

III

Resolveram-se a chamar
de Pajeú um vaqueiro;
d'entre todos que lá tinha
era o maior catingueiro.
Chamava-se Ignacio Gomes,
era um cabra coriboca,
de nariz achamurrado,
tinha cara de pipoca.
Antes que de lá sahisse
amolou o seu ferrão:
—Onde encontrar o Rabicho
d'um tópe o boto no chão.
Quando esse cabra chegou
na fazenda da Gruixaba,
foi todo o mundo dizendo:
Agora o Rabicho acaba.
—Senhores, eu aqui estou,
mas não conheço dos pastos:
só quero me dêem um guia
que venha mostrar-me os rastos.
Que eu não preciso de o ver
para pegar o seu boi;
basta-me só ver-lhe o rasto
de tres dias que se foi.

IV

De manhã logo mui cedo
fui á malhada do Christo,
em antes que visse o cabra
já elle me tinha visto.
Encontrei-me cara a cara
com o cabra topetudo;

não sei como n'esse dia
ali não acabou tudo.
Foi uma carreira feia
para a serra da Chapada
quando eu cuidei era tarde,
tinha o cabra na rabada.

—Corra, corra, camarada,
puxe bem pela memoria;
quando eu vim da minha terra
não foi p'ra contar historia.
Tinha adeante um pau cahido
na descida de um riacho;
o cabra saltou por cima,
o russo passou por baixo.

—Puxe bem pela memoria
corra, corra, camarada;
quando eu vim da minha terra
não vim cá dar barrigada.
O guia da contra-banda
ia gritando tambem:

—Veja que eu não sou Moreira,
nem seu amigo Cherem.

Apertei mais a carreira
fui passar no boqueirão:
o russo rolou no fundo,
o cabra pulou no chão.
N'esta passagem dei linha,
descancei meu coração,
que não era d'esta feita
que o Rabicho ia ao moirão.

O cabra desfigurado
lá foi ter ao carrapicho:

—Seja bem apparecido,
dá-me novas do Rabicho?

—Senhores, o boi eu vi,
o mesmo foi que não ver,
pois como este excommungado
nunca vi um boi correr.

Tornou-lhe o Goes n'este tom:
—Desengane-se co'o bicho;
pelos olhos se conhece
quem dá volta no Rabicho.
Esse boi, é escusado,
não ha quem lhe tire o fel;
ou elle morre de velho,
ou de cobra cascavel.

V

Veiu aquella grande sécca
de todos tão conhecida;
e logo vi que era o caso
de despedir-me da vida.
Seccaram-se os olhos d'agua
onde eu sempre ia beber,
botei-me no mundo grande,
logo disposto a morrer.
Segui por uma vereda
até dar n'um cacimbão,
matei a sede que tinha,
refresquei o coração.
Quando quiz tomar assumpto
tinham fechado a porteira;
achei-me n'uma gangorra
onde não vale carreira.
Corri os quatro cantos;
tornei a voltar a traz,
mas toda a minha derrota
foi o diabo do rapaz.
Correu logo para casa
e gritou aforçurado:
—Gentes, venham depressa
que o Rabicho está pegado.
Trouxeram tres bacamartes,
cada qual mais desalmado;

rante treze annos, e suas tendencias mysticas e asceticas, prejudicaram por certo e muito, a sua originalidade; mas deram-lhe ao mesmo tempo esse character serio, contemplativo e religioso que forma o fundo das suas composições, e que retrata perfeitamente a delicadeza da sua alma, bem como os sermões recolhidos depois da sua morte, por frei João de Santa Maria, patenteiam a pureza do seu estylo, vastissima erudição e acrisolada piedade. Suas obras emfim, passaram á posteridade como uma nota doce, vibrante, harmoniosa e reflexiva, seja-me permittida a phrase, — involtas em uma athmosphera de sentimento e idealismo, que lhes dão um encanto indefinivel.

Gregorio de Mattos, mais celebre indubitavelmente como poeta, originalissimo em suas concepções, caustico como poucos, de um caracter um tanto leviano e essencialmente satyrico, é mais popular, ainda que menos apreciado pelo publico do que seu irmão Eusebio, em razão das poucas composições suas que andavam impressas e essas mesmas em grande parte alteradas. Hoje felizmente já existe um bom volume impresso d'essas composições, graças ás diligencias do infatigavel operario das lettras o sr. Valle Cabral. Pena é que o digno editor de Gregorio de Mattos, por um mal entendido escrupulo, truncasse os versos do eminente satyrico, supprimindo palavras e ás vezes até versos inteiros, por obscenos ou menos delicados aos bons ouvidos.

Gregorio de Mattos, póde-se dizer, foi o Ovidio

brazileiro. Sua vida era a satyra, Quevedo o seu mais apreciado modelo. Seus contemporaneos denominavam-no *Bocca do inferno*. O desejo de fazer rir levava-o a sacrificar até o seu melhor amigo; amigos, inimigos, proceres, sacerdotes, todos cahiam debaixo de suas violencias e de seus ataques, não escapando os seus proprios clientes, aos quaes por outra parte defendia paladinamente no fóro. Similhante procedimento acarretou-lhe, como era de prever, grandes infortunios, alheando-lhe todas as amizades, reduzindo-o por ultimo, apezar da erudição e aptidões que tinha para a advocacia, á mais lamentavel indigencia.

A sua despedida da Universidade de Coimbra, que não podemos furtar-nos ao desejo de aqui inserir, revela o poeta satyrico na plenitude do seu character e com todos os seus defeitos, e tambem com toda a sua graça e originalidade, retratando ao mesmo tempo a vida do estudante d'aquella época.

Adeus Coimbra inimiga
dos mais honrados madrasta,
que eu me vou para outra terra
onde vivo mais á larga.

Adeus prolixas escólas,
com reitor, meirinho e guarda,
lentes, bedeis, secretario,
que tudo sommado é nada.

Adeus famulo importuno,
ladrão publico de estrada,
adeus: comi d'esses fructos,
que a bolsa está já acabada.

Adeus ama mal soffrida,
que se a paga vos tardava,
furtaveis sem consciencia,
meios de carneiro e vacca.

Adeus amigos livreiros,
com quem não gastei pataca,
no discurso de sete annos,
de tantas carrancas cara.

Era já Gregorio de Mattos tão conhecido por essa época d'estudante, que o desembargador Belchior da Cunha Brochado referindo-se a elle, escrevia a uns amigos de Lisboa: «Anda aqui um brasileiro tão refinado na satyra, que com suas imagens e tropos, parece que baila Momo ás cançonetas de Appollo.»

Além d'isso a sua fama como letrado era tal, que sendo nomeado juiz do crime de um dos districtos de Lisboa e curador dos orphãos e ausentes, mereceu por essa nomeação os applausos de todos; e até o celebre jurisconsulto Pégas cita seus juizos e sentenças como exemplos de bôa sciencia juridica.

Se não fosse o espirito satyrico que constituia a sua entidade, Gregorio de Mattos teria chegado a occupar os mais elevados cargos na magistratura e até mesmo no governo do Estado; porém elle preferia uma gargalhada do publico a uma poltrona de ministro, e por isso viveu fazendo rir os seus contemporaneos a troco da sua ventura e tranquillidade.

Não se julgue por isto que Gregorio de Mattos era um homem sem sentimentos nem delicadeza; não. O sentimento da honra e da rectidão era-lhe innato, e foi esse sentir que tanto o elevava a seus proprios olhos, que o fez volver á patria depois de trinta e cinco annos de ausencia. Eis como se passou este facto não menos importante de sua vida, tal como o narra Ferdinand Wolf em seu *Brésil Littéraire*, a quem estamos seguindo n'este ponto.

Depois de haver contribuido com todas as suas forças para a subida ao throno portuguez de D. Pedro II, e tendo-lhe promettido este principe o primeiro logar que vagasse no Supremo Tribunal de Justiça, com a condição de ir elle antes ao Rio de Janeiro na qualidade de commissario real para examinar a administração do governador D. Salvador de Sá e Benevides, o nosso poeta negou-se a acceitar essa incumbencia, comprehendendo que o que queria a côrte, era justificar-se por seu meio das perseguições que projectava contra aquelle magistrado, partidario acerrimo do principe D. Affonso, a quem seu irmão D. Pedro roubára o throno e a mulher. Esta negativa, que tanto honra o character de Gregorio de Mattos, custou-lhe as boas graças reaes que desde então perdeu para sempre.

Vendo que nada mais podia fazer em Portugal, volveu á sua provincia, onde desembarcou em 1679, levando, não obstante, a nomeação de vigário geral e primeiro thesoureiro da cathedral bahiana, cujos encargos o obrigaram a tomar, como effecti-

para se passar marotos ¹
do Brazil para Lisboa.
Os chifres do Boi-Espacio
d'elles fizeram colher
para temperar banquetes
das moças de Patamuté.²
Os olhos do Boi-Espacio
d'elles fizeram botão
para pregar nas casacas
dos moços lá do sertão.
Costellas do Boi-Espacio
d'ellas se fez cavador
para se cavar cacimbas;
de duras não se quebrou.
O sangue do Boi-Espacio
era de tanta excepção
que afogou a tres vaqueiros
todos tres de opinião.
Canellas do Boi-Espacio
d'ellas se fizera mão
para se pizar o milho
da gente lá do sertão.
E da pá do Boi-Espacio
d'ella se fez tamborete
para mandar de presente
a nosso amigo Cadete.
Do rabo do Boi-Espacio
d'elle fizeram bastão
para as velhas lá de cima
andar com elle na mão.

¹ Isto indica, pelo menos, que esta parte do *Boi-Espacio* é contemporanea das luctas da Independencia.

² Sertão da provincia da Bahia.

peito, bastando-nos aqui dizer, que afinal, sendo-lhe permitido por D. Caetano de Mello e Castro, governador de Pernambuco, residir n'esta capitania, e tendo o mesmo governador pedido ao poeta, pelo muito que lhe queria, que não tornasse a fazer versos satyricos e deixasse escoar tranquillamente os dias que lhe restavam, passando um dia Gregorio de Mattos por um logar onde brigavam assanhadamente duas mulatas, descompondo-se indecentemente, começou o poeta a gritar com quant a força tinha: «Aqui d'el-rei! contra o sr. D. Caetano de Mello!» Perguntando-se-lhe porque assim gritava, respondeu: que era por lhe prohibir D. Caetano de fazer versos, quando se lhe deparavam taes assumptos.

Debilidado por tão largos desterros, abatido por tão frequentes ostracismos, os ultimos annos da sua vida, e suas ultimas poesias são como que um murmurio de arrependimento, um éco que pouco a pouco se ia extinguindo, um gemido d'alma lacerada, que invoca o Creador e lhe pede um olhar de misericordia; ultimo balbuciar de um engenho fecundissimo, que com menos aspereza e mais cuidado na fórmula e na linguagem, teria alcançado muito maior gloria e nomeada.

Eis um dos seus ultimos sonetos:

Estando para morrer

Pequei, Senhor: mas não porque hei peccado,
da vossa alta piedade me despido:
antes quanto mais tenho delinquido,
vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto peccado,
abrandar-vos sobeja um só gemido:
que a mesma culpa, que vos ha offendido,
vos tem para o perdão lisongead.

Se uma ovelha perdida, já cobrada,
gloria tal, e prazer tão repentino
vos deu, como affirmaes na sacra historia:

Eu sou, Senhor, ovelha dasgarrada;
cobrae-a, e não queiraes Pastor Divino,
perder na vossa ovelha a vossa gloria.

Morreu finalmente em 1696 contando 73 annos de idade. As pomposas exequias que lhe fizeram, demonstraram evidentemente em que alto apreço o tinham seus contemporaneos, apreço que se apresentou a toda a clara luz do dia, desde que não tiveram mais que temer a sua penna. Seus despojos repousam na egreja da Penha em Pernambuco, e não ha amante da poesia, que ao visitar o seu tumulo não murmure uma prece por esse grande poeta, extraviado da senda do bem, mas que ainda assim foi o restaurador do decassylabo portuguez, o poeta emfim, que assombrou os seus contemporaneos com a sua extraordinaria fecundidade, cujas composições são verdadeiros thesouros de graça e originalidade.

Veja-se por exemplo o seguinte soneto, que Varnhagen cita como uma das composições mais características do poeta, e que indubitavelmente por si só basta para retratar de uma maneira indelevel o genio de Gregorio de Mattos:

meu cavallo já cançou,
é que a coisa não está boa.
Tenho corrido muito gado,
novilhote e barbatão,
nos carrascos e restinga;
agora fiquei logrado
no centro d'este sertão.
Bota o cavallo, Velloso,
quero ver como se espicha,
se ainda torna a escapar
a malvada *lagartixa*.

Logo ao chegar ao riacho
a *lagartixa* os' cegou;
como a noite era escura
Miguel e Velloso voltou.
Encontraram Miguel e Velloso
com o tal do João Bernardo:
pergunta pela *lagartixa*
responderam:—Estou logrado!
O João Bernardo e Miguel
o Grinalda e o Leão,
Ventania e o Velloso
tomaram para o boqueirão.¹
Logo ao entrar a gurgueia
encontram Pedro Preguiça,
e já lhe vão perguntando
se não vira *lagartixa*.

—Encontrei n'uma *maiáda*
tres rezes brancas, uma lavrada,
tres castanhas requemadas,
e uma rouxinol disfarçada.
—O signal d'esta vaquinha?
—Cara branca punaré,²

¹ Baixa ou valle profundo.

² Branco amarellado.

traz o ferro do Burel,
não tem canda, é cochê.¹
E' cega, só tem um chifre,
muito esperta e arisca
são estes todos signaes
da afamada *lagartixa*.
—Ora se é esta a famanaz
que tanto susurro tem feito !
para pegar esta vaquinha
é bastante o meu Mosquete.²
Ora, vamos todos sete
lá mais perto da *maiáda*;
quando passei o campestre
vi uma vez lá deitada.
Affrouxa a rédea, caboclo
encosta a espora, Preguiça,
quero ver a tua fama
com a tyranna *lagartixa*,
vae tomando mais alento;
que o meu rucilho não corre,
já me vôa como vento.
Todo o gado adeante corre,
não a quero perder de vista;
hei de mostrar meu talento
à vaqueirada de crista.
João Bernardo não sabe
que meu cavallo é de cubiça;
como eu posso ser logrado
por esta pobre *lagartixa*?
—Aqui mesmo no carrasco
muitas famas tem ficado;
no atravessar o riacho
has de ficar arriado.

¹ Manca.

² Cavallo pequeno e corredor.

lou em collocar Botelho d'Oliveira entre os classicos portuguezes, pagando assim um tributo ao estudo serio e acurado que elle tinha do idioma patrio e que se revela na mais simples das suas composições.

✓ Alem da pureza da linguagem, seus escriptos tornaram-se tambem notaveis pelo profundo sentimento do americanismo que n'elle imperava, sentimento que se não poudo extinguir, nem com a sua permanencia na Europa, nem com a vida que lá teve, de estudante, e que se desprende de suas composições como um effluvio do deserto, como uma emanação dos bosques virgens, ou como uma reverberação apenas presentida, senão como a manifestação potente e soberana de sua independencia perfeitamente sentida, que o obrigou a publicar as suas poesias, mais para honra e gloria do seu paiz, do que pela sua propria, e que devia guiar a sua penna indubitavelmente no dia em que escreveu a *Ilha da Maré*.¹

Eis como se expressa o auctor em uma das passagens da dedicatoria de suas poesias.

«N'esta America, inculta habitação antigamente de barbaros indios, mal se podia esperar que as musas se fizessem brazileiras; comtudo quizeram tambem passar-se a este emporio, onde, como a doçura do assucar é tão sympathica com a suavidade de seu canto, acharam muitos engenhos que imitando os poetas de Italia e Hespanha, se ap-

¹ Vide *Ensaio bibliographico*, xviii.

plicassem a tão discreto entretenimento, para que se não queixasse esta ultima parte do mundo, que assim como Appollo lhe communica os raios para os dias, lhe negasse as luzes para os entendimentos. Ao meu, posto que inferior aos de que é tão fertil este paiz, dictaram as musas as presentes rimas, que me resolvi expôr á publicidade de todos, para ao menos ser o primeiro filho do Brazil, que faça publica a suavidade de motro; já que o não sou em merecer outros maiores créditos na poesia.»

✓O primeiro verso em tupy do padre Anchieta foi a primeira vibração da litteratura brasileira; a impressão das poesias de Manoel Botelho d'Oliveira, a primeira pedra do edificio intellectual que tantos e tão preclaros varões haviam de levantar bem alto. Gloria ao poeta que lançou essa pedra angular, gloria ao filho dos tropicos cujas rimas por pouco inspiradas que sejam, cantaram a paz do mundo, as extraordinarias bellezas do paiz que o viu nascer, éco precursor de uma nova patria, que fluctuava como um sonho embryonario na sua consciencia!

Não eram só os escriptores brasileiros que temos citado, os que floresciaam por esses tempos ainda vacillantes do futuro d'este paiz. Outros havia e bastantes, como: Gonçalo da Franca,¹ Mar-

¹ Nasceu na capitania do Espirito Santo em 1632. E' tudo quanto se sabe a respeito da sua vida.

Firmado na auctoridade do sr. conselheiro João Manoel Pereira da Silva, sabemos que Gonçalo Soares da Franca ou da Franca foi um grande latinista e poeta, e como tal compoz um

SOL POSTO

(Sergipe)

Quando rompe o claro dia,
magino¹ na triste tarde;
lembro² de quem anda ausente,
redobra maior saudade.

Cresce o dia, o sol aponta,
põe-se em pino e vae-se a aurora;
eu certifico a lembrança,
magino eu quem foi-se embora.

Sol posto que vive ausente,
amor do meu coração,
leva-me longe da vista,
porém do sentido³ não.

Sol posto, que vive ausente,
teu amor não se acabou;
inda agora está mais firme
do que quando começou.

Tudo quanto é verde, sécca,
agua corrente se acaba;
amor firme não se deixa,
quem ama nunca se enfada.

Eu tenho meu arco e flecha

(Rio de Janeiro)

Eu tenho meu arco e flecha
p'ra matar meu passarinho.
O sol na nuvem escureceu;
no mesmo instante clareou.

¹ Imagino, penso.

² Lembra-me.

³ Ideia.

Christovão da Madre de Deus,¹ Diogo Garção Tinoco e João Alvares de Sousa, cujas obras se extraviaram certamente por falta de importancia litteraria, escapando do olvido a *Constancia em triumpho* de José Borges de Barros, o *Progymnasio litterario* de João Alvares Soares e o *Descobrimento das Esmeraldas* de Garção Tinoco; mas d'este conjunto de nomes, assim como dos escriptores que temos analysado ainda que succintamente, se deprehende o desenvolvimento, o progresso e a transformação que tinha experimentado a poesia brasileira no seculo XVII.

A par da poesia cultivava-se com egual, senão maior brilhantismo a prosa dos chronistas, que de involta com a historia particular de suas instituições religiosas, iam accumulando subsidios para a historia geral do Brazil. A invasão e guerra dos hollandezes despertou com mais vigor o amor á historia, e trabalhos especiaes se escreveram então,

¹ Frei Christovão da Madre de Deus Luz. Segundo as investigações e deducções de Macedo, nasceu este brasileiro illustre na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, viveu e morreu em pleno seculo XVII.

Recebeu o habito de S. Francisco na provincia de Santo Antonio do Brazil, foi por vezes guardião e defnidor, e um dos dois procuradores geraes que foram a Lisboa sollicitar a erecção da provincia da Immaculada Conceição, o que conseguiram por um breve do papa Innocencio X, em 16 de junho de 1675.

Frei Christovão voltando ao Brazil, occupou por duas vezes os logares de provincial e visitador da sua ordem, e foi tambem por muitos annos commissario do Santo Officio.

Barbosa Machado eleva muito os seus creditos intellectuaes e dá noticia de alguns trabalhos litterarios de Frei Christovão que se conservavam ineditos.

*Bateu aza, foi-se embora,
Mandô saiará,
Deixou a penna no ninho.
Mandô sarará.*

Finalmente, antes de continuar o estudo pela ordem chronologica dos poetas e escriptores brasileiros, que por um momento interrompemos, fechemos este parenthesis inserindo algumas quadras essencialmente nacionaes, cheias de imagens e de pensamentos, as quaes revelam melhor que quanto pudessemos dizer, a indole d'este povo poeta, impressionavel e sonhador, que á semilhança do povo andaluz e italiano, canta seus amores, seus pezares e suas alegrias em notas tão doces, tão sonoras e algumas vezes tão magestosas, que é impossivel deixar de admirar-o.

Com pena peguei na penna,
com penna para te escrever,
a penna cahiu da mão
com pena de não te ver.

Do pinheiro nasce a pinha,
da pinha nasce o pinhão,
da mulher nasce a firmeza,
do homem a ingratição.

Olhos pretos, olhos pardos,
olhos azues soberanos,
estas tres castas de olhos
para mim foram tyrannos.

Se vires a garça branca
pelos ares ir voando,
dirás que são os meus olhos
que te vão acompanhando.

Quatrocentos guardanapos
seis vintens em cada ponta,
você diz que sabe tanto,
venha sommar esta conta.

Com sangue de minhas veias
eu mandei-te uma cartinha;
com o sangue de teu odio
mandaste resposta á minha.

Se o casar fosse tão bom
no fim como é no começo,
eu pediria a meu pae
que me casasse no berço.

Menina dos olhos grandes,
olhos grandes como o mar,
não me olhes com teus olhos
para eu não me afogar.

A açucena quando nasce,
vem abrindo, vem fechando;
meu amor quando me enxerga,
vem todo se requebrando.

Mangericão douradinho,
douradinho até ao pé,
o meu coração é teu
o teu não sei de quem é.

Eu queria, ella queria,
eu pedia, ella não dava;
eu chegava, ella fugia,
eu fugia, ella chorava.

Mandei fazer um barquinho
da casca do camarão,
para levar o meu bem
de Santos a Cubatão.

Eu vi Cupido montado
no seu cavallo picaço,
de bolas e atirador
de faca, rebenque e laço.

Mulatinha, se eu pudera
formar do mundo um altar,
n'elle te collocaria
para o povo te adorar.

Vae-te carta venturosa,
vae vér a quem quero bem,
diga-lhe que eu fico chorando
por não poder ir tambem.

Negro preto, côr da noite,
cabello de pichahim,
pelo amor de Deus te peço,
negro, não olhes p'ra mim.

O tatú me foi á roça,
toda a roça me comeu,
plante roça quem quizer,
que o tatú quero ser eu.

Tens os dentes tão miudos
como pedrinhas di *sá*,
tens a falla deliciosa
para mais penas mi *dá*.

Dizem que a mulher é falsa,
tão falsa como um *papé*,
mas quem vendeu Jesus Christo,
foi homem, não foi *mulhé*.

Meu amor é uma lage
que está no meio do mar;
dá-lhe o vento, dão-lhe as ondas,
não se move do logar.

Batatinha quando nasce
deita rama pelo chão;
mulatinha quando deita
bota a mão no coração.

Fui soldado, sentei praça
no regimento do amor;
como sentei por meu gosto
não posso ser desertor.

Coração, arriba, arriba,
onde não puder, descança,
que não ha maior allivio
que seja de uma esperança.

Tudo que nasce no mundo
tem seu fim particular:
tudo nasce com destino
eu nasci para te amar.

Eu te vi e tu me viste,
tu me amaste, eu te amei;
qual de nós amou primeiro
nem tu sabes, nem eu sei.

Não sei se vá ou se fique,
não sei se fique ou se vá;
indo lá não fico aqui,
ficando aqui não vou lá.

No sertão de Cariripe
havia um sapo casado,
na secca de vinte e cinco
quasi que morre torrado.

Pescador que andas pescando
lá para as bandas do sul,
pescador, vê se me pescas
a moça do lenço azul.

Jurastes, jurei, jurámos,
jurámos, jurei, jurastes,
quebrastes, quebrei, quebrámos,
quebrámos, quebrei, quebrastes.

Puz-me a pesar pedrinhas
no deserto em que vivi,
mais pesavam minhas penas
do que quantas pedras vi.

Menina, minha menina,
põe a mão nas sobancelhas,
que do ceu te estão cahindo
rosas brancas e vermelhas.

De Minas Geraes—o ouro,
de Montevideu—a prata,
de Portugal—a rainha,
do Rio Grande—a mulata.

Menina, esses teus olhos
são confeitos, não se vendem;
são balas com que me matas
correntes com que me prendem.

Com o prado, com as flôres
comparo minha ventura,
o prado porque floresce
a flôr porque pouco dura.

Quer o rico, quer o pobre,
todos tem seu amorinho;
o rico com seu dinheiro
o pobre com seu carinho.

A cachaça é meu parente,
o vinho é meu primo-irmão;
não ha função nenhuma
que meus parentes não vão.

Eu como cravo me abro,
tu como rosa te fechas,
eu como amante te busco,
tu como ingrata me deixas.

O amor entra pelos olhos,
vae ao peito direitinho,
se não acha resistencia
vae seguindo o seu caminho.

Menina, minha menina,
gosto muito de teu serio,
parece que recebestes
a corôa do imperio.

Quando te fores embora
me escrevas do caminho,
se não tiveres papel
nas azas de um passarinho.

Da bocca faço tinteiro,
da lingua penna aparada,
dos dentes letra miuda
dos olhos carta fechada.

Laranjeira da fortuna
que só duas laranjas deu,
uma que cahiu no chão,
outra que meu bem comeu.

Você me chamou de feio,
eu tambem digo que sim;
lá em casa havia um feio
que pegou feiura em mim.

O bicho pediu sertão,
o peixe pediu fundura;
o homem pediu riqueza,
a mulher a formosura.

Se nasceste no Ponto ou Libia ardente,
se no Pindaro viste a aura primeira,
se nos Alpes ou Etna comburente
principio houveste na vital carreira,
nunca queiras, leitor, ser delinquente,
negando a tua patria verdadeira;
que assim mostras herdaste venturoso
animo heroico, peito generoso.

Musa que no florido de meus annos
teu furor tantas vezes me inspiraste,
e na idade em que vem os desenganos,
tambem sempre fiel me acompanhaste!
Tu, que influxos repartes soberanos
d'esse monte Helicon, que já pizaste,
agora me concede o que te peço,
para seguir seguro o que começo.

Em o Brazil, provincia desejada
pelo metal luzente, que em si cria,
que antigamente descoberta e achada
foi de Cabral, que os mares discorria,
perto donde está hoje situada
a opulenta e illustrada Bahia,
jaz a ilha chamada Itaparica,
a qual no nome tem tambem ser rica.

Até aqui musa: não me é permittido
que passe mais ávante a veloz penna,
a minha patria tenho definido
com esta descripção breve e pequena;
e se o tel-a tão pouco engrandecido,
não me louva, mas antes me condemna,
não usei termos de poeta experto,
fui historiador em tudo certo.

que limita o quadro da sua existencia. Nas quadras riograndenses, por exemplo, sente-se o palpitante do *gaúcho* do pampa, o caboclo quasi branco, o asiático d'aquellas dilatadas campinas, o cavallo, o laço, e as bolas; a immensidade da planura, onde o homem se orienta sem bussola, alguma vez guiado pelo instincto e quasi sempre pelo costume; tudo enfim quanto constitue a vida nomada d'aquellas comarcas, e cujos contos, costumes, natureza e poesia estão dizendo aos olhos do observador, — esta é a região da industria pastoril. A mesma particularidade resalta nas demais provincias brasileiras, cujas tendencias e aptidões especiaes se reflectem em seus cantos; tendencias, aptidões e poesia que nos propomos analysar na segunda parte d'esta obra, depois de estudal-as detidamente em nossa excursão pelo Brazil.

Dito isto, volvamos aos escriptores do seculo XVI.

IV

Não póde, como já dissemos, a historia litteraria brasileira, prescindir dos primeiros chronistas da colonia, ainda que estes na maior parte sejam portuguezes de nascimento, se bem que brasileiros pela inspiração. Foram elles, póde dizer-se, que

não só lançaram os fundamentos da historia d'esta parte da America, mas tambem deram á publicidade as primeiras impressões que esta natureza gigante produziu no espirito culto do luso-europeu.

O primeiro documento historico referente á descoberta, como querem uns, ou encontro como pretendem outros, do Brazil por Pedro Alvares Cabral, é a carta de Pedro Vaz de Caminha, escrivão da feitoria da casa da India, que vinha a bordo de um dos navios commandados por Cabral.

«Esta carta escripta a el-rei D. Manuel a respeito da descoberta do Brazil, diz Felix Ferreira na sua *Bibliographia historica*,¹ existiu por mais de tres seculos ignorada na Torre do Tombo, em Lisboa, até que o padre Manuel Ayres do Casal a publicou no tomo I da sua *Chorographia Brazili-ca*,² em 1817, conforme uma cópia que encontrou no Archivo de Marinha, do Rio de Janeiro.³ Em 1821 Ferdinand Denis traduziu-a para o francez e publicou-a nos *Annales des voyages* de Vernem; em 1828 D'Offers trasladou-a para o allemão, inserindo-a nas paginas do tomo II do *Feldner's reisendurch brasilien* e Alexandre Humboldt commentou-a favoravelmente na sua historia de geographia do novo mundo.

«A carta de Vaz de Caminha, pela ordem chro-

¹ Inedita.

² Imprensa Regia, Rio de Janeiro. 2 vol.

³ Depois d'elle sahio no tomo iv da *Collecção de noticias para a historia das nações ultramarinas*. Lisboa, 7 vol.

critica bem intencionada de costumes, naturalidade das scenas, o inesperado dos accidentes, a engenhosa urdidura das intrigas, a verdade dos caracteres e a graça chispante dos dialogos, pois ninguém melhor do que elle sabia provocar a hilaridade; mas apesar de tudo isto sempre havia no fundo das suas obras o quer que fosse como emanção de calabonço, um grito de dôr arrancado pela roda do tormento, um sentido protesto contra o castigo immerecido, involto com esses vapores de sangue e de gelo que exalavam os tectos e solos d'essas horribéis prisões, como querendo destruir o mais formoso dos dons da providencia, o mais sublime dos reflexos da eternidade, o — pensamento humano —. Eis uma das recitações do *Amphitrião*, que o demonstra de uma maneira palpavel:

Sorte tyranna, estrella rigorosa,
que maligna iufluís com luz opaca,
rigor tão féro contra um innocente!
que delicto fiz eu, para que sinta
o peso d'esta asperrima cadeia,
nos horrores de um carcere penoso
em cuja triste, lugubre morada
habita a confusão, e o susto mora?
Mas se acaso, tyranna, estrella impia,
é culpa o não ter culpa, eu culpa tenho!
mas, se a culpa, que tenho, não é culpa,
para que me usurpaes com impiedade
o credito, a esposa, a liberdade?

Damos tambem a seguinte decima que pinta com uma verdade aterradora a morte na fogueira:

A morte sempre é tormento,
sendo breve é menos mal,
mas é pena sem igual,
o morrer a fogo lento.
E este modo violento,
é morte mais rigorosa;
de seu fim tarde se gosa,
sendo no muito que atura,
por dilatado mais dura
por continua mais penosa.

Ninguém como elle sentira em vida os horrores d'aquelle supplicio inhumano; ninguém como elle nos apresenta essas scenas de um modo tão palpitante, nos gritos de uma dôr profunda e insanavel. No *Pilar e a Cruz* descreve os supplicios de um modo magistral n'esta simples redondilha :

Fechada como um azar
em uma praça sem fórma,
uma horrivel plataforma
uma pyra e um altar...
Depois o povo que rugue,
um verdugo que dá fogo
um fumo que deixa cego,
e muita lenha que estruje.

Esta é a descripção do genio, um quadro em duas pinceladas com toda a pavorosa verdade do conjuncto; a decima de Antonio José é o estreme-cimento de uma victima com todos os horrores d'essa morte lenta que caminhava passo a passo para a presa, até que se apoderou d'ella; sendo

menos horrivel do que o presentimento, o espectaculo do estrugir das carnes e calcinar dos ossos, porque ao menos a victima não soffria mais.

Foi por essa época que elle compoz a sua bellissima glosa ao soneto de Camões *Alma minha gentil que te partiste*, composição inspiradissima, cheia de encanto e de sentimentalismo, que revela a delicadeza de uma alma grande e generosa, a qual foi publicada em Lisboa, na primeira parte dos *Accentos saudosos das musas portuguezas*, no anno de 1736. Sua gloria parecia haver chegado ao apogeu. Rico, feliz, casado com Leonor Maria de Carvalho em 1734, e pae de uma filha a quem adorava, vivia entre as doçuras da amisade, os applausos do publico e as venturas do lar; mas alguns malevolos e invejosos, commentando ante os sequazes da Inquisição as passagens de suas obras que podiam, quando muito, soffrer alguma correcção, alludindo ao injusto castigo que havia supportado, despertavam a ira e a soberba d'aquelles sanguinarios juizes, os quaes desde então resolveram matal-o.

Obras do judeu! Chamava o vulgo ás producções de tão peregrino engenho, muitas das quaes se encontram no primeiro volume do *Theatro comico portuguez* ou *Collecção das operas portuguezas que se representaram na casa do theatro publico no bairro alto de Lisboa*, publicadas na mesma cidade em 1744. Em vão o editor occultou o nome do auctor, indubitavelmente para não incorrer no desagrado dos inquisidores. As obras do nosso poeta desta-

tude que assumiu em defeza da liberdade dos indigenas, dão-lhe o direito de ser considerado um dos productos mais admiraveis da mentalidade brasileira, pois no Brazil cresceu, cultivou e vigorou o seu poderoso engenho, e collocado ao lado do eminente José de Anchieta, tambem como elle jesuita e catechista.

O extenso e bem elaborado artigo do conego Fernandes Pinheiro,¹ que damos em logar competente, dispensa-nos de entrar em minudencias a respeito da vida e merecimentos litterarios d'este preclaro varão, a quem tanto deve a civilização brasileira. Remettendo para lá os nossos leitores, não deixaremos tambem de lhes recommendar como trabalho mais desenvolvido e muito digno de ler-se a *Vida do Padre Vieira*, escripta pelo illustre prosador maranhense João Francisco Lisboa.²

Ao padre Antonio Vieira seguiu-se, no pulpito, o padre Antonio de Sá, natural da Bahia, discipulo e successor na cadeira de rhetorica do famoso pregador e diplomata; e que foi tido como um dos maiores oradores do seu tempo. Infelizmente o conego Fernandes Pinheiro aponta-lhe alguns defeitos que hoje o fazem desmerecer muito.³ Não

¹ Vide *Ensaio bibliographico*, ix.

² Obras completas de J. F. Lisboa, prefaciadas por A. H. Leal.

³ O sermão pregado na capella Real no dia de Cinza, justamente citado como o mais eloquente e substancioso, abunda em logares communs, trocadilhos e conceitos de refinado gongorismo. Correcta era porém a linguagem e o estylo abrilhantado de imagens vivas, nascidas de uma imaginação poetica. Seguiu

praticas de judaismo; e aquelle dia, que tão jubiloso raiára para o poeta, acabou lugubrememente nas immundas prisões do Rocio. Em vão a accusação carecia de base, pois nem a preta podia ractificar o que dissera por ter morrido de terror nos poucos dias, em que estivera encerrada na prisão a que tambem fôra recolhida; em vão depunham em favor de Antonio José e de sua familia a mais irreprehensivel conducta, a piedade mais acrisolada e constantes praticas religiosas; em vão pessoas de todas as hierarchias reconhecidas pelo seu fervor religioso intercederam por ellas; tudo foi inutil; nem os proprios bons officios, que interpoz o rei D. João V, foram bastantes para salvar o desditoso. Haviam dicidido matar aquelle homem que se atrevera a pensar sem o beneplacito inquisitorial, protestando, ainda que indirectamente, de um castigo immerecido, por elles imposto. A 19 de outubro de 1739, em uma das horriveis hecatombes com que esse nefasto tribunal atterrou a humanidade, o infeliz Antonio José pereceu em uma fogueira, deante de sua mulher e de sua mãe, que compartilharam dos seus supplicios e foram condemnadas a prisão arbitraria. Parece impossivel que taes scenas de selvageria fossem levadas ao cabo, á sombra do Evangelho, debaixo do estandarte da cruz, e ao abrigo da religião do amor, e do pendão da liberdade; parece impossivel que aquelles energumenos não comprehendessem que um homem de tanta imaginação e de tão peregrinas ideias—pois elles accusavam a constante actividade da sua intel-

ligencia—não podia professar uma religião caduca e estacionaria; mas assim era, pois a crueldade, os instinctos sanguinarios d'essa escoria humana, só são comparaveis á sua tremenda ignorancia.

Aquelle auto de fé era o penultimo que devia presenciar a capital do reino luzitano¹ e o tragico fim do desditoso Antonio José, primeiro auctor comico fluminense, foi tambem o primeiro argumento que um seculo depois devia inspirar a Gonçalves de Magalhães a primeira tragedia brasileira, que teve por interprete no papel de protagonista a mais potente faculdade artistico-dramatica que o Brazil tem produzido, João Caetano dos Santos, que deslumbra as plateias de seu tempo, e ainda hoje é o orgulho dos fluminenses. Joaquim Norberto de Sousa e Silva consagrou-lhe o segundo de seus cantos épicos denominado a *Corôa de fogo*; e finalmente ainda n'este ultimo anno de 1884 o notavel escultor brasileiro Candido Caetano d'Almeida Reis lhe modelou uma bella estatua em barro, que figurou na Exposição da Academia das Bellas Artes do Rio de Janeiro.

¹ O ultimo auto de fé teve logar em Lisboa em 1761.

rante treze annos, e suas tendencias mysticas e asceticas, prejudicaram por certo e muito, a sua originalidade; mas deram-lhe ao mesmo tempo esse character serio, contemplativo e religioso que forma o fundo das suas composições, e que retrata perfeitamente a delicadeza da sua alma, bem como os sermões recolhidos depois da sua morte, por frei João de Santa Maria, patenteiam a pureza do seu estylo, vastissima erudição e acrisolada piedade. Suas obras emfim, passaram á posteridade como uma nota doce, vibrante, harmoniosa e reflexiva, seja-me permittida a phrase, — involtas em uma athmosphera de sentimento e idealismo, que lhes dão um encanto indefinivel.

Gregorio de Mattos, mais celebre indubitavelmente como poeta, originalissimo em suas concepções, caustico como poucos, de um character um tanto leviano e essencialmente satyrico, é mais popular, ainda que menos apreciado pelo publico do que seu irmão Eusebio, em razão das poucas composições suas que andavam impressas e essas mesmas em grande parte alteradas. Hoje felizmente já existe um bom volume impresso d'essas composições, graças ás diligencias do infatigavel operario das letras o sr. Valle Cabral. Pena é que o digno editor de Gregorio de Mattos, por um mal entendido escrupulo, truncasse os versos do eminente satyrico, supprimindo palavras e ás vezes até versos inteiros, por obscenos ou menos delicados aos bons ouvidos.

Gregorio de Mattos, póde-se dizer, foi o Ovidio

brazileiro. Sua vida era a satyra, Quevedo o seu mais apreciado modelo. Seus contemporaneos denominavam-no *Bocca do inferno*. O desejo de fazer rir levava-o a sacrificar até o seu melhor amigo; amigos, inimigos, proceres, sacerdotes, todos cahiam debaixo de suas violencias e de seus ataques, não escapando os seus proprios clientes, aos quaes por outra parte defendia paladinamente no fóro. Similhante procedimento acarretou-lhe, como era de prever, grandes infortunios, alheando-lhe todas as amisades, reduzindo-o por ultimo, apezar da erudição e aptidões que tinha para a advocacia, á mais lamentavel indigencia.

A sua despedida da Universidade de Coimbra, que não podemos furtar-nos ao desejo de aqui inserir, revela o poeta satyrico na plenitude do seu character e com todos os seus defeitos, e tambem com toda a sua graça e originalidade, retratando ao mesmo tempo a vida do estudante d'aquella época.

Adeus Coimbra inimiga
dos mais honrados madраста,
que eu me vou para outra terra
onde vivo mais á larga.

Adeus prolixas escólas,
com reitor, meirinho e guarda,
lentes, bedeis, secretario,
que tudo sommado é nada.

Adeus famulo importuno,
ladrão publico de estrada,
adeus: comi d'esses fructos,
que a bolsa está já acabada.

Adeus ama mal soffrida,
que se a paga vos tardava,
furtaveis sem consciencia,
meios de carneiro e vacca.

Adeus amigos livreiros,
com quem não gastei pataca,
no discurso de sete annos,
de tantas carrancas cara.

Era já Gregorio de Mattos tão conhecido por essa época d'estudante, que o desembargador Belchior da Cunha Brochado referindo-se a elle, escrevia a uns amigos de Lisboa: «Anda aqui um brasileiro tão refinado na satyra, que com suas imagens e tropos, parece que baila Momo ás cançonetas de Appollo.»

Além d'isso a sua fama como letrado era tal, que sendo nomeado juiz do crime de um dos districtos de Lisboa e curador dos orphãos e ausentes, mereceu por essa nomeação os applausos de todos; e até o celebre jurisconsulto Pégas cita seus juizos e sentenças como exemplos de bôa sciencia juridica.

Se não fosse o espirito satyrico que constituia a sua entidade, Gregorio de Mattos teria chegado a occupar os mais elevados cargos na magistratura e até mesmo no governo do Estado; porém elle preferia uma gargalhada do publico a uma poltrona de ministro, e por isso viveu fazendo rir os seus contemporaneos a troco da sua ventura e tranquillidade.

«Erecto em principado desde 1745, só mereceu particulares cuidados na época em que deixamos apontada, e sua importancia bem apreciada ao celebrar-se o tratado de Utrecht, em 1775, no qual solemnemente se lhe pactuaram os limites com as possessões francezas e hespanholas. Só então é que inventariando suas riquezas, reconheceu Portugal que no Brazil possuia a melhor e a mais solida parte d'essas mesmas riquezas.

«Mas nem o reconhecimento de tal verdade o obrigou a prestar mais serio cuidado á cultura intellectual dos colonos luso-americanos, deixados ao acaso nos dois primeiros seculos que se seguiram ao descobrimento e conquista do paiz.

«A paz de espirito que gosavam os nossos maiores, seu natural talento foram partes para que se entregassem aos exercicios litterarios; os quaes regulando-se pelo diapasão ultramarino reproduziram os velhos moldes, com leves e insignificantes alterações.»

A paixão pelas academias e arcadias, que á guisa das italianas, se desenvolvem em Portugal, passou-se para o Brazil, fazendo com que á *Academia Brazilica dos esquecidos* succedessem: a *Academia dos felizes* fundada no Rio de Janeiro pelo dr. Mathheus Saraiva, em 1736, a qual se compunha de trinta membros e se dedicava ao estudo da botanica; a *Academia dos selectos*, consagrada exclusivamente a cantar as gentilezas do capitão-general Gomes Freire de Andrade, segundo se vê pelo pomposo titulo dado a seus trabalhos publicados

vamente tomou, ordens menores, e revestir-se da murça de conego. Assim viveu quatro annos, sem deixar de fazer versos, que era o seu principal elemento, até que o arcebispo D. João da Madre de Deus, instigado pelos numerosos inimigos do poeta, o despojou d'aquelles encargos a pretexto de que se negava a tomar ordens maiores. Isto fez com que elle volvesse á sua antiga profissão de advogado, abrindo, como se diria por aquelle tempo—banca—, com grande frequencia e não menos proveito.

Esposou por essa epoca D. Maria de Póvos, uma honestissima viuva, porém gastadora e pobre; desde então começaram as verdadeiras desditas do poeta. A miseria veio sentar-se á porta do seu lar, o que fez com que mais se lhe azedasse o espirito, e por tal modo verberasse com suas satyras amigos e inimigos, que desafiaram as mais crueis vinganças; sendo a principal a pena de desterro, que lhe foi inflingida com a prepotencia tão propria d'aquelles tempos.

Passados alguns annos, sendo governador D. João d'Alencastre, foi-lhe levantada a pena permitindo-se-lhe a volta á sua cidade natal; mas não tardou que esse mesmo governador o desterrasse novamente, até mesmo para subtrair-o a vinganças mais fataes com que o ameaçavam irreconciliaveis inimigos.

Não o seguiremos passo a passo em seu desterro, porque, na parte bibliographica d'este trabalho vão mais minuciosas informações a seu res-

peito, bastando-nos aqui dizer, que afinal, sendo-lhe permittido por D. Caetano de Mello e Castro, governador de Pernambuco, residir n'esta capitania, e tendo o mesmo governador pedido ao poeta, pelo muito que lhe queria, que não tornasse a fazer versos satyricos e deixasse escoar tranquillamente os dias que lhe restavam, passando um dia Gregorio de Mattos por um lugar onde brigavam assanhadamente duas mulatas, descompondo-se indecentemente, começou o poeta a gritar com quant a força tinha: «Aqui d'el-rei! contra o sr. D. Caetano de Mello!» Perguntando-se-lhe porque assim gritava, respondeu: que era por lhe prohibir D. Caetano de fazer versos, quando se lhe deparavam taes assumptos.

Debilitado por tão largos destêrros, abatido por tão frequentes ostracismos, os ultimos annos da sua vida, e suas ultimas poesias são como que um murmurio de arrependimento, um éco que pouco a pouco se ia extinguindo, um gemido d'alma lacerada, que invoca o Creador e lhe pede um olhar de misericordia; ultimo balbuciar de um engenho fecundissimo, que com menos aspereza e mais cuidado na fórmula e na linguagem, teria alcançado muito maior gloria e nomeada.

Eis um dos seus ultimos sonetos:

Estando para morrer

Pequei, Senhor: mas não porque hei peccado,
da vossa alta piedade me despido:
antes quanto mais tenho delinquido,
vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto peccado,
abrandar-vos sobeja um só gemido:
que a mesma culpa, que vos ha offendido,
vos tem para o perdão lisongead.

Se uma ovelha perdida, já cobrada,
gloria tal, e prazer tão repentino
vos deu, como affirmaes na sacra historia:

Eu sou, Senhor, ovelha dasgarrada:
cobrae-a, e não queiraes Pastor Divino,
perder na vossa ovelha a vossa gloria.

Morreu finalmente em 1696 contando 73 annos de idade. As pomposas exequias que lhe fizeram, demonstraram evidentemente em que alto apreço o tinham seus contemporaneos, apreço que se apresentou a toda a clara luz do dia, desde que não tiveram mais que temer a sua penna. Seus despojos repousam na egreja da Penha em Pernambuco, e não ha amante da poesia, que ao visitar o seu tumulo não murmure uma prece por esse grande poeta, extraviado da senda do bem, mas que ainda assim foi o restaurador do decassylabo portuguez, o poeta emfim, que assombrou os seus contemporaneos com a sua extraordinaria fecundidade, cujas composições são verdadeiros thesouros de graça e originalidade.

Veja-se por exemplo o seguinte soneto, que Varnhagen cita como uma das composições mais characteristics do poeta, e que indubitavelmente por si só basta para retratar de uma maneira indelevel o genio de Gregorio de Mattos:

de seus rios e com todo o valor heroico e desesperado de seus moradores, ora sacrificados sem piedade pelo egoismo dos jesuitas, ora despedaçados depois de sangrentos combates pelas hostes hespanholas e portuguezas.

Sua versificação é facil, harmoniosa, accommodada ao argumento que a motiva, com episodios interessantissimos, como a tragica morte do chefe indio Cacambo e sua noiva Lindoya, cuja narração não podemos deixar de aqui transcrever na integra, pois só a sua leitura póde dar justa ideia de seu valor litterario:

Era alta noite, e carrancudo e triste
negava o ceu envolto em pobre manto
a luz ao mundo, e murmurar se ouvia,
ao longe o rio, e menear-se o vento.
Respirava descanso a natureza.
Só na outra margem não podia emtanto
o inquieto Cacambo achar socego.
No perturbado interrompido somno,
talvez fosse illusão, se lhe apresenta
a triste imagem de Cepé despido,
pintado o rosto do temor da morte,
banhado em negro sangue, que corria
do peito aberto, e nos pisados braços
inda os signaes da misera cahida.
Sem adorno a cabeça, e aos pés calcada
a rota aljava, e as descompostas pennas.
Quanto diverso do Cepé valente,
que no meio dos nossos espal ava
de pó, de sangue, e de suor coberto,
o espanto, a morte ! E diz lhe em tristes vozes:
—Foge, fuge Cacambo. E tu descansas,
tendo tão perto os inimigos ? Torna,

Botelho d'Oliveira, querendo reivindicar para a sua patria as glorias de seus filhos, decidiu-se a publicar as suas poesias, o que fez, enviando-as para Lisboa em 1703; mas sómente appareceram impressas em 1705, na typographia de Miguel Marrescal, em um volume de 340 paginas.

Imperava por aquelle tempo a rica lingua castelhana; Gongora, a estrella rutilante do céu mental da Hespanha, era o «oraculo da poesia», como o qualifica José Maria da Costa e Silva no tomo X, pag. 68, do seu *Ensaio bibliographico-critico dos melhores poetas portuguezes*. Manoel Botelho d'Oliveira¹ não podia deixar de incorrer nas redundancias gongoricas da escôla do seu tempo. Aperfeiçoado em latim em Coimbra, conhecendo o italiano e o hespanhol perfeitamente, escreveu varias composições poeticas n'esses idiomas, entre as quaes figuram as comedias *Hay amigo para amigo*, e *Amor, enganos y zelos*, que não chegaram a representar-se, mas que constituem os primeiros ensaios da comedia hespanhola no Brazil.

Não era Manoel Botelho d'Oliveira um poeta da estatura dos irmãos Eusebio e Gregorio de Mattos, pois as suas poesias peccam pelo amaneirado em exagero do seu modelo e mestre, sem ter a valentia das concepções de Gongora; mas a sua linguagem é tão pura, tão castigada e correcta que a Academia Real das Sciencias de Lisboa não vacil-

¹ Vide *Ensaio bibliographico*, XVIII.

dous lenhos entre si desperta a chamma,
que já se atéa nas ligeiras palhas
e velozmente se propaga. Ao vento
deixa Cacambo o resto, e foge a tempo
da perigosa luz; porem na margem
do rio, quando a chamma abrasadora
começa a alumiar a noite escura,
já sentido dos guardas não se assusta,
e temeraria, e venturosamente
fiando a vida aos animosos braços,
de um alto precipicio ás negras ondas
outra vez se lançou, e foi de um salto
ao fundo rio a visitar a areia.
Debalde gritam, e debalde ás margens
corre a gente apressada. Elle entretanto
sacode as pernas, e os nervosos braços:
rompe as escumas assoprando, e a um tempo
suspendido nas mãos, voltando o rosto,
via nas aguas tremulas a imagem
do arrebatado incendio, e se alegrava.
Não de outra sorte o cauteloso Ulysses,
vaidoso da ruina, que causára,
viu abraçar de Troya os altos muros,
e a perjura cidade envolta em fumo
encostar-se no chão, e pouco a pouco
desmaiar sobre as cinzas. Cresce emtanto
o incendio furioso, e o irado vento
arrebata ás mãos cheias vivas chammass,
que aqui, e ali pela campina espalha.
Communica-se a um tempo ao largo campo
a chamma abrazadora, e em breve espaço
cérca as barracas da confusa gente.
Armado o general, como se achava,
sahiu do pavilhão, e prompto atalha,
que não prosiga o voador incendio.
Poucas tendas entrega ao fogo, e manda,
sem mais demora, abrir largo caminho,

que os separe das chammas. Uns já cortam
as combustiveis palhas, outros trazem
nos promptos vasos as visinhas ondas.
Mais não espera o barbaro atrevido,
a todos se adeanta; e desejoso
de levar a noticia ao grande Balda,
n'aquella mesma noite o passo estende.
Tanto se apressa, que na quarta aurora
por veredas occultas viu de longe
a doce patria, e os conhecidos montes
e o templo, que tocava o cen co'as grimpas,
mas não sabia, que a fortuná emtanto
lhe preparava a ultima ruina.
Quanto seria mais di oso! Quanto
melhor lhe fôra o acabar a vida
na frente do inimigo em campo aberto,
ou sobre os restos de abrazadas tendas,
obra de seu valor! Tinha Cacambo
real esposa a senhoril Lindoya,
de costumes suavissimos, e honestos
em verdes annos: com ditosos laços
amor os tinha unido; mas apenas
os tinha unido, quando ao som primeiro
das trombetas lh'o arrebatou dos laços
a gloria enganadora. Oh que foi Balda
engenhoso! e subtil quiz desfazer-se
da presença importuna, e perigosa
do indio generoso; e desde aquella
saudosa manhã, que a despedida
presenceou dos dois amantes, nunca
consentiu que outra vez voltasse aos braços
da formosa Lindoya, e descobria
sempre novos pretextos da demora.
Tornar não esperado, e victorioso
foi todo o seu delicto. Não consente
o cauteloso Balda, que Lindoya
chegue a fallar ao seu esposo; e manda

que uma escura prisão o esconda, e o aparte
da luz do sol. Nem os reaes parentes,
nem dos amigos a piedade, e o pranto
da enternecida esposa abranda o peito
do obstinado juiz; até que á força
de desgostos, de magoa, e de sandade,
por meio de um licôr desconhecido,
que lhe deu compassivo o santo padre,
jaz o illustre Cacambo; entre os gentios
unico, que na paz, e em dura guerra,
de virtude, e de valor deu claro exemplo.
Chorado occultamente, e sem as honras
de regio funeral, desconhecida
pouca terra os honrados ossos cobre,
se é que os seus ossos cobre alguma terra.
Cruéis ministros, encobri ao menos
a funesta noticia. Ai que já sabe
a assustada amantissima Lindoya
o successo infeliz. Quem a soccorre!
que aborrecida de viver procura
todos os meios de encontrar a morte,
nem quer que o esposo longamente a espere
no reinado escuro, aonde se não ama.

MORTE DE LINDOYA

Pizaram¹ finalmente os altos riscos
de escavada montanha, que os infernos
co'o pezo opprime, e a testa altiva esconde
na região, que não perturba o vento.
Qual vé quem foge á terra pouco a pouco
ir crescendo o horisonte, que se encurva,
até que com os ceus o mar confina,

¹ As tropas de Andrade.

nem tem á vista mais que o ar, e as ondas:
assim quem olha do escarpado cume
não vé mais do que o ceu, que o mais lhe encobre
a tarda e fria nevoa, escura e densa.
Mas quando o sol de lá do eterno, e fixo
purpureo encanto do dourado assento,
co'a creadora mão desfaz, e corre
o veu cinzento de ondeadas nuvens,
que alegre scena para os olhos! Podem
d'aquella altura, por espaço immenso,
ver as longas campinas retalhadas
de tremulos ribeiros; claras fontes,
e lagos crystalinos, onde molha
as leves azas o lascivo vento;
engraçados outeiros, fundos valles,
e arvoredos copados, e confusos,
verde theatro, onde se admira quanto
produziu a superflua natureza.
A terra soffredora de cultura
mos'tra o rasgado seio; e as varias plantas
dando as mãos entre si, tecem compridas
ruas, por onde a vista saudosa
se estende, e perde. O vagaroso gado
mal se move no campo, e se divisam
por entre as sombras da verdura, ao longe
as casas branquejando, e os altos templos.
Ajuntavam-se os indios entretanto
no lugar mais visinho, onde o bom padre
queria dar Lindoya por esposa
ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto,
e a regia auctoridade de Cacambo.
Estão patentes as douradas portas
do grande templo, e na visinha praça
se vão dispendo de uma, e de outra banda
as vistosas esquadras diferentes.
Co'a chata frente de urucú tingida
vinha o indio Kobbé disforme, e feio,

que sustenta nas mãos pezada maça
com que abate no campo os inimigos
como abate a ceára o rijo vento,
traz comsigo os selvagens da montanha,
que comem os seus mortos; nem consentem
que jámais lhes esconda a dura terra
no seu avaro seio o frio corpo
do doce pae, ou suspirado amigo.
Foi o segundo, que de si fez mostra
o mancebo Pindó, que succedera
a Cepé no lugar: inda em memoria
do não vingado irmão, que tanto amava,
leva negros pennachos na cabeça.
São vermelhas as outras pennas todas,
côr que Cepé usava sempre em guerra.
Vão com elle os seus Tapes, que se affrontam,
e que tem por injuria morrer velhos.
Segue-se Caitutú de regio sangue,
e de Lindoya irmão. Não muito fortes
são os que elle conduz, mas são tão destros
no exercicio da frecha, que arrebatam
ao verde papagaio o curvo bico,
voando pelo ar. Nem dos seus tiros
o peixe prateado está seguro
no profundo ribeiro. Vinham logo
alegres Guanarii de amavel gesto.
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga.
Pennas de côr do ceu trazem vestidas,
com cintas amarellas: e Baldetta
desvanecido a bella esquadra ordena
no seu Jardim,¹ até o meio a lança
pintada de vermelho, e a testa, e o corpo
todo coberto de amarellas plumas.
Pendente a rica espada de Cacambo,

¹ Nome do cavallo que montava Baldetta.

premo da liberdade, que lançava a França. destruindo em sua marcha irresistivel os alcaçares da tyrannia, e proclamando perante a Europa assombrada uma nova lei, menos direitos e mais justiça. No correr d'esse seculo o Brazil viu accrescentar-se de dia para dia a sua importancia colonial, e com ella o seu progresso e desenvolvimento litterario.

A Bahia transformada em vice-reinado depois da ascensão ao throno de D. João V de Portugal, rica de productos e rica de genios, gozando de uma paz invejavel, envolta em uma atmospheria de luxo e de bem estar, sentindo necessidade de crear um centro intellectual fundou em 1724, sendo vice-rei do Brazil D. Vasco Fernandes Cezar de Menezes, a primeira sociedade litteraria sob a denominação—*Academia Brazilica dos Esquecidos*—; assim chamada indubitavelmente, como crê Wagnhagen, por haver prescindido de seus membros a *Academia Real de Historia*, fundada em Lisboa em 1720.

Gruparam-se em torno d'aquelle centro todos os engenhos bahianos, e como os homens da sciencia davam a seus escriptos uma fórmula assaz academica, os poetas apartados do espirito de nacionalidade, que como temos demonstrado, se ia desenvolvendo insensivelmente nos cantos populares, á semilhança do que acontecia na Europa, se dedicavam ao panegirico, fórmula que caracterisava a maioria dos poetas da primeira metade do seculo passado; o mesmo que se deu em França, na Italia e na Hespanha, deu-se em Portugal. Brito Lima,

Estes da crespa Tanajura aprendem
que entrára no jardim triste e chorosa,
sem consentir que alguém a acompanhasse;
um frio susto corre pelas veias
de Caitutú, que deixa os seus no campo,
e a irmã por entre as sombras do arvoredó
busca co'a vista, e teme de encontrá-la.
Entram emfim na mais remota, e interna
parte do antigo bosque, escuro e negro,
onde ao pé de uma lapa cavernosa
cobre uma rouca fonte, que murmura,
curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
cançada de viver, tinha escolhido
para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia
na branda relva, e nas mimosas flores,
tinha a paze na mão, e a mão no tronco
de um funebre cypreste, que espalhava
melancholica sombra. Mais de perto
descobrem que se enrola no seu corpo
verde serpente, e lhe passeia, e cinge
pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados
e param cheios de temor ao longe;
e nem se atrevém a chamal-a, e temem
que desperte assustada, e irrite o monstro,
e fuja, e appresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutú, que treme
do perigo da irmã, sem mais demora
dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
soltar o tiro, e vacillou tres vezes
entre a ira, e o temor. Emfim sacode
o arco, e faz voar a aguda setta,
que toca o peito de Lindoya, e fere
a serpente na testa, e a bocca, e os dentes
deixou cravados no visinho tronco.

que o precedente, publicaram-se apenas trechos de uma composição á morte de D. Pedro II,¹ de Portugal. Deve a sua nomeada a um poema sobre o descobrimento do Brazil, intitulado *Brazilia*, cujo manuscripto, segundo Barbosa Machado, continha 1800 oitavas rimadas, e cujo primeiro canto foi lido pelo auctor na *Academia dos Esquecidos*. Não emit-tiremos juizo sobre a obra, porque a desconhecemos completamente; mas o assumpto escolhido em uma época em que todos se dedicavam a composições de circumstancias, revela o seu bom gosto e distingue-se entre aquella pleiade de panegyristas, dedicados a cantar em todos os tons as bellezas e virtudes da Senhora, e as gentilezas e merecimentos do Senhor.

O licenciado Manoel Pereira Rebello que prefaciou e escreveu a biographia de Gregorio de Mattos, na collecção das obras d'este poeta em quatro volumes, dos quaes foi afinal publicado o primeiro em 1882, como já tivemos occasião de dizer; o licenciado Rebello, repetimos, n'essa biographia cita Gonçalo Soares da Franca, como um dos mais brilhantes engenhos bahianos, e da sua inspirada musa dá o seguinte *specimen*, feito a Gregorio de Mattos:

Com tanto primor cantaes,
Com tanta graça tangeis,
Que as potencias suspendeis,
E os sentidos elevaes:
De ambas sortes admiraes.

¹ Barbosa Machado, *Bibl. Luzit.*, tomo iv, pag. 152.

Suspendido o bravo Eólo,
Mas eu vos digo sem dólo,
Que de mui pouco se admira,
Pois tocae de Orpheu a lyra,
E a pluma tendes de Apollo.

Os irmãos Lourenço e Alexandre de Gusmão, comquanto dedicassem os seus ocios ás lettras, não devem comtudo ás musas a grande reputação de que ambos gozam. A celebridade do primeiro é devida á invenção dos aerostatos, pelo que foi appellidado o *Voador*; e seu irmão Alexandre é mais conhecido e apreciado como profundo estadista e como sagaz diplomata, do que como poeta. Não obstante, as suas poesias revelam um espirito culto e uma alma delicada; o estylo é bastante ameno posto que as fórmãs careçam de correcção.

Foi no estylo epistolar que mais brilhou o talento litterario d'este homem eminente. O conego Fernandes Pinheiro emite a tal respeito esta sua tão auctorisada quão bem acceite opinião: «Liti-giosa entre elle e D. Thereza Margarida da Silva Horta tem andado a autoria d'uma novella, que sob o pseudonymo de Dorothea Engracia Taveda Dalmira, veia a lume com o titulo de *Aventuras de Diofanes, imitando o sapientissimo Fenelon na sua viagem de Telemaco*.¹ Alguns outros trabalhos de somenos valia, sahidos da penna de Gusmão foram

¹ Innocencio Francisco é de opinião que essa autoria pertence incontestavelmente a D. Thereza.

honrados com a publicidade; insufficientes porém para lhe assegurarem um lugar no catalogo dos auctores portuguezes dignos de particular menção. Deveu a nomeada, de que justamente gosa, ás suas cartas, por muito tempo ineditas, que offerecem vasto repositório de dados historicos, juridicos e politicos da época em que tão activa parte tomára na governação do Estado.

«Devem essas cartas ser maduramente lidas pelos que desejarem possuir cabal conhecimento dos successos e occorrencias do reinado de D. João V, a fim de julgal-o com maior exactidão do que até agora se tem feito. Na respeitosa liberdade com que fallava o nosso compatriota aos primeiros personagens do reino, na maneira porque pleiteava os impreteriveis direitos da corôa (na phraseologia do tempo) encontram-se o fiel transumpto do seu nobilissimo character, e das muitas luzes que lhe adornavam o espirito. Do talento com que manejava a satyra servem de prova as cartas endereçadas a D. Luiz da Cunha, embaixador portuguez em Paris; da sua modestia, ou antes humildade, a que mandou ao diligente auctor da *Bibliotheca Lusitana*; e dos generosos sentimentos que enriqueciam a sua bellissima alma, as que escreveu a seu particular amigo, o arcediago d'Oliveira.

«Superiores ás de Vieira na valentia do raciocinio, talento d'observação, chiste com que descreve as scenas gravemente comicas que se passavam a seus olhos, ficam muito abaixo das do douto jesuita na pureza e genuidade da dicção e na immensa

ductilidade com que manuseava o idioma nacional. Ha n'essa preciosa collecção muito que reparar em pontos de estylo, em dureza de linguagem, e na impropriedade dos vocabulos; são como fezes de precioso liquido; cascalho de finissimo ouro.»

Distinguiram-se tambem e muito por essa época dous frades franciscanos, Frei Francisco Xavier de Santa Thereza e Frei Manoel de Santa Maria Itaparica, os quaes romperam o dique que a poesia de circumstancia parecia oppôr ao pensamento rimado, não sem haver antes pago um tributo áquella moda.

O primeiro deixou um poema *Ao Espirito Santo* e a tragi-comedia *Santa Felicidade e seus filhos*, obras que não chegaram a publicar-se, apesar do seu exito, e que depositadas nos archivos de Olinda, d'ali parece que se extraviaram, pois procuradas por Jaboatam para dar mais amplas informações de ambas em seu *Orbe seraphico*, não foram encontradas. Este poeta nasceu na Bahia em 12 de março de 1681 e morreu em Lisboa em 1737, depois de haver sido Penitenciario geral da sua ordem, examinador do priorado do Crato e das ordens militares, consultor da bulla da Cruzada, membro da Real Academia da historia portugueza e da Arcadia de Roma, sob o pseudonymo de Elledio. Sua fama como orador chegou á maior altura, e muito é para lastimar que se extraviassem os seus preciosos manuscriptos.¹

¹ Vide Barbosa Machado, *Bibl. Luzit.*, tomo II, pag. 302, tomo

cundo de intransigencia domina o indio e o faz repellir desatinadamente uma civilisação que desconhece mas que o aterra, porque representa a extincção de um passado que se perde na noite dos tempos, o qual encarnado em suas tradições constitue talvez a parte mais essencial de suas crenças.

O naufragio de Diogo Alvares acontecido em 1510, quando se dirigia para as Indias, é exacto, por mais que a tradição o tenha idealizado. Permaneceu o naufrago largo tempo entre os indios até que mais tarde serviu de interprete, quando os portuguezes se apoderaram d'aquellas comarcas; mas Jararaca, Guapeva, Moema e Paraguassu são creações do poeta e bem assim o sentimento da patria representado n'estes personagens, unico meio que era permitido empregar entre os escriptores d'aquella época, para revelar o seu espirito de autonomia, tão arraigada estava no animo de todos a preponderancia da metropole. E' certo que o Brazil aspirava durante os seus primeiros annos esse sopro de liberdade, que fluctua entre as emanações do deserto; desde meninos, entre os esplendores do sol dos tropicos, viam os brasileiros ondular a bandeira portugueza; nas salas das aulas dos conventos penduravam-se os retratos de seus reis; nas cathedraes aprendiam uma philosophia rotineira mas essencialmente europêa; e quando passavam a Coimbra, para cursar as differentes carreiras do Estado, os estudantes brasileiros, encontravam-se em um centro puramente luzitano, involtos em um

Se nasceste no Ponto ou Libia ardente,
se no Pindaro viste a aura primeira,
se nos Alpes ou Etna comburente
principio houveste na vital carreira,
nunca queiras, leitor, ser delinquente,
negando a tua patria verdadeira;
que assim mostras herdaste venturoso
animo heroico, peito generoso.

Musa que no florido de meus annos
teu furor tantas vezes me inspiraste,
e na idade em que vem os desenganos,
tambem sempre fiel me acompanhaste!
Tu, que influxos repartes soberanos
d'esse monte Helicon, que já pizaste,
agora me concede o que te peço,
para seguir seguro o que começo.

Em o Brazil, provincia desejada
pelo metal luzente, que em si cria,
que antigamente descoberta e achada
foi de Cabral, que os mares discorria,
perto donde está hoje situada
a opulenta e illustrada Bahia,
jaz a ilha chamada Itaparica,
a qual no nome tem tambem ser rica.

Até aqui musa: não me é permittido
que passe mais ávante a veloz penna,
a minha patria tenho definido
com esta descripção breve e pequena;
e se o tel-a tão pouco engrandecido,
não me louva, mas antes me condemna,
não usei termos de poeta experto,
fui historiador em tudo certo.

✓É facil deprehender d'aquí como o sentimento da autonomia ia-se acentuando cada vez mais nos poetas brasileiros, caminhando talvez inconscientemente, mas de concerto com a poesia popular, que identificava n'aquella época em seus cantos, em suas legendas e em suas tradições, o presentimento embryonario de uma nacionalidade latente.!

Não nos deteremos em analysar outros poetas d'essa época, que se dedicavam a descrever a natureza e os productos indigenas, entre os quaes figuram Prudencio do Amaral e José Rodrigues de Mello, pois essas composições são na maior parte em latim, como *El Opicio Sacchario* e o *Rebus rusticis brazilicis*. Apesar do sentimento local que revelam, apenas merecem o nome de pensamentos rimados.

Passemos pois a occupar-nos de um acontecimento litterario transcendentalissimo, da publicação da primeira *Historia do Brazil*, completa, levada ao cabo por Sebastião da Rocha Pitta. Este illustre brasileiro, filho de ricos fazendeiros da Bahia, nasceu a 3 de maio de 1660. Depois de feitos os seus estudos preliminares no Collegio dos Jesuitas d'aquella cidade, passou a Coimbra em cuja Universidade obteve o diploma de bacharel em direito canonico.

Voltando á sua patria, casou com D. Brites de Almeida, retirando-se em seguida para uma das suas propriedades situadas nas margens do rio Paraguassu, proximas da villa da Cachoeira, onde permaneceu muitos annos dedicando-se á adminis-

tração de seus bens, seguindo passo a passo os acontecimentos politicos d'aquella época e entregando-se a estudos litterarios, dos quaes se citam varias producções em prosa e verso, entre as quaes figura uma novella cavalheiresca em hespanhol, do genero do *Palmeirim d'Inglaterra*. Mas todos esses trabalhos que carecem de importancia, não eram mais que um ensaio que fazia o gladiador das suas forças. Havia concebido a ideia de escrever a historia da sua patria, e essa ideia desenvolveu-se avassaladora em seu cerebro, absorvendo-o completamente. Sciencias, poesia, litteratura, tudo empallidecia ante a ideia que agitava o seu espirito, até que depois de largos annos de vacillações e estudos, no occaso da vida, abandonou a paz do lar, os carinhos da familia e a tranquillidade da sua existencia, embarcou para Lisboa, onde tendo consultado as principaes obras das bibliothecas e os mais interessantes manuscriptos dos archivos, concluiu em 1728 a sua *Historia da America portugueza, desde o seu descobrimento até ao anno de 1724*, a qual saiu á luz da publicidade no anno de 1730.

Não sobressae a *Historia da America portugueza* pela critica nem pela analyse philosophica, que hoje se exige do historiador, como tem observado os escriptores modernos; mas se se tiver em conta a época em que Rocha Pitta escreveu o seu trabalho, a heterogeneidade dos materiaes de que se serviu, muitos dos quaes insufficientes, a orthodoxia do auctor e a maneira de considerar os aconteci-

mentos historicos n'aquelle tempo, desculpar-se-hão facilmente aquellas faltas, largamente compensadas por outro lado pela infinidade de datas de que abunda a obra, pelo estylo poetico e florido com que está escripta, pelas imagens e descripções que a decoram, mosaico intellectual filho do sentimento que impulsionava aquella alma entusiasta que se expandia ante o mundo civilisado, exclamando: «Este é o Brazil! esta é a minha patria!»

«Pertence Rocha Pitta, diz o conego Fernandes Pinheiro,¹ á escola dos historiadores mais preoccupados da fórma do que da substancia, mais artistas do que philosophos. Fazem a narrativa dramatica dos acontecimentos, aprazem-se em multiplicar pittorescas descripções, buscam os contrastes como se dispõe na tela os effeitos da luz.

«Dir-se-ia que pelos fastos da Grecia e Roma pautava elle os successos d'este lado do Atlantico; e as lendas e tradições populares do Brazil, acolhia-as sempre que apresentavam alguma conformidade com as dos modelos classicos.

«Outro grave defeito lhe apontam os criticos, e vem a ser a summa facilidade com que distribue titulos de capacidade, e a profusão dos epithetos encomiasticos com que mimoseia a quantos n'esse longo periodo vieram governar a colonia luso-americana.

«Até no estylo, incontestavelmente a melhor

¹ *Resumo de Hist. Litt.*, tomo II, pag. 412.

cobrando animação e vida ao sopro da inspiração do poeta.

O tragico fim de Moema, rival de Paraguassu, e a salvação de Diogo por esta, são os episodios mais originaes e interessantes do poema. Conta a tradição, e nós repetimol-o escudados com a auctoridade de Warnhagen,¹ que Diogo Alvares enamorado da filha de um chefe indio e correspondido por ella, aproveitou a arribada de um navio francez e n'elle embarcou com a amada para a França, onde depois de a ter feito baptisar, sendo padrinhos o rei e a rainha, casou com ella.

A morte de Moema e das outras mulheres, que segundo os costumes indigenas haviam dado a Diogo Alvares, e que se lançaram ao mar nadando atraz da embarcação até perderem as forças, é um episodio tão delicadamente traçado, que não podemos deixar de transcrever na integra:

Dizendo assim, com calma vé luctando
formosa nau de gallica bandeira,
que a terra ao parecer vinha buscando
e a prôa mette sobre a propria esteira;
vem seguindo a canôa e signaes dando,
até que aborda a embarcação velleira;
e de paz dando a mostra conhecida,
às praias da Bahia a nau convida.

¹ *Caramurú perante a historia*. Tomo x, pag. 129 da *Revista do Instituto Hist. Braz.*

ordem do mesmo tribunal, na idade de 8 annos teve elle que seguir a sua familia, que para não abandonar a accusada se estabeleceu na capital luzitana, onde seu pae João Mendes da Silva, tambem fluminense e poeta conforme já dissemos, continuou a exercer a advocacia, como praticava na sua patria e com bons creditos.

Ahi estudou Antonio José humanidades, e passando-se a Coimbra, cursou o direito canonico com brilhante successo. Recebendo em 1726 o gráu de doutor, volveu a Lisboa a trabalhar com seu pae.

Começava já por essa época a brilhar o estro do nosso poeta, e quantas vezes depois de algumas aturadas horas de trabalho na sua banca de advogado, entregava-se ao estudo de seus auctores predilectos, Metastasio, Lope de Vega, Calderon de la Barca, Tyrso de Molina, Molière e Rotru, dos quaes hauriu um gosto raro e delicadissimo para a scena, sem perder sequer um atomo de originalidade! Mas esses mesmos dotes, ao passo que lhe valiam a apreciação e admiração de uns, despertavam em outros taes impetos d'inveja, que os arrastavam a tramar contra a sua existencia os mais horriveis planos.

Em 8 de agosto de 1726, isto é, no mesmo anno da sua formatura, quando tudo parecia sorrir-lhe, quando os sonhos da juventude lhe embalavam a dourada existencia, foi accusado de judaismo perante o Tribunal da Inquisição, e posto houvesse o infeliz abjurado os seus suppostos erros para ver

•Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
quando eu a fé rendia ao teu engano,
nem me offenderas a escutar-me aativo,
que é favor, dado a tempo, um desengano;
porém deixando o coração captivo
com fazer-te a meus rogos sempre humano,
fugiste-me, traidor, e d'esta sorte
paga meu fino amor tão crua morte?

•Tão dura ingravidão menos sentira
e esse fado cruel doce me fôra,
se a meu despeito triumphar não vira
essa indigna, essa infame, essa traidora:
por serva, por escrava te seguira,
se não temera de chamar senhora
a vil Paraguassu que, sem que o creia,
sobre ser-me inferior, é nescia e feia.

•Emfim, tens coração d'è ver-me afflicta,
fluctuar moribunda entre estas ondas,
nem o passado amor teu peito incita
a um ai sómente, com que aos meus respondas:
barbaro, se esta fé teu peito irrita,
(disse, vendo-o fugir) ah! não te escondas,
dispara sobre mim teu cruel raio!...»
E indo a dizer mais, cae n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
pallida a côr, o aspecto moribundo,
com mão já sem vigor soltando o leme,
entre as salsas escumas desce ao fundo:
mas na onda do mar, que irado freme,
tornando a apparecer desde o profundo:
•Ah Diogo cruel!» disse com magua,
e sem mais vista ser, sorveu-se n'agua,

critica bem intencionada de costumes, naturalidade das scenas, o inesperado dos accidentes, a engenhosa urdidura das intrigas, a verdade dos caracteres e a graça chispante dos dialogos, pois ninguém melhor do que elle sabia provocar a hilaridade; mas apesar de tudo isto sempre havia no fundo das suas obras o quer que fosse como emanção de calabonço, um grito de dôr arrancado pela roda do tormento, um sentido protesto contra o castigo immerecido, involto com esses vapores de sangue e de gelo que exalavam os tectos e solos d'essas horriveis prisões, como querendo destruir o mais formoso dos dons da providencia, o mais sublime dos reflexos da eternidade, o — pensamento humano —. Eis uma das recitações do *Amphitrião*, que o demonstra de uma maneira palpavel:

Sorte tyranna, estrella rigorosa,
que maligna iufluís com luz opaca,
rigor tão féro contra um innocente!
que delicto fiz eu, para que sinta
o peso d'esta asperrima cadeia,
nos horrores de um carcere penoso
em cuja triste, lugubre morada
habita a confusão, e o susto mora?
Mas se acaso, tyranna, estrella impia,
é culpa o não ter culpa, eu culpa tenho!
mas, se a culpa, que tenho, não é culpa,
para que me usurpaes com impiedade
o credito, a esposa, a liberdade?

Damos tambem a seguinte decima que pinta com uma verdade aterradora a morte na fogueira:

poema apesar das infinitas bellezas que contém, foi acolhido friamente pelos brasileiros e portuguezes; causou este facto tão profunda impressão ao seu espirito, que o poeta, em um momento de allucinação rasgou todas as poesias que possuia ineditas, perdendo-se assim talvez as mais bellas joias do seu engenho. Exhalou o ultimo suspiro no dia 24 de janeiro de 1784.

O exemplo das concepções épicas estava dado, e José Francisco Cardoso, natural da Bahia, não tardou a dedicar-se ao genero, compondo o poema heroico baseado na expedição de Donald Campbell contra o bey de Tripoli. O original foi escripto em latim, e o famoso poeta Bocage, cujo nome constitue uma das glorias mais esplendentes da lingua portugueza, trasladou-o verso a verso, para o vernaculo.

VI

Que direcção tomara n'esse tempo a poesia lyrica?—Alguns de seus adeptos, sobretudo entre os poetas da *Escóla de Minas*, affastando-se um pouco do idyllio e das composições melancholicas que haviam substituido o panegyrico, inspiravam-se

mais directamente da esplendida natureza que os cercava, formando um côro de enthusiasmo com a poesia épica, verbo sublime da ideia da liberdade que começava a irradiar desde as margens do Mississipi até ás plagas do Atlantico.

Uma das figuras mais proeminentes d'este periodo é a de Claudio Manoel da Costa, alma entusiastica e sonhadora, escrevendo versos de uma doçura incontestavel, mas sentindo vibrar mais formosas ainda, mais sublimes e harmoniosas as pulsações do coração. Distinguia-se principalmente pela correcção do estylo, pureza e elegancia da fórma; notando-se nas suas composições o gosto requintado da escôla italiana, confundido com as tintas melancholicas das saudades portuguezas.

Victima de uma paixão desgraçada, pôde dizer-se que seu espirito, Prometheu do sentimento, traduziu as suas impressões com um estylo petrarchiano, em fórmias metastasicas e linguagem portugueza. Sua imaginação preza aos sitios onde havia sentido e amado, não comprehendia o idyllio senão junto ás margens do Tejo ou do Mondego. A virgem de seus sonhos de ouro estava sempre ali, aspirando as auras d'aquellas apreciaveis ribeiras, banhando-se nas azuladas ondas d'aquelles rios, e illuminada pela reverberação d'aquelle ceu semi-andaluz cuja transparencia convida á contemplação. Mas o sentimento da patria, a sua maior paixão, como elle proprio confessa no prefacio da collecção de suas poesias publicadas em Coimbra em 1768, vivia occulto no fundo da sua alma; até que em um

momento, transpondo a barreira que lhe oppunha o amor, mostrou-se em toda a sua pureza na fabula do *Ribeirão do Carmo*, rio que deu o nome á cidade do poeta pela abundancia de areias auríferas que arrastava na sua corrente. Basta ler o soneto que precede essa composição, para se comprehender o enlevo prophetico d'aquella alma, o seu amor divinizado pela imagem da patria e d'aquella que para sempre o tornára infeliz. Eil-o :

Seja a posteridade, oh patrio rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Porque vejas teu nome despertado
Do somno vil do esquecimento frio.

Não vés nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento d'um álamo copado,
Não vés nympha cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pallidas areias
Nas porções do riquissimo thesoiro
O vasto campo d'ambição recreias.

Que de seus raios o planeta loiro,
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chammas fecunda, brota em oiro.

E' certo que n'esta fabula apparece a cruel Eulina, mas confundida com as auras nascentes do rio, os brincos da sua infancia e os primeiros esplendores da sua juventude. Por esses mesmos tempos escreveu o poema intitulado *Villa Rica*, em cujas descripções se mostra verdadeiramente brasileiro. Dir-se-ia que n'essa composição a recor-

dação da mulher amada ia empallidecendo ante a realidade da patria, razão pela qual consagrou a esta toda a sua vida pratica, assim como áquella havia antes dedicado toda a sua vida ideal.

Estabelecido em Villa Rica, cabeça da capitania de Minas Geraes, vemol-o consagrado á profissão de advogado, na qual adquiriu numerosa e remuneradora clientella; estudando ao mesmo tempo as questões economicas e traduzindo a *Riqueza Nacional* de Adam Smith; adquirindo por esse modo grande reputação de economista, e jurisconsulto, ainda que seus trabalhos n'essas especialidades não chegassem a ser impressos. Era consultado frequentemente pelos governadores a respeito de toda a classe de assumptos administrativos, quando em 1780 subindo ao poder D. Rodrigo José de Menezes, foi nomeado secretario d'Estado, encargo que desempenhou até 1788, em que foi eleito o visconde de Barbacena.

Bem longe andava já então o espirito do nosso poeta do *Mumisculo Metrico*, do *Labyrintho do Amor*, dos *Numeros harmonicos*, e outras composições da sua juventude. Bem distante pairavam as paizagens de Napoles, de Milão, do Tejo, e do Mondego. Bem longe lhe ficavam os amores desgraçados, as cantatas, elegias e idyllios os sonetos de Virgilio e Metastasio, de Dante e de Petrarcha, de Guarani e Rodrigues Lobo, seus auctores predilectos. Tudo isso se lhe eclipsára na imaginação para dar lugar á imagem radiante da patria, ante cujos altares devia immolar-se.

Temos fallado de seus sonetos e cantatas, e não nos podemos isentar de aqui dar uma das suas mais breves e harmoniosas canções, tão rica de doçura e saturada de tão engenhosa naturalidade, que nada deixa a desejar, e eleva a poesia pastoril a uma altura, a que não chegou a maior parte das composições d'esta indole publicadas por aquellos tempos.

CANTATA

Não vejas, Nize amada,
A tua gentileza
No crystal d'essa fonte. Ella te engana:
Pois retrata o suave
E encobre o rigoroso. Os olhos bellos
Volta, volta a meu peito:
Verás, tyranna, em mil pedaços feito
Gemer um coração; verás um rosto
Cheio de pena, cheio de desgosto.
Observa bem, contempla
Toda a misera estampa. Retratada
Em uma cópia viva
Verás distincta e pura,
Nize cruel, a tua formosura.
Não te engane, ó bella Nize,
O crystal da fonte amena:
Que essa fonte é mui serena,
E' mui brando esse crystal.
Se assim como vês teu rosto,
Viras, Nize, os seus effeitos,
Póde ser, que em nossos peitos
O tormento fosse igual.

Esta cantata é uma recordação, uma lagrima, o pulsar de um coração que já não espera; é o quei-

xume da rola ao pôr do sol, lançando dulcissimas notas de extremo canto, como o adeus do astro-rei para depois se esconder além das serranias do occidente, um gemido emfim de uma alma dolorida, que não encontrando meios de expressar seus sentimentos em idioma vulgar, pede á poesia seu rithmo e seus accordes para produzir um grito de dôr. Tal é o poeta, tal é Claudio Manoel da Costa. Para julgal-o é necessario ter amado como elle amou, e isso não é dado senão ás almas privilegiadas; os que nunca sentiram bater o coração ao impulso de uma paixão sublime, os que tem sentido a falta de um idioma celeste para expressar a divinisação de um sentimento, podem dispensar-se de o ler; não o comprehenderão.

Já que tratamos d'este poeta, o decano dos de Minas, e demonstramos a tendencia nacionalisadora da epopeia, narremos ainda que succintamente o que se chamou por aquelles tempos *Inconfidencia de Minus*, primeiro movimento da independencia politica que se effectuou no Brazil, e desde a qual se proclamou de uma maneira distincta a da sua litteratura.'

Corria o anno de 1783 quando foi nomeado capitão-general da provincia de Minas D. Luiz da Cunha Menezes, homem vaidoso e inepto para o governo, sobretudo em uma época como aquella, em que os escassos rendimentos das minas de ouro haviam alterado sensivelmente a riqueza publica e particular, até então florescentissima. Cerca de 700 arrobas de ouro devia a provincia segundo a *lei da*

capitação, e não havia meio de pagar quantia tão elevada. A crise economica, pois, tomava proporções gigantéas, que ainda augmentavam com os desacertos do governador; tanto que ao cabo de algum tempo, era malquerido de uns e detestado de outros, censurado e ridiculisado por muitos.

Foi então que appareceram as celebres *Cartas chilenas* escriptas por um poeta de Villa Rica, sob o pseudonymo de *Critillo*, dirigidas a um tal *Dorotheu da Corte*—cartas que Warnhagen attribue a Claudio Manoel da Costa ou a Alvarenga Peixoto. Não eram mais nem menos do que uma tremenda accusação contra o mau governo e má administração do capitão-general. Essas cartas, pode-se dizer, foram a mecha accesa applicada á mina do descontentamento publico, que não tardou a tomar um character de verdadeira conjuração. Inteirado afinal o governo da metropole do que se passava, depoz immediatamente o capitão-general substituindo-o pelo visconde de Barbacena.

Mas o impulso estava dado. Correu o boato de que o novo capitão-general ia exigir o prompto pagamento d'aquella enorme divida provincial, e desde então não se conspirou mais na sombra. O descontentamento tornou-se geral e publico, e n'um banquete dado por essa occasião, Joaquim José da Silva Xavier, cognominado *Tira-dentes*, official de milicias de Villa Rica, e um dos chefes conjurados, brindou á independencia de Minas Geraes e de todo o Brazil; ao passo que o poeta Alvarenga Peixoto, aproveitando-se do enthusiasmo com que

formar escola. A' similhaça, pois, do que acontecia na Europa, instituíram-se varias sociedades litterarias, não como uma imitação servil, repetimos, segundo affirmam erradamente alguns auctores, senão porque era a fórma acceitavel n'aquella época a favor da qual se ia preparando o grande movimento, que no fim do seculo havia de dar uma nova organização á grande familia humana, movimento ao qual não podia permanecer estranho o Brazil intellectual, como não tardaremos a ver.

. «Como humilde satellite, diz o conego Fernandes Pinheiro,¹ gravitava o Brazil em torno do astro metropolitano; e para bem comprehender a sua historia e as tendencias dominantes releva atravessar o Atlantico e procurar em Lisboa o fio de Ariadne.

«A homerica lucha sustentada pelos pernambucanos contra os hollandezes e o descobrimento das minas de ouro e diamantes no interior do paiz despertaram a attenção do governo central para a remota colonia, por tanto tempo esquecida ou desprezada.

«Contribuiu outrosim para que sobre ella se fixassem as vistas dos governantes a circumstancia de ser o unico campo deixado á actividade dos reinos, porquanto fôra-lhes arrebatado o theatro de suas glorias, o Oriente, enquanto jazia immerso em fundo somno lethargico do dominio castelhano.

¹ *Resumo de Hist. Litt.*, tomo II, pag. 312.

panha, mas como um movimento espantoso, ainda que prematuro, que surgia no povo brasileiro; sem odio ao governo da metropole, que aliás não o merecia, mas como uma aspiração sacrosanta de autonomia que brotava da consciencia publica, tão grandiosa, tão potente e tão deslumbrante como a sua esplendida vegetação.

Que faziam entretanto as auctoridades? Nada ou pouco mais. Era tão descabellada a ideia no conceito d'aquelles governadores acostumados a serem obedecidos e adulados constantemente, que Menezes não dera a minima importancia aos primeiros movimentos dos descontentes, e o visconde de Barbacena julgou conjurar a tormenta assegurando aos habitantes da provincia, que não exigiria o pagamento da capitação de uma só vez. Esta impunidade deu alento aos conjurados, os quaes proseguiram na sua obra com maior empenho; até que em uma viagem feita ao Rio de Janeiro com o fim de angariar proselytos, Silva Xavier, que se tornára a alma do movimento, foi denunciado ao vice-rei D. Luiz de Vasconcellos, o qual o fez prender immediatamente, ordenando ao visconde de Barbacena que não só prendesse os demais accusados, mas que viesse elle proprio explicar a sua incuria e falta de providencia.

Ninguém esperava semelhante ordem em Villa Rica, e o governador percebendo que a tempestade ameaçava envolvê-lo, e talvez occasionar-lhe a ruína, prendeu todos os conjurados e apressou-se a mandar directamente a Lisboa um processo que

fez instaurar com datas atrasadas, no qual não poupou meios de provar a sua actividade e energia.

Claudio Manoel da Costa, considerando-se perdido tanto pela parte que havia tomado na conspiração, como pela maneira inquisitorial com que se iniciára o processo, ou talvez por um sentimento de piedade inaudita pelos companheiros a quem a sua fraqueza compromettera nas primeiras declarações, suicidou-se na prisão a ver se assim, denunciando-se o mais culpado, suavisaria a pena de seus companheiros de desventura. Mas tudo foi inutil. Os accusados foram transportados ao Rio de Janeiro, onde em 1792 lhes foi lida a sentença, condemnando 11 a pena de morte, e os outros ao desterro e presidios n'Africa. Mas afinal, quer porque o governo em Lisboa se julgasse bastante seguro de sua auctoridade, quer porque cedesse ás supplicas do desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, um dos mais illustres poetas portuguezes d'aquelle tempo, enviado expressamente do reino para julgador d'esse processo, quer finalmente pela compaixão que inspiravam as desditas de tantos e tão peregrinos engenhos, o certo é que a pena capital só padeceu Silva Xavier, commutando-se aos demais sentenciados essa pena em degredo perpetuo.

Os dois primeiros martyres da independencia haviam desaparecido da face da terra, um suicidando-se na prisão, rompendo com a morte a maior parte dos élos d'aquella conspiração, e resgatando

por conseguinte com o seu sangue o de outras muitas victimas; o outro subindo as escadas do cada-falso e assentando com o seu supplicio a primeira pedra da redempção brasileira. Norberto de Sousa e Silva¹ consagrou-lhe um dos seus mais bellos cantos épicos, a *Cabeça do martyr*; Pereira da Silva, Warnhagen e outros escriptores tem-se occupado dignamente d'este martyr, mas acima de todos a posteridade sagra-lhe um templo em cada coração brasileiro.

✓ Este acontecimento devia exercer necessariamente uma grande influencia na litteratura do Brazil. Desde então, effectivamente, começou a accentuar-se cada vez mais o espirito da localidade e autonomia, que como já vimos, ha tempos se manifestava com certa timidez. Assim é que nas produções posteriores, tanto em prosa como em verso, apparece o indigena desempenhando já papeis secundarios é certo, mas emittindo ideias e sentimentos patrioticos, filhos do fragor da independencia que havia surgido na *Escóla de Minas*. Aos que tem negado ou negam o espirito de nacionalidade na litteratura brasileira, podemos simplesmente responder: fizeram o que puderam, expressaram-se segundo as fórmãs das differentes épocas em que escreveram, disseram tudo quanto lhes permittiu a censura official. O primeiro grito da liberdade foi

¹ Este mesmo auctor escreveu mais tarde a *Historia da conjuração mineira*, editada por D. L. Garnier, que é o trabalho mais completo que existe a tal respeito.

levantado por poetas, e o primeiro martyr foi — Claudio Manoel da Costa.'

Ao decano da conjuração mineira segue-se Thomaz Antonio Gonzaga, um dos poetas mais populares do Brazil. Nascido accidentalmente no Porto em 1744 de paes brasileiros, em companhia dos quaes veio para o Brazil em 1759, passou na Bahia os primeiros annos da sua adolescencia, a *flor da sua idade*, como elle proprio diz em uma das suas poesias, quadra que para elle correu tão cheia de venturas que jamais poudes esquecel-a. Em 1763 voltou á Europa, matriculando-se n'esse mesmo anno na Universidade de Coimbra onde se doutorou em 1767.

Não o seguiremos nos differentes encargos que occupou, para repetir na parte bibliographica o que aqui teriamos de dizer a tal respeito; basta-nos dizer que elle exercia o logar de ouvidor do termo de Villa Rica, cuja cidade pôde-se dizer foi o berço da sua fama. Ahi mantinha elle intimas relações com Claudio Manoel da Costa, bem como com os demais poetas mineiros, ahi conheceu tambem D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas, senhora de grandes prendas e rara formosura de quem o nosso poeta se apaixonou perdidamente. Essa paixão foi a sua vida, e a inspiração augusta da sua musa. Ninguem ha que preze a poesia portugueza que não conheça nem se enleve n'essas admiraveis produções de *Dirceu* consagradas a *Marilia*.

Sim, só Marilia lhe absorvia todas as faculdades do espirito, só por ella palpitava o seu coração,

n'ella tinha fixa a mente, e só para ella escrevia esses versos tão sonoros e tão anacreonticos, que o proprio Petrarcha assignaria, e com os quaes deveria immortalisal-a, fazer d'ella a Laura brasileira. Patria, familia, fortuna, poder, tudo desaparecia deante d'aquelle sentimento da sua alma; cada um dos seus versos era uma promessa, cada estrophe um juramento, cada canto uma adoração. Em vão adoptava algumas vezes as fórmulas pastoris d'aquella época; o impulso da sua paixão dava tal cunho de originalidade ás suas composições, que chegam a ser um dos mais ricos thesouros da poesia luso-brazileira. Sirvam d'exemplo estas estrophes :

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa arêa,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens mattos
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir de adubo á terra a fertil cinza;
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce canna o summo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Emquanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sabia mestra historia,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella,
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma belleza,
Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais reinota idade
A tua formosura.

Não póde haver nada mais gracioso, mais sensível, nem mais engenhoso; cada verso é um pensamento, cada estrophe um quadro. O que ha na lingua portugueza que possa comparar-se á meiguice encantadora da musa pastoril, com que Dirceu abre os seus cantos e enceta os seus queixumes a Marilia. O que ha de mais puro e suave do que estas estrophes tão doces e tão harmoniosas como a paizagem encantadora que por certo emoldurava a gentil pastora?

Eu Marilia, não sou algum vaqueiro
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos soes queimado.

Tenho proprio casal, e n'elle assisto;
Dá-me vinho, legumes, fructa, azeite,
Das brancas ovelhinhas tiro o leite
E mais as finas lãs de que me visto.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella !

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Inda dos annos não está cortado;
Os pastores que habitam este monte
Respeitam o poder do meu cajado.
E com tal graça toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste;
E ao som d'ella concerto a voz celeste,
Nem canto lettra que não seja minha.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella.

Homem virtuoso e estimado de seus concidadãos, consultado por todos os governadores nos negocios administrativos, dedicado conscienciosamente ao desempenho do seu cargo de juiz, e empregando as horas que lhe ficavam livres em cantar os seus amores, passava quasi indifferente ao lado da conjuração mineira, considerando-a como um sonho. Póde asseverar-se que ainda que a sua lealdade para com os amigos o impedio de delatá-los, a paixão que constituia a sua existencia não lhe dava tempo para pensar na patria. Depois, ainda que de origem brasileira, nascera no Porto, e posto essa circumstancia pareça pueril, era motivo bastante para não pensar em sublevar-se. Se houvesse sido desgraçado em amores, como seu companheiro Claudio Manoel da Costa, talvez buscasse

senão consolo, pelo menos refugio na realisação de uma grande ideia por mais audaciosa que fosse; mas como era ternamente correspondido, todas as suas aspirações se concentravam em amar e ser amado. Apesar d'isso a sua nomeada de grande jurisconsulto, seu reconhecido talento e nobreza de character, sua acrysolada virtude, reconhecida probidade e fama de poeta, multiplas qualidades preciosas que teriam feito a ventura de qualquer outro, foram as principaes senão unicas causas da sua desgraça.

Correra o boato de que elle fôra o escolhido pelos conjurados para presidir á futura republica brasileira, e assim foi envolvido talvez bem a seu pezar, n'essa conjuração, quando julgava attingir a meta das suas aspirações e a realisação de seus mais ardentes desejos, desde que fôra nomeado desembargador do tribunal da Bahia. Em vez de levar a sua amada Marilia ao altar, viu-se carregado de cadeias e remettido ás prisões do Rio de Janeiro para responder a accusações que sobre elle pesavam. Em vão protestou a sua innocencia ante os juizes, estes apontavam-lhe inexoraveis como principal delicto o não ter denunciado os seus amigos! Nem a falta de provas, nem os versos que da prisão dirigira á sua Marilia, nos quaes ressaltava a sua innocencia, foram bastantes para salvá-lo. A 18 de abril de 1792 foi condemnado a desterro perpetuo nas Pedras d'Angoche, sentença que foi commutada em dez annos de desterro em Moçambique.

Esse despertar do sonho da vida foi-lhe horrível. Aquella sensitiva—pois outra cousa não era a alma de Gonzaga—sentiu-se ferida de morte, como elle proprio diz em uma das suas sentidas poesias, despedindo-se de Marilia:

Leu-se-me emfim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeus, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei ? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;
E a pena que então senti,
Justos ceus ! não sei dizer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei ? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro d'alma; e por negação
Me está dizendo a desgraça
Que nunca mais t'hei de ver.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei ? irei morrer.

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento,
Porém suspiro e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei ? irei morrer.

Não são as horas que perco,
Quem motiva a minha dôr;

Mas sim ver que o meu amor
Este fim havia ter.

Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vae quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.
Ausente de ti, Marilia,
Hei de amar-te até morrer.

Este foi o ultimo gemido d'aquelle grande engenheiro. A 22 de maio de 1792 embarcou o infeliz desterrado para Moçambique, onde, mal chegou, foi atacado de uma profunda melancholia seguida de uma febre nervosa, que o fez perder a memoria. Chegou a tal estado de embrutecimento que havendo recuperado a saude do corpo, casou com a sua enfermeira. Nada mais triste do que esse ente presa de tremenda inercia moral, entregue completamente aos cuidados de sua mulher D. Juliana de Sousa Mascarenhas, ora tomado de furia e de raiva, ora cahido em profunda melancholia, chorando como uma creança, gritando como desesperado, maltratando-se sem piedade. Eram os ultimos relampagos da intelligencia lutando para

que sustenta nas mãos pezada maça
com que abate no campo os inimigos
como abate a ceára o rijo vento,
traz comsigo os selvagens da montanha,
que comem os seus mortos; nem consentem
que jámais lhes esconda a dura terra
no seu avaro seio o frio corpo
do doce pae, ou suspirado amigo.
Foi o segundo, que de si fez mostra
o mancebo Pindó, que succedera
a Cepé no logar: inda em memoria
do não vingado irmão, que tanto amava,
leva negros pennachos na cabeça.
São vermelhas as outras pennas todas,
côr que Cepé usava sempre em guerra.
Vão com elle os seus Tapes, que se affrontam,
e que tem por injuria morrer velhos.
Segue-se Caitutú de regio sangue,
e de Lindoya irmão. Não muito fortes
são os que elle conduz, mas são tão destros
no exercicio da frecha, que arrebatam
ao verde papagaio o curvo bico,
voando pelo ar. Nem dos seus tiros
o peixe prateado está seguro
no profundo ribeiro. Vinham logo
alegres Guanarii de amavel gesto.
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga.
Pennas de côr do ceu trazem vestidas,
com cintas amarellas: e Baldetta
desvanecido a bella esquadra ordena
no seu Jardim,¹ até o meio a lança
pintada de vermelho, e a testa, e o corpo
todo coberto de amarellas plumas.
Pendente a rica espada de Cacambo,

¹ Nome do cavallo que montava Baldetta.

Rita Durão haviam dado á epopeia. Pediu seus quadros e suas imagens á natureza brasileira, e até adoptou o rondó, os estribilhos e a redondilha para exprimir os seus pensamentos.

Nascido em S. João d'El-Rei, capitania de Minas Geraes em 1740, segundo Joaquim Norberto,¹ fez com muito proveito os primeiros estudos na villa natal e no Rio de Janeiro, depois do que trasladando-se para Coimbra, ahi se doutorou em sciencias juridicas. Já por essa época se entregava ao cultivo da poesia, pois por occasião da reforma da Universidade feita pelo celebre marquez de Pombal, compoz um poema heroe-comico, o *Desertor das Lettras*, no qual censurava o antigo e rotineiro systema universitario e louvava o novo; poema esse que foi impresso em Lisboa em 1773, por ordem expressa do grande ministro de D. José I. Este poemeto e a sua ode á inauguração da estatua equestre d'el-rei, grangearam-lhe reputação de poeta notavel, e valeram-lhe a intima e constante amizade de José Bazilio da Gama, quando occupava o logar de secretario privado do marquez de Pombal, o que lhe valeu o mais lisongeiro acolhimento da melhor sociedade, e applauso dos centros litterarios do tempo. Obtendo, graças a essas amizades, a patente de chefe da milicia do Rio das Mortes, logar do seu nascimento, ávido de volver á patria, sedento de respirar as auras do seu

¹ *Modulações poeticas*, pag. 32.

Estes da crespa Tanajura aprendem
que entrára no jardim triste e chorosa,
sem consentir que alguém a acompanhasse;
um frio susto corre pelas veias
de Caitutú, que deixa os seus no campo,
e a irmã por entre as sombras do arvoredo
busca co'a vista, e teme de encontrá-la.
Entram emfim na mais remota, e interna
parte do antigo bosque, escuro e negro,
onde ao pé de uma lapa cavernosa
cobre uma rouca fonte, que murmura,
curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
cançada de viver, tinha escolhido
para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia
na branda relva, e nas mimosas flores,
tinha a paze na mão, e a mão no tronco
de um funebre cypreste, que espalhava
melancholica sombra. Mais de perto
descobrem que se enrola no seu corpo
verde serpente, e lhe passeia, e cinge
pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados
e param cheios de temor ao longe;
e nem se atrevém a chamal-a, e temem
que desperte assustada, e irrite o monstro,
e fuja, e appresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutú, que treme
do perigo da irmã, sem mais demora
dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
soltar o tiro, e vacillou tres vezes
entre a ira, e o temor. Emfim sacode
o arco, e faz voar a aguda setta,
que toca o peito de Lindoya, e fere
a serpente na testa, e a bocca, e os dentes
deixou cravados no visinho tronco.

O CAJUEIRO

*Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor.*

No teu tronco pela tarde,
Quando a luz no ceu desmaia,
O novillo a testa ensaia
Faz alarde do valor.
Para fructos não concorre
Este valle ingrato e sécco,
Um se enruga murcho e péco
Outro morre ainda em flor.

Cajueiro, etc.

Vês nos outros rama bella,
Que a Pomona por tributos
Offerece doces fructos
De amarella e rubra côr?
Ser copado, ser florente
Vem da terra preciosa;
Vem da mão industriosa
Do prudente agricultor.

Cajueiro, etc.

Fresco orvalho os mais sustenta
Sem temer o sol activo;
Só ao triste semivivo
Não alenta o doce humor.
Curta folha mal te veste
Na estação do lindo agosto,

E te deixa nu e exposto
Ao celeste intenso ardor.

Cajueiro, etc.

Mas se esteril te arruinias,
Por destino te conservas,
E pendente sobre as hervas
Mudo ensinas ao pastor:
Que a fortuna é quem exalta,
Quem humilha o nobre engenho:
Que não vale humano empenho,
Se lhe falta o seu favor.

Cajueiro, etc.

A LUA

*Como vens tão vagarosa
Oh formosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena a consolar.*

Geme, ó ceus!—mangueira antiga
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a suspirar.
Entre pallidos desmaios
Me achará teu rosto lindo,
Que se eleva, reflectindo
Puros raios sobre o mar.

Como vens, etc.

Sente *Glaura* mortaes dores:
Os prazeres se occultaram,
E no seio lhe ficaram
Os amores a chorar.

Infeliz ! Sem lenitivo
Foge timida a esperança,
E me afflige co'a lembrança
Mais activo o meu pezar.

Como vens, etc.

A cançada phantasia
N'esta triste escuridade,
Entregando-se á saudade,
Principia a delirar.
Já me assaltam, já me ferem
Melancholicos cuidados !
São espectros esfaimados,
Que me querem devorar.

Como vens, etc.

Oh que lugubre gemido
Sae d'aquelle cajueiro !
E' do passaro agoureiro
O sentido lamentar !
Puro amor ! terrivel sorte !
Glaura bella infausto agouro !
Ai de mim ! E o meu thesouro
Impia morte, has de roubar.

Como vens, etc.

Mas onde encontramos mais originalidade, mais correcção e galanteria é nos seus madrigaes. Essas composições breves, sentidas e syntheticas, mariposas do pensamento ou relampagos da inspiração, sahem da sua penna como aquarellas da alma emolduradas em marfim; poucos o excederam n'este genero de poesia. Mesmo na época de Ercilla, em que uma só d'essas composições fazia a reputação

de um poeta, nunca o madrigal se elevou a maior altura. A transcrição dos dois seguintes dispensa-nos de qualquer outro commentario:

MADRIGAES

1.º

Se eu conseguisse um dia ser mudado
Em verde Beija-flor, oh! que ventura!
Desprezara a ternura
Das bellas flores no risonho prado.
Alegre e namorado
Me verias, ó *Glaura*, em novos giros
Exhalar mil suspiros,
Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa.

2.º

Jasmins e rosas tinha
Para adornar o tronco da mangueira:
A' fonte *Glaura* vinha,
Escondi-me entre a rama lisongeira:
Fiquei a tarde inteira
A ver as perfeições da minha amada;
Mas quando recostada
Principia a cantar os meus amores,
Deixo cair as flores,
Ella me vê, e exhala, que ventura!
Dois suspiros de amor e de ternura.

Estes dois madrigaes são o fiel transumpto da vida do poeta; escrevia para dizer ao mundo—amo e sou amado; mas a sua ventura devia durar muito pouco; a morte arrebatou-lhe o objecto do

seu culto, e então cantou a dôr que o cruciava em notas commovedoras.

O vice-rei Luiz de Vasconcellos fôra substituído pelo conde de Rezende, sombrio como a sombra de Philippe II, e desconfiado como são todos os tyranos. Com a vinda d'este vice-rei começaram as perseguições contra todos os que tinham a desgraça de pensar. Cada centro litterario era considerado um nucleo de conspiradores, os membros da *Arcadia* passaram por jacobinos. Rezende sentia germinar por toda a parte o espirito de independencia que brotára da *Escôla de Minas*, e como planta maldita crescer por todo o solo; e bem quizera que todos os litteratos e poetas tivessem uma só cabeça para a decepar de um só golpe. Bastava uma simples delação por mais injustificada que fosse, ou haver pertencido a qualquer associação litteraria para ser perseguido e sepultado nas prisões, sem outro processo judicial além da simples ordem do vice-rei. Assim é que sendo denunciado pelos franciscanos como conspiradores, Alvarenga e seus companheiros da *Arcadia* foram presos e encerrados nas humidas masmorras da ilha das Cobras, onde permaneceram alguns annos até que foram postos em liberdade por ordem directa do governo da metropole.

Desde então uma tristeza infinda se apoderou do seu character, vivendo retirado do tracto dos homens, quanto lhe permittia a sua profissão de advogado, a qual deixou para occupar a cadeira de rhetorica do Rio de Janeiro, logar que exerceu

até ao dia do seu fallecimento em 1 de novembro de 1814.¹

De Alvarenga existem muitas outras composições além das precitadas, que se encontram no *Parnaso Brasileiro* do conego Januario e no *Florilegio* de Warnhagem, mas que não sobrepujam as que encerra a preciosa collecção por elle dada á estampa em 1811; se bem que todas primem pelas bellezas do estylo e harmonia da linguagem.

Houve tambem por esse tempo outro poeta, Ignacio José d'Alvarenga Peixoto, reputado por Wolf como auctor das *Cartas chilenas*, das quaes já tivemos occasião de fallar, cujas poesias melódicas, tranquillias e impeccaveis na fórma, contrastavam singularmente com o character dicidido e energico de que deu grandes provas durante a sua vida.

Nasceu Alvarenga Peixoto no Rio de Janeiro no anno de 1748, cursou humanidades no collegio dos Jesuitas da mesma cidade, d'onde passando-se para Coimbra, matriculou-se na Universidade recebendo ahi o grau de doutor em direito canonico. Sua applicação, brilhantes dotes e avantajada reputação como poeta devida ás suas primeiras composições, valeram-lhe a protecção do marquez de Pombal que o fez nomear logo juiz real de Cintra, logar que desempenhou até 1776 em que a

¹ Vide além da *Bibliographia* d'este volume: o *Parnaso* do conego Januario; o *Florilegio* de Warnhagen; e o *Novo Parnaso* de Pereira da Silva.

pedido seu, quando apenas contava 28 annos, obteve um emprego no tribunal do Rio das Mortes, capitania de Minas Geraes, para onde seguiu sem demora.

A sua traducção da *Merope*, de Maffei, que dedicou ao marquez de Lavradio, vice-rei da colonia n'aquella época, deu causa a que entre elles se estabelecesse grande amizade, sentimento esse que Alvarenga Peixoto procurou sempre merecer, pois continuamente enviava de S. João d'El-Rei novas producções poeticas ao vice-rei, figurando entre as mais notaveis o drama em verso *Eneas no Lacio*, que foi muito apreciado n'aquella época. Infelizmente essa producção, como muitas outras, não chegou até nós. Tão delicada conducta para com o vice-rei, a justiça das suas sentenças e algumas offertas litterarias feitas a D. Rodrigo José de Menezes, governador da provincia de Minas, grangearam-lhe tambem a estima d'esta auctoridade, a quem Alvarenga Peixoto dedicou uma poesia saudando o nascimento de um filho, composição esta que adquiriu grande nomeada no seu tempo, e que Warnhagen transcreveu no *Florilegio* como uma das melhores de Peixoto.

Como não podia deixar de acontecer, equal amizade se estabeleceu entre Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga, sendo por estes apresentado e admittido com grande entusiasmo no seio da *Arcadia Ultramarina*, na qual figurou ao que parece sob o pseudonymo de *Eureste Phenicio*, com que assignou a sua poesia

em resposta aos *Adeuses de Nize*, de Claudio Manoel da Costa.

A melhor producção das que se lhe conhecem, e que o arrebatou ás maiores alturas do sentimento poetico e da inspiração, é a *Ode á rainha D. Maria*, rogando-lhe que venha á America. Essa poesia, sem sair dos moldes do rigorismo classico, é cheia do nacionalismo que acalentava sua alma e lhe escandecia a fulgurante imaginação. N'ella se encontram accentos tão vibrantes, écos tão sonoros e brados de independencia tão sublimes, que apesar da exaggeração de alguns conceitos, não póde deixar de arrancar ao leitor um grito de admiração — saudando a magestade do genio! Logar á inspiração patriotica! Eis essa ode que nenhum dos que se tem occupado da poesia brasileira jámais deixou passar despercebida; o que egualmente não faremos, pondo de parte todas as suas canções e poesias eroticas, que não revelam tanto o character entusiasta do poeta.

ODE

á rainha D. Maria I

Invisiveis vapores

Da baixa terra, contra os ceus erguidos,

Não offuscam do sol os resplendores.

Os padrões erigidos

A' fé real nos peitos lusitanos,

São do primeiro Affonso conhecidos.

A nós americanos

Toca levar pela razão mais justa

Do throno a fé aos derradeiros annos.

Fidelíssima augusta,
Desentranhe riquíssimo thesouro
Do cofre americano a mão robusta;
Se o Tejo ao Minho, ao Douro,
Lhe aponta um rei em bronze eternisando,
Mostre-lhe a filha eternisada em ouro.

Do throno os resplendores
Façam a nossa gloria, e vestiremos
Barbaras pennas de diversas cores.

Para nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.

Sirva a real grandeza
A prata, o ouro, a fina pedraria
Que esconde d'estas terras a riqueza.

Ah ! chegue o feliz dia,
Em que do novo mundo a parte inteira
Acclame o nome augusto de Maria.

Real, real primeira,
Só esta voz na America se escute,
Veja-se tremular uma bandeira.

Rompam o instavel sulco
Do pacifico mar na face plana
Os galeões pesados do Acapulco.

Das serras da Araucana
Desçam nações confusas diferentes
A vir beijar a mão da soberana.

Chegae, chegae contentes,
Não temaes dos Pizarros a fereza,
Nem dos seus companheiros insolentes.

A augusta portugueza
Conquista corações, em todos ama
O soberano auctor da natureza.

Por seus filhos vos chama,
Vem pôr o termo á nossa desventura,
E os seus favores sobre nós derrama.

Se o Rio de Janeiro
Só a gloria de ver-vos merecesse,
Já era vosso o novo mundo inteiro.
Eu fico que estendesse
Do cabo ao mar pacificas medidas
E por fóra da Havana as recolhesse.
Ficavam incluídas
As terras, que vos foram consagradas,
Apenas por Vespucio conhecidas.
As cascas enroladas,
Os aromas, e os indicos effeitos
Poderão mais que as serras prateadas.
Mas nós de amor sujeitos
Promptos vos offertamos a conquista
Barbaros braços, e constantes peitos.

Póde a Tartaria grega
A luz gosar da russiana aurora;
E a nós esta fortuna não nos chega ?
Vinde, real senhora,
Honrar os nossos mares por dois mezes,
Vinde ver o Brazil, que vos adora.
Noronhas e Menezes,
Cunhas, Castros, Almeidas, Silvas, Mellos,
Tem prendido o leão por muitas vezes.
Fiaes os reaes sellos
A mãos seguras, vinde descansada.
De que servem dois grandes Vasconcellos ?
Vinde a ser coroada
Sobre a America toda, que protesta
Jurar nas vossas mãos a lei sagrada.

Vae, ardente desejo,
Entra humilhado na real Lisboa,
Sem ser sentido do invejoso Tejo:
Aos pés augustos vòs,
Chora, e faze que a mãe compadecida
Dos seus sandosos filhos se condôa.

Ficando enternecida,
Mais do Tejo não temas o rigor,
Tens triumphado, tens a acção vencida.

Da America o furor
Perdoae, grande augusta; é lealdade
São dignos de perdão, crimes d'amor.

Perdoae a magestade,
Emquanto o mundo novo sacrifica
A' tutelar propicia divindade.

O principe sagrado
No pão de pedra, que domina a barra
Em colossal estatua levantado,
Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado sudoeste esbarra;
E veja glorioso
Vastissima extensão de immensos mares,
Que cerca o seu imperio magestoso;
Honrando nos altares
A mão, que o faz ver de tanta altura
Ambos os mundos seus, ambos os mares,
E a fé mais santa e pura,
Espalhada nos barbaros desertos,
Conservada por vós firme e segura.

Sombra illustre e famosa
Do grande fundador do luso imperio,
Eterna paz, eternamente gosa.

N'um e n'outro hemispherio
Tu vês os teus augustos descendentes
Dar as leis pela voz do ministerio:

E os povos differentes,
Que é impossivel quasi ennumerar-os,
Que vem a tributar-lhes obedientes;

A honra de mandal-os,
Pedem ao neto glorioso teu;
Que adoram rei, que servirão vassallos.

O indio o pé bateu,
Tremeu a terra, ouvi trovão, vi raios,
E de repente desapareceu.

Casando afinal Alvarenga Peixoto com uma das jovens mais ricas do paiz, abandonou a magistratura e entregou-se exclusivamente á administração de seus immensos bens. Gosava de uma paz invejavel, era tão querido e respeitado por todos, que foi nomeado coronel da cavallaria de milicias do Rio Verde. Infelizmente é sempre verdadeiro o proloquio: «não ha bem que sempre dure». Deposto o governador da provincia de Minas, seu amigo, D. Rodrigo de Menezes no anno 1783, o funcionario que o substituiu D. Luiz da Cunha de Menezes, tantos desacertos e tropelias commetteu, que a consciencia publica insurgiu-se contra a sua administração, e Alvarenga Peixoto sentiu despertar novamente em sua alma o sentimento de independencia que a havia animado toda a vida; começando por satyrisar os actos do governador e concluindo por tomar parte na conjuração e chegando a ser um dos chefes da Inconfidencia.

Preso com os demais, condemnado á morte em 1792, confiscados os seus bens e declarada sua familia infame, foi levado até junto do cadafalso onde lhe commutaram a pena em degredo perpetuo para Ambaca em Angola. Tal successo impressionou tão fortemente o espirito do poeta, foram tão grandes os seus soffrimentos e tão funda magua produziu em sua alma o stygma de infamia

lançado á sua familia e a pobreza a que a via reduzida, que quando chegou ao presidio, apesar de não contar mais de 44 annos, tinha embranquecidos os cabellos, as forças debilitadas, parecendo mais um sexagenario caduco do que um homem na força da vida. Aquella velhice prematura, aquella dôr intensa que teria abrandado uma fera, não abalaram as duras fibras do governador de Ambaca, o qual reputando o desventurado poeta um homem perigoso, em obediencia talvez ás ordens secretas internou-o em zonas mortiferas, onde elle não podendo resistir, falleceu em 1793, ao desamparo e segregado de quantos o amavam. Assim pereceu tão ardente engenho, assim se evolou d'este mundo aquella alma generosa capaz de levar por deante as mais gloriosas empresas. Serviram de còro á sua prematura morte os primeiros rugidos da revolução franceza.

Citemos tambem Domingos Vidal Barbosa, Bartholomeu Antonio Cordovil e João Pereira da Silva, os quaes, ainda que muito menos importantes que os precedentes, pertenceram comtudo á *Escola de Minas* e á *Arcadia Ultramarina*.

O primeiro, natural do Rio de Janeiro, nasceu em 1751, seguiu a carreira de medicina a qual estudou em Paris, sem que o seu titulo de medico o impedisse de cultivar as musas. Entre as suas melhores composições cita-se uma ode dirigida ao vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, que alcançou certa popularidade, e attribue-se-lhe tambem outra não menos celebre dirigida a Affonso

poema apesar das infinitas bellezas que contém, foi acolhido friamente pelos brasileiros e portuguezes; causou este facto tão profunda impressão ao seu espirito, que o poeta, em um momento de allucinação rasgou todas as poesias que possuia ineditas, perdendo-se assim talvez as mais bellas joias do seu engenho. Exhalou o ultimo suspiro no dia 24 de janeiro de 1784.

O exemplo das concepções épicas estava dado, e José Francisco Cardoso, natural da Bahia, não tardou a dedicar-se ao genero, compondo o poema heroico baseado na expedição de Donald Campbell contra o bey de Tripoli. O original foi escripto em latim, e o famoso poeta Bocage, cujo nome constitue uma das glorias mais esplendentes da lingua portugueza, trasladou-o verso a verso, para o vernaculo.

VI

Que direcção tomara n'esse tempo a poesia lyrica? — Alguns de seus adeptos, sobretudo entre os poetas da *Escola de Minas*, affastando-se um pouco do idyllio e das composições melancholicas que haviam substituido o panegyrico, inspiravam-se

mais directamente da esplendida natureza que os cercava, formando um côro de enthusiasmo com a poesia épica, verbo sublime da ideia da liberdade que começava a irradiar desde as margens do Mississippi até ás plagas do Atlantico.

Uma das figuras mais proeminentes d'este periodo é a de Claudio Manoel da Costa, alma entusiastica e sonhadora, escrevendo versos de uma doçura incontestavel, mas sentindo vibrar mais formosas ainda, mais sublimes e harmoniosas as pulsações do coração. Distinguia-se principalmente pela correcção do estylo, pureza e elegancia da fórma; notando-se nas suas composições o gosto requintado da escôla italiana, confundido com as tintas melancholicas das saudades portuguezas.

Victima de uma paixão desgraçada, pôde dizer-se que seu espirito, Prometheu do sentimento, traduziu as suas impressões com um estylo petrarchiano, em fórmas metastasicas e linguagem portugueza. Sua imaginação preza aos sitios onde havia sentido e amado, não comprehendia o idyllio senão junto ás margens do Tejo ou do Mondego. A virgem de seus sonhos de ouro estava sempre ali, aspirando as auras d'aquellas apreciaveis ribeiras, banhando-se nas azuladas ondas d'aquelles rios, e illuminada pela reverberação d'aquelle ceu semi-andaluz cuja transparencia convida á contemplação. Mas o sentimento da patria, a sua maior paixão, como elle proprio confessa no prefacio da collecção de suas poesias publicadas em Coimbra em 1768, vivia occulto no fundo da sua alma; até que em um

momento, transpondo a barreira que lhe oppunha o amor, mostrou-se em toda a sua pureza na fabula do *Ribeirão do Carmo*, rio que deu o nome á cidade do poeta pela abundancia de areias auríferas que arrastava na sua corrente. Basta ler o soneto que precede essa composição, para se comprehender o enlevo prophético d'aquella alma, o seu amor divinizado pela imagem da patria e d'aquella que para sempre o tornára infeliz. Eil-o :

Seja a posteridade, oh patrio rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Porque vejas teu nome despertado
Do somno vil do esquecimento frio.

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento d'um álamo copado,
Não vês nympha cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pallidas areias
Nas porções do riquissimo thesoiro
O vasto campo d'ambição recreias.

Que de seus raios o planeta loiro,
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chammas fecunda, brota em oiro.

E' certo que n'esta fabula apparece a cruel Eulina, mas confundida com as auras nascentes do rio, os brincos da sua infancia e os primeiros esplendores da sua juventude. Por esses mesmos tempos escreveu o poema intitulado *Villa Rica*, em cujas descripções se mostra verdadeiramente brasileiro. Dir-se-ia que n'essa composição a recor-

dação da mulher amada ia empallidecendo ante a realidade da patria, razão pela qual consagrou a esta toda a sua vida pratica, assim como áquella havia antes dedicado toda a sua vida ideal.

Estabelecido em Villa Rica, cabeça da capitania de Minas Geraes, vemol-o consagrado á profissão de advogado, na qual adquiriu numerosa e remuneradora clientella; estudando ao mesmo tempo as questões economicas e traduzindo a *Riqueza Nacional* de Adam Smith; adquirindo por esse modo grande reputação de economista, e jurisconsulto, ainda que seus trabalhos n'essas especialidades não chegassem a ser impressos. Era consultado frequentemente pelos governadores a respeito de toda a classe de assumptos administrativos, quando em 1780 subindo ao poder D. Rodrigo José de Menezes, foi nomeado secretario d'Estado, encargo que desempenhou até 1788, em que foi eleito o visconde de Barbacena.

Bem longe andava já então o espirito do nosso poeta do *Mumisculo Metrico*, do *Labyrintho do Amor*, dos *Numeros harmonicos*, e outras composições da sua juventude. Bem distante pairavam as paizagens de Napoles, de Milão, do Tejo, e do Mondego. Bem longe lhe ficavam os amores desgraçados, as cantatas, elegias e idyllios os sonetos de Virgilio e Metastasio, de Dante e de Petrarcha, de Guarani e Rodrigues Lobo, seus auctores predilectos. Tudo isso se lhe eclipsára na imaginação para dar logar á imagem radiante da patria, ante cujos altares devia immolar-se.

Temos fallado de seus sonetos e cantatas, e não nos podemos isentar de aqui dar uma das suas mais breves e harmoniosas canções, tão rica de doçura e saturada de tão engenhosa naturalidade, que nada deixa a desejar, e eleva a poesia pastoril a uma altura, a que não chegou a maior parte das composições d'esta indole publicadas por aquelles tempos.

CANTATA

Não vejas, Nize amada,
A tua gentileza
No crystal d'essa fonte. Ella te engana:
Pois retrata o suave
E encobre o rigoroso. Os olhos bellos
Volta, volta a meu peito:
Verás, tyranna, em mil pedaços feito
Gemer um coração; verás um rosto
Cheio de pena, cheio de desgosto.
Observa bem, contempla
Toda a misera estampa. Retratada
Em uma cópia viva
Verás distincta e pura,
Nize cruel, a tua formosura.
Não te engane, ó bella Nize,
O crystal da fonte amena:
Que essa fonte é mui serena,
E' mui brando esse crystal.
Se assim como vês teu rosto,
Viras, Nize, os seus effeitos,
Póde ser, que em nossos peitos
O tormento fosse igual.

Esta cantata é uma recordação, uma lagrima, o pulsar de um coração que já não espera; é o quei-

xume da rola ao pôr do sol, lançando dulcissimas notas de extremo canto, como o adeus do astro-rei para depois se esconder além das serranias do occidente, um gemido emfim de uma alma dolorida, que não encontrando meios de expressar seus sentimentos em idioma vulgar, pede á poesia seu rithmo e seus accordes para produzir um grito de dôr. Tal é o poeta, tal é Claudio Manoel da Costa. Para julgal-o é necessario ter amado como elle amou, e isso não é dado senão ás almas privilegiadas; os que nunca sentiram bater o coração ao impulso de uma paixão sublime, os que tem sentido a falta de um idioma celeste para expressar a divinisação de um sentimento, podem dispensar-se de o ler; não o comprehenderão.

Já que tratamos d'este poeta, o decano dos de Minas, e demonstramos a tendencia nacionalisadora da epopeia, narremos ainda que succintamente o que se chamou por aquelles tempos *Inconfidencia de Minas*, primeiro movimento da independencia politica que se effectuou no Brazil, e desde a qual se proclamou de uma maneira distincta a da sua litteratura.'

Corria o anno de 1783 quando foi nomeado capitão-general da provincia de Minas D. Luiz da Cunha Menezes, homem vaidoso e inepto para o governo, sobretudo em uma época como aquella, em que os escassos rendimentos das minas de ouro haviam alterado sensivelmente a riqueza publica e particular, até então florescentissima. Cerca de 700 arrobas de ouro devia a provincia segundo a lei da

capitação, e não havia meio de pagar quantia tão elevada. A crise economica, pois, tomava proporções gigantéas, que ainda augmentavam com os desacertos do governador; tanto que ao cabo de algum tempo, era malquerido de uns e detestado de outros, censurado e ridiculisado por muitos.

Foi então que appareceram as celebres *Cartas chilenas* escriptas por um poeta de Villa Rica, sob o pseudonymo de *Critillo*, dirigidas a um tal *Dorotheu da Corte*—cartas que Warnhagen attribue a Claudio Manoel da Costa ou a Alvarenga Peixoto. Não eram mais nem menos do que uma tremenda accusação contra o mau governo e má administração do capitão-general. Essas cartas, pode-se dizer, foram a mecha accesa applicada á mina do descontentamento publico, que não tardou a tomar um character de verdadeira conjuração. Inteirado afinal o governo da metropole do que se passava, depoz immediatamente o capitão-general substituindo-o pelo visconde de Barbacena.

Mas o impulso estava dado. Correu o boato de que o novo capitão-general ia exigir o prompto pagamento d'aquella enorme divida provincial, e desde então não se conspirou mais na sombra. O descontentamento tornou-se geral e publico, e n'um banquete dado por essa occasião, Joaquim José da Silva Xavier, cognominado *Tira-dentes*, official de milicias de Villa Rica, e um dos chefes conjurados, brindou á independencia de Minas Geraes e de todo o Brazil; ao passo que o poeta Alvarenga Peixoto, aproveitando-se do enthusiasmo com que

Pastoras, não me chameis
Para a vossa companhia,
Que onde vou, comigo levo
A mortal melancholia.

Coube-me por triste sorte
Eclipsada estrella impia,
Que em meus dias sempre influe
A mortal melancholia.

Logo ao dia de eu nascer,
N'esse mesmo infausto dia,
Veio bafejar-me o berço
A mortal melancholia.

Por cima da infeliz choça
Gralha agoureira se ouvia,
Que a meus dias agourava
A mortal melancholia.

No meu innocente rosto
Quem o notava bem via,
Que em triste côr se marcava
A mortal melancholia.

Que fiz eu á natureza,
A' fortuna eu que faria,
Para inspirar-me tão cedo
A mortal melancholia?

De alegria ouço eu fallar,
Mas não sei que é alegria:
Nunca me deixou sabel-o
A mortal melancholia.

Se um anno triste se acaba,
Triste o outro principia: •
Marca as horas, dias, mezes,
A mortal melancholia.

Sou forçado a alegre canto,
Faço esforços de alegria,
E occulto no fundo d'alma
A mortal melancholia.

Enxugo o pranto nos olhos,
Obrigo a que a bocca ria,
Para disfarçar comvosco
A mortal melancholia.

Não quero com os meus pezares
Funestar a companhia;
Que é uma peste que lavra
A mortal melancholia.

Se os seus bens me mostra a sorte,
Mostra-m'os por zombaria,
Porque para mim só guarda
A mortal melancholia.

Sonhei que uma augusta mão
Venturoso me fazia;
Foi sonho—e fica em verdade
A mortal melancholia.

Fui abranger as venturas
Que o sonho me offerecia;
E despertei abraçando
A mortal melancholia.

Se um prazer se me dirige,
Occulta força o desvia:
Só de mim se não separa
A mortal melancholia.

Ella me vae consumindo
De hora a hora, dia a dia:
Sinto-me ir desfallecendo
Da mortal melancholia.

fez instaurar com datas atrasadas, no qual não poupou meios de provar a sua actividade e energia.

Claudio Manoel da Costa, considerando-se perdido tanto pela parte que havia tomado na conspiração, como pela maneira inquisitorial com que se iniciára o processo, ou talvez por um sentimento de piedade inaudita pelos companheiros a quem a sua fraqueza compromettera nas primeiras declarações, suicidou-se na prisão a ver se assim, denunciando-se o mais culpado, suavisaria a pena de seus companheiros de desventura. Mas tudo foi inutil. Os accusados foram transportados ao Rio de Janeiro, onde em 1792 lhes foi lida a sentença, condemnando 11 a pena de morte, e os outros ao desterro e presidios n'Africa. Mas afinal, quer porque o governo em Lisboa se julgasse bastante seguro de sua auctoridade, quer porque cedesse ás supplicas do desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, um dos mais illustres poetas portuguezes d'aquelle tempo, enviado expressamente do reino para julgador d'esse processo, quer finalmente pela compaixão que inspiravam as desditas de tantos e tão peregrinos engenhos, o certo é que a pena capital só padeceu Silva Xavier, commutando-se aos demais sentenciados essa pena em degredo perpetuo.

Os dois primeiros martyres da independencia haviam desaparecido da face da terra, um suicidando-se na prisão, rompendo com a morte a maior parte dos élos d'aquella conspiração, e resgatando

o logar de medico da noiva do principe D. Pedro, a archiduqueza Leopoldina d'Austria, posteriormente mãe do actual imperador do Brazil; embarcou-se para a sua patria onde chegou em 1817, mas no fim de algum tempo as suas ideias liberaes que não procurava occultar, acarretaram-lhe o desfavor da côrte. Este acontecimento coincidindo com a quebra de uma casa commercial depositaria de quasi toda a sua fortuna, alterou tão profundamente a sua saude que, indo para recuperall-a a S. Paulo, em caminho viu-se forçado a recolher-se n'uma cabana, onde expirou.

A Mello Franco segue-se Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, nascido em Barcellos do Rio Negro na provincia do Pará a 4 de setembro de 1769. Filho de familia abastada teria certamente, como era costume, ido estudar a Coimbra, se a morte de seus paes acontecida quando mal contava 7 annos, e o sequestro de seus bens por motivos que ignoramos, o não lançassem em desolada orphandade e miseria, as quaes felizmente foram logo amparadas por seu padrinho o arcyprسته José Monteiro Noronha, que lhe deu uma educação bastante esmerada para o tempo e o logar em que nascera.

Dedicando-se á agricultura, n'ella adquiriu á força de estudos e experiencias, conhecimentos não vulgares. Apesar de casado, de levar uma vida tão trabalhosa como é a do campo, ainda assim Bento Tenreiro achava tempo para dedicar-se á litteratura. Nomeado official de milicias e director da aldeia de Oeiras, deu bellas provas de coragem e

boa administração, reduzindo os habitantes á obediencia e dando impulso á lavoura da aldeia, que desde então se tornou tão florescente, que dentro em pouco converteu-se em uma povoação importante. Seus trabalhos litterarios entre os quaes se contam varios discursos em prosa, algumas allegorias dramaticas, odes, sonetos e poesias lyricas, foram em 1850 recolhidos e publicados por seu filho, no Pará, com o titulo de *Obras litterarias*.

As suas odes e poesias em geral brilham mais pela rhetorica do que pela poesia. Os estudos classicos e o conhecimento profundo do idioma e a pureza irreprehensivel da sua structura, não podem occultar a deficiencia da verdadeira inspiração. Bento Tenreiro Aranha é menos um poeta brasileiro, creado e educado nos tropicos, vivendo constantemente no meio de sua feracissima natureza, banhado pelas brisas do sertão e queimado pelos ardentes raios do sol, do que um erudito vivendo na bibliotheca, e namorado do classicismo francez, que busca inspiração nos livros, como se não a houvesse encontrado mais esplendida e mais verdadeira em tudo quanto o cercava na vastidão da terra.

A vida do campo acostumando-o ao surpreendente spectaculo da natureza d'estas regiões intertropicaes, fazia com que não attentasse n'ellas e como que se lhe embotasse o espirito á força de ver todos os dias os mesmos quadros; os cuidados que lhe inspirava o bem-estar dos indios, a sua civilisação e lavoura, annullavam em seu espirito

o sentimento da nacionalidade. Para elle a patria era o indio que se civilisava, os campos arroteados, o progresso que se ia operando lenta mas seguramente em torno de si, sem que sequer lhe echoasse aos ouvidos o mais longinquo rumor da tempestade revolucionaria que no fim do seculo XVIII se desencadeava medonha.

Não obstante, um soneto feito á mulher de um soldado, uma indigena que preferiu ser morta pelo que a salteara no caminho para a deshonrar, a quebrar o juramento de fidelidade dado ao esposo, prova-nos que a Bento Tenreiro Aranha não faltava estro nem sentimento para ser um poeta eminentemente nacional. Julgue o leitor por si mesmo d'este specimen de melodia e correcção:

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco frio ao corvo altivolante.

Que d'um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata d'esta sorte,
Porém que allivio busque á dôr amara;

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que por honra da fé, que lhe jurára,
A' mancha conjugal prefere a morte.

Tenreiro Aranha foi mais um patriarcha do que um poeta; sua vida concentrou-se em fazer bem, morreu feliz e abençoado a 11 de novembro de 1811, desempenhando o cargo de secretario do grande collegio do Pará, emprego que lhe foi conferido como recompensa dos seus bons serviços, e que o principe regente por um decreto especial tornou vitalicio para dar mais realce a tão justo galardão.

Outro poeta contemporaneo dos precedentes, que não deve ser esquecido é Manoel Joaquim Ribeiro, professor de philosophia em Minas. Era uma alma agradecida e enthusiasta, como se depreheende das composições poeticas que escreveu em louvor do seu protector, o capitão-general Bernardo José Lorenna, conde de Sarzeda, debaixo de cujos auspicios se publicaram em 1805 em Lisboa as suas *Obras poeticas*.

Suas producções eroticas dirigidas á sua amante Jonia recordam Gonzaga, tanto pela naturalidade como pelo sentimento, lyrismo, harmonia e belleza de linguagem. Apesar da sua fórmula pastoril, o poeta soube dar a essas composições um cunho de verdadeira paixão e originalidade.

Outros escriptores tambem se assignalam n'esta época entre os bons poetas, ainda que inferiores aos precitados, taes como; Joaquim Ignacio de Seixas Brandão, natural da provincia de Minas Geraes; José Ignacio da Silva Costa, nascido no Rio de Janeiro e o padre Miguel Euzebio da Silva Mascarenhas, celebre prégador que morreu em estado

mentecapto. Todos elles figuram nas *Modulações poeticas* do sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, mas infelizmente não resta d'este ultimo nenhuma das excellentes producções poeticas, e ainda menos das suas correctas traducções.

Não podemos deixar tambem em esquecimento os sabios brasileiros que tanto abrilhantaram as sciencias por este tempo, taes como: frei José Marianno da Conceição Velloso, auctor da *Flora Brasileira*, obra monumental de erudição e paciencia; Alexandre Rodrigues Ferreira, eminente explorador dos rios Negro, Madeira e Mamori, que durante dez annos accumulou thesouros que infelizmente ainda se conservam ineditos; o padre José da Costa Azevedo, naturalista insigne, e outros que vão mencionados na parte bibliographica d'estas apreciações.

VII

Extinguiam-se no eterno leito dos dias os ultimos annos do seculo XVIII. Debaixo do cadafalso de Luiz XVI fundia-se um mundo novo, uma nova civilisação, um novo direito e uma nova legalidade; notando-se n'aquelles annos de suprema angustia,

senão consolo, pelo menos refugio na realisação de uma grande ideia por mais audaciosa que fosse; mas como era ternamente correspondido, todas as suas aspirações se concentravam em amar e ser amado. Apesar d'isso a sua nomeada de grande jurisconsulto, seu reconhecido talento e nobreza de character, sua acrysolada virtude, reconhecida probidade e fama de poeta, multiplas qualidades preciosas que teriam feito a ventura de qualquer outro, foram as principaes senão unicas causas da sua desgraça.

Correra o boato de que elle fôra o escolhido pelos conjurados para presidir á futura republica brasileira, e assim foi envolvido talvez bem a seu pezar, n'essa conjuração, quando julgava attingir a meta das suas aspirações e a realisação de seus mais ardentes desejos, desde que fôra nomeado desembargador do tribunal da Bahia. Em vez de levar a sua amada Marilia ao altar, viu-se carregado de cadeias e remettido ás prisões do Rio de Janeiro para responder a accusações que sobre elle pesavam. Em vão protestou a sua innocencia ante os juizes, estes apontavam-lhe inexoraveis como principal delicto o não ter denunciado os seus amigos! Nem a falta de provas, nem os versos que da prisão dirigira á sua Marilia, nos quaes ressaltava a sua innocencia, foram bastantes para salvá-lo. A 18 de abril de 1792 foi condemnado a desterro perpetuo nas Pedras d'Angoche, sentença que foi commutada em dez annos de desterro em Moçambique.

Esse despertar do sonho da vida foi-lhe horrível. Aquella sensitiva—pois outra cousa não era a alma de Gonzaga—sentiu-se ferida de morte, como elle proprio diz em uma das suas sentidas poesias, despedindo-se de Marilia:

Leu-se-me emfim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeus, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;
E a pena que então senti,
Justos ceus! não sei dizer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro d'alma; e por negação
Me está dizendo a desgraça
Que nunca mais t'hei de ver.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento,
Porém suspiro e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Não são as horas que perco,
Quem motiva a minha dôr;

Mas sim ver que o meu amor
Este fim havia ter.

Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vae quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.
Ausente de ti, Marilia,
Hei de amar-te até morrer.

Este foi o ultimo gemido d'aquelle grande engenheiro. A 22 de maio de 1792 embarcou o infeliz desterrado para Moçambique, onde, mal chegou, foi atacado de uma profunda melancholia seguida de uma febre nervosa, que o fez perder a memoria. Chegou a tal estado de embrutecimento que havendo recuperado a saude do corpo, casou com a sua enfermeira. Nada mais triste do que esse ente presa de tremenda inercia moral, entregue completamente aos cuidados de sua mulher D. Juliana de Sousa Mascarenhas, ora tomado de furia e de raiva, ora cahido em profunda melancholia, chorando como uma creança, gritando como desesperado, maltratando-se sem piedade. Eram os ultimos relampagos da intelligencia luctando para

culo o padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, cuja memoria os seus compatriotas respeitam e admiram com razão.

Nasceu este illustre brasileiro na cidade do Rio de Janeiro a 24 de novembro de 1762, foi mandado por seus paes, na idade de 8 annos, a Lisboa sob os cuidados dos parentes que lá tinha, com o fim de robustecer a sua delicada saude, o que conseguiu immediatamente. Aos 16 annos começou a cursar a Universidade de Coimbra com promettedoras esperanças. Havia cahido o celebre marquez de Pombal; o reinado de D. Maria I começava entre os attentados de repressão; o *plano de estudos* que o sabio marquez tinha reformado volveu ao antigo barathro de vicios, do empyrismo e da rotina, sendo condemnada e castigada toda a ideia de progresso ou de liberdade, de cujo cumprimento se encarregou a *Santa Inquisição*, estabelecendo uma vigilancia tão assidua, tão prolixa e tão austera que até os estudantes evitavam communicar suas ideias, e não conversavam senão a furto e como que a medo, receiando cair a cada momento nas garras do feroz tribunal.

Foi n'estas condições que empreendeu os seus estudos Antonio Pereira de Sousa Caldas, e por tal modo influiu essa atmosphaera sempre carregada e ameaçadora em seu animo, que uma perenne melancholia foi a companheira de todos os seus dias e noites. Concentrado em si mesmo, sentindo revolver-se-lhe na mente um mundo de ideias, appellou para a poesia, e soltando as redeas da imagina-

ção escreveu entre outras ousadias poeticas a sua famosa ode ao *homem selvagem*, que aqui vem de molde para serem bem aquilatados os seus altos merecimentos :

Ao homem selvagem

O' homem que fizeste ? tudo brada:
Tua antigua grandeza
De todo se eclipsou; a paz doirada,
A liberdade com ferros se vê preza,
E a pallida tristeza
Em teu rosto esparzida desfigura
De Deus, que te creou, a imagem pura.

Na cithara, que empunho, as mãos grosseiras
Não pôz cantor profano;
Emprestou-m'a a verdade, que as primeiras
Canções n'ella entoára; e o vil engano,
O erro deshumano,
Sua face escondeu espavorido,
Cuidando ser do mundo emfim banido.

Dos ceus desce brilhando
A altiva independencia, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado;
Eu a ouço dictando
Versos jámais ouvidos: reis da terra,
Tremei á vista do que ali se encerra.

Que montão de cadeias vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas !
A natureza simples e constante,
Com penna de diamante,
Em breves regras escreveu no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

O teu firme alicerce eu não pretendo
Sociedade santa,
Indiscreto abalar; sobre o tremendo
Altar do calvo tempo, se levanta
Uma voz que me espanta,
E aponta o denso veu da antiguidade,
Que á luz esconde a tua longa idade.

Da dôr o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me,
E as tremulas entranhas apertar-me.
Oh ceus! que immenso espaço
Nos separa d'aquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos!

Salve dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho allumiava,
Quando da natureza sobre o collo
Sem temor a innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido,
Que inda a terra não tinha conhecido.

Dos fervidos Ethontes debruçado
Nos ares se sustinha.
E contra o tempo de furor armado,
Este dia alongar por gloria tinha:
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando,
A noite foi do Averno a fronte alçando.

Saiu do centro escuro
Da terra a desgrenhada enfermidade,
E os braços com que, unida á crueldade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo, as campinas vae talando,
E os miseros humanos lacerando.

O CAJUEIRO

*Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor.*

No teu tronco pela tarde,
Quando a luz no ceu desmaia,
O novilho a testa ensaia
Faz alarde do valor.
Para fructos não concorre
Este valle ingrato e sécco,
Um se enruga murcho e péco
Outro morre ainda em flor.

Cajueiro, etc.

Vés nos outros rama bella,
Que a Pomona por tributos
Offerece doces fructos
De amarella e rubra côr ?
Ser copado, ser florente
Vem da terra preciosa;
Vem da mão industriosa
Do prudente agricultor.

Cajueiro, etc.

Fresco orvalho os mais sustenta
Sem temer o sol activo;
Só ao triste semivivo
Não alenta o doce humor.
Curta folha mal te veste
Na estação do lindo agosto,

E te deixa nu e exposto
Ao celeste intenso ardor.

Cajueiro, etc.

Mas se esteril te arruinas,
Por destino te conservas,
E pendente sobre as hervas
Mudo ensinas ao pastor:
Que a fortuna é quem exalta,
Quem humilha o nobre engenho:
Que não vale humano empenho,
Se lhe falta o seu favor.

Cajueiro, etc.

A LUA

*Como vens tão vagarosa
Oh formosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena a consolar.*

Geme, ó ceus!—mangueira antiga
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a suspirar.
Entre pallidos desmaios
Me achará teu rosto lindo,
Que se eleva, reflectindo
Puros raios sobre o mar.

Como vens, etc.

Sente *Glaura* mortaes dores:
Os prazeres se occultaram,
E no seio lhe ficaram
Os amores a chorar.

Infeliz ! Sem lenitivo
Foge timida a esperança,
E me afflige co'a lembrança
Mais activo o meu pezar.

Como vens, etc.

A cançada phantasia
N'esta triste escuridade,
Entregando-se á saudade,
Principia a delirar.
Já me assaltam, já me ferem
Melancholicos cuidados !
São espectros esfaimados,
Que me querem devorar.

Como vens, etc.

Oh que lugubre gemido
Sae d'aquelle cajueiro !
E' do passaro agoureiro
O sentido lamentar !
Puro amor ! terrivel sorte !
Glaura bella infausto agouro !
Ai de mim ! E o meu thesouro
* Impia morte, has de roubar.

Como vens, etc.

Mas onde encontramos mais originalidade, mais correcção e galanteria é nos seus madrigaes. Essas composições breves, sentidas e syntheticas, mariposas do pensamento ou relampagos da inspiração, sahem da sua penna como aquarellas da alma emolduradas em marfim; poucos o excederam n'este genero de poesia. Mesmo na época de Ercilla, em que uma só d'essas composições fazia a reputação

de um poeta, nunca o madrigal se elevou a maior altura. A transcrição dos dois seguintes dispensa-nos de qualquer outro commentario:

MADRIGAES

1.º

Se eu conseguisse um dia ser mudado
Em verde Beija-flor, oh! que ventura!
Desprezára a ternura
Das bellas flores no risonho prado.
Alegre e namorado
Me verias, ó *Glaura*, em novos giros
Exhalar mil suspiros,
Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa.

2.º

Jasmins e rosas tinha
Para adornar o tronco da mangueira:
A' fonte *Glaura* vinha,
Escondi-me entre a rama lisongeira:
Fiquei a tarde inteira
A ver as perfeições da minha amada;
Mas quando recostada
Principia a cantar os meus amores,
Deixo cair as flores,
Ella me vê, e exhala, que ventura!
Dois suspiros de amor e de ternura.

Estes dois madrigaes são o fiel transumpto da vida do poeta; escrevia para dizer ao mundo—amo e sou amado; mas a sua ventura devia durar muito pouco; a morte arrebatou-lhe o objecto do

seu culto, e então cantou a dôr que o cruciava em notas commovedoras.

O vice-rei Luiz de Vasconcellos fôra substituído pelo conde de Rezende, sombrio como a sombra de Philippe II, e desconfiado como são todos os tyrannos. Com a vinda d'este vice-rei começaram as perseguições contra todos os que tinham a desgraça de pensar. Cada centro litterario era considerado um nucleo de conspiradores, os membros da *Arcadia* passaram por jacobinos. Rezende sentia germinar por toda a parte o espirito de independencia que brotára da *Escôla de Minas*, e como planta maldita crescer por todo o solo; e bem quizera que todos os litteratos e poetas tivessem uma só cabeça para a decepar de um só golpe. Bastava uma simples delação por mais injustificada que fosse, ou haver pertencido a qualquer associação litteraria para ser perseguido e sepultado nas prisões, sem outro processo judicial além da simples ordem do vice-rei. Assim é que sendo denunciado pelos franciscanos como conspiradores, Alvarenga e seus companheiros da *Arcadia* foram presos e encerrados nas humidas masmorras da ilha das Cobras, onde permaneceram alguns annos até que foram postos em liberdade por ordem directa do governo da metropole.

Desde então uma tristeza infinda se apoderou do seu character, vivendo retirado do tracto dos homens, quanto lhe permittia a sua profissão de advogado, a qual deixou para occupar a cadeira de rhetorica do Rio de Janeiro, logar que exerceu

inspiração que se diria que aquellas paginas foram escriptas nas tendas do deserto, ao ruminar dos camellos, ao esplendor do formoso luar dos paizes do Oriente, ouvindo os prolongados murmuriões dos palmares do Libano, depois de haver apagado a sede na fonte do Ebro ou no passo da Samari-tana, tal é o sabor de antiguidade que se encontra em seus bellos versos, tal é o sopro de inspiração em toda a sua estrutura. Parecem um rumor da eternidade arrancado das ruinas da Babylonia trasladado para o papel pelo esforço gigantesco de uma vontade apocalyptica, ou um éco sublime vindo do infinito para identificar as creaturas com o Creador. Póde dizer-se que a inspiração de Sousa Caldas começou na terra com o fragor da liberdade cantando o *Homem selvagem*, para remontar-se depois ao empyreo com a paraphrase dos *Psalmos*.

Aquella natureza tão sensível e tão delicada não podia porém resistir aos trabalhos excessivos a que se entregára. A 2 de março de 1814 sua alma desprendeu-se d'este mundo para surgir no outro cheia de gloria. Suas cinzas foram recolhidas em uma urna, e depositadas no convento dos franciscanos, gravando-se-lhe em cima este epitaphio, do eminente poeta Eloy Ottoni:

Brasiliæ splendor, verbo, sermone tonabat,
Fulmen erat sermo, verbaque fulmen erant.

Do Brazil esplendor, da patria gloria,
Discorrendo, ou fallando trovejava,
O discurso, a dicção, a essencia, a fama
Tão veloz como o raio se inflâmava.

O segundo dos poetas christãos d'este periodo foi frei Francisco de S. Carlos, que revelando desde os mais verdes annos propensão para o claustro, apenas chegado á idade de treze annos entrou como noviço no convento dos franciscanos da Immaculada Conceição, e tantas foram as boas provas que deu de seus talentos e applicação, do fervor religioso e integridade de character, que aos dezenove annos recebeu ordens no convento de S. Boaventura, na villa de Macacu. Depois de alguns annos de completa reclusão dedicados aos estudos theologicos e litterarios, apresentou-se como prégador notabilissimo, reputação que foi augmentando de dia para dia, graças ás suas rarissimas qualidades oratorias e vasto cabedal de erudição. A voz, a estatura, o semblante, a palavra persuasiva e harmoniosa, tudo parecia haver-se reunido para convertel-o em uma das portentosas columnas do adyto sagrado; tanto que prégando pela primeira vez deante do principe D. João quando em 1808 chegou ao Rio de Janeiro a côrte portugueza, ficou o principe tão maravilhado da sua eloquencia, que o nomeou immediatamente seu prégador particular. Mas nem esses favores, nem a sua popularidade, nem a sua grande reputação como professor de eloquencia sagrada, encargo que desempenhou por muitos annos, foram bastantes para torcer a sua vocação; assim foi que depois de ter desempenhado com zelo exemplar varios logares na sua ordem, voltou a submergir-se de novo na soledade do claustro,

do qual parecia não haver sahido senão para arrebatat, admirar e santificar a multidão por meio da palavra.

Seus estudos, sua vocação, seu mysticismo, sua vida ascetica e contemplativa não lograram banir-lhe da alma o sentimento da patria; pelo contrario, este se manifestava esplendido e santificado pelo seu fervor religioso; e o grande caudal de poesia retido em seu espirito, e as aptidões de que dispunha para o genero descriptivo, fizeram com que os pensamentos lhe brotassem do cerebro com toda a magestade do infinito e toda a sublimidade da inspiração. Deus e a patria—aspiração d'este mundo elevando-se como uma prece até ao throno do eterno, tal era o sentimento de frei Francisco de S. Carlos.

De todas as suas producções poeticas a unica que veio á luz publica da imprensa, foi o poema épico *Assumpção da Santissima Virgem*. N'esta obra, como em seus sermões, transparece a fé religiosa, o amor da patria, unicos moveis da sua vida; a primeira como um hymno da sua alma possuida do sentimento da divindade, a segunda como complemento da primeira. Assim é que no seu Paraíso cresce a palmeira e o coqueiro, fructifica a mangueira e o cajueiro, espalma-se a bananeira e debruça seus dourados cachos sobre a campina relvada onde medra o ananaz com sua corôa invejavel; as flores que embalsamam o ambiente são tropicaes, os arroios que ali murmuram nascem do Corcovado, e a esplendida natureza da terra

Fidelissima augusta,
Desentranhe riquissimo thesouro
Do cofre americano a mão robusta;
Se o Tejo ao Minho, ao Douro,
Lhe aponta um rei em bronze eternisando,
Mostre-lhe a filha eternisada em ouro.

Do throno os resplendores
Façam a nossa gloria, e vestiremos
Barbaras pennas de diversas cores.

Para nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.

Sirva a real grandeza
A prata, o ouro, a fina pedraria
Que esconde d'estas terras a riqueza.

Ah ! chegue o feliz dia,
Em que do novo mundo a parte inteira
Acclame o nome augusto de Maria.

Real, real primeira,
Só esta voz na America se escute,
Veja-se tremular uma bandeira.

Rompam o instavel sulco
Do pacifico mar na face plana
Os galeões pesados do Acapulco.

Das serras da Araucana
Desçam nações confusas differentes
A vir beijar a mão da soberana.

Chegae, chegae contentes,
Não temaes dos Pizarros a fereza,
Nem dos seus companheiros insolentes.

A augusta portugueza
Conquista corações, em todos ama
O soberano auctor da natureza.

Por seus filhos vos chama,
Vem pôr o termo á nossa desventura,
E os seus favores sobre nós derrama.

Se o Rio de Janeiro
Só a gloria de ver-vos merecesse,
Já era vosso o novo mundo inteiro.

Eu fico que estendesse
Do cabo ao mar pacificas medidas
E por fóra da Havana as recolhesse.

Ficavam incluídas
As terras, que vos foram consagradas,
Apenas por Vespucio conhecidas.

As cascas enroladas,
Os aromas, e os indicos effeitos
Poderão mais que as serras prateadas.

Mas nós de amor sujeitos
Promptos vos offertamos a conquista
Barbaros braços, e constantes peitos.

Póde a Tartaria grega
A luz gosar da russiana aurora;
E a nós esta fortuna não nos chega ?

Vinde, real senhora,
Honrar os nossos mares por dois mezes,
Vinde ver o Brazil, que vos adora.

Noronhas e Menezes,
Cunhas, Castros, Almeidas, Silvas, Mellos,
Tem prendido o leão por muitas vezes.

Fiaes os reaes sellos
A mãos seguras, vinde descansada.
De que servem dois grandes Vasconcellos ?

Vinde a ser coroada
Sobre a America toda, que protesta
Jurar nas vossas mãos a lei sagrada.

Vae, ardente desejo,
Entra humilhado na real Lisboa,
Sem ser sentido do invejoso Tejo:

Aos pés angustos vôa,
Chora, e faz que a mãe compadecida
Dos seus saudosos filhos se condôa.

Ficando enternecida,
Mais do Tejo não temas o rigor,
Tens triumphado, tens a acção vencida.

Da America o furor
Perdoae, grande augusta; é lealdade
São dignos de perdão, crimes d'amor.

Perdoae a magestade,
Emquanto o mundo novo sacrifica
A' tutelar propicia divindade.

O principe sagrado
No pão de pedra, que domina a barra
Em colossal estatua levantado,
Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado sudoeste esbarra;

E veja glorioso
Vastissima extensão de immensos mares,
Que cerca o seu imperio magestoso;

Honrando nos altares
A mão, que o faz ver de tanta altura
Ambos os mundos seus, ambos os mares,
E a fé mais santa e pura,
Espalhada nos barbaros desertos,
Conservada por vós firme e segura.

Sombra illustre e famosa
Do grande fundador do luso imperio,
Eterna paz, eternamente gosa.

N'um e n'outro hemispherio
Tu vês os teus augustos descendentes
Dar as leis pela voz do ministerio:

E os povos differentes,
Que é impossivel quasi ennumerar-os,
Que vem a tributar-lhes obedientes;

A honra de mandal-os,
Pedem ao neto glorioso teu;
Que adoram rei, que servirão vassallos.

Debalde o Caiman se pinte enorme
De roxo a tuas plantas, qual o informe
Do Ichnéumon rival, que gera o frio
Em lodosos paúes septemfluo rio.
Correu-se o panno á scena: roçagante
Estellifero palio, auriflammante,
Desenho de primor, obra de custo
Adornará teu vulto baço, e adusto.
Septro na mão terás, e na cabeça
Corôa, d'onde santa resplandeça
Com raios de rubís a cruz erguida:
A cruz, que é tua crença recebida.
Os fructos de teus bosques, de teus prados
Mais doces hão de ser; porque cantados
Dos Tityros serão na agreste avena,
Nas silvas resoando a cantilena.
O aureo cambucá, fructa que unida
Nasce a casca da rama: a denegrida
Jabaticaba doce, que bem vinga
Nas frescas varzeas de Piratininga.

A Assumpção da Santa Virgem é menos um poema épico do que um conjuncto de descripções e de pensamentos lyricos saturados de mysticismo; ganha em detalhes tudo quanto perde em unidade de acção; são finalmente hymnos de uma alma impregnada de fé revestida das galas da poesia, fluctuando entre um vagido da eternidade e um grito de independencia.

Antonio Pereira de Sousa Caldas é o poeta do infinito. Brotam as imagens da sua penna como sphynxes graniticas polidas pelas areias do deserto; a ideia de Deus absorve-o inteiramente, a luz da eternidade deslumbra-o; é a sombra augusta de

lançado á sua familia e a pobreza a que a via reduzida, que quando chegou ao presidio, apesar de não contar mais de 44 annos, tinha embranquecidos os cabellos, as forças debilitadas, parecendo mais um sexagenario caduco do que um homem na força da vida. Aquella velhice prematura, aquella dôr intensa que teria abrandado uma fera, não abalaram as duras fibras do governador de Ambaca, o qual reputando o desventurado poeta um homem perigoso, em obediencia talvez ás ordens secretas internou-o em zonas mortíferas, onde elle não podendo resistir, falleceu em 1793, ao desamparo e segregado de quantos o amavam. Assim pereceu tão ardente engenho, assim se evolou d'este mundo aquella alma generosa capaz de levar por deante as mais gloriosas emprezas. Serviram de còro á sua prematura morte os primeiros rugidos da revolução franceza.

Citemos tambem Domingos Vidal Barbosa, Bartholomeu Antonio Cordovil e João Pereira da Silva, os quaes, ainda que muito menos importantes que os precedentes, pertenceram comtudo á *Escola de Minas* e á *Arcadia Ultramarina*.

O primeiro, natural do Rio de Janeiro, nasceu em 1751, seguiu a carreira de medicina a qual estudou em Paris, sem que o seu titulo de medico o impedisse de cultivar as musas. Entre as suas melhores composições cita-se uma ode dirigida ao vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, que alcançou certa popularidade, e attribue-se-lhe tambem outra não menos celebre dirigida a Affonso

d'Albuquerque.¹ Implicado na conjuração mineira foi condemnado a desterro perpetuo para a costa d'Africa, onde falleceu tambem como Alvarenga Peixoto, em 1793.

O segundo, Bartholomeu Antonio Gordovil, nascido em meados do seculo XVIII na capital de Goyaz, compoz varias poesias em estylo pyndarico, sobresaindo entre ellas um dythirambo dirigido ás *Nymphas Goyanas*, que lhe assignala um lugar distincto na republica das letras. A maior parte das suas composições encontram-se no *Parnaso Brasileiro* de Januario da Cunha Barbosa, e no *Novo Parnaso* de Pereira da Silva. Warnhagen e Joaquim Norberto attribuem-lhe uma versão da *Arte poetica* de Horacio. Mais afortunado que o anterior, este poeta falleceu no Rio de Janeiro no anno de 1800.

Resta o conego João Pereira da Silva, dotado de grande erudição, professor de rhetorica e philosophia, cujas producções comicas e satyricas, escriptas com bastante correcção e certa graça, como por exemplo *O Carnaval* e a *Estoleida*, firmaram-lhe a reputação de homem de talento e poeta distincto. Conhecia varias linguas, e as suas traducções do francez, inglez, italiano e latim justificam a sua fama.

Outros poetas figuraram tambem n'aquella época como Antonio Mendes Bordallo, nascido no Rio de

¹ Vide Joaquim Norberto de S. e Silva, *Modulações poeticas*, pag. 32; Pereira da Silva, *Varões illustres*, tomo 1, pag. 244.

A morte surpreendeu-o na cella, depois de haver dito adeus ao mundo, e de se ter votado completamente ás praticas religiosas, esperando tranquillo, com a paz da consciencia, a hora da partida. Esta soou emfim a 6 de maio de 1829, tendo elle a suprema ventura de ver a patria livre e independente, inscripta no catalogo das nações modernas.

Outro poeta da escola christã d'aquella época foi José Eloy Ottoni, nascido na antiga aldeia do Principe, hoje villa do Serro, na provincia de Minas Geraes, no dia 1 de dezembro de 1764. Depois de aprender primeiras letras no Tejuco entrou para o collegio de Cattas Altas, que passava por ser um dos mais importantes estabelecimentos de educação d'aquella provincia; ahi cursou humanidades com tanto proveito que o director do estabelecimento o encarregou de uma das cadeiras de latim. Annos depois seguiu para a Italia, que era a patria de seu pae, onde estudou profundamente a litteratura romana; apresentando logo como seu primeiro ensaio de linguistica e poetica a versão das *Georgicas* de Virgilio.

Apezar do mysticismo da atmospheria que respirava na cidade eterna, a qual deixou entre os annos de 1788 e 1789, voltou á patria cheio de ideias novas e sedentas de liberdade. Partindo para a sua provincia foi logo nomeado professor de latinidade no collegio do Bom Successo, casando pouco tempo depois com D. Maria Rosa do Nascimento, filha de um abastado proprietario.

Trabalhosa e cheia de difficuldades havia de ser por certo a sua vida n'aquelles tempos revoltosos para que elle se resolvesse a separar-se da familia, e ir a Lisboa sollicitar melhor emprego e o pagamento de seus ordenados, que andavam em atrazo de alguns annos.

Não o seguiremos na sua odyssea de pretendente nem nas relações quasi intimas, que na capital portugueza travou com a celebre condessa de Oyenhhausen, e marqueza de Alorna a quem dedicou varias das suas composições; não o estudaremos detidamente, como requer o caso mas recusa a escassez de tempo, na transformação porque passou o seu espirito até convertel-o em poeta eminentemente religioso.

Intimamente relacionado com Barbosa du Bucage e com Bressani fundou com elles uma especie de *Arcadia*, á qual não tardou a alliar-se o seu compatriota Francisco Villela Barbosa, depois Marquez de Paranaguá, e o conde d'Arcos. Mas estas amizades posto que lhe fossem summamente agradaveis, não o arrancavam á miseria a que quasi se via condemnado.

Por esse tempo foi que procurou tambem conhecer Sousa Caldas a quem dedicou varias composições poeticas; abrindo então, a conselho de alguns amigos, um curso de eloquencia que foi muito frequentado, mas que apenas lhe dava para viver. Muito devia soffrer n'aquelles eternos dias de expatriação e de pobreza, sobretudo quando se recordasse dos entes queridos de quem se via forçado

a viver longe. Era então que a penna lhe corria inspirada e melancholica produzindo os seus mais bellos cantos. Houve um momento em que a fortuna pareceu sorrir-lhe, sendo nomeado secretario de uma embaixada a Madrid; mas dentro em pouco, descontente dos sentimentos antipatrioticos de seu chefe, o conde d'Egea, pediu a demissão e voltou para o Brazil. Estava cansado de lutar.

Novos contratempos o aguardavam na patria. Pouco depois de chegar, ainda que sem motivo algum, tornou-se suspeito á côrte portugueza que já se achava no Rio de Janeiro. Cansado de supplicar sempre em vão, desgostoso dos homens e das cousas que se passavam, alquebrado de forças pela lucta infecunda de tantos annos, procurou refugiar-se na paz do sanctuario e verter as suas lagrimas no seio do Senhor. Recordando-se da sua estada em Roma, dos impetos de fervor religioso que havia experimentado á sombra dos claustros, junto ás portas do Vaticano, sob as abobadas de S. Pedro, emprehendeu com indizivel ardor o estudo das santas escripturas.

Seguindo a senda inaugurada por Sousa Caldas emprehendeu a versão dos *Psalmos* e a composição de varios canticos mysticos, alguns dos quaes se encontram na *Tribuna catholica*. Traduziu tambem o *Stabat Mater* e o *Miserere*; e por ultimo exaltado pelo pensamento, sentindo os estremecimentos dos extases e os resplendores da eternidade, compoz uma glosa baseada na passagem *Domine labia mea*

nhecimento com o marquez de Castello Melhor e seu irmão D. José de Vasconcellos e Sousa, amantes da poesia, o que fez com que o pobre mulato se dedicasse novamente ao cultivo das musas, emprehedendo-se então uma lucta tremenda do genio contra o destino, da qual raramente se sae vencedor e innumeradas vezes vencido. Em vão buscou o infeliz poeta um protector, dia por dia, anno por anno. Os proceres lusitanos não o acolhião, e quando afinal julgou encontrar o seu Mecenaz na pessoa do rei a quem dedicou um poema intitulado a *Lebreida*, falleceu o monarcha, vendo-se portanto o nosso poeta sem outras esperanças que não fossem as que lhe deparasse o accaso. Este apresentou-se afinal sob a personificação de D. José de Vasconcellos e Sousa, elevado então á cathegoria de conde de Pombeiro, o qual lhe proporcionou o beneficio de capellão da Casa da Supplicação, para cujo desempenho teve de tomar ordens menores.

Damos todas estas minudencias da vida de Caldas Barbosa, porque só conhecendo-as é que se comprehenderá a sêde insaciavel de ventura, a aspiração sem esperança de uma alma privilegiada como a sua.

Apresentado pelos irmãos Vasconcellos na alta sociedade lusitana, chegou a constituir-se uma necessidade para esta; tão peregrinos eram os seus improvisos, tão vasto o seu engenho, tão inexgotavel a sua inspiração e tão preciosas as suas *cantigas*, por elle mesmo acompanhadas na guitarra, o que deu causa a que os seus desaffectedos o appelli-

dassem *cantor de viola*. Aquelles nobres não sabiam que os versos que os deleitavam, eram os queixumes de uma alma de poeta atirados á multidão; não comprehendiam que havia lagrimas nos accordes que elle arrancava do instrumento, não adivinhavam que aquelle ser condemnado a divertir as damas, vivia isolado, sem consolo nem ventura, sempre com o riso nos labios, sempre occultando as suas dores e afogando os suspiros nas notas da sua maviosa guitarra. Ha uma quadra andaluza que, como quasi todas as de origem popular, é um quadro em que se desenha a historia do coração humano. Nada traduz melhor o sentimento do nosso poeta. Eil-a :

Las penitas que se cantan
son las penyas mas grandes,
porque se cantan lhorando
e las lagrimas no salen.

Effectivamente lagrimas amargas derramava o desditoso; mais tinham de occultar-se no mais recondito do seu coração, até que a sós com a consciencia pudessem correr silenciosas depurando-se no ether como uma prece sacrosanta.

Alguns criticos qualificam de triviaes esses improvisos, sem ter em conta que isso teria por força de acontecer, pois muitas vezes Caldas improvisava contra a vontade, a custo de muitas solicitações, quasi forçadamente; mas os que o quizerem julgar como poeta, os que desejarem conhecer o seu ver-

No centro da immensidade,
Na extensão da Eternidade,
Se eu abrangesse a harmonia,
A luz meu écho seria
Meu instrumento a Verdade.

Depois d'esta poesia poucas foram as que consagrou á divindade; e muitas d'ellas sabe-se que as lançou ao fogo antes de morrer.

Em 1811 durante a sua estada na Bahia traduziu em redondilhas os *Proverbios* de Salomão, trabalho esse que alcançou tal voga que d'elle se fizeram varias edições. Por esse mesmo tempo começou a paraphrase em verso do *Livro de Job*, essa apostrophe que estremece, essa conversão que santifica. N'elle estão condensados todos os soffrimentos da humanidade, todos os terrores da duvida, todos os spasmos da lucta e do desalento, e por ultimo os resplendores da fé, entre os quaes se expande a alma da creatura que chega a entrever a face do Senhor, sentindo em si uma vibração do verbo divino. A este trabalho consagrou o poeta todas as suas ultimas vigílias, cuidados e estudos sem lograr a dita de o ver impresso. Em 1852, porém, foi dado á publicidade por seu sobrinho e biographo o senador Theophilo Benedicto Ottoni e com o concurso litterario do conego Fernandes Pinheiro, sendo este livro uma das mais apreciadas joias da litteratura brasileira.

Entretanto os acontecimentos politicos que se desenvolviam por aquelle tempo, preocupavam-no seriamente, e viu-se então o poeta já descrente das

Pastoras, não me chameis
Para a vossa companhia,
Que onde vou, comigo levo
A mortal melancholia.

Coube-me por triste sorte
Eclipsada estrella impia,
Que em meus dias sempre influe
A mortal melancholia.

Logo ao dia de eu nascer,
N'esse mesmo infausto dia,
Veio bafejar-me o berço
A mortal melancholia.

Por cima da infeliz choça
Gralha agoureira se ouvia,
Que a meus dias agourava
A mortal melancholia.

No meu innocente rosto
Quem o notava bem via,
Que em triste côr se marcava
A mortal melancholia.

Que fiz eu á natureza,
A' fortuna eu que faria,
Para inspirar-me tão cedo
A mortal melancholia?

De alegria ouço eu fallar,
Mas não sei que é alegria:
Nunca me deixou sabel-o
A mortal melancholia.

Se um anno triste se acaba,
Triste o outro principia: •
Marca as horas, dias, mezes,
A mortal melancholia.

Sou forçado a alegre canto,
Faço esforços de alegria,
E occulto no fundo d'alma
A mortal melancholia.

Enxugo o pranto nos olhos,
Obrigo a que a bocca ria,
Para disfarçar comvosco
A mortal melancholia.

Não quero com os meus pezares
Funestar a companhia;
Que é uma peste que lavra
A mortal melancholia.

Se os seus bens me mostra a sorte,
Mostra-m'os por zombaria,
Porque para mim só guarda
A mortal melancholia.

Sonhei que uma augusta mão
Venturoso me fazia;
Foi sonho—e fica em verdade
A mortal melancholia.

Fui abranger as venturas
Que o sonho me offercia;
E despertei abraçando
A mortal melancholia.

Se um prazer se me dirige,
Occulta força o desvia:
Só de mim se não separa
A mortal melancholia.

Ella me vae consumindo
Dê hora a hora, dia a dia:
Sinto-me ir desfallecendo
Da mortal melancholia.

rapido, sobre os acontecimentos politicos do Brazil, e a parte que n'elles tomou esse illustre brasileiro. Vejamos a influencia que taes acontecimentos tiveram na litteratura, e como a ideia da independencia proclamada pelos poetas da Inconfidencia, robustecida pelos écos da revolução franceza, vingou afinal cheia de brilho e magestade.

A trasladação da cõrte portugueza para o Rio de Janeiro, em 23 de janeiro de 1808, a entusiastica recepção que fez o povo ao principe regente D. João, proclamado imperador do Brazil desde que poz o pé em terra, a abertura de todos os seus portos decretada por aquelle principe, graças ás sollicitas e sabias deligencias do eminente economista brasileiro José da Silva Lisboa, mais tarde visconde de Cayrú; não eram senão o reconhecimento tacito da autonomia da colonia. Esse reconhecimento, ainda que filho das circumstancias, emanava comtudo dos soberanos de Portugal, e devia trazer precisa e necessariamente a assimilação da colonia á metropole em 1815, e como consequencia a sua completa emancipação em 1822.

Que faziam entretanto os escriptores brasileiros?—Um d'elles, Hypolito José da Costa fundava em Inglaterra o primeiro periodico nacional—*O Carreio Braziliense*—, e desde então, póde-se dizer, o Brazil estava intellectualmente independente. Era aquella a sua bandeira, tremulava no seio de uma grande nação, e atrahia as geraes sympathias do mundo civilisado para a nacionalidade que despontava na infancia do grande seculo XIX.'

Nasceu Hypolito José da Costa Pereira a 13 de agosto de 1774 na antiga colonia do Sacramento que o Brazil perdeu na deploravel batalha de Itazaingo. Depois de feitos os seus estudos preparatorios passou para Coimbra onde se formou em direito e philosophia; dedicando-se sempre ao estudo das linguas modernas em que se tornou insigne, e adquiriu uma instrucção vastissima, da qual deu as mais brilhantes provas nos vinte e nove volumes do seu precioso periodico. Consagrou-se finalmente á economia politica com tanto ardor que era citado com justiça entre os primeiros economistas do seu tempo.

Nomeado director litterario da Junta da Imprensa Regia, foi mais tarde encarregado de ir a Londres adquirir livros para a Bibliotheca Nacional e comprar machinas para aquelle estabelecimento. Chegado ali, filiou-se na maçonaria, e voltando a Lisboa em julho de 1802 foi immediatamente denunciado ao tribunal do *Santo Officio* por *pedreiro livre* e como tal inimigo da Religião e do Estado. Preso, foi encarcerado nos calabouços e guardado á vista como um criminoso da peor especie.

A historia d'esta prisão, o que se passou nos interrogatorios capciosos com que procuravam enredal-o nas tricas de um imaginario crime, a sua evasão do carcere, que só se explica pelo poder de que a maçonaria já dispunha em Portugal, conta-nos o proprio Hypolito na *Narrativa da sua perseguição* publicada em Londres no anno de 1811, em dois volumes, á frente dos quaes se ostenta o

se vingarem talvez de algum motejo do joven estudante, o accusaram perante o tribunal da Inquisição, sendo por esta encerrado nos seus negregados calabouços. Foi então que, despertando-se o estro poetico do infeliz moço, compoz as *Noites sem somno*, com tal interpretação de sentimento, tanta verdade e inspiração que o collocaram desde logo entre os mais notaveis poetas do seu tempo.

Comprovada a sua innocencia e posto em liberdade, casou com uma dama que tambem havia soffrido um anno de prisão por não querer depôr contra elle. Terminando afinal os seus estudos, interpretou os seus adeuses em um poema heroe-comico intitulado o *Reino da estupidez*, no qual se diz que collaborara o seu condiscipulo e compatriota José Bonifacio d'Andrada e Silva.

Esta obra cujo auctor não foi conhecido senão muito tempo depois, e da qual se fizeram tres edições em Paris em 1819, 1821 e 1834, além de uma outra feita em Lisboa em 1833, e que finalmente foi reproduzida nos *Satyricos portuguezes*, produziu grande sensação no mundo litterario, tanta era a graça, o donaire, a pureza da linguagem e a delicadeza das fórmulas. Era uma satyra escripta com a luva de pellica, mas que punha em relevo com toda a sua nudez os defeitos dos que queria criticar. Esse poema deu-lhe tanta fama nas lettras, como nas sciencias lhe deu o *Tratado de febres e a Educação physica*.

Chamado ao Rio de Janeiro para desempenhar

Correio Braziliense ou Semanario Litterario, revista consagrada á politica e á litteratura, em cujo prologo o auctor diz francamente que vae combater pela independencia da sua patria.

Julgue-se da indignação e pasmo da côrte portugueza deante de tão inaudito arrojo, imagine-se quanto se esforçou para haver ás mãos o ousado fugitivo, e o muito que trabalhou para sepultal-o de novo, e d'essa vez para sempre, nas masmorras da Inquisição.

N'aquella terrivel conjunctura em que Portugal considerava o caso como questão diplomatica, o governo inglez manteve energicamente o seu direito, e não só se negou de um modo formal e peremptorio a entregar Hypolito, como permittiu que elle continuasse a publicação da sua Revista. Foi então que o combate tomou proporções colossaes, avultando a lucta da intellectualidade contra a prepotencia, da luz contra as trevas, do direito contra a tyrannia, da liberdade contra o despotismo. Brotavam as ideias das columnas do seu periodico como uma torrente avassaladora, com todo o impeto do enthusiasmo, com toda a convicção do direito, com toda a verdade da sciencia. Era a patria opprimida encadeiada ao escabello de um throno caduco que se apresentava ante a nova ordem das cousas; eram todas as injustiças do passado, todos os privilegios de raça e todos os abusos do poder, circumdado de fogueiras, de esbirros, de excommunhões para abafar o pensamento e trucidar a consciencia; era, finalmente, a voz da America pe-

boa administração, reduzindo os habitantes á obediencia e dando impulso á lavoura da aldeia, que desde então se tornou tão florescente, que dentro em pouco converteu-se em uma povoação importante. Seus trabalhos litterarios entre os quaes se contam varios discursos em prosa, algumas allegorias dramaticas, odes, sonetos e poesias lyricas, foram em 1850 recolhidos e publicados por seu filho, no Pará, com o titulo de *Obras litterarias*.

As suas odes e poesias em geral brilham mais pela rhetorica do que pela poesia. Os estudos classicos e o conhecimento profundo do idioma e a pureza irreprehensivel da sua structura, não podem occultar a deficiencia da verdadeira inspiração. Bento Tenreiro Aranha é menos um poeta brasileiro, creado e educado nos tropicos, vivendo constantemente no meio de sua feracissima natureza, banhado pelas brisas do sertão e queimado pelos ardentés raios do sol, do que um erudito vivendo na bibliotheca, e namorado do classicismo francez, que busca inspiração nos livros, como se não a houvesse encontrado mais esplendida e mais verdadeira em tudo quanto o cercava na vastidão da terra.

A vida do campo acostumando-o ao surpreendente espectáculo da natureza d'estas regiões intertropicaes, fazia com que não attentasse n'ellas e como que se lhe embotasse o espirito á força de ver todos os dias os mesmos quadros; os cuidados que lhe inspirava o bem-estar dos indios, a sua civilisação e lavoura, annullavam em seu espirito

o sentimento da nacionalidade. Para elle a patria era o indio que se civilisava, os campos arroteados, o progresso que se ia operando lenta mas seguramente em torno de si, sem que sequer lhe echoasse aos ouvidos o mais longinquo rumor da tempestade revolucionaria que no fim do seculo XVIII se desencadeava medonha.

Não obstante, um soneto feito á mulher de um soldado, uma indigena que preferiu ser morta pelo que a salteara no caminho para a deshonnar, a quebrar o juramento de fidelidade dado ao esposo, prova-nos que a Bento Tenreiro Aranha não faltava estro nem sentimento para ser um poeta eminentemente nacional. Julgue o leitor por si mesmo d'este specimen de melodia e correccção:

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco frio ao corvo altivolante.

Que d'um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata d'esta sorte,
Porém que allivio busque á dôr amara;

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que por honra da fé, que lhe jurára,
A' mancha conjugal prefere a morte.

Tenreiro Aranha foi mais um patriarcha do que um poeta; sua vida concentrou-se em fazer bem, morreu feliz e abençoado a 11 de novembro de 1811, desempenhando o cargo de secretario do grande collegio do Pará, emprego que lhe foi conferido como recompensa dos seus bons serviços, e que o principe regente por um decreto especial tornou vitalicio para dar mais realce a tão justo galardão.

Outro poeta contemporaneo dos precedentes, que não deve ser esquecido é Manoel Joaquim Ribeiro, professor de philosophia em Minas. Era uma alma agradecida e entusiasta, como se depreheende das composições poeticas que escreveu em louvor do seu protector, o capitão-general Bernardo José Lorena, conde de Sarzeda, debaixo de cujos auspicios se publicaram em 1805 em Lisboa as suas *Obras poeticas*.

Suas producções eroticas dirigidas á sua amante Jonia recordam Gonzaga, tanto pela naturalidade como pelo sentimento, lyrismo, harmonia e belleza de linguagem. Apesar da sua fórmula pastoril, o poeta soube dar a essas composições um cunho de verdadeira paixão e originalidade.

Outros escriptores tambem se assignalam n'esta época entre os bons poetas, ainda que inferiores aos precitados, taes como; Joaquim Ignacio de Seixas Brandão, natural da provincia de Minas Geraes; José Ignacio da Silva Costa, nascido no Rio de Janeiro e o padre Miguel Euzebio da Silva Mascarenhas, celebre prégador que morreu em estado

ENSAIO BIBLIOGRAPHICO

DA

LITTERATURA BRAZILEIRA

NOS TEMPOS COLONIAES

I

Padre José de Anchieta

Nasceu José de Anchieta na ilha de Tenerife no anno de 1530, e segundo seus numerosos biographos, era filho de paes nobres e talvez abastados, pois aos 16 annos foi mandado para Portugal com o fim de matricular-se na Universidade de Coimbra. Apenas chegou entrou para o collegio dos Jesuitas d'aquella cidade para concluir os seus estudos preparatorios.

Com tanto ardor se applicou o joven Anchieta aos estudos que a saude enfraqueceu e comprometteu-se-lhe de tal modo, que foi obrigado a retirar-se para Lisboa, onde entrou em serio tratamento. Não conseguindo, porém, completo restabelecimento, decidiu-se a experimentar o clima do Brazil, acompanhando em 1553 o governador geral Duarte da Costa que vinha tomar conta d'esse encargo.

de immenso terror e inauditos acontecimentos a exaggeração e o enthusiasmo dos que queriam marchar na vanguarda, e a resistencia dos que debalde pretendiam deter a humanidade no caminho do progresso moral. Tudo foi em vão; a luz que rege o surprehendente e maravilhoso movimento do mundo, que faz rebentar os vulcões, que transfórma a superficie do globo, que forma os corpos com a aglomeração dos atomos, e a vida physica na transformação da materia, essa lei imperando indubitavelmente sobre o mundo moral, abria o templo da liberdade humana, annunciando-se aos povos qual novo Sinai, entre os relampagos da tempestade e os bramidos do pensamento. Era o vulcão intellectual que rebentava, era a idade do progresso, da sciencia, do direito e da harmonia, que ia substituir a idade média, como esta havia substituido a idade de ferro, que por sua vez succedera á de pedra.

O espirito de resistencia do qual acabamos de fallar, acentuava-se de uma maneira mais tangivel em Hespanha do que em Portugal, á sombra da Inquisição, querendo converter-se em estacionaria a índole entusiasta e progressista d'esses povos da raça latina, operando-se por conseguinte uma grande reacção no sentido religioso, que devia influir ainda que transitoriamente em suas litteraturas. Da mesma maneira que o paganismo refugiando-se em Alexandria, tratando de irmanar o deus-natureza com o deus-espirito, a Cruz com o Olympo, o circo com o Calvario, a Magdalena com a

do Brazil o enviassem á capitania de S. Vicente, hoje cidade de Santos da provincia de S. Paulo, onde já se achava o padre Manuel da Nobrega, que foi tambem um dos mais illustres jesuitas do seculo xvi, e dos que mais serviços prestaram á causa da civilização brasileira. Chegando ahi, depois de escapar a um terrivel naufragio que lhe sobreviera em viagem, Anchieta entregou-se denodadamente á catechese, expondo e barateando a vida entre os mais terriveis aborigenes com uma coragem que a todos causava assombro; e ao passo que levava a palavra divina ao recesso das florestas virgens, que procurava encaminhar as ovelhas sylvestres ao sagrado aprisco, ensinava-os tambem a lêr. ministrava-lhes com a fé da religião a luz do saber.

E' então que Anchieta se dá á composição d'esses autos, de que nos fallam os primeiros chronistas do Brazil e os seus biographos; é tambem então que elle compõe as suas poesias sagradas e profanas, esses cantos religiosos que os discipulos recitavam ao som dos instrumentos semi-selvagens, que executavam musicas populares ou inspiradas dos *requiems* da época. Eram esses cantos escriptos, como já dissemos e exemplificámos, ora em portuguez ora em guarany.

Assim corria em paz, ainda que assaz trabalhosa a vida de Anchieta, quando em 1562 se tramou uma conjuração entre os chefes Tamoyos, com o fim de expulsar ou antes exterminar os portuguezes e avassalar os indigenas catechisados, e que já convenientemente aldeados faziam causa commum com os invasores europeus.

Atacando inesperadamente a colonia portugueza, os conjurados foram por tal modo repellidos que se refugiaram em Iperogy, vinte e seis leguas distante da capitania de S. Vicente. Sequiosos de tremenda vingança, avidos de presas, e sedentos de sangue, preparavam-se os Tamoyos para um novo ataque em que tirassem memoravel desforra, quando Nobrega e An-

Extincta essa typographia nunca mais trabalhou a imprensa no Brazil até que com a chegada da familia real, instituiu-se a *Imprensa Regia*, hoje *Imprensa Nacional* que é a mais antiga do Brazil. Ainda que Alexandre José de Mello Moraes affirme na sua *Chorographia do Brazil* que os hollandezes tiveram typographia em Pernambuco, em suas *Notas bibliographicas* informa-nos o sr. Felix Ferreira que similhante typographia nunca ali existiu. O que induziu Mello Moraes a esse erro, foram uns opusculos em hollandez existentes na Bibliotheca Fluminense, que effectivamente trazem a indicação de Olinda como se ahi fossem impressos, disfarce que procuraram os seus auctores para não serem descobertos, pois esses opusculos foram publicados com o fim de censurar a má administração da *Companhia das Indias*, principalmente n'aquella parte do Brazil.

A não existencia da imprensa na colonia Sul-Americana deu causa a que se perdessem muitas producções brazileiras, e até que muitos escriptores se não abalançassem a trabalhos de maior folego; não obstante, a litteratura brazileira progredia apresentando cada dia novos e mais brilhantes proceres, entre os quaes avultou no começo d'este se-

neto em portuguez, 12 pag. sem num. Imprimiu tambem clandestinamente: *Exame de artilheiros* que comprehende arithmetica, geometria e artilheria, com quatro appendices, 4.º com 259 pag.—*Exame de bombeiros* que comprehende dez tratados, 4.º com 444 pag. Trazem ambos a falsa indicação de *Madrid, Officina de Francisco Martinezabad*.

culo o padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, cuja memoria os seus compatriotas respeitam e admiram com razão.

Nasceu este illustre brasileiro na cidade do Rio de Janeiro a 24 de novembro de 1762, foi mandado por seus paes, na idade de 8 annos, a Lisboa sob os cuidados dos parentes que lá tinha, com o fim de robustecer a sua delicada saude, o que conseguiu immediatamente. Aos 16 annos começou a cursar a Universidade de Coimbra com promettedoras esperanças. Havia cahido o celebre marquez de Pombal; o reinado de D. Maria I começava entre os attentados de repressão; o *plano de estudos* que o sabio marquez tinha reformado volveu ao antigo barathro de vicios, do empyrismo e da rotina, sendo condemnada e castigada toda a ideia de progresso ou de liberdade, de cujo cumprimento se encarregou a *Santa Inquisição*, estabelecendo uma vigilancia tão assidua, tão prolixa e tão austera que até os estudantes evitavam communicar suas ideias, e não conversavam senão a furto e como que a medo, receiando cair a cada momento nas garras do feroz tribunal.

Foi n'estas condições que empreendeu os seus estudos Antonio Pereira de Sousa Caldas, e por tal modo influuiu essa atmosphera sempre carregada e ameaçadora em seu animo, que uma perenne melancholia foi a companheira de todos os seus dias e noites. Concentrado em si mesmo, sentindo revolver-se-lhe na mente um mundo de ideias, appellou para a poesia, e soltando as redeas da imagina-

ção escreveu entre outras ousadias poeticas a sua famosa ode ao *homem selvagem*, que aqui vem de molde para serem bem aquilatados os seus altos merecimentos:

Ao homem selvagem

O' homem que fizeste ? tudo brada:
Tua antiga grandeza

De todo se eclipsou; a paz doirada,
A liberdade com ferros se vê preza,
E a pallida tristeza

Em teu rosto esparzida desfigura
De Deus, que te creou, a imagem pura.

Na cithara, que empunho, as mãos grosseiras
Não pôz cantor profano;

Emprestou-m'a a verdade, que as primeiras
Canções n'ella entoára; e o vil engano,
O erro deshumano,

Sua face escondeu espavorido,
Cuidando ser do mundo emfim banido.

Dos ceus desce brilhando
A altiva independencia, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado;
Eu a ouço dictando

Versos jámais ouvidos: reis da terra,
Tremei á vista do que ali se encerra.

Que montão de cadeias vejo alçadas
Com o nome brilhante

De leis, ao bem dos homens consagradas !
A natureza simples e constante,

Com penna de diamante,
Em breves regras escreveu no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

O teu firme alicerce eu não pretendo
Sociedade santa,
Indiscreto abalar; sobre o tremendo
Altar do calvo tempo, se levanta
Uma voz que me espanta,
E aponta o denso veu da antiguidade,
Que á luz esconde a tua longa idade.

Da dôr o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me,
E as tremulas entranhas apertar-me.
Oh ceus! que immenso espaço
Nos separa d'aquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos!

Salve dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho allumiava,
Quando da natureza sobre o collo
Sem temor a innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido,
Que inda a terra não tinha conhecido.

Dos fervidos Ethontes debruçado
Nos ares se sustinha.
E contra o tempo de furor armado,
Este dia alongar por gloria tinha:
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando,
A noite foi do Averno a fronte alçando.

Saiu do centro escuro
Da terra a desgrenhada enfermidade,
E os braços com que, unida á crueldade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo, as campinas vae talando,
E os miseros humanos lacerando.

Que augusta imagem de esplendor subido
 Ante mim se figura !
Nu; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
 Feia mão da ventura:
No rosto a liberdade traz pintada
De seus serios prazeres rodeada.

Desponta, cego amor, as settas tuas:
 O pallido ciume,
Filho da ira, com as vozes suas
N'um peito livre não accende o lume:
 Em vão bramindo espume,
Que elle indo apoz a doce natureza
Da fantazia os erros nada preza.

Severo volteando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
 De males mil o bando,
Que, de espectros cingindo a vil figura,
Do sabio tornam a morada dura.

Eu vejo o molle somno sussurrando
 Dos olhos pendurar-se
Do frouxo caraiba que, encostando
Os membros sobre a relva, sem turvar-se,
 O sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar se de amor aos doces laços.

O' razão, onde habitas ?... na morada
 Do crime furiosa,
Pallida, mas cruel, paramentada
Com as roupas do vicio; ou na ditosa
 Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro ?... Dize... aonde ?
Eu te chamo, ó philosopho ! responde.

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante e creadora,
Nos valles já sombria,
Apenas apparece; assim me prende
O homem natural, e o estro accende.

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle impio tyranno,
Que primeiro, enrugando o torvo aspeito,
Do *meu e teu* o grito deshumano,
Fez soar em seu damno;
Tremeu a socegada natureza,
Ao ver d'este mortal a louca empreza.

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo cruzando;
Té que bramando mil trovões se ouviram
Do seio seu lançando
Os crueis erros, e a torrente impia
Dos vicios, que combatem noite e dia.

Cobriram-se as virtudes
Com as vestes da noite; e o lindo canto
Das musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantam o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.

Sente-se n'esta poesia a santa indignação de
uma alma generosa, a imagem da liberdade ade-
jando por cima das cadeias que o rodeavam, e re-
fugiando-se nos bosques e nos desertos ou nas ce-
lestes alturas, onde ao menos o pensamento não
encontra sequazes que o torturem, ou tyrannos
promptos a cortar a cabeça de quem os concebe;

um ser superior emfim, que na pureza da atmosphera a que se eleva, arranca da sua lyra de poeta, em acentos sonoros e sublimes, uma accusação tremenda que repercutida atravez das idades, ha de ser o maior castigo d'aquella situação condemnada e stygmatisada pela historia.

Accusado de franc-maçon perante o *Santo Officio*, e encerrado em seus immundos calabouços, o joven Caldas soffreu todas as torturas e vexames, e todos os interrogatorios que aquelles juizes sem entranhas impunham ás suas victimas; devendo a sua liberdade condicional á pouca idade, pois saiu d'essas masmorras para cumprir apenas seis mezes de recolhimento e penitencia no convento dos Padres catechistas de Rilhafolles.

Sua permanencia entre estes religiosos, que o trataram com muita bondade, e o estudo das sagradas escripturas a que durante esse tempo se dedicou com affinco, influiram por tal fórma em seu espirito que o determinaram a abraçar a carreira ecclesiastica, pensamento este que communicou aos directores do convento, os quaes conseguiram a sua plena liberdade antes de cumprir toda a sentença.

A morte de seu pae acontecida por essa época veio augmentar a tristeza que o devorava. Partiu para Paris, onde o acolheu benignamente um filho do marquez de Pombal, que desempenhava o encargo d'embaixador portuguez junto da côrte de França. Ahi, graças aos bons officios da embaixada, travou relações com tudo quanto havia de sabio e illustre na grande cidade, o que muito contribuiu

para lhe desanuviar o espirito e alentar-lhe a esperança em mais risonho futuro. Volvendo a Portugal terminou os seus estudos formando-se em direito, mas em vez de acceitar um logar que se lhe offerecia no Rio de Janeiro, seguiu para Roma, decidido a ordenar-se.

Os resplendores da liberdade que o haviam deslumbrado ao estudar o Evangelho, a figura do maximo dos apostolos produzindo ideias celestes, os versiculos de Job que vibravam em seu ouvido como um écho da eternidade, a ideia de Deus emfim em toda a sua magestade, em toda a sua pureza e em toda a sua harmonia, exaltava sua mente; e a *Ode ao Creador* escripta na viagem para Roma emquanto atravessava o estreito de Gibraltar, apresenta-nos o poeta sagrado em toda a sua mystica e esplendente inspiração. O monte Calpe¹ parece haver-lhe dado a gigantesca magestade da sua altura; as costas africanas, o torvelinho do *Simoun* que sopra de suas calidas areias, as praias andaluzas, communicaram-lhe toda a poesia, todo o amor, todo o sentimento e todas as imagens d'aquelle povo poeta; o Mediterraneo e o Oceano ensinaram-lhe a voz da tempestade, e aquelle ceu encantador deu-lhe a transparencia infinita da sua luz, em cujas mysteriosas reverberações parece entrever-se o Eterno. O quadro correspondia á inspiração do poeta. Só lhe faltava um idioma divino para vibrar na exaltação do seu pensamento.

¹ Nome antigo de *Gebal tarik* chamado hoje Gibraltar.

dindo lugar entre as nações civilisadas, e reivindicando para seus filhos o direito de ser livre e de desfraldar aos quatro ventos a sua bandeira.

Entretanto a côrte portugueza, vendo-se acremamente censurada e commentados severamente os seus actos, deu ordens terminantes e impoz as penas mais severas aos que introduzissem o *Correio Braziliense* no Rio de Janeiro; mas tudo foi em vão. O pamphleto patriotico apparecia em toda a parte, invadia os proprios salões do palacio de S. Christovão, o gabinete de D. João VI, os aposentos das princezas e de suas damas, contra as quaes verberava ousadas accusações. Era o ariete contra aquella côrte mais relaxada que perversa, que apezar dos bons desejos do rei não podia fazer mais, porque mais longe não iam os seus conhecimentos. As palavras do jornal de Hypolito penetravam em toda a cidade, as ideias novas aposavam-se de todos os animos, como os raios de luz penetram por todas as frinchas de um aposento fechado.

Vendo pois que nada conseguia com as suas medidas repressivas, o governo de D. João VI tratou de fundar em Londres um periodico em opposição ao *Correio Braziliense*, destinado principalmente a combater as suas proposições liberrimas concernentes ao Brazil. Creou-se então o *Investigador Portuguez em Inglaterra*, mas com tão má fortuna e com redactores tão venaes, que o governo teve de suspender a sua publicação confessando-se vencido perante o grande jornalista brasileiro.

A propaganda de Hypolito em prol da independencia da patria era tão efficaz que calava nos espiritos mais adeantados da Europa. Não se limiava o infatigavel publicista a condemnar por atrazada e ignorante a politica portugueza, nem a demonstrar os erros e desmandos da côrte. Habil economista e grande conhecedor da politica do velho continente, despertava o interesse das nações europeas comprovando as vantagens que ellas colheariam da independencia do Brazil, principalmente as nações mercantes, publicando para isso estatisticas do movimento da producção e população brasileira, que á força de pacientes investigações elle mesmo organisava; dava conta da importação e exportação dos portos franqueados ás nações amigas de Portugal, patenteara a fecundidade do sólo, a riqueza de seus productos naturaes, e os grandes proventos da agricultura; o que tudo muito contribuiu para o apoio que os patriotas americanos encontraram sempre na Europa.

O *Correio Braziliense* é pois a urna sagrada onde se guardam todas as datas para a historia do Brazil durante aquelle periodo interessantissimo da gestação de uma grande independencia. Hypolito foi o athleta intellectual d'aquella evolução. Com uma vontade de ferro, com uma energia suprema e com um valor inquebrantavel elle decidiu, qual outro Leonidas a morrer nas Thermopilas da ideia, e não descansou um só momento, desde 1809 até 1822 em que viu coroados os seus esforços com a mais brilhante victoria, pois a 7 de setembro

O segundo dos poetas christãos d'este periodo foi frei Francisco de S. Carlos, que revelando desde os mais verdes annos propensão para o claustro, apenas chegado á idade de treze annos entrou como noviço no convento dos franciscanos da Immaculada Conceição, e tantas foram as boas provas que deu de seus talentos e applicação, do fervor religioso e integridade de character, que aos dezenove annos recebeu ordens no convento de S. Boaventura, na villa de Macacu. Depois de alguns annos de completa reclusão dedicados aos estudos theologicos e litterarios, apresentou-se como prégador notabilissimo, reputação que foi augmentando de dia para dia, graças ás suas rarissimas qualidades oratorias e vasto cabedal de erudição. A voz, a estatura, o semblante, a palavra persuasiva e harmoniosa, tudo parecia haver-se reunido para convertel-o em uma das portentosas columnas do adyto sagrado; tanto que prégando pela primeira vez deante do principe D. João quando em 1808 chegou ao Rio de Janeiro a côrte portugueza, ficou o principe tão maravilhado da sua eloquencia, que o nomeou immediatamente seu prégador particular. Mas nem esses favores, nem a sua popularidade, nem a sua grande reputação como professor de eloquencia sagrada, encargo que desempenhou por muitos annos, foram bastantes para torcer a sua vocação; assim foi que depois de ter desempenhado com zelo exemplar varios logares na sua ordem, volveu a submergir-se de novo na soledade do claustro,

ENSAIO BIBLIOGRAPHICO

DA

LITTERATURA BRAZILEIRA

NOS TEMPOS COLONIAES

I

Padre José de Anchieta

Nasceu José de Anchieta na ilha de Tenerife no anno de 1530, e segundo seus numerosos biographos, era filho de paes nobres e talvez abastados, pois aos 16 annos foi mandado para Portugal com o fim de matricular-se na Universidade de Coimbra. Apenas chegou entrou para o collegio dos Jesuitas d'aquella cidade para concluir os seus estudos preparatorios.

Com tanto ardor se applicou o joven Anchieta aos estudos que a saude enfraqueceu e comprometteu-se-lhe de tal modo, que foi obrigado a retirar-se para Lisboa, onde entrou em serio tratamento. Não conseguindo, porém, completo restabelecimento, decidiu-se a experimentar o clima do Brazil, acompanhando em 1553 o governador geral Duarte da Costa que vinha tomar conta d'esse encargo.

que o viu nascer é a que elle reproduz no eden terrestre. Dir-se-ia que o pintor preparára as suas tintas com os varios matizes d'esses vegetaes riquissimos que desde o pau-brazil até á herva bertalha produzem coloridos admiraveis e inimitaveis, que de uma larga folha da taioba fizera a sua paleta, e da plumagem gentil do colibri iriante os seus pinceis. Onde resalta principalmente o seu espirito patriotico é na descripção do Rio de Janeiro. Ouçamos o poeta:

RIO DE JANEIRO

A cidade que alli vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica e forte,
Fecunda em genios, que assim o quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado
A feira do ouro, o emporio frequentado,
Aptissimo ao commercio; pois profundo
Póde as frotas conter de todo o mundo.
Será de um povo excelso, germe airoso
Lá de Lysia, o logar mais venturoso.
Pois dos lusos brasilicos um dia
O centro deve ser da monarchia.
Alçarão outras no porvir da idade
Os tropheus que tiverem por vaidade.
Umas nas artes levarão a palma
De aos marmores dar vida, aos bronzes alma;
Outras irão beber sua nobreza
Nos tratos mercantis. Tal que se présa
De ver nas suas scenas e tribunas
Maior brazão, mais inclitas columnas,
Aquellas dos Timantes o extremoso
Pincel com estro imitará fogoso.

Muitas serão mais destras no compasso,
Que as linhas mede do celeste espaço.
Mas cuidar de seu rei, ser sua côrte,
Dár ás outras a lei; eis d'esta a sorte.

Gravaram do rigor de impostos novos
Os dynastas crueis a terra, e os povos
Egypcios, por alçar massas estranhas,
Que tu, transpondo o leito, ó Nilo, banhas,
Fosse superstição ou só vaidade
Da fama dilatar por longa idade;
E' certo que sentiu o povo santo
Que tanto ali gemeu por tempo tanto.
Hoje busca o viajor o immenso lago
De Meris, e só topa um campo vago.
E se restam taes obras peregrinas,
São sobejos do tempo e só ruinas.
Aqui pelo contrario por natura
Por brazões da primeira architectura.
Volumes collossaes, corpos enormes,
Cylindros de granito desconformes.
Massas, que não ergueram nunca humanos,
Mil braços a gastar, gastar mil annos.

Por uma, e outra parte ao ceu subindo
Vão mil rochas, e picos, que existindo
Desde o berço do mundo, e de então vendo
Os sec'los renascer, e irem morrendo;
Por tanta duração, tanta firmeza
Deuses parecem ser da natureza.
Ossos da grande mãe, que ao ar saíram
Na voz da criação; e mal 'que ouviram
Que deviam parar, logo pararam
Nas fórmãs e extensões, em que se acharam.
Que affiguram exercitos cerrados
De mil negros Tipheus petrificados.
Ao resto sobresaie co'a frente erguida
Dos orgãos a montanha, abastecida

De grossas mattas, de sonoras fontes,
Que despenhando-se de alpestres montes,
Vem engrossar o lago d'agua amara
Do grão Nictheroy, do Guanabara.
Tal a fabula diz, de Alfeo que o rio
Faz por baixo do mar longo desvio.

Té Ortygia, em demanda de Arethusa,
Que abraçar-se com elle não recusa.
Vêdes na foz aquelle que apparece
Pont'agudo e escarpado?—Pois parece,
Que deu-lhe a providente natureza,
(Alem das obras d'arte) por defeza
Na derrocada penha transformado
Nobigena membrudo, sempre armado
De face negra e torva; e mais se a c'rôa
Neve, e trovões e raios, com que atroa;
Que co'a fronte no ceu, no mar os rastros,
Atrevido ameaça o pego, e os astros.
Se os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem, dir-se-ia
Que era um d'esses Alcidas, um gigante
Que intentou escalar o ceu brilhante:
Que das deusas do Olympo namorado,
Foi no mar por audaz precipitado.
E as deusas por acinte lá da altura
Lhe enxovalham de leve a catadura.
Do seio pois das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar 'té o horisonte,
Mal que espreita surgir lenho inimigo
Prompto avisa, e previne-se o perigo.

Então, Brazil, virá tua ventura,
O sec'lo d'oiro teu, tua cultura.
Pelas largas espadas penduradas
Não te verão mais settas aguçadas.
Nem de pennas multicolor textura
Teus braços cingirá, tua cintura.

Debaldé o Caiman se pinte enorme
De rojo a tuas plantas, qual o informe
Do Ichnéumon rival, que gera o frio
Em lodosos paúes septemfluo rio.
Correu-se o panno á scena: roçagante
Estellifero palio, auriflammante,
Desenho de primor, obra de custo
Adornará teu vulto baço, e adusto.
Septro na mão terás, e na cabeça
Corôa, d'onde santa resplandeça
Com raios de rubis a cruz erguida:
A cruz, que é tua crença recebida.
Os fructos de teus bosques, de teus prados
Mais doces hão de ser; porque cantados
Dos Tityros serão na agreste avena,
Nas silvas resoando a cantilena.
O aureo cambucá, fructa que unida
Nasce a casca da rama: a denegrída
Jabaticaba doce, que bem vinga
Nas frescas varzeas de Piratininga.

A Assumpção da Santa Virgem é menos um poema épico do que um conjuncto de descripções e de pensamentos lyricos saturados de mysticismo; ganha em detalhes tudo quanto perde em unidade de acção; são finalmente hymnos de uma alma impregnada de fé revestida das galas da poesia, fluctuando entre um vagido da eternidade e um grito de independencia.

Antonio Pereira de Sousa Caldas é o poeta do infinito. Brotam as imagens da sua penna como sphynxes graniticas polidas pelas areias do deserto; a ideia de Deus absorve-o inteiramente, a luz da eternidade deslumbra-o; é a sombra augusta de

um propheta da antiguidade adorando, bemdizendo e embalsamando o seu creador, com accentos tão patheticos e tão commovedores como os do proprio rei David. Frei Francisco de S. Carlos é o poeta da devoção, o cantor dos extasis divinos illuminados com as côres do arco-iris. A descripção da Virgem, a entrada no Paraíso, a conspiração de Lucifer, a ingente figura do archanjo S. Miguel, a proclamação do Evangelho, as perseguições que soffreu a Egreja nos primeiros seculos do Christianismo, a paixão de Jesus e finalmente a apothese da Virgem, são como gottas de rório evaporadas das espheras celestes e congeladas nas petalas das flores do jardim do mundo, como outras tantas perolas do sentimento e da devoção. Mais humanizado que o seu antecessor, suas imagens parecem-se mais com o homem, reflectem melhor seus pensamentos, suas aspirações e seus desejos, e fundidos no crysol da sua fé e do seu patriotismo formam um laço de união entre a vida e a morte, com o favor da qual a alma póde penetrar na mansão das venturas eternas.

Apezar de tantas bellezas a obra carece de profundos retoques, e principalmente, como já dissemos, resente-se da falta de união. O proprio auctor tudo isso reconhece, pois confessa que nunca foi sua intenção escrever um poema épico mas simplesmente alguns hymnos á santa Virgem, e que se mais tarde deu á sua composição a fórmula de um poema, foi para comprazer aos amigos, e mais com o fim de patentear a sua devoção do que

conquistar glorias. Incorreu em muitos defeitos de linguagem e até erros de prosodia, tornando ainda mais monotoná a leitura dos seus 7284 versos pela má structura da rima em parellhas. Mas estes defeitos desapparecem completamente desde que se destaquem os seus mais bellos episodios, cujas descripções são admiravelmente traçadas.¹

Nenhum poeta christão póde escrever um poema verdadeiramente épico, depois da morte de Jesus, pois como diz Lamartine: — «O poema épico do christianismo principia com o Paraíso, desenvolve-se com o drama do Calvario e vae concluir-se na eternidade.» — Assim devia comprehendê frei Francisco de S. Carlos, e persuadido de que não lhe era dado levantar um templo de bronze; construiu um obelisco de filigrana incrustado de diamantes.

¹ «Melhor do que ninguém, diz Fernandes Pinheiro na sua *Historia litteraria*, tomo II, pag. 388, conhecia o auctor as incorrecções e lacunas do seu trabalho; e consta que assiduamente se dera a aperfeiçoal-o, apparellhando-o para nova e mais castigada edição. Consta também que n'essa revisão fôra auxiliado pelos conselhos d'alguns amigos de bastante illustração e critério (entre outros pelo conego Januario e conselheiro Ledo); e que não podendo dar á estampa a citada edição fizera legado do manuscrito a uma sua irmã, a qual, sollicitada pelo mencionado conego Januario para que lhe confiasse a obra do seu amigo cedendo-lhe todos os lucros eventuaes, recusara-se a esse convenio, exigindo o peremptorio embolso da quantia de doze contos de reis. Era o conego assás conhecedor do nosso mercado litterario para submeter-se a tão exageradas condições; resultando d'ahi continuar inedita a obra prima de S. Carlos.»

Mais tarde o conego Fernandes Pinheiro renovou as negociações com uma sobrinha de S. Carlos, e não a encontrou menos firme n'aquelle preço.

A morte surpreendeu-o na cella, depois de haver dito adeus ao mundo, e de se ter votado completamente ás praticas religiosas, esperando tranquillo, com a paz da consciencia, a hora da partida. Esta soou emfim a 6 de maio de 1829, tendo elle a suprema ventura de ver a patria livre e independente, inscripta no catalogo das nações modernas.

Outro poeta da escóla christã d'aquella época foi José Eloy Ottoni, nascido na antiga aldeia do Principe, hoje villa do Serro, na provincia de Minas Geraes, no dia 1 de dezembro de 1764. Depois de aprender primeiras lettras no Tejuco entrou para o collegio de Cattas Altas, que passava por ser um dos mais importantes estabelecimentos de educação d'aquella provincia; ahi cursou humanidades com tanto proveito que o director do estabelecimento o encarregou de uma das cadeiras de latim. Annos depois seguiu para a Italia, que era a patria de seu pae, onde estudou profundamente a litteratura romana; apresentando logo como seu primeiro ensaio de linguistica e poetica a versão das *Georgicas* de Virgilio.

Apezar do mysticismo da atmosphaera que respirava na cidade eterna, a qual deixou entre os annos de 1788 e 1789, voltou á patria cheio de ideias novas e sedentas de liberdade. Partindo para a sua provincia foi logo nomeado professor de latinidade no collegio do Bom Successo, casando pouco tempo depois com D. Maria Rosa do Nascimento, filha de um abastado proprietario.

Trabalhosa e cheia de difficuldades havia de ser por certo a sua vida n'aquelles tempos revoltosos para que elle se resolvesse a separar-se da familia, e ir a Lisboa sollicitar melhor emprego e o pagamento de seus ordenados, que andavam em atrazo de alguns annos.

Não o seguiremos na sua odyssea de pretendente nem nas relações quasi intimas, que na capital portugueza travou com a celebre condessa de Oyenhausen, e marquez de Alorna a quem dedicou varias das suas composições; não o estudaremos detidamente, como requer o caso mas recusa a escassez de tempo, na transformação porque passou o seu espirito até convertel-o em poeta eminentemente religioso.

Intimamente relacionado com Barbosa du Bucage e com Bressani fundou com elles uma especie de *Arcadia*, á qual não tardou a alliar-se o seu compatriota Francisco Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá, e o conde d'Arcos. Mas estas amizades posto que lhe fossem summamente agradaveis, não o arrancavam á miseria a que quasi se via condemnado.

Por esse tempo foi que procurou tambem conhecer Sousa Caldas a quem dedicou varias composições poeticas; abrindo então, a conselho de alguns amigos, um curso de eloquencia que foi muito frequentado, mas que apenas lhe dava para viver. Muito devia soffrer n'aquelles eternos dias de expatriação e de pobreza, sobretudo quando se recordasse dos entes queridos de quem se via forçado

a viver longe. Era então que a penna lhe corria inspirada e melancolica produzindo os seus mais bellos cantos. Houve um momento em que a fortuna pareceu sorrir-lhe, sendo nomeado secretario de uma embaixada a Madrid; mas dentro em pouco, descontente dos sentimentos antipatrioticos de seu chefe, o conde d'Egea, pediu a demissão e voltou para o Brazil. Estava cansado de lutar.

Novos contratemplos o aguardavam na patria. Pouco depois de chegar, ainda que sem motivo algum, tornou-se suspeito á côrte portugueza que já se achava no Rio de Janeiro. Cansado de supplicar sempre em vão, desgostoso dos homens e das cousas que se passavam, alquebrado de forças pela lucta infecunda de tantos annos, procurou refugiar-se na paz do sanctuario e verter as suas lagrimas no seio do Senhor. Recordando-se da sua estada em Roma, dos impetos de fervor religioso que havia experimentado á sombra dos claustros, junto ás portas do Vaticano, sob as abobadas de S. Pedro, emprehendeu com indizivel ardor o estudo das santas escripturas.

Seguindo a senda inaugurada por Sousa Caldas emprehendeu a versão dos *Psalmos* e a composição de varios canticos mysticos, alguns dos quaes se encontram na *Tribuna catholica*. Traduziu tambem o *Stabat Mater* e o *Miserere*; e por ultimo exaltado pelo pensamento, sentindo os estremecimentos dos extases e os resplendores da eternidade, compoz uma glosa baseada na passagem *Domine labia mea*

aperies et os meum nuntiabit laudem tuam, em que se revela todo o brilhante estro do poeta com todo o vigor do seu admiravel estylo. Esta poesia é uma profissão de fé, uma confissão, uma adoração, um gemido emfim de arrependimento. Sente-se n'ella a pequenez da creatura e a grandeza do Creador; em seus versos palpita a luz que illumina o mundo, envolta com o sopro da eternidade ante o qual se prostra a creatura assombrada. Não é o apostolo que contempla a magestade do seu Deus como Sousa Caldas; não é o sacerdote que escreve com lamina de diamante como frei S. Carlos; é o homem que se arrepende, uma alma que desperta e prostra ante o geometra divino, enquanto os mundos percorrem as orbitas que Elle traçou, é um peccador emfim que extasiado ante as magnificencias que entrevê com os olhos d'alma, entoa um *Te-Deum* em acção de graças. Eil-o:

Unge meus labios, Senhor !
Voarei á Divindade,
Será o Eterno meu canto,
Meu instrumento a Verdade.

I

A lyra, que á flor dos annos
Consagrei, cantando objectos
Tão futeis, como indiscretos
Hoje é só prestigio e damnos.
Encontra só desenganos
Que busca em trévas amor:
Mas eu presinto o calor

De nova luz que me inspira;
Agora dá-me outra lyra!
Unge meus labios, Senhor!

II

Manda a luz que aponte a lei,
Dá-me o tom que o plectro afaga,
Os caracteres apaga,
Que eu por delirio gravei.
Tambem quantos entoei
Hymnos de amor ou vaidade:
Seguindo a luz da verdade
Que brilha de quando em quando,
Ao pó da terra escapando,
Voarei á Divindade.

III

Heroes, fortuna, grandeza,
Que o tempo leva ou consome,
Graças que morrem sem nome,
Attractivos da belleza,
Tudo é pó, tudo é fraqueza,
E' tudo miseria e pranto;
Ou desdobre a noite o manto
Ou desponte a luz do dia,
Desenvolvendo a harmonia
Será o Eterno meu canto.

IV

Do que a terra e os ceus m'inspiram,
Os pregoeiros são estes,
Todos os corpos celestes
Que em curvas orbitas giram,
Que innumerados se viram

No centro da immensidade,
Na extensão da Eternidade,
Se eu abrangesse a harmonia,
A luz meu écho seria
Meu instrumento a Verdade.

Depois d'esta poesia poucas foram as que consagrou á divindade; e muitas d'ellas sabe-se que as lançou ao fogo antes de morrer.

Em 1811 durante a sua estada na Bahia traduziu em redondilhas os *Proverbios* de Salomão, trabalho esse que alcançou tal voga que d'elle se fizeram varias edições. Por esse mesmo tempo começou a paraphrase em verso do *Livro de Job*, essa apostrophe que estremece, essa conversão que santifica. N'elle estão condensados todos os soffrimentos da humanidade, todos os terrores da duvida, todos os spasmos da luta e do desalento, e por ultimo os resplendores da fé, entre os quaes se expande a alma da creatura que chega a entrever a face do Senhor, sentindo em si uma vibração do verbo divino. A este trabalho consagrou o poeta todas as suas ultimas vigalias, cuidados e estudos sem lograr a dita de o ver impresso. Em 1852, porém, foi dado á publicidade por seu sobrinho e biographo o senador Theophilo Benedicto Ottoni e com o concurso litterario do conego Fernandes Pinheiro, sendo este livro uma das mais apreciadas joias da litteratura brasileira.

Entretanto os acontecimentos politicos que se desenvolviam por aquelle tempo, preocupavam-no seriamente, e viu-se então o poeta já descrente das

cousas do mundo, todo voltado para Deus e para a poesia, abandonar os seus queridos trabalhos litterarios para tomar parte activa n'esses movimentos que deviam terminar pela tão suspirada independencia da patria; cantando então a liberdade com todo o enthusiasmo e vigor, dos quaes já não parecia a sua alma capaz para a vida terrena. ✓ O soneto que fez á independencia do Brazil, que damos em seguida, demonstra a elevação de seus sentimentos; pois o cantor da regeneração da sua patria consagra um pensamento de piedade infinita aos dois povos irmãos, ensanguentados na lucta que tiveram que sustentar com as aguerridas hostes de Napoleão, o grande, cuja imagem soberba e indomavel devia fazel-o estremecer alguma vez no meio do fragor dos combates:

Sinistro agouro do mortal quebranto
No pavez andaluz erguia o brado;
O da Iberia leão, como assanhado,
Rugiu, estremeceu de horror, d'espanto.

Perfidia e susto desdobrava o manto
Que envolve e aquece a purpura e cajado,
O Tejo sobre a urna recostado
Com a mão no rosto viu da Iberia o pranto.

Da virtude as primeiras corrompendo,
Rápido impulso de contagio forte
Em Lysia faz que sôe o grito horrendo.

(O furor da explosão ribomba ao norte,
E o Brazil, por salvar-se, a voz erguendo
Proclama o grito:—Independencia ou morte!

Depois d'este grito supremo da patria e da independencia involta em sua compaixão pela península iberica, patria de Cid e Viriato—este o terror de Roma e aquelle açoite do Crescente—volveu ao estudo de assumptos biblicos, e ao desempenho de um honroso encargo que lhe doara a munificencia do primeiro imperador do Brazil, até que tranquilamente deixou este mundo no anno de 1854.

Citemos por ultimo os dois nomes que fecham o cyclo colonial, ainda que um d'elles sobrevivesse e tomasse activissima parte na grande obra da independencia—José Bonifacio de Andrada e Silva e Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. O primeiro enche por si só um periodo. Sabio profundo, ardente politico, insigne patriota e apreciadissimo poeta, requer um estudo áparte.

«Seu nome, diz Warnhagen, echoou por todo o Brazil, em Portugal e em toda a Europa; está unido de tal modo a tudo quanto se ha feito nos dominios da politica, da litteratura e das sciencias, que sua vida comprehende a historia de um grande periodo; primeiro do movimento litterario de Portugal e segundo dos annaes do Brazil.»

D'elle portanto havemos de occupar-nos largamente no segundo volume d'estes estudos, pois ninguem melhor que elle tem o direito de figurar á frente de um magnifico periodo da litteratura brasileira, que encerra tambem o da sua verdadeira reconstrução politica.

Antes de tratarmos do segundo, Hypolito José da Costa Pereira, lancemos um olhar, ainda que

rapido, sobre os acontecimentos politicos do Brazil, e a parte que n'elles tomou esse illustre brasileiro. Vejamos a influencia que taes acontecimentos tiveram na litteratura, e como a ideia da independencia proclamada pelos poetas da Inconfidencia, robustecida pelos écos da revolução franceza, vingou afinal cheia de brilho e magestade.

A trasladação da côrte portugueza para o Rio de Janeiro, em 23 de janeiro de 1808, a entusiastica recepção que fez o povo ao principe regente D. João, proclamado imperador do Brazil desde que poz o pé em terra, a abertura de todos os seus portos decretada por aquelle principe, graças ás sollicitas e sabias deligencias do eminente economista brasileiro José da Silva Lisboa, mais tarde visconde de Cayrú; não eram senão o reconhecimento tacito da autonomia da colonia. Esse reconhecimento, ainda que filho das circumstancias, emanava comtudo dos soberanos de Portugal, e devia trazer precisa e necessariamente a assimilação da colonia á metropole em 1815, e como consequencia a sua completa emancipação em 1822.

✓ Que faziam entretanto os escriptores brasileiros?—Um d'elles, Hypolito José da Costa fundava em Inglaterra o primeiro periodico nacional — *O Carreio Braziliense* —, e desde então, póde-se dizer, o Brazil estava intellectualmente independente. Era aquella a sua bandeira, tremulava no seio de uma grande nação, e atrahia as geraes sympathias do mundo civilisado para a nacionalidade que despontava na infancia do grande seculo XIX.'

Nasceu Hypolito José da Costa Pereira a 13 de agosto de 1774 na antiga colonia do Sacramento que o Brazil perdeu na deploravel batalha de Itazaingo. Depois de feitos os seus estudos preparatorios passou para Coimbra onde se formou em direito e philosophia; dedicando-se sempre ao estudo das linguas modernas em que se tornou insigne, e adquiriu uma instrucção vastissima, da qual deu as mais brilhantes provas nos vinte e nove volumes do seu precioso periodico. Consagrou-se finalmente á economia politica com tanto ardor que era citado com justiça entre os primeiros economistas do seu tempo.

Nomeado director litterario da Junta da Imprensa Regia, foi mais tarde encarregado de ir a Londres adquirir livros para a Bibliotheca Nacional e comprar machinas para aquelle estabelecimento. Chegado ali, filiou-se na maçonaria, e voltando a Lisboa em julho de 1802 foi immediatamente denunciado ao tribunal do *Santo Officio* por *pedreiro livre* e como tal inimigo da Religião e do Estado. Preso, foi encarcerado nos calabouços e guardado á vista como um criminoso da peor especie.

A historia d'esta prisão, o que se passou nos interrogatorios capciosos com que procuravam enredal-o nas tricas de um imaginario crime, a sua evasão do carcere, que só se explica pelo poder de que a maçonaria já dispunha em Portugal, conta-nos o proprio Hypolito na *Narrativa da sua perseguição* publicada em Londres no anno de 1811, em dois volumes, á frente dos quaes se ostenta o

retrato do auctor condecorado com as insignias maçonicas.

Furiosos os inquisidores de ver a salvo a sua presa, sollicitaram do governo a extradicação do accusado afim de o sujeitar ao castigo que lhe fôra sentenciado, *para maior gloria de Deus*, conforme a sua phrase pharisaica; mas todas as reclamações da embaixada portugueza foram inuteis perante a sisudez do gabinete inglez, que se recusou terminantemente a entregar um homem que nenhum crime commettera, e que se havia abrigado á sombra da protectora bandeira britanica.

Hypolito ferido na sua dignidade de homem e lastimado pelas perseguições de que havia sido victima, vingou-se nobremente d'esse governo inepto que teimava em conservar aquella anachronica e cruel instituição de sangrenta memoria, e d'aquella côrte de principes ignorantes que se deixavam dirigir por ambiciosos vulgares que arrastavam a infeliz nação portugueza a ruínosa humilhação. A vingança de Hypolito foi tão terrivel para Portugal, quão benefica para o Brazil, pois concebeu o exilado libertar a patria da servidão em que vivia sujeita a uma nação decadente. Recordando sem duvida a terra que lhe dera o berço, o primeiro beijo materno, tudo emfim quanto os amargores do exilio lhe despertavam n'alma, jurou não depôr a penna convertida em adamantina espada, emquanto o Brazil não fosse uma nação independente.

No anno de 1809 appareceu em Londres, sahido das officinas de Lewis, o primeiro numero do

Correio Braziliense ou *Semanario Litterario*, revista consagrada á politica e á litteratura, em cujo prologo o auctor diz francamente que vae combater pela independencia da sua patria.

Julgue-se da indignação e pasmo da côrte portugueza deante de tão inaudito arrojo, imagine-se quanto se esforçou para haver ás mãos o ousado fugitivo, e o muito que trabalhou para sepultal-o de novo, e d'essa vez para sempre, nas masmorras da Inquisição.

N'aquella terrivel conjunctura em que Portugal considerava o caso como questão diplomatica, o governo inglez manteve energicamente o seu direito, e não só se negou de um modo formal e peremptorio a entregar Hypolito, como permittiu que elle continuasse a publicação da sua Revista. Foi então que o combate tomou proporções colossaes, avultando a luta da intellectualidade contra a prepotencia, da luz contra as trevas, do direito contra a tyrannia, da liberdade contra o despotismo. Brotavam as ideias das columnas do seu periodico como uma torrente avassaladora, com todo o impeto do enthusiasmo, com toda a convicção do direito, com toda a verdade da sciencia. Era a patria opprimida encadeiada ao escabello de um throno caduco que se apresentava ante a nova ordem das cousas; eram todas as injustiças do passado, todos os privilegios de raça e todos os abusos do poder, circumdado de fogueiras, de esbirros, de excommunhões para abafar o pensamento e trucidar a consciencia; era, finalmente, a voz da America pe-

dindo logar entre as nações civilisadas, e reivindicando para seus filhos o direito de ser livre e de desfraldar aos quatro ventos a sua bandeira.

Entretanto a côrte portugueza, vendo-se acremamente censurada e commentados severamente os seus actos, deu ordens terminantes e impoz as penas mais severas aos que introduzissem o *Correio Braziliense* no Rio de Janeiro; mas tudo foi em vão. O pamphleto patriotico apparecia em toda a parte, invadia os proprios salões do palacio de S. Christovão, o gabinete de D. João VI, os aposentos das princezas e de suas damas, contra as quaes verberava ousadas accusações. Era o ariete contra aquella côrte mais relaxada que perversa, que apesar dos bons desejos do rei não podia fazer mais, porque mais longe não iam os seus conhecimentos. As palavras do jornal de Hypolito penetravam em toda a cidade, as ideias novas apossavam-se de todos os animos, como os raios de luz penetram por todas as frinchas de um aposento fechado.

Vendo pois que nada conseguia com as suas medidas repressivas, o governo de D. João VI tratou de fundar em Londres um periodico em opposição ao *Correio Braziliense*, destinado principalmente a combater as suas proposições liberrimas concernentes ao Brazil. Creou-se então o *Investigador Portuguez em Inglaterra*, mas com tão má fortuna e com redactores tão venaes, que o governo teve de suspender a sua publicação confessando-se vencido perante o grande jornalista brasileiro.

A propaganda de Hypolito em prol da independencia da patria era tão efficaç que calava nos espiritos mais adeantados da Europa. Não se limiava o infatigavel publicista a condemnar por atrasada e ignorante a politica portugueza, nem a demonstrar os erros e desmandos da côrte. Habil economista e grande conhecedor da politica do velho continente, despertava o interesse das nações europeas comprovando as vantagens que ellas colhe-riam da independencia do Brazil, principalmente as nações mercantes, publicando para isso estatísticas do movimento da producção e população brasileira, que á força de pacientes investigações elle mesmo organisava; dava conta da importação e exportação dos portos franqueados ás nações amigas de Portugal, patenteara a fecundidade do sólo, a riqueza de seus productos naturaes, e os grandes proventos da agricultura; o que tudo muito contribuiu para o apoio que os patriotas americanos encontraram sempre na Europa.

O *Correio Braziliense* é pois a urna sagrada onde se guardam todas as datas para a historia do Brazil durante aquelle periodo interessantissimo da gestação de uma grande independencia. Hypolito foi o athleta intellectual d'aquella evolução. Com uma vontade de ferro, com uma energia suprema e com um valor inquebrantavel elle decidiu, qual outro Leonidas a morrer nas Thermopilas da ideia, e não descansou um só momento, desde 1809 até 1822 em que viu coroados os seus esforços com a mais brilhante victoria, pois a 7 de setembro

d'esse ultimo anno o príncipe D. Pedro lançou ás margens do Ypiranga o grito de *Independencia ou morte* que repercutido desde o Prata até ao Amazonas, foi acariciar alegremente os ouvidos do herculeo batalhador acampado nas margens do Tamisa.

Em 1823 Hypolito José da Costa Pereira publicou o 29.º volume do *Correio Braziliense*, despedindo-se dos leitores e dando por finda a sua gloriosa missão. Nunca o jornalismo abraçou mais nobre causa, e nunca tambem jornalista algum alcançou maior triumpho. Podia depôr a penna, estava escripta a sua epopeia e o seu nome atirado aos vindouros, jámais poderia perecer; embora tenha momentaneamente cahido em tão injusto esquecimento, esse nome será sempre para o Brazil a mais fulgente das suas estrellas.

Não foi o primeiro imperador ingrato para com tão benemerito brasileiro; Hypolito foi logo nomeado consul do Brazil em Londres, logar que já então era de grande rendimento, pois a maior força das transacções mercantis se fazia por intermedio d'aquella praça; reservando-lhe talvez maiores honras para completa remuneração de seus grandes serviços. Infelizmente a sorte do eminente publicista foi-lhe cruelmente adversa, dando-lhe a morte a 11 de setembro de 1823, isto é, quasi um anno dia por dia da independencia do imperio.

A appareição do *Correio Braziliense* em 1809 encerrando o periodo da litteratura dos tempos coloniaes, inaugura o do imperio.

ENSAIO BIBLIOGRAPHICO

DA

LITTERATURA BRAZILEIRA

NOS TEMPOS COLONIAES

I

Padre José de Anchieta

Nasceu José de Anchieta na ilha de Tenerife no anno de 1530, e segundo seus numerosos biographos, era filho de paes nobres e talvez abastados, pois aos 16 annos foi mandado para Portugal com o fim de matricular-se na Universidade de Coimbra. Apenas chegou entrou para o collegio dos Jesuitas d'aquella cidade para concluir os seus estudos preparatorios.

Com tanto ardor se applicou o joven Anchieta aos estudos que a saude enfraqueceu e comprometteu-se-lhe de tal modo, que foi obrigado a retirar-se para Lisboa, onde entrou em serio tratamento. Não conseguindo, porém, completo restabelecimento, decidiu-se a experimentar o clima do Brazil, acompanhando em 1553 o governador geral Duarte da Costa que vinha tomar conta d'esse encargo.

Aportando á Bahia a 13 de julho d'aquelle mesmo anno, restabeleceu-se tão promptamente que se dedicou logo ao magisterio, para o qual sentia irresistivel pendor, abrindo uma aula de latim que foi a primeira que houve no Brazil. Cabe-lhe pois a gloria de ser o fundador do ensino secundario n'esta parte da America.

E' isto o que dizem os seus primeiros biographos, todos jesuitas, mas ignora-se se com effeito as cousas se passaram assim, ou se Anchieta foi seduzido pelos padres da companhia para se fazer mais doente do que realmente se achava, e assim poder vir para o Brazil, a pretexto de mudar de clima, mas na verdade só com o fito de furtal-o á auctoridade paterna e caricias da familia, se por ventura regressasse a Tenerife, e melhor conquistal-o para as fileiras da companhia. O exemplo não era novo. Anchieta revelou desde verdes annos intelligencia vivaz e aproveitavel e por isso mesmo é que os paes o enviaram a Coimbra; é muito provavel que ahi chegado mostrasse taes aptidões no collegio onde fôra completar os seus preparatorios, que os padres encantados por tão bello talento empregassem aquelle artificio para havel-o a seu gremio.

Abrindo aula de latim e crêmos que tambem de portuguez no Collegio dos Jesuitas, Anchieta admittio n'ellas os filhos dos colonos e dos indigenas catechizados, o que desde logo lhe deu ensejo para começar a praticar a lingua tupy. Parece que o glorioso filho de Tenerife tinha grande propensão para o polyglotismo, pois tornou-se logo tão forte em varios dialectos indigenas, que compoz uma grammatica da lingua guarany e verteu para o mesmo idioma algumas orações, como já exemplificámos na primeira parte d'este livro, e o catecismo de que se serviu com grande proveito na catechisação.

O seu ardor pela fé e desejo de propagal-a entre os barbaros fizeram com que os superiores do Collegio

do Brazil o enviassem á capitania de S. Vicente, hoje cidade de Santos da provincia de S. Paulo, onde já se achava o padre Manuel da Nobrega, que foi tambem um dos mais illustres jesuitas do seculo xvi, e dos que mais serviços prestaram á causa da civilização brasileira. Chegando ahi, depois de escapar a um terrivel naufragio que lhe sobreviera em viagem, Anchieta entregou-se denodadamente á catechese, expondo e barateando a vida entre os mais terriveis aborigenes com uma coragem que a todos causava assombro; e ao passo que levava a palavra divina ao recesso das florestas virgens, que procurava encaminhar as ovelhas sylvestres ao sagrado aprisco, ensinava-os tambem a lêr. ministrava-lhes com a fê da religião a luz do saber.

E' então que Anchieta se dá á composição d'esses autos, de que nos fallam os primeiros chronistas do Brazil e os seus biographos; é tambem então que elle compõe as suas poesias sagradas e profanas, esses cantos religiosos que os discipulos recitavam ao som dos instrumentos semi-selvagens, que executavam musicas populares ou inspiradas dos *requiens* da época. Eram esses cantos escriptos, como já dissemos e exemplificámos, ora em portuguez ora em guarany.

Assim corria em paz, ainda que assaz trabalhosa a vida de Anchieta, quando em 1562 se tramou uma conjuração entre os chefes Tamoyos, com o fim de expulsar ou antes exterminar os portuguezes e avassalar os indigenas catechisados, e que já convenientemente aldeados faziam causa commum com os invasores europeus.

Atacando inesperadamente a colonia portugueza, os conjurados foram por tal modo repellidos que se refugiaram em Iperogy, vinte e seis leguas distante da capitania de S. Vicente. Sequiosos de tremenda vingança, avidos de presas, e sedentos de sangue, preparavam-se os Tamoyos para um novo ataque em que tirassem memoravel desforra, quando Nobrega e An-

chieta movidos por nobilissimo impulso, se lhe apresentaram armados sómente com o symbolo da fé, a 4 de maio de 1563, a propor paz e tratados de alliança. E tal era a magia de Anchieta aos olhos indigenas, que ás suas palavras e ás do seu companheiro Nobrega, abrandaram-se os animos mais irritados, a seus gestos humilharam-se, submeteram-se, accederam emfim ás propostas pacificas dos dois jesuitas sob a condição unica de lhes restituirem os prisioneiros que estavam em poder dos colonos.

Estabelecidos os preliminares da paz, Nobrega partiu em busca dos prisioneiros, e o padre Anchieta ficou em refens, como fiador das negociações entabuladas; — sua vida respondia pelas dos Tamoyos que estavam com os colonos.

«Não receia que o matem, diz Joaquim Manuel de Macedo, seu nome é um escudo. Anchieta é prestigioso entre os indios; mas exposto aos costumes selvagens, á impudicicia innocente, que era como honra devida ao hospede, elle faz voto á Virgem Mãe Immaculada de escrever em seu louvor um poema, se sahir triumphante de tão perigosa provação.» Na verdade não podia ser ella mais positiva; Anchieta era ainda moço, e as indigenas mais bellas da tribu eram conforme o uso selvagem postas á sua disposição. Nunca talvez fosse humano algum tão ardentemente provocado.

Diz-se que para dar desde logo cumprimento á sua promessa, pois sabe que ha de sair triumphante da luta com a carne, Anchieta passeiava ao despontar do dia e ao cair da tarde, á beira-mar, compondo os versos do poema e escrevendo-os na areia, para melhor re-tel-os na memoria. Assim escreveu elle em latim uma serie de canticos em louvor da Virgem Santissima, que se conservam ainda hoje ineditos. Este poema, ou que melhor nome tenha, compõe-se de quatro mil cento e setenta versos, bem metrificadas, segundo affirmam os que o leram, e em boa linguagem de Cicero.

Em 1565 Anchieta acompanha Estacio de Sá, o fundador da cidade do Rio de Janeiro, na expedição contra os francezes que se haviam apoderado e encastelado em uma ilha, que por esse motivo se ficou chamando de Villegagnon, nome do chefe dos invasores, a qual se acha situada na bahia de Guanabara como a denominavam os indigenas, ou do Rio de Janeiro, como a baptisou o seu descobridor, persuadido a principio de que essa barra era a embocadura de um rio.

N'essa jornada memoravel em que se bateram valentemente europeus e indigenas, sendo estes uns aliados aos francezes e outros aos portuguezes, não foram menos valiosos os serviços prestados por Anchieta, pois não só serviu de interprete aos indios do Espirito Santo e S. Vicente que vieram em auxilio dos primitivos dominadores, como era quem mais os animava ao combate.

No fim do anno de 1566, chamado á Bahia para tomar ordens sacras, pois até então servira com simples ordens menores, é elle quem informa ao governador geral Mem de Sá, tio de Estacio, da situação apertada em que se via o sobrinho deante da attitude forte e resistencia tenaz dos francezes. E' elle quem o accelera a partir em seu soccorro logo depois, acompanhando-o tambem n'essa nova e d'essa vez mais feliz empresa, a qual terminou com a definitiva fundação da cidade do Rio de Janeiro, então pouco depois elevada á capitania do mesmo nome, e hoje florente capital do grande imperio.

Terminada esta missão, Anchieta volta á capitania de S. Vicente a proseguir em sua grande obra de propaganda da fé de Christo; e durante vinte annos o seu viver é entre os indigenas que vae desentranhar das mais intrincadas florestas, barbaros, indolentes, irreligiosos, sanguinarios e crueis para transformal-os com a sua palavra de apostolo e o seu exemplo de mansidão em homens brandos, crentes, doces, semi-civilizados.

Em S. Vicente, no Rio de Janeiro e no Espirito Santo os seus triumphos de catechese são innumeros e extraordinarios; a sua influencia entre os discipulos e catechisados assume proporções sobrenaturaes, chegando a ser tido por santo.

Nomeado provincial, por sete annos exerceu tão honroso encargo a contento de todos os subordinados. Só muito tempo depois deixou o pesado encargo em 1585, por cansado e doente.

Quarenta e quatro annos viveu Anchieta no Brazil, empregando-os na maior parte em catechisar e al-dear indios, educando-lhes e instruindo-lhes os filhos bem como os dos colonos, em restabelecer a paz onde se levantava a discordia, em mitigar as dores onde pesava a desgraça, em aviventar a fé onde a encontrava esmorecida, em arraigar a crença onde a encontrava superficial.

A' sua dupla missão de catechizador e mestre Anchieta juntava uma terceira, não menos preciosa—a de medico e enfermeiro, sempre prompto a acudir aos males do corpo como aos da alma. E para colher os mais bellos triumphos de tão caritativa clinica, estudava mais na natureza que por toda a parte lhe prodigalisava inexauriveis thesouros, do que nos livros tão escassos de sciencia quão repletos de erros e empyrismos. Em suas relações com os aborigenes, observou e reconheceu a efficacia de muitos vegetaes empregados no curativo de diversas molestias, e ajuntando a isso o fructo de muita experiencia e de estudo particular, adquiriu uma proficiencia inestimavel. Pena é que de tanto saber não nos reste mais que a tradição, que se muito vale para a sua memoria, nada aproveita nem á sciencia nem á humanidade.

A 9 de junho de 1597 falleceu o padre José de Anchieta no interior da capitania do Espirito Santo, e para dal-o á sepultura na cidade da Victoria um prestito de centenaes de homens, mulheres e creanças—por-

tuguezes, mestiços e indigenas —teve de fazer uma viagem de quatorze leguas a pé. Nunca se viu nem se verá talvez em tempo algum, sahimento mais solemne, nem mais grandioso.

Annos depois o geral da Companhia de Jesus fez transportar os restos mortaes d'este bemfeitor da humanidade para o jazigo que mandou preparar junto ao altar-mór da egreja do Collegio da Bahia. A desidia dos vindouros deixou que se perdessem estas preciosas reliquias. Não aconteceu outro tanto aos despojos de Estacio de Sá, fundador da cidade do Rio de Janeiro, que ainda hoje se conservam na antiquissima igreja de S. Sebastião, no morro do castello d'esta mesma cidade.

O padre José de Anchieta foi um dos homens mais emilentes que colaboraram na fundação d'este grande Estado sul-americano, não só procurando seduzir pela religião e civilisação os indigenas aos preceitos do bom e do justo, trazel-os da barbarie á sociedade, como derramando a instrucção entre europeus e americanos. Procurava unil-os pelos laços da fé, e da educação, tornal-os homogeneos, fundil-os em uma só raça grande, forte e digna d'este solo abençoado, que elle amava tanto como se aqui tivesse nascido.

Que portentosa organização a sua! Que trabalhos rudes, que lutas, que perigos affrontou, empenhou e padeceu! José de Anchieta não foi sómente o jesuita convicto que se dedicava á gloria e poderio da companhia; ia mais longe; a humanidade era o objectivo de suas maiores acções. Operario infatigavel da civilisação visava a um fim mais elevado, sonhava talvez fazer d'esse amalgama de selvagens americanos e degredados europeus uma sociedade humana, laboriosa e crente.

Se se perderam as primeiras sementes lançadas por elle á terra, nem por isso o solo deixou de ficar desbravado e preparado para a grande cultura que hoje tão farta e abundante messe dá por esses vastissimos

campos que se dilatam das margens do Amazonas aos do Prata.

Já dissemos que José de Anchieta foi também dado à poesia, e seus versos singelos e despretenciosos, que tão bem retratam a sua physionomia moral, tem o valor das verdadeiras preciosidades archeologicas, pois são talvez os primeiros que em lingua portugueza se fizeram no Brazil ou que pelo menos chegaram até nós. Se assim é, como supomos e acreditam aquelles que se tem occupado d'este assumpto, José de Anchieta é o fundador da poesia brasileira, embora presa ainda aos laços feudaes da mãe patria.

Consideravam-se perdidas as poesias e autos do padre José de Anchieta, quando ao sr. Alexandre José de Mello Moraes Filho foi offerecido na Belgica pelo sr. Barão de Arinos, ministro do Brazil n'esse Estado e actualmente em França, uma cópia de muitas producções do grande thaumaturgo, que se achavam archivadas no Collegio dos Jesuitas em Roma. Na occasião em que ali entraram as tropas libertadoras foram saqueados alguns conventos, e achando-se n'esse numero o tal collegio, cahio o precioso manuscripto em poder de pessoa que o mostrou ao sr. barão de Arinos, permitindo-lhe extrahir aquella cópia.

De volta ao Brazil não encontrando o sr. dr. Mello Moraes quem quizesse editar e dar á publicidade a essa copia, satisfez em parte os seus patrioticos intentos dando algumas d'essas poesias em portuguez na segunda edição do seu *Curso de litteratura brasileira*, *Revista anthropologica*, publicada por occasião da Exposição anthropologica do Museu Nacional, e ultimamente reproduzindo e dando novas poesias em portuguez no seu primoroso *Parnazo Brasileiro*, obra em dois volumes, que muito honra a bibliographia da lingua portugueza d'esta parte da America.

E' do *Parnazo Brasileiro*, que com a devida venia do seu collector, trasladamos em seguida a poesia Ao

Santissimo Sacramento e o auto de *Santa Ursula*, ao qual se refere Fernão Cardin na sua *Narrativa epistolar*, quando diz que: «representava uma procissão das onze mil virgens vindas na náu que entrava pela terra dentro, toda embandeirada e disparando tiros em honra do martyrio do padre Ignacio de Azevedo, cujos louvores entoavam algumas d'essas mil virgens.»

As poesias de Anchieta não são inferiores ás dos seus contemporaneos que então poetavam em Portugal. Os autos de Gil Vicente não são melhor dialogados que os seus, nem os versos de Antonio Ferreira são melhor metrificadas, ainda que na verdade sejam mais conceituosos. No seculo XVI, o seculo aureo do renascimento, só Camões sobreexcedia a todos os demais poetas do seu tempo. Ouçamos finalmente Anchieta, atravez de tres longos seculos de olvido e emudécimento.

Ao Santissimo Sacramento

Oh que pão, oh que comida,
Oh que divino manjar
Se nos dá no santo altar
Cada dia!

Filho da Virgem Maria,
Que Deus Padre cá mandou,
E por nós na cruz passou
Crua morte,

E para que nos conforte
Se deixou no sacramento
Para dar-nos com augmento
Sua graça.

Esta divina fogaça
E' manjar de luctadores,
Galardão de vencedores
Exforçados.

Deleite de enamorados
Que, com o gosto d'este pão,
Deixam a deleitação
Transitoria.

Quem quizer haver victoria
Do falso contentamento,
Goste d'este sacramento
Divinal.

Este dá vida immortal,
Este mata toda fome
Porque n'elle Deus e homem
Se contem.

E' fonte de todo o bem,
Da qual, quem bem se embebeda,
Não tenha medo da queda
Do peccado.

Oh que divino bocado
Que tem todos os sabores !
Vinde, pobres peccadores,
A comer.

Nem tendes de que temer
Senão de vossos peccados;
Se forem bem confessados
Isso basta.

Que este manjar tudo gasta
Porque é fogo gastador
Que, com seu divino ardor,
Tudo abraza.

E' pão dos filhos de casa,
Com que sempre se sustentam
E virtudes accrescentam
De continuo.

Todo al é desatino,
Se não comer tal vianda
Com que a alma sempre anda
Satisfeita.

Este manjar aproveita
Para vícios arrancar,
E virtudes arranjar
Nas entranhas.

Suas graças são tamanhas
Que se não podem contar;
Mas, bem se pôde gostar
De quem ama.

Sua graça só derrama
Nos devotos corações,
E os enche de benções
Copiosas.

Oh que entranhas piedosas,
De vosso divino amor!...
Oh meu Deus e meu Senhor
Humanado!...

Quem vos fez tão namorado
De quem tanto vos offende?
Quem vos ata, quem vos prende?
Com taes nós?

Por caber dentro de nós
Vos fazeis tão pequenino,
Sem o vosso Ser divino
Se mudar.

Para vosso amor plantar
Dentro em nosso coração,
Achastes tal invenção
De manjar,

No qual nosso paladar
Acha gostos diferentes,
Debaixo dos accidentes
Escondidos.

Uns são todos incendidos
Do fogo do vosso amor;
Outros cheios de temor
Filial.

Outros, com o celestial
Lume d'este sacramento,
Alcançam conhecimento
De quem são.

Outros sentem compaixão
De seu Deus, que tantas dores
Por nos dar estes sabores
Quiz soffrer.

E desejam só morrer
Por amor de seu amado,
Vivendo sem ter cuidado
D'esta vida.

Quem viu nunca tal comida
Que é o summo de todo o bem!
Ai de nós, que nos detem,
Que buscamos!

Como não nos enfrascamos
Nos deleites d'este pão
Com que o nosso coração
Tem fartura!

Se buscamos formusura,
N'elle está toda mettida;
Se queremos achar vida
Esta é.

Aqui se refina a fé;
Pois debaixo do que vemos
Estar Deus e homem, crêmos
Sem mudança.

Acrescenta-se a esperança
Pois na terra nos é dado!
Um canto nos céos guardado
Nos está.

A claridade que lá
Ha de ser aperfeiçoada,
D'este pão é confirmada
Em pureza.

D'elle nasce a fortaleza,
Elle dá perseverança:
Pão de bemaventurança,
Pão de gloria,

Deixado para memoria
Da morte do Redemptor;
Testemunho de seu amor
Verdadeiro.

Oh mansissimo Cordeiro !
Oh menino de Belem !
Oh Jesus ! todo meu bem !
Meu amor !

Meu Esposo, meu Senhor,
Meu amigo, meu irmão,
Centro do meu coração,
Deus e Pae !

Pois com entranhas de mãe
Quereis de mim ser comido,
Roubae todo meu sentido
Para vós.

Com o sangue que derramastes,
Com a vida que perdestes,
Com a morte que quizestes
Padecer,

Morra eu, porque viver
Vós possaes dentro de mi,
Ganhae-me pois me perdi
Em amar-me.

Pois que para encorporar-me
E mudar-me em vós de todo
Com um tão divino modo
Me mudaes.

Quando na minh'alma entraes
E d'ella fazeis sacrario,
De vós mesmo é relicario
Que vos guarda .

chietta movidos por nobilissimo impulso, se lhe apresentaram armados somente com o symbolo da fé, a 4 de maio de 1563, a propor paz e tratados de alliança. E tal era a magia de Anchieta aos olhos indigenas, que ás suas palavras e ás do seu companheiro Nobrega, abrandaram-se os animos mais irritados, a seus gestos humilharam-se, submeteram-se, accederam enfim ás propostas pacificas dos dois jesuitas sob a condição unica de lhes restituirem os prisioneiros que estavam em poder dos colonos.

Estabelecidos os preliminares da paz, Nobrega partiu em busca dos prisioneiros, e o padre Anchieta ficou em refens, como fiador das negociações entabuladas; — sua vida respondia pelas dos Tamoyos que estavam com os colonos.

«Não receia que o matem, diz Joaquim Manuel de Macedo, seu nome é um escudo. Anchieta é prestigioso entre os indios; mas exposto aos costumes selvagens, á impudicicia innocente, que era como honra devida ao hospede, elle faz voto á Virgem Mãe Immaculada de escrever em seu louvor um poema, se sahir triumphante de tão perigosa provação.» Na verdade não podia ser ella mais positiva; Anchieta era ainda moço, e as indigenas mais bellas da tribu eram conforme o uso selvagem postas á sua disposição. Nunca talvez fosse humano algum tão ardentemente provocado.

Diz-se que para dar desde logo cumprimento á sua promessa, pois sabe que ha de sair triumphante da luta com a carne, Anchieta passeiava ao despontar do dia e ao cair da tarde, á beira-mar, compondo os versos do poema e escrevendo-os na areia, para melhor retel-os na memoria. Assim escreveu elle em latim uma serie de canticos em louvor da Virgem Santissima, que se conservam ainda hoje ineditos. Este poema, ou que melhor nome tenha, compõe-se de quatro mil cento e setenta versos, bem metrificadlos, segundo affirmamos que o leram, e em boa linguagem de Cicero.

Em 1565 Anchieta acompanha Estacio de Sá, o fundador da cidade do Rio de Janeiro, na expedição contra os francezes que se haviam apoderado e encastelado em uma ilha, que por esse motivo se ficou chamando de Villegagnon, nome do chefe dos invasores, a qual se acha situada na bahia de Guanabara como a denominavam os indigenas, ou do Rio de Janeiro, como a baptizou o seu descobridor, persuadido a principio de que essa barra era a embocadura de um rio.

N'essa jornada memoravel em que se bateram valentemente europeus e indigenas, sendo estes uns aliados aos francezes e outros aos portuguezes, não foram menos valiosos os serviços prestados por Anchieta, pois não só serviu de interprete aos indios do Espirito Santo e S. Vicente que vieram em auxilio dos primitivos dominadores, como era quem mais os animava ao combate.

No fim do anno de 1566, chamado á Bahia para tomar ordens sacras, pois até então servira com simples ordens menores, é elle quem informa ao governador geral Mem de Sá, tio de Estacio, da situação apertada em que se via o sobrinho deante da attitude forte e resistencia tenaz dos francezes. E' elle quem o accelera a partir em seu soccorro logo depois, acompanhando-o tambem n'essa nova e d'essa vez mais feliz empresa, a qual terminou com a definitiva fundação da cidade do Rio de Janeiro, então pouco depois elevada á capitania do mesmo nome, e hoje florente capital do grande imperio.

Terminada esta missão, Anchieta volta á capitania de S. Vicente a proseguir em sua grande obra de propaganda da fé de Christo; e durante vinte annos o seu viver é entre os indigenas que vae desentranhar das mais intrincadas florestas, barbaros, indolentes, irreligiosos, sanguinarios e crueis para transformal-os com a sua palavra de apostolo e o seu exemplo de mansidão em homens brandos, crentes, doceis, semi-civilizados.

Emquanto a presença tarda
De vosso divino rosto,
O saboroso e doce gosto
D'este pão,

Seja minha refeição
E todo meu appetite,
Seja gracioso convite,
De minh'alma.

Ar fresco da minha calma,
Fogo de minha frieza,
Fonte viva de limpeza,
Doce beijo.

Mitigador do desejo
Com que a vós suspiro e gemo,
Esperança do que temo
De perder.

Pois não vivo sem comer:
Como a vós, em vós vivendo
Vive em vós em vós comendo
Doce amor.

Comendo de tal penhor,
N'elle tenho minha parte
E depois de vós me farte
Com vos ver.

SANTA URSULA¹

Dialogo entre um Anjo e Satanaz, quando no Espirito Santo
se recebeu uma reliquia das Onze Mil Virgens

DIABO

Temos embargos, donzella,
A serdes d'este logar !
Não me queiraes enganar,
Que com a espada e rodella

¹ Publicado pela primeira vez no *Parnaso Brasileiro*, de Mello Moraes, 1884.

Vos hei de fazer voltar.
Se na batalha do mar
Me pegastes,
E' que as Onze Mil juntastes,
Que fizestes em Deus crer.
Não ha de agora assim ser:
Se estaes de mim triumphantes,
Hoje vos hei de vencer.
Não tenho contradicções
Em toda a Capitania,
Antes ella com porfia
Debaixo de minha mão
Se rendeu com alegria.
Cuido que errastes a via
E o sol tomastes mal:
Tornae-vos a Portugal,
Que não tendes sol nem dia
Senão a noi e infernal
De peccados,
Em que os homens ensopados
Abhorrecem sempre a luz.
Se lhes fallardes na cruz
Dar-vos-hão mui agastados.

(Aqui dispara um arcabuz).

ANJO

Oh peçonhento Dragão
E pae de toda a men'ira,
Que procuras perdição
Com mui furiosa ira
Contra a humana geração!
Tu n'esta povoação
Não tens mando nem poder,
Pois todos pretendem ser
De todo o seu coração
Inimigos de Lucifer.

DIABO

Oh que valentes soldados!
Agora me quero rir:
Mal me podem resistir
Os que fracos com peccados
Não fazem senão cahir.

ANJO

Mas se caem, se levantam
E outros ficam de pé.
Se resistem, e se espantam,
Porque Deus com elles é.
E com excessivo amor
Lhes mandou essas esposas,
Onze Mil Virgens formosas,
Cujo continuo favor
Dará palmas gloriosas;
E para dar maior pena,
A tua soberba inchada
Quer que seja derrubada
Por uma mulher pequena.

DIABO

Oh que cruel estocada
Me tiraste,
Quando a mulher nomeaste!
Porque mulher me matou,
Mulher me pôde tirar.
E dando comigo ao traste
A cabeça me quebrou.

ANJO

Pois agora essa mulher
Traz consigo estas mulheres,
Que n'esta terra hão de ser
As que alcançam-lhe o poder,
Para vencer taes poderes.

DIABO

Ai de mim, desventurado,
Acolhe-te, Satanaz !

ANJO

Aqui, traidor jazerás,
De pés e mãos amarrado,
Pois que perturbaste a paz
D'este povo socegado.

DIABO

Oh anjo, deixa-me já,
Que temo d'esta Senhora !

ANJO

Comtante que te vás fóra
E nunca mais tornes cá.

DIABO

Ora seja na má hora.
(*Indo-se diz ao povo*)
Ou deixai-vos descansar
Sobre esta minha promessa,
Ou darei volta depressa
A vossas casas cercar
E quebrar-vos a cabeça.

VILLA

Mote

Mais rica me vejo agora
Que nunca d'antes me vi,
Porque ter-vos mereci
Virgem Santa por Senhora.

Glosa

O Senhor Omnipotente
Me fez grande beneficio,
Dando-me aquella excellente
Legião de esforçada gente
Do grande martyr Mauricio.
N'este dia
Se dobra minha alegria
Com vossa vinda, Senhora !
E pois a Capitania
Hoje tem maior valia,
Mais rica me vejo agora.

Como perpetua memoria
De vossa mui santa vida,
E de morte esclarecida
Com que alcançastes victoria,

Morrendo sem ser vencida;
Serei mais favorecida,
Pois vindes morar em mi,
Porque tendo-vos aqui
Fico mais enriquecida
Que nunca d'antes me vi.

Da Senhora da Victoria
Victoria sou nomeada:
E pois sou de vós amada,
De Onze Mil Virgens na gloria
Espero ser coroada.
Por vós sou alevantada,
Pois que ter-vos mereci.

Meus filhos ficam honrados
Em vos terem por princeza,
Porque de sua baixeza
Por vós serão levantados
A ver a divina alteza.

Tudo temos,
Pois que tendo a vós teremos
A Deus que comnosco móra,
E logo desde esta hora
Todos vos reconhecemos
Virgem e martyr Senhora.

UM COMPANHEIRO DE S. MAURICIO

(Vindo a caminho da Virgem, diz:)

Toda esta Capitania,
Virgem martyr gloriosa,
Esta cheia de alegria,
Pois recebe n'este dia
Sua mãe tão piedosa.
Nós somos seus padroeiros,
Com toda a nossa legião
Dos thebanos cavalleiros,
Soldados e companheiro
De Mauricio capitão.
Elle espera aqui por vós,
E tem prestes a pousada
Para com vossa morada
Verdes como somos nós,
D'este logar advogada.

URSULA

Para isso sou mandada,
E com vossa companhia
Faremos mais grossa armada
Com que seja bem guardada
A nossa Capitania.

(S. Mauricio falla com S. Vidal ao entrar na egreja)

S. MAURICIO

Não bastam forças humanas,
Não digo para louvar,
Mas só para bem cuidar
As mercês tão soberanas,
Que com amor singular
Deus eterno,
Abrindo o peito paterno
Faz a todo este lugar,
Para que possa escapar
Do bravo fogo do inferno
E salvação alcançar.

Ditosa Capitania,
Que o Summo Pae e Senhor
Abraça com tanto amor,
Augmentando cada dia
Suas graças e favor!

S. VIDAL

Ditosa por certo é,
Se não fôr desconhecida:
Ordenando cria vida,
De modo que ajunte a fé
Com caridade escondida;
Porque as mercês divinaes
Então são agradecidas,
Quando os corações leaes
Ordenam bem suas vidas
Pelas leis celestiaes.

S. MAURICIO

Bem dizeis, irmão Vidal,
E por isso os sabedores
Dizem que obras são amores
Com que seu peito leal
Mostram os bons amadores.

S. VIDAL

E d'estes quantos cuidaes
Que se acham n'esta terra?

S. MAURICIO

Muitos ha, se bem olhaes,
Que contra os vicios mortaes
Andam em perpetua guerra,
E guardando com cuidado
A lei de seu Creador,
Mostram bem o serio amor
Que tem no peito encerrado
De Jesus, seu Salvador.

S. VIDAL

Estes taes comprometteram
Lembrança do beneficio,
De terem por seu patrão
Com toda a nossa legião
A vós, capitão Mauricio.

S. MAURICIO

Assim me têm,
E por isso o Summo bem
Lhes manda aquella Senhora:
—Onze Mil Virgens que vem
Para comnosco tambem
Serem suas guardadoras.

S. VIDAL

Tão gloriosas donzellas
Merecem de ser honradas.

S. MAURICIO

E comnosco ajoelhadas.
Pois que são virgens tão bellas,
De martyrios corôadas.

(Recebendo a Virgem)

Ursula, grande princeza,
Do Summo Bem mui amada;
Bôa seja a vossa entrada,
Grande pastora e cabeça
De tão formosa manada.

URSULA

Salvé, grande capitão
Mauricio, de Deus querido !
Este povo é defendido
Por vós e vossa legião,
E nosso Deus mui servido.
Sou d'elle agora mandada
A ser vossa companheira,

S. MAURICIO

Defensora e padroeira
D'esta gente tão honrada,
Que segue nossa bandeira;
Nós d'elles sômos amados,
Elles guardados de nós
Porque não sejamos sós,
Serão agora ajudados
Comnosco tambein de vós.

URSULA

Se os nossos portuguezes
Nos quizerem sempre honrar,
Sentirão poucos revezes
De inglezes e de francezes
E seguros podem 'star.

S. VIDAL

Quem levantará pendão
Contra seis mil cavalleiros

E contra o grande esquadrão
De nossos onze milheiros ?

URSULA

Com taes inimigos d'alma
Começam a desmaiar:
E pois tem este logar
Nome de Victoria e palma,
Sempre devem triumphar.

S. VIDAL

Isso é o que Deus quer;
Guardem elles seu mandado,
Que nós teremos cuidado
De guardar e enriquecer
Este nosso povo amado.

S. MAURICIO

Se quereis,
Significar podereis.
Nem tendes melhor logar
Que aquelle santo altar,
No qual comnosco sereis
Venerado sem cessar.

URSULA

Seja assim.
Recolhamo-nos ahi
Com o nosso Senhor Jesus,
Por cujo amor padeci
Abraçada com a cruz
Com que elle morreu por mim.

(Levando-a ao altar, cantam:)

Entrae *ad altare Dei*,
Virgem martyr mui formosa,
Pois que sois tão digna esposa
De Jesus que é Summo Rei.

N'aquelle logar estreito
Caberás bem com Jesus.

Pois elle com sua cruz
Vos coube dentro do peito.

Oh Virgem de grão respeito,
Entrae *ad altare Dei*,
Pois que sois tão digna esposa
De Jesus que é Summo Rei.

II

Pedro de Magalhães Gandavo

Pero, ou modernamente Pedro de Magalhães Gandavo era natural da cidade de Braga em Portugal, e humanista que floresceu pelo meiado do seculo xvi. Esteve alguns annos no Brazil, mas não se sabe ao certo quando e muito menos ao que veio. Ignoram-se as particularidades da sua vida.

O nome de Pero de Magalhães Gandavo é muito grato aos brasileiros, por ser o do fundador da sua historia, ainda que muito deficiente.

Mais como curiosidade bibliographica do que obra de alto merecimento litterario, transcrevemos de uma obra inedita ¹ a seguinte curiosa noticia e descripção dos trabalhos de Gandavo, relativos ao Brazil.

Historia da provincia de sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos Brazil: feita por Pero de Magalhães Gandavo, dirigida ao muito illm.º sñr. Dom Leonis Pereira etc. Impressa em Lisboa, na officina de Antonio Gonçalves em 1576—8.º Reimpressa na *Revista do Instituto Historico Brasileiro* T. XXI, 1858, pags. 367 e seguintes; e na Collecção de Opusculos para a Historia das Nações Ultramarinas.

¹ Felix Ferreira—*Bibliographia da Historia do Brazil*.

A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro possui um rarissimo exemplar da primeira edição, em perfeito estado e encadernado no volume das obras relativas ao Brazil, da preciosa collecção historica de Diogo Barbosa Machado. Na Bibliotheca Imperial (?) de Paris ha um outro que pertence a Henrique Temaux-Compans.¹ A Bibliotheca Nacional de Lisboa fez aquisição de um terceiro exemplar pelos annos de 1868, mas muito estragado.

A primeira edição é precedida de uma epistola poetica de Luiz de Camões dirigida a D. Leonis Pereira, e illustrada com uma gravura em madeira, representando um homem matando um animal descommunal, impossivel mesmo. Esta gravura foi lithographicamente reproduzida no precitado volume da Revista do Instituto Historico.

Gandavo descreve em simples mas agradavel estylo a descoberta do Brazil pela versão então mais corrente; conta alguns factos posteriores, e termina descrevendo os usos e costumes indigenas.

Além da *Historia*, Gandavo escreveu mais um *Tratado das terras do Brazil, no qual se contem a informação das cousas que ha n'estas partes*. Sahio pela primeira vez no T. iv da *Collecção de noticias para a historia das Nações Ultramarinas*, 1826.

Não se deve confundir o *Tratado* com a *Historia*. De todas as reimpressões, que d'esta se tem feito, a que Innocencio Francisco da Silva reputa melhor é a da Revista do Instituto.

A *Historia da provincia de Santa Cruz* é uma narrativa singella e veridica dos factos occorridos nos primeiros annos da existencia da antiga colonia portugueza, que fôrma hoje este vasto imperio, e como tal tem pelo menos o valor da authenticidade, pois foi escri-

¹ Auctor da *Bibliothèque Americaine*, Paris, 1837.

pta, senão por testemunho ocular dos factos, pelo menos baseada nas informações directas de quem os presenciou. No tocante aos indígenas Gandavo diz pouco, mas são preciosas as suas noticias. As descripções topographicas e chorographicas são muito apreciaveis. Todo o seu pequeno livro denota um observador consciencioso e um escriptor serio; melhor que a nossa analyse sirvam de exemplo alguns trechos cuidadosamente copiados da reimpressão que fez o *Instituto Historico Brasileiro* no XXI da sua Revista.

CAPITULO I—*De como se descobriu esta provincia, e a razam porque se deve chamar Sancta Cruz, e nam Brasil.*

Reinando aquelle muy catholico e serenissimo Principe El Rey Dom Manuel, fez-se hua frota pera a India de que hia per capitam mór Pedralvarez Cabral; que foy a segunda navegação que fizeram os Portuguezes pera aquellas partes do Oriente. A qual partio da cidade de Lisboa a 9 de Março no anno de 1500. E sendo já entre as ilhas do Cabo Verde (as quaes hião demandar para fazer agoada) deu-lhes um temporal, que foy causa de as não poderem tomar, e dese apartarem alguns navios da companhia. E depois de haver bonança junta outra vez a frota, impregaram-se ao mar, asi por fogirem das calmarias de Guiné, que lhes podia estorvar sua viagem. como por lhes ficar largo poderem dobrar o cabo da boa Esperança. E avendo já hum mez, que hião n'aquella volta navegando com vento prospero, foram dar na costa d'esta provincia; ao longo da qual cortaram todo aquelle dia, parecendo a todos que era alguma grande ilha que ali estava, sem aver Piloto, nem outra pessoa alguma que tivesse noticia della, nem que presumisse que podia estar terra firme pera aquella parte Occidental. E no lugar que lhes pareceo d'ella mais accommodado, surgiram

aquella tarde, onde logo tiveram vista da gente da terra: de cuja semelhança nam ficaram pouco admirados, porque era differente da de Guiné, e fora do commun parecer de toda outra que tinha visto. Estando assim surtos n'esta parte que digo, saltou aquella noite com elles tanto tempo, que lhes foy forçado leuarem as ancoras, e com aquelle vento que lhes era largo por aquelle rumo, foram correndo a costa até chegarem a hum porto limpo e de bom surgidouro onde entraram, ao qual pozeram entam este nome, que hoje em dia tem de Porto Seguro, por lhes dar colheita e os assegurar do perigo da tempestade que levavam. Ao outro dia seguinte, sabio Pedralvarez Cabral em terra com a maior da gente: na qual se disse logo Missa cantada, e ouve pregação: e os indios da terra que ali se ajuntaram ouvião tudo com maior quietação, usando de todos os actos e ceremonias que faziam ver aos nossos. E assim se punham de giolhos e batião nos peitos, como se tiveram lume de Fé, ou que por alguma via lhes fora revelado aquelle grande e inefabil mysterio do Santissimo Sacramento. No que mostraram claramente estarem dispostos pera receberem a doutrina Christãa a todo o tempo que lhe fosse denunciada como gente que nam tinha impedimento de idolos, nem professava outra ley alguma que podesse contradizer a esta nossa, comõ adiante se verá no capitulo que trata de seus costumes. Então despedio logo Pedralvarez hum navio cõ a nova a El Rey D. Manuel, a qual foy d'elle recebida com muito prazer e contentamento e dahi por diante começou logo de mandar alguns navios a estas partes, e asi se foy a terra descobrindo pouco a pouco e conhecendo de cada vez mais, até que depois se veo toda a repartir em capitánias e a povoar da maneira que agora está. E tornando a Pedralvarez seu descobridor, passados alguns dias que ali esteve fazendo sua agoada e esperando por tempo que lhe servisse, antes de se partir, por deixar nome na-

quella prouincia, por elle nouamente descuberta, mandou alçar hua Cruz no mais alto lugar de hua arvore, onde foi arvorada com grande solemnidade e benções de Sacerdotes que levava em sua companhia, dando a terra este nome de Sancta Cruz: cuja festa celebraua n'aquelle mesmo dia a Sancta Madre Igreja (que era aos tres de Mayo). O que nam parece carecer de mysterio, porque assi como nestes Reynos de Portugal trazem a Cruz no peito por insignia da ordem e cavallaria de Christus assi prouve a elle que esta terra se descobrisse a tempo, que o tal nome lhe podesse ser dado n'este sancto dia, pois havia de ser possuida de Portuguezes, e ficar por herança de patrimonio ao mestrado da mesma ordem de Christus. Por onde não parece razam, que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos d'elle tam indevidamente por outro que lhe deo o vulgo mal considerado, depois que o pão da tinta começou a vir a estes Reinos. Ao qual chamavam Brazil por ser vermelho e ter semelhança de braza, e daqui ficou a terra com este nome do Brazil.

III

Gabriel Soares de Sousa

Na opinião de seus biographos, menos fundados em documentos que em méras conjecturas, era Gabriel Soares natural de Lisboa, nascido talvez em 1540, e vindo para o Brazil entre os annos de 1565 a 1569.

Floresceu na Bahia como senhor de engenho e, ao que se suppõe, com grandes posses, chegando a ser vereador da cidade. De volta de Madrid, onde fôra solicitar da corôa hespanhola, sob cujo dominio se achava

então Portugal e suas colonias, permissão para explorar minas de ouro nas cabeceiras do Rio S. Francisco, falleceu na mesma cidade da Bahia em 1591, segundo se conjectura.

Da já citada *Bibliographia historica* de Felix Ferreira, transcrevemos a seguinte noticia da obra de Gabriel Soares.

Tractado descriptivo do Brazil em 1587, obra de Gabriel Soares de Sousa, senhor de engenho na Bahia, nella residente dezesete annos, seu Vereador da camara etc. — Edição castigada pelo estudo e exame de muitos codices munuscriptos existentes no Brazil, em Portugal, em Hespanha e França; e acrescentada de umas annotações á obra por Francisco Adolpho Warnhagen. Rio de Janeiro, 1851, 8.º

Fôrma o xiv volume da *Revista do Instituto Historico* (7.º da 2.ª serie).

Esta edição é posterior à que começou a imprimir em Lisboa o sabio Botanico Brasileiro frei José Marianno da Conceição Velloso, quando administrava a Imprensa Regia; edição essa que suspendida por motivos que se ignoram, foi afinal concluida pela Academia Real das Sciencias e addicionada ao volume III da *Collecção de noticias para a Historia das nações ultramarinas*.

Francisco Adolpho Warnhagen nas *Reflexões criticas* que precedem aquella edição, Innocencio Francisco da Silva no vol. III do seu *Diccionario Bibliographico* e Jorge Cesar Figanière na sua *Bibliographia Historica Portugueza* tratam larga e proficientemente d'esta obra.

No tomo 1.º da sua excellente *Historia geral do Brazil*, diz a respeito de Gabriel Soares e do seu livro, Francisco Adolpho Warnhagen o seguinte :

«Seja embora rude, primitivo e pouco castigado o estylo de Gabriel Soares, confessamos que ainda hoje nos encanta o seu modo de dizer; e ao comparar as descripções com a realidade quasi nos abysmamos ante

a profunda observação que não cançava, nem se distrahia variando o assumpto.

«Como cosmographo, o mesmo é seguir o roteiro de Soares que o de Pimentel ou de Roussin; em topographia ninguém melhor do que elle se occupa da Bahia; como pythologo faltam-lhe naturalmente os principios da sciencia botanica, mas Discorides ou Plinio não explicam melhor as plantas do velho mundo, que Soares as do novo, que desejava fazer conhecido... e n'uma ethnographia geral dos povos barbaros, nenhuma pagina poderão ter mais cabida pelo que respeita ao Brazil, que a que nos legou o senhor de engenho das margens do Jequiriçá. Causa pasmo como a attenção de um só homem poude occupar-se com tantas coisas «que juntas se vêem raramente», como as que se contem na sua obra, que trata a um tempo, em relação ao Brazil, da geographia, da historia, da topographia, da hydrographia, e da agricultura intertropical, da horticultura brazileira, da materia medica indigena, das madeiras de construcção e marcenaria, da zoologia em todos os seus ramos, da economia administrativa e até da mineralogia!»

Tomemos da obra de Gabriel Soares alguns trechos como os apurou Warnhagen na sua mencionada e preciosa edição:

CAPITULO I — Em que se declara quem forão os primeiros descobridores da provincia do Brazil, e como está arrumada.

A provincia do Brazil está situada além da linha equinocial da parte do sul, debaixo da qual começa ella a correr junto do rio que se diz do Amazonas; onde se principia o norte da linha da demarcação e repartição; e vae correndo esta linha pelo sertão d'esta provincia até 45 graus, pouco mais ou menos.

Esta terra se descobriu aos 25 dias do mez de abril

de 1500 annos por Pedro Alvares Cabral, que n'este tempo ia por capitão-mór para a India por mandado de El-Rei D. Manuel, em cujo nome tomou posse d'esta provincia, onde agora é a capitania do Porto Seguro, no lugar onde já esteve a ilha de Santa Cruz, que assim se chamou por aqui se arvorar uma muito grande, por mandado de Pedro Alvares Cabral, ao pé da qual mandou dizer, em seu dia, a 3 de maio, uma solemne missa com muita festa, pelo qual respeito se chamou a villa do mesmo nome, e a provincia muitos annos foi nomeada por Santa Cruz e de muitos Nova Lusitania; e para solemnidade d'esta posse plantou este capitão no mesmo lugar um padrão com as armas de Portugal, dos que trazia para o descobrimento da India, para onde levava sua derrota.

A estas partes foi depois mandado por S. A. Gonçalo Coelho com tres caravellas de armada, para que descobrisse esta costa, com as quaes andou por ellas muitos mezes buscando-lhe os pontos e rios, em muitos dos quaes entrou, e assentou marcos dos que para este descobrimento levava; no que passou grandes trabalhos pela pouca experiencia e informação que se até então tinha de como a costa corria, e do curso dos ventos com que se navegava. E recolhendo-se Gonçalo Coelho com perda de dous navios, com as informações que pôde alcançar, as veio dar a El Rei D. João III, que já n'este tempo reinava, o qual logo ordenou outra armada de caravellas que mandou a estas conquistas, a qual entregou a Christovão Jacques, fidalgo da sua casa que n'ella foi capitão-mór, o qual foi continuando no descobrimento d'esta costa, e trabalhou um bom pedaço sobre aclarar a navegação d'ella, e plantou em muitas partes padrões que para isso levava.

Contestando com a obrigação do seu regimento, e andando correndo a costa foi dar com a bocca da Bahia a que poz o nome de Todos os Santos, pela qual entrou dentro, e andou especulando por ella todos os

seus reconcavos, em um dos quaes, a que chamam o rio do Paraguassú, achou duas náus francezas que estavam ancoradas resgatando com o gentio, com as quaes se poz ás bombardas, e as meteu ao fundo; com o que se satisfez, e recolheu-se para o reino, onde deu suas informações a S. A., que com ellas, e com as primeiras e outras que lhe tinha dado Pero Lopes de Sousa, que por esta costa tambem tinha andado com outra armada, ordenou de fazer povoar esta Provincia, e repartir a terra d'ella por capitães e pessoas que se offereceram o metter n'isso todo o cabedal de suas fazendas, do que faremos particular menção em seu logar.

IV

Padre Fernão Cardin

Nasceu Fernão Cardin na cidade de Vianna, de Portugal, no anno de 1540 e entrou para a Companhia de Jesus em 1555.

Occupava um cargo no collegio de Evora quando em 1582 foi designado para acompanhar o visitador Christovão de Gouvea a visitar os collegios do Brazil. Aqui demorou-se até 1599 exercendo varios empregos jesuiticos, entre os quaes se aponta o de reitor do Collegio do Rio de Janeiro.¹

Eleito Procurador da Companhia partiu para Roma em 1600, onde pouco tempo se demorou. Voltando em companhia do padre Madureira foi em viagem aprisio-

¹ *Do principio e origem dos Indios do Brazil*. Rio de Janeiro, pag. XIII, nota (I).

nado por piratas inglezes e transportado violentamente para Inglaterra.

Posto em liberdade voltou aos lares patrios d'onde novamente regressou ao Brazil na qualidade de provincial; terminado o provincialato foi nomeado reitor do Collegio da Bahia, «cargo que occupou muitos annos, e que ainda occupava quando a cidade foi invadida por Hollandezes.»¹

Finalmente voltando a Portugal já muito avançado em annos, falleceu em Abrantes aos 27 de Janeiro de 1625.

Fernão Cardin concorreu para a formação da bibliographia historica do Brazil, com dois opusculos que por muitos annos se conservaram ineditos, e são :

I — *Narrativa epistolar de uma viagem á missão jesuitica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro etc.* — Lisboa, na Imprensa Nacional 1847-8.^o Foi publicado por Francisco Adolpho Warnhagen á vista do manuscripto datado de 1583.²

II — *Do principio e origem dos indios do Brazil e de seus costumes, adoração e ceremonias.* Rio de Janeiro, na typographia da *Gazeta de Noticias*, 1881, 4.^o Foi publicado pelo sr. dr. José Ferreira de Sousa Araujo, redactor-chefe da mesma *Gazeta de Noticias*, como homenagem á exposição de Historia e Geographia, que n'aquelle anno se effectuou na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

«O pequeno tratado sobre os Indios, que agora publicamos, diz o prefacio d'esta edição, ainda não foi impresso em portuguez. Poucas pessoas examinaram-no em Evora, onde está o manuscripto original, e estas

¹ *Loco* citado.

² *Bibliographia Historica* de Felix Ferreira, inedito.

o não julgaram, ao que parece, digno de ser posto em circulação.

«Os inglezes não pensaram do mesmo modo: desde 1625 está elle traduzido em sua lingua e faz parte da curiosa e rarissima collecção de Purchas.¹

«I — Diz Purchas que o Mss. que reproduz foi tomado em 1601 por Francisco Cook a um jesuita que ia para o Brazil. Ora exactamente n'este anno, como se pôde ver na *Synopsis* de Franco, o padre Fernão Cardin que voltava para o Brazil da viagem a Roma, foi aprisionado por corsarios inglezes e conduzido para Inglaterra.²

¹ *A Treatise of Brazil written by Portugal wich had long lived there.*

² E' curiosa a contradicção em que cahiram dois escriptores na mesma occasião da precitada Exposição, e que sem duvida são ambos empregados na mesma Bibliotheca Nacional. Um no *Catalogo* e outro no *Guia* da Exposição. Transcrevemos o que a tal respeito escreveu Felix Ferreira nas suas *Notas Bibliographicas* publicadas primeiramente nas columnas do *Cruzeiro*, do qual era então redactor, durante a Exposição, e depois reproduzidas em uma elegante brochura em 12.º (edição de 150 exemplares e de amador):

«Muito curioso, informa o *Guia da Exposição* a pag. 15, tem uma parte interessantissima sobre os indios. E' obra de Fernão Cardin, a quem foi tomada em 1601, quando foi aprisionado por corsarios inglezes.»

O *Catalogo*, porém, da Bibliotheca, relativo á Exposição, não falla em Fernão Cardin, mas antes attribue a auctororia da obra a José de Anchieta:

«Este trabalho, diz a nota a pag. 5, segundo Purchas, foi escripto por um jesui'a que vivera no Brazil durante 30 annos. Vindo ao Brazil em 1601 um Francis Cook, natural de Darnmouth, o tomou á força do dono, vendendo-o depois por 20 xelins (*sic*) a Master Hacket, que o mandou traduzir.

«O livro foi escripto em 1584. pois que já se refere á conquista da Parahyba; isto permite concluir que o auctor chegou ao Brazil em 1554 pelo menos. Será Anchieta? *Nada se oppõe a tal conclusão*, tanto mais, quanto em outros trabalhos (sem

«II — Pela pagina 34 d'este opusculo se vê que elle foi escripto em 1584. Ora, n'este tempo estava Fernão Cardin no Brazil, onde como se vê na *Narrativa Epistolar* (pag. 6) elle chegou a 9 de março de 1583, em companhia do padre Christovão de Gouvea e de Manuel Telles de Barreto, que vinha para governador geral.

«Estas duas coincidencias davam um fundamento solido á hypothese; mas para tornal-a certa devia-se recorrer ás provas intrinsecas, — á comparação dos estylos, ao cotejo das opiniões, etc. No caso presente estas provas tem valor — porque se o opusculo aqui publicado é de 1584, a primeira parte da *Narrativa epistolar* é de 16 de outubro de 1585. Escrevendo em dois periodos tão proximos um do outro, é natural que, se o opusculo sobre os indios é da mesma penna que a *Narrativa epistolar*, não só haja conformidade de ideias como tambem de fôrma.»

Passando a cotejar trechos das duas obras, o prefaciador do *Principio e origem dos Indios do Brazil* levamos a convicção de ser esta tambem obra de Cardin; deixemos porém este ponto bibliographico para ser discutido entre competentes, e passemos ao merecimento litterario do escriptor seiscentista.

Pelos trechos que damos em seguida, vê-se que Fernão Cardin é um escriptor correcto posto que sem elegancia; pouco observador, parecendo mais narrar de outiva que *de visu*; não obstante os seus trabalhos tem o merecimento da singellessa e da verdade, e com toda a justiça tem direito a honrosa menção na bibliographia brasileira. E muito é para lastimar-se que essas pequenas narrativas, como de Car-

duvida de Anchieta) que andam esparsos, e alguns dos quaes ainda se conservam ineditos, existem elementos reunidos n'este.» (pag. 35 e 36).

din, Pero Lopes, Gandavo e outros andem dispersas e não se encontrem reunidas em um ou mais volumes, para facilitar a aquisição e tornar menos penosa a investigação e estudo comparativo.

Os seguintes trechos são trasladados fielmente do opusculo dado á publicidade pela *Gazeta de Noticias*, conforme já dissemos:

Este gentio parece que não tem conhecimento do principio do Mundo, do diluvio parece que tem alguma noticia, mas como não tem escripturas, nem caracteres, a tal noticia é escura e confusa; porque dizem que as aguas afogaram e mataram todos os homens, e que somente um escapou em cima de um Jampapa, com uma irmã sua que estava prenhe, e que d'estes dois tem o seu principio, e que d'ali começou sua multiplicação.

Do conhecimento que tem do Creador

Este gentio não tem conhecimento algum de seu creador, nem cousa do ceo, nem se ha pena nem gloria depois d'esta vida, e por tanto não tem adoração nenhuma nem ceremonias, ou culto divino, mas sabem que tem alma e que esta morre e depois da morte vão a uns campos onde ha muitas figueiras ao longo de um formoso rio, e todas juntas não fazem outra cousa senão bailar; e tem grande medo do demonio, ao qual chamam Curupira, Taguaigba, Macachera, Anhangá, e é tanto o medo que lhe tem, que só de imaginarem n'elle morrem, como aconteceu já muitas vezes, não no adoram, nem a alguma outra creatura, nem tem idolos de nenhuma sorte, somente dizem alguns antigos que em alguns caminhos tem certos postos, aonde lhe offerecem algumas cousas pelo medo que tem d'elles, e por não morrerem. Algumas vezes apparecem os diabos ainda que raramente, e entre elles ha poucos endemoninhados.

Usam de alguns feitiços, e feiticeiros, não porque creiam n'elles, nem os adorem, mas somente se dão a chupar em suas enfermidades, parecendo-lhes que receberão saude mas não por lhes parecer que ha n'elles divindade, e mais o fazem por receber saude que por outro algum respeito. Entre elles se alevantam algumas vezes alguns feiticeiros, a que chamam Carai-ba, Santo ou Santidade, e é de ordinario algum indio de ruim vida: este faz algumas feitiçarias, e cousas estranhas á natureza, como mostrar que ressuscita a algum vivo que se faz morto, e com esta e outras cousas semelhantes traz após si todo o sertão enganando-os e dizendo-lhes que não rocem, nem plantem seus legumes, e mantimentos, nem cavem, nem trabalhem, etc., porque com sua vinda é chegado o tempo em que as enxadas por si hão de cavar, e os panicús ir às roças e trazer os mantimentos, e com estas falsidades os traz tão embebidos, e encantados, deixando de olhar por suas vidas, e grangear os mantimentos que, morrendo de pura fome, se vão estes ajuntamentos desfazendo pouco a pouco, até que a santidade fica só, ou a matam.

Não tem nome proprio com que expliquem a Deus, mas dizem que Tupã é o que faz os trovões e relampagos, e que este é o que lhes deu enxadas, e mantimentos, e por não terem outro nome mais proprio e natural, chamam a Deus Tupã.

Das casas

Usam estes indios de umas ócas ou casas de madeira cobertas de folha, e são de comprimento algumas de duzentos a trezentos palmos, e tem duas e tres portas muito pequenas e baixas; mostram sua valentia em buscarem madeira e esteios muito grossos e de dura, e ha casa que tem cincoenta, sessenta, ou setenta lanços de 25 ou 30 palmos de comprido e outros tantos de largura.

N'esta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem, e são de ordinario parentes; e em cada lanço d'estes pousa um casal com seus filhos e familia, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma d'estas casas é ver um lavarinto, porque cada lanço tem seu fogo e suas redes armadas, e alfaias, de modo que entrando n'ella se vê tudo quanto tem, e casa ha que tem duzentas e mais pessoas.

Dos seus bailes e cantos

Ainda que são melancholicos, tem seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciosos, com os quaes arremedam muitos generos de passaros, e com tanta festa e ordem que não ha mais que pedir, e os meninos são alegres e dados a folgar e folgam com muita quietação e amizade, que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes máus aos paes e mães, e raramente quando jogam se desconcertam, nem desavem por cousa alguma, e raramente dão uns nos outros, nem pelejam; logo de pequeninos os ensinam os paes a bailar e cantar e os seus bailes não são differenças de mudanças, mas é um continuo bater de pés estando quedos, ou andando ao redor e meneando o corpo e cabeça, e tudo fazem por tal compasso, com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito ao modo dos que usão os meninos em Hespanha, com muitas pedrinhas ou umas certas sementes de que tambem fazem muito boas contas, e assim bailam cantando juntamente, porque não fazem uma cousa sem outra, e tem tal compasso e ordem, que ás vezes cem homens bailando e cantando em carreira, enfiados uns detraz dos outros, acabam todos juntamente uma pancada, como se estivessem todos em um lugar; são muito estimados entre elles os cantores assim homens como mulheres, em tanto que se tomam um contrario bom cantor ou inventor de trovas,

por isso lhe dão á vida e não no comem nem aos filhos. As mulheres bailam juntamente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes gatimanhas e momos, principalmente quando bailam sós. Guardam entre si diferenças de vozes em sua consonancia, e de ordinario as mulheres levam os tipples, contraltos e tenores.

Das ferramentas que usam

Antes de terem conhecimento dos Portuguezes usavam de ferramentas e instrumentos de pedra, osso, páu, cannas, dentes de animaes etc., e com estes derubavam grandes mattas com cunhas de pedra, ajudando-se do fogo; assim mesmo cavavam a terra com uns páus agudos e faziam suas metaras, contas de buzios, arcos, e frechas tão bem feitas como agora fazem, tendo instrumentos de ferro, porém gastavam muito tempo em fazer qualquer cousa, pelo que estimam muito o ferro pela facilidade que sentem em fazer suas cousas com elle, e esta é a razão porque folgavam com a communicacão dos brancos.

V

Bento Teixeira Pinto

Bento Teixeira Pinto nasceu em Pernambuco talvez no segundo quartel do seculo xvi e pela ordem chronologica é o primeiro poeta brasileiro que passou á posteridade. Comquanto nem elle nem Anchieta possam ser considerados fundadores da verdadeira poesia brasileira, comtudo força é reconhecer que ambos lançaram no Brazil os fundamentos de uma litteratura destinada a grande futuro.

Ignoram-se as circumstancias da vida de Bento Teixeira, bem como as datas do seu nascimento e morte, sabendo-se apenas que a 16 de maio de 1565 partiu da sua terra natal, em companhia de Jorge de Albuquerque Coelho, com destino a Lisboa na nau *Santo Antonio* e que naufragou em viagem.

D'este tragico acontecimento escreveu-se uma *Relação do naufragio que fez Jorge de Albuquerque Coelho vindo de Pernambuco na nau Santo Antonio*; impressa em Lisboa na officina de Antonio Alvares em 1601, em formato de 4.^o com as paginas innumeradas.¹

Por muito tempo attribuiu-se a Bento Teixeira Pinto e autoria d'esta *Relação* e como tal o Instituto Historico Brasileiro a fez reimprimir no volume XIII (6.^o da 2.^a serie) da sua *Revista Trimensal* a pags. 279; em 1857 porém Francisco Adolpho Warnhagen emittiu algumas duvidas a esse respeito, até que em 1872 teve occasião de verificar em Lisboa por um Codice que ahi examinou, que o verdadeiro auctor d'essa relação é o piloto Affonso Luiz que a escreveu a rogo de Jorge de Albuquerque, sendo a obra originariamente corrigida por Antonio de Castro, mestre de D. Duarte de Bragança.²

¹ Reproduzida no 2.^o vol. da *Historia tragico-maritima em que se escrevem chronologicamente os naufragios que tiveram as naus de Portugal. Lisboa, na Officina da Congregação Oratoria, 1735, 4.^o*

² «Conseguí ver na Bibliotheca Publica de Lisboa, diz Warnhagen, no dia 18 de julho de 1872, um livro de 4.^o impresso em 1601, sem paginação, contendo ambas estas composições (*Relação do naufragio e Prosopopéa*), com a circumstancia de se declarar no mesmo livro, que esta edição de 1601, com uma tiragem de mil exemplares, «...e porque na primeira impressão se não fizeram mais que mil livrinhos... acrescentando-lhe mais estes quadernos, que se não puzeram na primeira impressão por esquecerem.» Não se diz em que anno essa primeira edição havia sido feita, nem provavelmente o saberemos, se por algum feliz acaso, não vier ainda com o tempo a apparecer d'ella um exemplar, como apparece este da segunda de 1601.»

Attribuiram-se também a Bento Teixeira Pinto uns *Dialogos das grandezas do Brazil* que até o presente se conservam ineditos, mas que o Instituto Historico e Archeologico de Pernambuco vae publicar talvez em breve. Sabe-se hoje diante de irrecusaveis documentos que esses *Dialogos* não foram escriptos por aquelle poeta, mas sim por auctor que não importa ao nosso trabalho.¹

O que incontestavelmente pertence a Bento Teixeira Pinto e dá-lhe o direito de ser aqui mencionado é a *Prosopopeia* publicada pela primeira vez em 1601 e appensa á *Relação do naufragio*; poemeto mencionado por Ferdinand Wolf no seu *Brésil Littéraire*² mas que lhe foi completamente desconhecido, bem como a muitos outros auctores que se tem referido áquelle poeta.

A razão d'essa ignorancia estava na raridade dos exemplares do poema, tão raros que era posta em duvida, se não a sua existencia, pelo menos a sua publicação, embora citada por Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*.³

Em 1872, porém, como já acima dissemos, Francisco Adolpho Warnhagen descobriu um exemplar appenso á *Relação* na Bibliotheca de Lisboa; e quasi ao mesmo tempo fez-se igual descoberta na Bibliotheca do Rio de Janeiro; fazendo-se então n'esta cidade uma reimpressão, creio que de 300 exemplares, por conta e ordem do governo imperial.⁴

¹ Os *Dialogos das grandezas do Brazil* começaram a ser publicados no Rio de Janeiro, no *Iris*, revista de auctores portuguezes e brasileiros, feita sob a principal redacção e direcção de José Feliciano de Castilho, da qual vieram á luz tres volumes impressos de 1848 a 1849.

² A pag. 9.

³ Lisboa, 1741, tomo 1.

⁴ Rio de Janeiro, 1872, 4.º O frontespicio reproduz pela lithographia o da primeira edição que traz uma *portada* gravada em madeira.

O sr. conselheiro João Manuel Pereira da Silva, afirma nos seus *Varões illustres* que na *Phenix Renascida* publicada em Lisboa em 1762 encontram-se muitas poesias de Bento Teixeira Pinto, na maior parte «versos pastoris, eglogas e sonetos, abundantes de trocadilhos». A raridade d'esta obra, aliás de mediocre reputação, não nos permite a leitura d'esses versos.

Da *Prosopopéa* saíram pela primeira vez alguns extractos no *Resumo da Historia Litteraria* de Fernandes Pinheiro e n'este anno no *Parnaso Brasileiro* de Mello Moraes Filho. Os trechos que damos em seguida são trasladados de um dos exemplares da edição feita pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, por conta e ordem do governo imperial.

PROSOPOPÉA

dirigida a Jorge Dalbuquerque Coelho, capitão
& governador de Pernambuco,
noua Lusitania &

Cantem poetas o poder romano,
Submettendo nações ao jugo duro,
O mantuano pinte o rey troyano,
Decendo á confusão do reyno escuro.
Que eu canto hu Albuquerque soberano
Da fé, da cara patria firme muro,
Cujo valor, e ser, que o ceu lhe inspira,
Pode estancar a Lacia, e Grega lira.

As Delphicas irmãs chamar não quero,
Que tal inuocação he vão estudo,
Aquelle chamo só, de quem espero,
A vida que se espera emfim de tudo.
Ella fará meu verso tam sincero,
Quanto fôra sem elle, tosco e rudo,
Que per rezão negar, na deue o menos,
Quem deo o mais, a miseros terrenos.

E vos sublime Jorge, em quem se esmalta
A estirpe Dalbuquerque excellente,
Em cujo ecco da fama corre e salta,
Do carro glacial á zona ardente,
Suspendey por agora a mente alta,
Dos casos varios de Olindesa gente
E vereis vosso irmão, e vos supremo,
No valor, abater Querino e Remo.

Vereis hum senil animo arriscado,
A trances, e conflictos temerosos,
E seu raro valor executado,
Em corpos lutheranos vigurosos.
Vereys seu estandarte derribado,
Aos catholicos pés victoriosos,
Vereys emlim o garbo, e alto brio,
Do famoso Albuquerque vosso tio.

Mas emquanto Thalia no se atreue,
No mar do valor vosso abrir entrada,
Aspiray com fauor á barca leue,
De minha musa inculta, e mal limada.
Inusvar vossa graça, mais se deue,
Que toda a dos antigos celebrada,
Porque elle me fará que participe,
Doutro licor melhor, que o de Aganippe.

O marchetado carro do seu Phebo,
Celébre o sol Munés com falsa pompa,
E a ruyna cantando do mancebo,
Com importuna voz, os ares rompa.
Que posto que do seu licor não bebo,
A fama espero dar tam viua trompa,
Que a grandeza de vossos feytos cante,
Cõ som, que ar, fogo, mar, e terra, espâte.

Descripção do Recife de Pernambuco

Pera a parte do sul onde a pequena,
Vrsa, se vé de guardas rodeada,
Onde o ceo luminoso, mais serena,
Tem sua influyção, e temperada.

Into da noua Lusitania ordena,
A natureza, may bem atentada,
Hum porto tam quieto, e tam seguro,
Que pera as curuas naos serue de muro.

He este porto tal, por estar posta,
Hua cinta de pedra, inculta e viua,
Ao longo da soberba, e larga costa,
Onde quebra Neptuno a furia esquiuu.
Ante a praya. e pedra descomposta,
O estanhado elemento se deriuu,
Com tanta mansidão, que hua fateyxa,
Basta ter a fatal Argos anneyxa.

Em o meyo desta obra alpestre, e dura,
Hua boca rompeo o mar inchado,
Que na lingua dos barbaros escura,
Paranambuco, de todos he chamado.
De Para na que he mar, Puca rotura,
Feyta com furia desse mar salgado,
Que sem no deriuar, commeter mingua,
Coua do mar se chama em nossa lingua.

Pera entrada da barra, á parte esquerda,
Está hua lagem grande, e espaçosa,
Que de pyratas fôra total perda,
Que hua torre tiuera sumptuosa.
Mas quem por seus seruiços bõs não herda,
Desgosta de fazer cousa lustrosa,
Que a condição do rey que não é franco,
O vassallo faz ser nas obras manco.

Sendo os deuses á lagem ja chegados,
Estando o ven'o em calma, o mar quieto,
Depois de estarem todos sossegados,
Per mandado do rey, e por decreto.
Proteu no ceo, cos olhos enleuados,
Como que inuestiga alto secreto,
Com voz bem emtoada, e bom meneyo,
Ao profundo silencio, larga o freio.

VI

Pero Lopes de Souza

Mais notavel nas armas que nas lettras portuguezas Pero Lopes de Souza era irmão de Martin Affonso de Sousa; ¹ foi um dos primeiros donatarios das capitánias hereditarias do Brazil.

Era portuguez de nascimento e veio para o Brazil no anno de 1530, contando perto de 30 annos, o que quer dizer — nascido no começo do seculo xvi ou nos ultimos annos do xv. Veio segundo Macedo, ² na armada que devia explorar o Rio da Prata, bater e tomar navios francezes que começavam a infestar as costas dos novos dominios portuguezes; fez parte da expedição que se compunha de duas náus, um galeão e duas caravellas, e commandando uma d'estas, na altura do Cabo Santo Agostinho combateu durante toda a noite do dia 1 de fevereiro d'aquelle anno de 1530. aprisionando na manhã seguinte uma náu franceza.

Depois de varios successos d'aquelle exploração Pero Lopes de Sousa, por ordem de seu irmão que era capitão-mór de S. Vicente, passou a commandar a frota que em 1532 devia regressar a Portugal, quando, seguindo viagem, na altura de Pernambuco atacou e aprisionou dois navios francezes, bem como toda a guarnição de um forte que esses invasores já haviam levantado na ilha de Itamaracá.

Por carta regia de 28 de setembro de 1532, D. João

¹ Governador do Brazil.

² *Annuario Biographico*, tomo III, pag. 177.

III em recompensa dos bons serviços prestados á corôa portugueza, fez doação de cem leguas das costas do Brazil, aos dois irmãos Martin Affonso e Pero Lopes de Sousa. A 6 de outubro de 1534 passou-se o foral ampliando a doação de Pero Lopes a 80 leguas de capitania, a qual se denominou Santo Amaro, e que comprehendia no sul quarenta leguas entre a terra de Sant'Anna e a ilha de Cananéa, dez entre o rio Curupacé e o de S. Vicente, e no norte trinta leguas do rio Iguaressú até á bahia da Traição¹.

Pero Lopes seguiu afinal para o reino d'onde não voltou mais ao Brazil, apesar da prosperidade das suas colonias sob a zelosa direcção do irmão Martin Affonso.

Em 1539, achando-se na costa oriental d'Africa, abi pereceu Pero Lopes em um naufragio, legando á posteridade um *Diario da sua expedição* de 1530 a 1532,² o qual dá-lhe direito de ser aqui mencionado como um dos fundadores da bibliographia historica brasileira.

Na *Revista do Instituto Historico* T. xxiv, anno de 1861, Francisco Adolpho Warnhagen, escreve a respeito d'este *Diario*, o seguinte :

«Não devo dissimular que este escripto, aliás importantissimo para a historia dos descobrimentos maritimos em geral, e mesmo para a historia patria a alguns respeito, perdeu em relação a esta ultima, pelo apparecimento de outros documentos, uma parte da maxima valia que tinha no momento em que pela primeira vez viu a luz. O seu simples apparecimento rasgou de um jacto paginas e paginas de frei Gaspar e

¹ Macedo, loco citado.

² *Diario da navegação da armada que foi á terra do Brazil em 1530, sob a capitania de Martin Affonso de Sousa, escripto por seu irmão Pero Lopes de Sousa; publicado por F. Adolpho Warnhagen, Lisboa, Typ. da Sociedade Propagadora de conhecimentos uteis. 1839, 8.º*

Jaboatam (cujos escriptos, no estado actual da critica historica, mais podem induzir principiantes a erros, que servir a guial-os) e tirou toda a duvida ácerca da existencia de Caramuru, o que depois se elucidou melhor por novas provas.»

O merecimento litterario de Pero Lopes de Sousa em relação a seus contemporaneos é secundario. O seu estylo posto que correcto é um tanto pesado: faltam-lhe as louçanias que João de Barros sabia dar ás suas narrativas para que o *Diario* da expedição seja uma obra de arte.

VII

Manuel de Moraes

Nasceu Manuel de Moraes na capitania de S. Vicente pelos fins do seculo XVI; Balthasar da Silva Lisboa affirma em uns apontamentos aos quaes já nos referimos, que esse nascimento foi a 4 de dezembro de 1586, mas não diz em que documento se baseou para essa affirmacão.

Bem moço ainda entrou Manuel de Moraes para o Collegio dos Jesuitas, mas tão indocil e tão mal comportado se mostrou desde logo, que afinal os padres tiveram de expulsal-o, perdendo a esperanza de aproveitar aquelle talento tão vivaz, como geralmente se lhe reconhecia.

Deixando o Brazil Manuel de Moraes seguiu para Portugal e d'ahi para Hollanda, onde se estabeleceu no commercio de Amsterdam. Proseguindo em seus estudos e conseguindo manejar bem a lingua hollandeza, adquiriu reputação litteraria e tornou-se geralmente bemquisto.

Apaixonando-se afinal por uma hollandeza, abjurou a religião catholica, abraçou o calvinismo e casou com a mulher amada. A noticia d'este facto chegando a Lisboa scandalisou fortemente o tribunal do Santo Officio, que *relaxou em estatua* Manuel de Moraes, no auto de fé de 6 de abril de 1642.

Sempre inconstante e leviano, Moraes sahindo de Amsterdam em 1645, dirigiu-se a Lisboa com o fim, segundo pensam os seus biographos, de vir ao Brazil; cahindo porém em poder da Inquisição foi preso e arrastado á presença do tremendo tribunal, ante o qual se confessou arrependido, abjurando tão docilmente o calvinismo e reabraçando o catholicismo, que foi posto em liberdade em 1647 depois de ter figurado no auto de fé d'esse mesmo anno com as insignias do fogo.

Sobreviveu apenas quatro annos a estes ultimos acontecimentos, fallecendo em 1651.

D'esta vida romantica, agitada e singular escreveu o sr. conselheiro João Manuel Pereira da Silva, uma bella narrativa, que occupa um dos primeiros logares entre os romances historicos brasileiros¹.

Manuel de Moraes escreveu varios opusculos em hollandez a respeito do Brazil, os quaes foram publicados e muito apreciados n'aquelle tempo e n'aquelle Estado; a sua obra capital, porém, seria a *Historia da America* se infelizmente não se houvesse perdido. João de Láet² falla com muito louvor d'essa obra que não só compulso, mas de que aproveitou noticias preciosas para a sua, que não é menos importante.

¹ *Manoel de Moraes*, B. L. Garnier, editor.

² *De Nieuwe-wereld of beschrijving van West-Indien*. Leyde, 1626.

VIII

Padre Manuel de Macedo

Nasceu o padre Manuel de Macedo em Pernambuco, em 1603; estudou e tomou ordens sacras em Portugal, para onde seguiu talvez adolescente tornando-se em poucos annos um dos mais afamados prégadores do seu tempo.

Estava então Portugal sob o dominio da Hespanha, e o padre Manuel de Macedo foi chamado á côrte de Madrid, onde gozou de reaes distinções. Voltando a Lisboa foi nomeado prégador e capellão da duqueza de Mantua, que o honrava com a sua amizade.

Rebentando porem a revolução de 1640 que tornou Portugal independente da Hespanha, todas aquellas honras tornaram o padre Macedo suspeito á nova côrte portugueza, pelo que o prenderam e desterraram para as Indias, onde não tardou a grangear fama de orador insigne.

Reconhecida a sua innocencia, para o que não deixaram de preponderar os seus grandes meritos oratorios, ordenou D. João IV que voltasse ao reino, talvez na intenção de o collocar novamente no brilhantismo da côrte entre os seus prégadores.

Partiu immediatamente Macedo em direcção a Lisboa, mas arribando o navio em que ia a Angola, e ahi desembarcando o illustre brasileiro, foi victima talvez de alguma febre palustre fallecendo em 1645.

Contemporaneos notaveis dão testemunho da belleza e correcção dos sermões e panegyricos do padre Macedo, dos quaes parece-nos não existir um só impresso. Não ha duvida de que era enorme a fama do prégador

por isso que chegou até nós; e não é menos certo que tinha fundamentos solidos e verdadeiros,* porque n'uma época em que a tribuna sagrada era tudo, e o nome de Vieira acclamava-se como o de um Chrysos-tomo, só um merito real e incontestavel poderia levantar-se acima do nivel commum.

IX

Padre Antonio Vieira

Excluir o nome d'este insigne orador do catalogo dos escriptores brasileiros é roubar ao Brazil uma das suas mais esplendentes glorias do seculo xvii, pois comquanto nascesse em Portugal, foi no Brazil que o menino se fez homem, e que o seu descommunal talento cresceu, robusteceu e floriu de modo tal que quando na força da idade foi ao reino, já era um orador notabilissimo e um varão de tão grande saber, que a côrte o atrahin a si, e tentou sequestral-o completamente á Companhia de Jesus de que era na verdade genuino filho. Tudo quanto já então era e sabia, aprendera e conquistara na Bahia, sua segunda patria.

Nasceu o padre Antonio Vieira na cidade de Lisboa a 6 de fevereiro de 1608, tendo por paes Christovão Vieira Ravasco e D. Maria de Azevedo. «Com oito annos incompletos, diz Fernandes Pinheiro em seu *Resumo de historia litteraria*,¹ d'onde trasladamos estes apontamentos, passou-se Vieira para a cidade da Ba-

¹ No tomo II, Liv. ix da *Litteratura Portugueza*. E' tão completo este estudo bibliographico que não ousamos trumcal-o; seja-nos licito transcrevel-o na integra.

hia, então capital da America portugueza, onde seu pae vinha exercer o cargo de secretario d'Estado. Precoce foi a manifestação do seu descommunal talento, e no estudo de humanidades assombrou os seus mestres, os jesuitas, que buscaram attrahil-o para o seu gremio, vestindo-lhe a roupeta, quando apenas contava tres lustros. A despeito da opposição paterna manteve-se o menino em seu proposito, e completados os dois annos de noviciado, em 1625, professou solemnemente fazendo voto de consagrar-se á catechese dos indigenas do Brazil e dos escravos africanos. Aos dezoito annos teve a incumbencia de redigir na lingua latina as *annuas*, relatorios dirigidos ao Geral da ordem, dando lhe conta do estado da provincia, e tão satisfatoriamente desempenhou essa missão que foi julgado digno de uma cadeira de rhetorica no collegio d'Olin-da. Aos vinte e um annos foi elevado a professor de philosophia, sendo-lhe annullados os votos que fizera de dedicar-se á conversão dos gentios e africanos. Attingindo a idade canonica, em 1635 recebeu o presbyterado e entregou-se com santo ardor ao ministerio do pulpito.

No exercicio d'esse ministerio obteve os mais brilhantes triumphos de que ha noticia nos fastos da egreja luzitana, sendo notavel pelo seu merito e prioridade chronologica o celebre sermão prégado em 1640 pelo *bom successo das armas de Portugal contra a Hollanda* que mereceu ser traduzido em francez pelo padre Raynal.

Chegando n'esse mesmo anno a noticia da aclamação de D. João IV, foi o padre Vieira mandado a Lisboa em companhia de D. Fernando de Mascarenhas, enviado por seu pae, o marquez de Mont'Alvão, vice-rei do Brazil, a comprimentar o novo monarcha. Quasi ao abicar ás costas de Portugal assaltou horrivel procella o navio em que iam os messageiros, que difficilmente puderam desembarcar em Peniche, onde o es-

perava tormenta de diversa especie. Consistiu ella em uma reacção popular, de que ia sendo victimâ o joven Mascarenhas a pretexto de que alguns membros da sua familia haviam abraçado o partido da Hespanha. Salvos por intervenção do conde de Autouguia, governador da praça, estiveram por algum tempo em custodia, até que, reconhecida a sua innocencia, foram postos em liberdade, podendo livremente desempenhar o mandato de que vinham encarregados.

De tal modo soube o padre Vieira captar a benevolencia d'el-rei, que no dia 1.º de janeiro de 1642 prégou perante a côrte na capella real, produzindo desde logo extraordinaria impressão no animo dos ouvintes. Não tardou que D. João IV o quizesse prender intimamente á sua pessoa e interesses nomeando-o prégador regio e mestre do principe herdeiro, e dando-lhe todas as mostras de confiança e consideração. Como soe acontecer causou isso inveja da parte de seus proprios irmãos de habito, que por pouco tiveram o pensamento de eliminall-o de suas fileiras¹. Constando a el-rei que se preparava tal desar a um dos ecclesiasticos mais eminentes do reino mandou-lhe offerecer uma mitra, como meio de sahir airoosamente da Companhia. Agradeceu Vieira a munificencia regia, e manifestou o proposito em que estava de permanecer na Ordem, soffrendo resignadamente tudo o que lhe quizessem fazer. A' vista de tão nobre e christão procedimento desvaneceu-se a intriga e cessou a perseguição.

Cedo conheceram os jesuitas o quanto perderiam se semelhante homem se desligasse do seu instituto; por

¹ João Francisco Lisboa, distinctissimo escriptor maranhense, em um estudo, o mais completo que existe d'esse insigne orador portuguez-brazileiro, affirma que a expulsão de Vieira chegou a ser coisa assentada na Companhia, e que só á custa de grandes humilhações logrou Vieira continuar n'ella.

isso que não tardou em dar elle provas de ser o primeiro estadista de Portugal. Frequentemente chamado aos conselhos da corôa propunha os melhores alvitres; como fossem o da organização de duas grandes companhias de commercio, a oriental e occidental; o do plantio no Brazil das drogas indiaticas para combater o monopolio do commercio hollandez, e o da compra de quinze fragatas levantando, para isso, um emprestimo de trezentos mil cruzados, que por seu proprio credito contrahiui.

Não só no reino se revelaram os singulares dotes do padre Vieira: mal parados andavam os negocios portuguezes nos paizes estrangeiros; por isso julgou el-rei conveniente envial-o a Paris e Haya, em delicadissima missão na qual houve-se com felicidade e presteza taes, que já se achava de volta em agosto d'esse mesmo anno de 1646. No seguinte verão foi mandado de novo a essas capitaes passando por Londres e Douvres; e d'essa missão resultou a remessa de tres fragatas, construidas em Hamburgo, que entravam no Tejo carregadas de petrechos bellicos.

Longe iriamos se quizessemos rememorar todas as commissões diplomaticas de que foi incumbido o illustre jesuita, bastando dizer que nada de difficil e delicado se fez n'essa época, dentro e fóra do paiz, sem o seu voto e consentimento. Manuseando sua volumosa correspondencia, parte da qual ainda se acha inedita,¹ poder-se-ha formar ideia da immensa capacidade d'esse

¹ Adverte Innocencio Francisco da Silva no tomo VIII do seu *Diccionario Bibliographico* aos futuros editores do padre Vieira, que na Bibliotheca d'Evora existem umas vinte cartas ineditas d'esse padre dirigidas ao marquez de Niza, assim como lhe parece que na Collecção, tambem inedita, do conselheiro Costa e Silva ha cartas não publicadas dirigidas a Duarte Ribeiro de Macedo.

padre, de cujas mãos pendiam os enredados fios da politica de seu paiz.

No apogeu do valimento experimentou Vieira novos effeitos da domestica inveja; parece que o seu vulto projectava demasiada sombra, porque vemol-o partir para o Brazil em 1652 em obediencia ás ordens de seus superiores ecclesiasticos. Collige-se da leitura das suas cartas que até á ultima hora esperava elle uma contra ordem, que não sabemos porque motivo não lhe enviaram.

Foi o Maranhão o theatro escolhido para a exhibição de raros predicaões até certo ponto antinomicos com os que tanto lustre lhe haviam grangeado. Dissemos que em verdes annos aspirára Vieira a palma de catechista, e que só por obediencia deixára incumpridos os seus votos; parece porém que a Divina Providencia não quiz que menos admiravel fosse sob esse aspecto, facultando-lhe ampla seára de louros na prégação do Evangelho á tribu dos *Paquires*, habitadora das margens do Tocantins, e a dos ferozes *Neengribas*, contra os quaes se confessara impotente o governador Pedro de Mello.

Seis annos completos empregou o padre Vieira n'esses apostolicos trabalhos; e quiçá n'elles proseguiria se a morte de D. João IV não viesse mudar o curso dos acontecimentos.

Sabido é quão desagradavel era aos colonos do Pará e Maranhão a liberdade dos indios; assim, apenas constou-lhe o passamento do monarcha, que se constituiria propugnador d'essa grande ideia, revoltaram-se contra os jesuitas que a punham em execução e em seu desatino prenderam-nos remetendo-os para o reino. Foi o padre Vieira victima de igual violencia quando pelos sertões do Pará andava annunciando a palavra divina, e com os seus companheiros soffreu os insultos e vilipendios da gentilha da cidade de S. Luiz do Maranhão.

Bem amarga desillusão o esperava tambem Lisboa. não encontrando na rainha-regente aquelle favor e carinho a que o habituara seu fallecido consorte. Superou porém a eloquencia. a frieza e a *razão d'Estado*; visto como prégando diante da còrte no dia de Reis de 1662, tão viva e pathetica pintura fez da oppressão dos indios da America, reduzidos a injusto e cruel captiveiro, que commoveu o auditorio, e com especialidade a rainha, que dias depois nomeou novo governador para o Maranhão com ordem de restabelecer as missões dos jesuitas, desaggravando-os das injurias recebidas.

Dispertou-lhe a residencia na capital o gosto pela politica; assim, pois, addiando o regresso para o Brazil que se lhe offerencia, preferiu deixar-se ficar no reino ingerindo-se nas desintelligencias entre a rainha D. Luiza e seu filho D. Affonso VI; e mais tarde entre a d'este desditoso monarcha e seu irmão o principe D. Pedro, que veio a reinar sob a denominação de Pedro II.

D'essa ingerencia em negocios, totalmente alheios á sua profissão, provieram-lhe não pequenos desgostos e contrariedades, como fossem desterros e processos, v. g. o que lhe moveu a Inquisição de Coimbra por motivo d'algumas proposições ousadas que lhe haviam escapado no pulpito e em conversas particulares.

Ao cabo de seis mezes de reclusão foi-lhe relevada a pena e poudo reaparecer na còrte onde triumphara o partido do infante D. Pedro, para o qual se bandeára. Rehabilitado em quasi todas as suas honras e privilegios, de novo fulgurou nos pulpitos, prégando por essa época o memorando sermão de Santo Ignacio, uma das mais esplendidas gemmas de sua corôa oratoria.

Readquirido o prestigio, por momentos eclipsado, pretendeu tirar desforra da injuria recebida; e para esse fim encaminhou-se a Roma em 1669, com caloroso

sas recommendações do príncipe-regente. Receberam-n'o os jesuitas com testemunhos de muito affecto e distincção, indo esperal-os a duas milhas da cidade e levando-o como em triumpho para o Gesù.

Não menos fervoroso foi o acolhimento que lhe fizeram os portuguezes residentes na capital do orbe christão, e desejando mostrar o assombroso talento e peregrinos dotes oratorios de seu compatriota, pediram-lhe que subisse ao pulpito em alguma grande festividade religiosa. Accedeu Vieira a esse anhelos, e fez o panegyrico de Santo Antonio na igreja d'essa invocação que os portuguezes haviam erigido á sua custa: e mais tarde mostrou-se em diversos outros templos, vencida a repugnancia que a principio mostrara de orar em estranho idioma. Póde-se porém com verdade affirmar que todas as vezes que o padre Vieira usou da palavra, juntou novas flores á sua corôa oratoria. Estava-lhe porém reservada a maior e mais invejada de todas as glorias a que um prégador catholico póde aspirar: a qual de fazer-se ouvir pelo summo Pontífice. A instancias de Clemente X e da rainha Christina, da Suecia, abriu elle as torrentes da eloquencia e fez reboar pelas magestosas abobodas da bazilica vaticana seus melodiosos accents.

D'elle só dependia fixar-se em Roma, e ahi gosar da privação do papa e dos cardeaes; preferiu porém voltar á patria, obtida a isenção da sua pessoa da auctoridade do Santo Officio em Portugal; sem que todavia alcançasse a revogação da sua sentença condemnatoria que só foi cancellada.

«Não é crível, diz J. F. Lisboa, que fosse o desapego das glorias mundanas que o arrancasse do esplendido theatro de Roma para o restituir á patria, era antes a esperança de figurar n'ella, como no tempo d'el-rei D. João IV, sem que fossem cabaes a destitui-los de todos os muitos desenganos que recebera constantemente da côrte e dos cortezões. O príncipe-regente é

certo que continuou a dispensar alguns favores; e assim elle, como seus ministros, o consultavam em alguns pontos graves da politica e administração; mas apenas quanto bastava para o decoro, repellindo as mais das vezes na pratica os alvitres que pareciam buscar com mostras de tanto respeito e attenção.»¹

Desgostoso do pouco apreço que davam aos seus conselhos e tambem da direcção que tomavam os publicos negocios, sollicitou licença para regressar á Bahia, para ahi findar os seus dias no socego e recolhimento do espirito, «dos quaes, dizia elle, tanto necessitava.» Foi-lhe facilmente outorgada essa licença, e a 27 de janeiro de 1681 deixou pela ultima vez a barra de Lisboa.

Chegando á Bahia pouco se demorou na casa capitular partindo logo para a *Quinta do Tanque*, pittoresca solidão que possuíam os jesuitas nos arredores da cidade do Salvador.

Por algum tempo pareceu Vieira absorto no estudo e na oração, empregando seus ocios em redigir os sermões que em varias épocas prégára e as cartas que a diversas pessoas escrevera.

Não tardou, porém, que d'essa quietação o distrahisse a desavença entre seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, secretario do Estado, e o governador Antonio de Sousa Menezes, alcunhado de *Braço de Prata*. D'essa desavença resultou a prisão d'um filho do dito Ravasco, e mais tarde d'elle proprio, accusado de mandante de homicidio d'um certo Francisco Telles de Menezes.

Não contente de ter arrojado em uma enxovia incommunicavel ao secretario d'Estado, levou o governador as suas suspeitas á veneranda pessoa do padre Antonio Vieira, que dando-se por muito aggravado deixou o seu piedoso retiro para exigir condigna satisfa-

¹ Vida do padre Antonio Vieira.

ção; longe de dal-a desattendeu-o o supradito governador, e repelliu-o com expressões afrontosas; e logo depois conhecendo o quanto errado andava e temendo-se da influencia de que ainda gozava o celebre jesuita, despicou-se em calumnial-o, pintando-o nas communicações ao principe-regente como rebelde ás ordens regias e fautor de insubordinações.

Informado por seu sobrinho Gonçalo Ravasco d'Albuquerque do descredito em que estava no animo do Regente, succumbiu o padre a tão grande dôr e assaltado por gravissima enfermidade quasi que tocou as portas do tumulo. Como era porém de esperar, fez-se a luz, e de novo entrou nas regias graças, de que nos dão testemunho as encomiasticas expressões de que se serviu no sermão recitado por occasião das exequias da rainha D. Isabel de Saboya.

Accedendo aos instantes pedidos d'amigos e arden-tes admiradores decidiu-se Vieira a prègar ainda alguns sermões; e quando se dispunha a volver ao seu querido ermo do *Tanque* veio surprehendel-o a patente de Provincial dos Jesuitas do Brazil, em 1688. E' verdadeiramente pasmosa a actividade desenvolvida por este eximio varão em tão adeantada velhice; com zelo juvenil attendia ás necessidades da administração interna, mantinha com el-rei assidua correspondencia sobre os negocios das missões, e ainda lhe restava tempo para corrigir sermões que por essa época dava á estampa.

Protestou a natureza contra esse supremo esforço, e os sentidos da vista e da audição foram-lhe desamparando de modo que já o duodecimo volume dos seus *Sermões* e a *Clave dos Prophetas* foram dictados a amanuenses.

Com quasi noventa annos de idade e setenta e cinco de habito falleceu o padre Vieira no collegio da cidade da Bahia aos 18 de julho de 1697, fazendo-se-lhe esplendidas exequias em que tomaram parte todas as au-

ctoridades ecclesiasticas, civis e militares. Logo que chegou ao reino tão infausta noticia foi ella profundamente sentida, manifestando-se o luto nacional nos numerosos officios funebres entre os quaes se distinguio o ordenado pelo conde de Ericeira, filho do auctor do *Portugal Restaurado*.

O grande homem cuja vida acabamos de esboçar, conclue Fernandes Pinheiro, legou á posteridade dois immorredouros padrões da sua gloria litteraria nos sermões e cartas, sobre as quaes emittiremos rapido e imparcial juizo.

Ninguém antes do padre Vieira penetrára em Portugal nos arcanos da verdadeira eloquencia, e de quantos prégadores se conservava honrosa tradição, nenhum affrontára os raios da imprensa, sendo por isso impossivel aquilatar-lhe o merito. Não consentiu, em bem nosso, o espirito nimio vaidoso do padre Vieira que se escondessem nas minas da humildade os raios da sua eloquencia, e razoavelmente colligiu-os em treze volumes que ainda em sua vida receberam as ovações populares.

Participava de quasi heterogeneos predicados; possuia a violencia de Demonsthenes, a abundancia e fluencia de Cicero, não desconhecia os recursos oratorios de S. João Chrysostomo, nem o imaginoso estylo dos padres alexandrinos, entresachado de distincções e subtilezas. Arrastava-o o excessivo amor do paradoxo, era-lhe a antithese saboroso alimento, e nos requintes do espirito assimilhava-se aos que hoje chamariamos *calimburistas*. Abram-se seus sermões e ver-se-ha que não exageramos o nosso veridicto, aliás apoiados em auctoridade de todo o peso e consideração. Preferimos d'entre outros um doutissimo varão cujos escriptos em muito contribuíram para a restauração das lettras em Portugal. Fallando da decadencia do pulpito pela funesta influencia do gongorismo, eis como o padre L. A. Verney se exprimia:

«E começando pelo mais famoso, o padre Vieira, teve muito bom talento, grande facilidade para se explicar, fallou muito bem a sua lingua, e nas suas cartas é auctor que se pôde lêr com gosto e utilidade. Quanto aos sermões e orações, deixou-se arrebatado do estylo do seu tempo, e talvez foi aquelle que com seu exemplo deu materia a tanta subtilidade que são as que destroem a eloquencia. Nos seus sermões não achará V. P. artificio algum rhetorico, nenhuma eloquencia que persuada. Muitos que gostam d'aquellas galanterias, lendo-o sahirão divertidos; mas nenhum homem de juizo sahirá persuadido d'ellas. São d'aquellas teias de aranha bonitas para se observarem, mas que não prendem a ninguem. Eu comparo esta sorte de sermões aos equivocos que parecem bonitos a primeira vez, mas quando se examinam de perto não concluem nada. Porque finalmente se V. P. ler os seus sermões e examinar as provas e artificios d'elles, verá muitas coisas que cheiram á metaphysica das escolas, mas achará alguma das que acima aponto, como necessarias. Os exemplos que acima apontei são communmente tirados dos seus sermões, e com elles á vista poderá V. P. ver quantas coisas eu deixei que poderia apontar. Se isto se chama prégao, e prégao bem, eu deixo considerar aos desapaixonados.»

Nos defeitos apontados pelo illustre arcediogo de Evora vê-se que pagou o padre Vieira pingue tributo ao mau gosto da época em que vivia, e que, sedento de popularidade, desdenhava os conselhos da boa razão, e renunciava até o seu proprio esclarecido juizo. Nem d'outra sorte se poderão explicar as argutas extravagancias, os insensatos e irrisorios similes, o escandaloso abuso das santas escripturas, e a forçada intelligencia que procurava dar ás sentenças dos doutores da Igreja. E tanto mais perigosos eram esses excessos quanto partiam de tão auctorizada fonte, e despenhavam-se em torrentes d'arrebatedora eloquen-

cia, ou manavam suave e naturalmente como outr'ora dos labios de S. Bazilio. Verdade é que raras eram as vezes que isso acontecia, porque o pathetico e o simples pouco se conciliavam com a indole batalhadora do discipulo de Loyola.

X

Padre Antonio de Sá

Nasceu Antonio de Sá na cidade do Rio de Janeiro em 1620, e falleceu na mesma cidade em 1 de janeiro de 1678. Entrando aos 12 annos para a Companhia de Jesusahi fez os seus estudos, sendo considerado desde os primeiros annos como um talento excepcional e do mais brilhante futuro.

Não se desmentiram as previsões dos mestres. Seguindo para Portugal, ali consolidou a sua reputação de orador a ponto de ser denominado Chrysostomo portuguez.

De Portugal seguiu para Roma onde se demorou alguns annos, no desempenho do cargo de secretario geral dos Jesuitas, «o que prova, diz um de seus biographos, a sua rara prudencia e habilidade.»

Tambem em Roma fulgurou na tribuna sagrada, e de volta ao reino foi nomeado prégador regio, «cargo summamente ambicionado, ao qual andavam annexos privilegios e isenções, que fóra do claustro não encontravam equivalentes.»¹

Apreciando os seus dotes oratorios, diz Barbosa Machado: ²

¹ Fernandes Pinheiro, *Resumo de Historia Litteraria*, tom. II.

² *Bibliotheca Lusitana*, tomo I.

«O ornato das palavras, mais filho da natureza que da arte, a viveza das acções reguladas pela vehemencia do espirito, a expressão da voz clara e sonora, a delicadeza dos discursos sempre solida, a profundidade dos textos nunca imperceptivel, e a novidade das ideias inimitavel, conciliaram taes applausos ao seu sublime engenho que chegou a brilhar com toda a intenção na presença do primeiro astro da esphera concionatoria, o grande Vieira, que muitas vezes affirmou não ser sensivel a sua ausencia quando tinha por substituto Antonio de Sá. Toda esta fama merecida por seu insigne talento desprezou heroicamente, e foi para o Brazil a tomar parte nas missões.»

Como se vê d'este ultimo periodo, o padre Antonio de Sá no auge da fama e gosando grandes privilegios e considerações em Lisboa, regressou subitamente ao Rio de Janeiro, o que leva a crêr que algum desgosto profundo deveria tel-o salteado no meio da sua gloria; facto que não era novo em identicas circumstancias, como exemplifica a vida do padre Vieira.

Transcrevendo a opinião de Barbosa Machado, o conego Fernandes Pinheiro, que além de professor de litteratura e rhetorica do collegio de Pedro II foi tambem orador sagrado, e mais ainda auctorisado critico, accrescenta na sua *Historia Litteraria*:¹

«Hyperbolico nos parece o laudo do erudito abbade de Sever, e, em que nos pese o sentimento patriotico, confessamos que pelo que temos lido dos sermões do padre Antonio de Sá, não julgamol-o tão proximo de Vieira que podesse fazer-lhe as vezes sem *sensivel differença*; devendo attribuir-se esse dicto (a ser veridico) a delicadeza, e quiçá a espirito de classe, de que tantas mostras dera o amigo e conselheiro de D. João IV.

«O sermão prégado na capella real no dia de Cinza,

¹ Tomo II.

justamente citado como o mais eloquente e substancial, abunda em logares communs, trocadilhos e conceitos de refinado gongorismo. Correcta porém era a linguagem e o estylo abrilhantado de imagens vivas, nascidas de uma imaginação poetica. Seguiu *pari passu* os vãos de Vieira; mas receoso da sorte de Icaro, não se arrojava com igual intrepidez á região das nuvens; por isso também menos perigosas eram as suas quedas.»

Foram impressos alguns dos sermões de Antonio de Sá em um só volume, em Lisboa, 1750, por diligencias de Miguel Rodriguez, que foi um dos mais activos editores do seu tempo. Os exemplares d'essa unica edição são raros. No Rio de Janeiro apenas se conhece um da Bibliotheca Fluminense.

XI

Padre Francisco de Sousa

Nasceu Francisco de Sousa na ilha de Itaparica, provincia da Bahia, do anno de 1630, e como revelasse desde os mais verdes annos muita vivacidade e lucida intelligencia, os padres da Companhia de Jesus o levaram para Gôa, onde o instruíram, e lhe vestiram a celebre roupeta.

De Gôa seguiu o padre Francisco de Sousa com outros companheiros para a India, e ahi se conservou por muitos annos prégando e evangelizando *com universaes applausos*, segundo a expressão de Barbosa Machado.

Não se sabe quando deixou o Oriente, mas tem-se como certo que depois de curta ausencia tornou a voltar em 1665. Administrou por annos a vigairaria de

Nossa Senhora das Neves, na ilha de Salsete, foi proposto da casa professa de Gôa e deputado da Inquisição da mesma cidade, encargo este de que tomou posse em 9 de agosto de 1700, vindo finalmente a fallecer na avançada idade de 94 annos, na cidade de Gôa, com geral sentimento pela estima e consideração que de todos gosava.

Francisco de Sousa escreveu: *Oriente conquistado a Jesus Christo pelos padres da Companhia de Jesus, na provincia de Gôa*, do qual se publicaram as duas primeiras partes ¹ ficando inedita a terceira, que ao que parece, veio a perder-se com o tempo.

Innocencio Francisco da Silva, em seu *Diccionario Bibliographico*, tratando d'essa obra, diz ser ella «—nem mais nem menos, a *Chronica* dos feitos da Companhia de Jesus nas partes da India; e em pontos de linguagem não cede em pureza e elegancia ao que temos de maior estimação.»

De um raro exemplar que existe na Bibliotheca Fluminense extratamos os seguintes trechos d'esta curiosa obra :

DO ORIENTE CONQUISTADO A JESUS CHRISTO PELOS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS, DA PROVINCIA DE GOA — PARTE I.

43) *Falso rumor da morte de Xavier & baptismo do Bramane Locu.* (Nota marginal).

Andando Xavier visitando a Christandade de Comorin, correu fama em Goa logo depois de vir a nau Galega, que os Badegás o havião aprisionado, & martyrisado pela Fé, & defesa dos Christãos. Ouvidas estas

¹ A primeira—Lisboa, na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710.—A segunda, idem, idem, 1710.

novas, começaram todos a publicar repetidos elogios de suas heroycas virtudes, & não se fallava em outra cousa, senão na multidão de seus milagres, na verdade de suas profecias, no fervor da sua caridade, na confiança que tinha em Deus, no sofrimento dos trabalhos, & na pureza Angelica de sua vida. Resolvião alguns de seus devotos, & amigos, irem buscar entre os inimigos as reliquias do santo corpo, & já deputavam para o dispendio até trinta mil cruzados, tratando muyto deveras de pedir, & lembrar ao Serenissimo Rey D. João que o fizesse escrever no catalogo dos Santos. E se este imaginado martyrio produzia tam piadosos, & generosos affectos nos seculares, não era menor o fervor, que accendia nos nossos Religiosos. E assim como os soldados leaes, & valerosos, vendo morto no campo o seu general, se arrojam aos esquadrões inimigos, & com grande ousadia vingão sua morte com muytas dos contrarios, assim os Padres, & Irmãos assistentes no Collegio de S. Paulo, ouvindo a morte de seu Mestre, Superior &, Capitão manejarão com tanto valor, & brio as armas espirituaes contra os vicios dos Christãos, & erros dos idolotras, que tornarão a restituir a Cidade ao primeyro estado, em que a pozera Xavier, logo quando veyo de Portugal, & não faltou hu David que derrubasse a seus pés o mayor Gigante da gentilidade Goana. Hia o Padre Gaspar Barzeo pelas ruas de Goa, quando topou com Locu Bramane principalissimo, que coroadó de numeroso cortejo de outros Bramanes gentios passeava pela Cidade, & mettendo-se entre elles movido interiormente por Deus os desafiou a disputar, ou da verdade da nossa Religião, ou da falsidade da sua d'elles; & não se mostrando os Bramanes menos propostos em aceytar, que o Padre em propôr o desafio, se foy travando a disputa com tanto credito da verdade, que não poderão os idolotras responder á evidencia das razoens naturaes accumuladas sobre o ponto controverso com singular elo-

quencia, & clareza. E se bem alguns d'elles mais livres, & atrevidos capeavão a confusão, & sentimento de se verem convencidos com artificiosa dissimulação, respondendo com graça, & donayres, comtudo os mais prudentes, & comedidos, principalmente Locu cabeça de todos, não deyxarão de abrir os olhos á manifesta luz da verdade. E porque já o Padre Barzeo os tinha reduzido a não terem mais que dizer, se apartou d'elles, & á despedida lhes deyxou advertencias importantes, em que podessem meditar com animo sossegado, esperando ainda algum fruto d'aquella divina semente. Nem o enganou a esperança, porque passados dois dias o veyo demandar o Bramane Locu pedindo-lhe o Bautismo, constrangido da força das razões antecedentes examinadas á luz interior da Divina Graça, & muy solícito da salvação da sua alma. Vinham com elle outros muytos pertendentes do sagrado Bautismo, & entre elles sua mesma mulher, hum sen neto, & outro gentio dos principaes da terra. Recebidos com incomparavel alegria, & instruidos nos mysterios da Fé, & preceytos da Ley de Christo, forão bautizados com solemniissima pompa na nossa Igreja de S. Paulo. O mesmo Governador foy Padrinho de Locu, que mudou o nome em Lucas, & acabado o Bautismo, montou sobre hum feroso cavallo Arabio cuberto de ricos jaezes, & cortejado de toda a Fidalguia Portugueza correu as ruas da Cidade ornadas de varias sedas, adornos de palma dispostos com aprazivel artificio, dando-lhe repetidos vivas o povo miudo entre os alegres repiques dos sinos, & continuos tiros de artelharia. Porem o som mais jocundo erão as vozes dos gentios, que á vista da conversão da sua principal cabeça prometião de se fazer Christãos, & muytos cumprirão a promessa. Durou este triumpho da Fé oyto dias, para dobrar com estas honrosas demonstrações a pertinacia gentilica, & por remate da festa deo o Governador ao Bramane o officio de Tanadar-Mór, hum dos principaes

de Gôa na estimação, & na renda, & que sempre andou em fidalgos de respeyto. Augmentarão muyto as alegrias d'este oytavario as novas da Vida de Xavier trazidas pelos Padres Affonso Cypriano, & Manuel de Moraes; multiplicou mais o gosto universal entrar o mesmo Santo a vinte & dois de outubro pela barra de Gôa.

27) *Peixes do rio Zambezes* (Nota marginal)

DESCRIPÇÃO DO CAVALLO-MARINHO

O cavallo marinho será do tamanho de hum boy cô muyto mayor cabeça, porém semelhante, exceptos os olhos, que são pequenos, & huma estrella que lhe assignala a testa. Nas orelhas, & no rinchar parece cavallo, & d'aqui tomou o nome. Quasi todo he igual, & roliço, no corpo, no pescoço, & na cabeça. Tem o corpo cheyo de tumores, as pernas grossas, & curtas, a pata redonda, & fendida, & a cauda brevissima. Com não correr muyto pelo campo, nenhum outro animal corre tanto pela vasa, porque se vae escoando por ella como peyxe. Tem o queyxo de baixo immovel, & levanta o de cima como alsapão, & assim o tem fóra d'agua com o mais corpo escondido, representando hum tamborete de encosto, porem com o assento cravado de tão fortes dentes, que do primeyro impulso com a cabeça mete uma taboa dentro ás embarcações do Sena. A ulha mayor do pé esquerdo he remedio muy efficaz contra a melancolia, & d'aqui vem cossar este bruto com ella a parte sobre o coração. He animal amphibio, porque de dia vive no rio, ou perto d'elle, & de noyte pasta na terra, & nella cria. O modo de os pescar, ou caçar, he feril-os, ainda que seja brevemente, porque logo acodem os peixes pequenos a picar na ferida, & se lhes foge para terra, saltam sobre elle tantos enxames de mosquitos, de que são abun-

dantissimas todás estas ribeyras, que o bruto vendo-se perseguido no rio, & acostado na terra, morre de cançasso, & tristeza, sem lhe valer a sua unha.

XII

Padre Euzebio de Mattos

Filho de Gregorio de Mattos e de sua mulher D. Maria da Guerra, e irmão mais velho do celebre poeta satyrico Gregorio, nasceu Euzebio de Mattos na cidade da Bahia no anno de 1629, e revelando desde os mais verdes annos summa aptidão para os estudos litterarios foi attrahido pela Companhia de Jesus, fazendo a sua entrada no collegio d'aquella provincia a 14 de março de 1644.

«O irmão Euzebio, diz J. M. de Macedo,¹ fez extraordinarios progressos no estudo de humanidades, teve por mestre de philosophia o celebre padre Antonio Vieira, e mais tarde o substituiu na cadeira e primou no magisterio. O padre Manuel de Sá, autoridade muito competente, dizia que alem de profundo em outros conhecimentos, elle era excellente latinista e bom poeta.

Na tribuna sagrada o padre Euzebio foi na Bahia rival de Vieira e de Antonio de Sá, o que importa o maior elogio. Mas, não obstante dar tanto brilho á companhia de Jesus, d'ella se viu afinal tão desgostoso que a abandonou tomando o habito de Carmelita com o nome de Euzebio da Soledade.

O padre Antonio Vieira, voltando á Bahia em 1681

¹ *Annuario Biographico*, tomo 1, pag. 327.

já achou frei Euzebio carmelita, e sabendo que os padres da companhia eram d'isso os culpados. exclamou no estylo seu e do tempo: «Pois tão mal fizeram que tarde *se criarão* para a Companhia outros *Mattos!*»— Responderam-lhe que Euzebio tinha tido amores, e fructo d'elles um filho, e fôra preciso castigar o escandalo; mas Vieira tornou-lhes dizendo: «Creio bem que seja isso intriga; mas que o não fôra, o padre Euzebio tem tal merito, que convinha mais á Companhia sustental-o com filhos e tudo, que privar-se de tão importante soldado.»

Euzebio de Mattos era na verdade prodigioso; a natureza enriquecera-o prodigamente de preciosos dons. Na Bahia nascera e da Bahia nunca sahiu, mas seu genio era como o raio do sol brilhante do Brazil; sua illustração era vasta, sua intelligencia profunda e maravilhosa. Euzebio de Mattos foi tudo quanto quiz ser em letras e bellas artes.

Das obras d'este illustre brasileiro, pela maior parte infelizmente perdidas, ficaram as seguintes:

Ecce Homo,¹ isto é, as suas praticas dos *Espinhos*, das *Cordas*, da *Canna*, das *Chagas* e do titulo

¹ A proposito d'este titulo diz o sr. Felix Ferreira na sua *Biographia Historica*: «O sr. Innocencio Francisco da Silva aponta muitos enganos em que cahiu o sr. conselheiro Pereira da Silva em seus *Varões illustres do Brazil*; cumpre-nos tambem aqui por nossa vez apontar um lapso em que incorreu o sr. Innocencio julgando emendar o sr. Pereira da Silva. Diz o distincto bibliographo, no artigo relativo ao frei Euzebio de Mattos, estar o sr. Pereira da Silva em erro quando entre as poesias d'este insigne poeta cita uma intitulada *Ecce homo*, quando aliás esse titulo pertence a um volume de homilias de frei Euzebio. E' certo que esse volume existe e com tal titulo, mas tambem não é menos certo que entre as poesias attribuidas a frei Euzebio de Mattos e que vem no *Florilegio* de Warnhagen ha uma sob o titulo *Ecce homo*; o que admira não é que o sr. Pereira da Silva não visse aquelle volume de homilias, como extranha o

de *Homem*, monumento de estylo, e fonte de sabias licções.

Oração funebre feita a 14 de julho de 1672 ao bispo D. Estevão dos Santos.

Sermão da Soledade, impresso em sua vida.

Sermões (quinze) posthumos formando o primeiro tomo da collecção que projectava fazer dos fragmentos achados em sua cella o seu collega ou irmão frei João de Santa Maria, que não a continuou.

Das poesias de Euzebio de Mattos quasi tudo desapareceu. Quiçá algumas se attribuem a seu irmão Gregorio de Mattos por se encontrarem nos desordenados papeis do espolio d'este. Entretanto era copiosa a musa do carmelita, que fora jesuita e nunca deixára de ser, além de religioso, poeta profano e ás vezes zombeteiro.

Warnhagen dá por autentica a parodia das dez oitavas dirigidas por Gregorio a D. Brites, e que Euzebio seguiu rima a rima. Como specimen da poesia d'este illustre bahiano basta-nos aqui dar o seu famoso:

ECCE HOMO

Hoje, que tão demudado
Vos vejo, por meu amor,
Espero, emfim, meu Senhor,
Me hei de ver por ganhado.
Satisfazei meu cuidado,
Já que assim vos chego a ver;
Pois só vós podeis fazer,
No mal que sentindo estou,
Que deixe de ser quem sou,
E seja como hei de ser.

sr. Innocencio, mas que este que certamente possui o *Florilegio*, pois o menciona detalhadamente, não visse por sua vez essa poesia. Lapsos como este poderíamos apontar outros do erudito bibliographo, quando suppõe emendar Barbosa Machado, mas não é aqui logar para fazel-o.»

Já vejo aos homens clamar
Por vossa morte, impacientes;
E dos tormentos presentes,
Inda a mais querem appellar,
Os termos se hão de trocar,
Que hoje a fé quer advertida,
Vendo em pena tão crescida,
A que é bem que se reporte,
Clamar porque vos dê morte;
Clamar a vós me deis vida.

Pilatos compadecido
De vos ver como vos via,
Outra condição vestia
Para vos mostrar despido.
Eu também, amor querido,
Vendo excesso tão atroz,
E o estado em que vos poz
O impio povo ruim;
Já que vos despem por mim,
Me quero eu despir por vós.

Dispam-se contentos vãos,
Loucuras, cegas vaidades;
Atem-se as mãos ás maldades,
Se á bondade lhe atam mãos:
Fiquem pensamentos sãos
E a soberba se desfaça:
No peito a humildade nasça;
Morra a culpa, que me priva;
Porque não é bem que eu viva
Quando morre o author da graça.

Este é o homem (dizia
Pilatos, que se entenece)
Mas quem a Deus desconhece,
Mal conhecer-se podia.
A minha esperança fia
De vós, que alentos lhe dá
Uma fé, que viva está;
Que de amor no desempenho,
Conheça o mal que em mim tenho
E veja o bem que em vós ha.

Correu-se a nuvem sagrada
D'essa vossa vestidura;
E do sol a formosura
Se mostrou toda eclypsada!
A flor, por homens pisada?
Oh que pena me causaes!
Pois quando assim vos mostraes,
Conheço, ó pae amoroso,
Que por serdes tão piedoso,
A tal piedade chegaes.

A barbara crueldade
Dos homens, Senhor, me admira;
Pois se vestem da mentira
Para despir a verdade:
Não querem ter piedade
Porque os cega a sem-razão;
Porém, não é muito, não,
Quando o seu rigor os prostra,
Que quem com paixão se mostra
Mal pôde ter compaixão.

Hoje me guia o destino
A amar-vos; que não é bem
Tenha amor grosseiro a quem
Tem em vós amor tão fino:
Pois, quando a amar-vos me inclino,
Maior culpa amada prenda,
Fôra amar-vos sem emenda;
Porque vendo esse amor vosso,
Se offender-vos ver não posso,
Como é bem que vos offenda?

XIII

Gregorio de Mattos

Filho legitimo diz J. M. de Macedo,¹ de Gregorio de Mattos e de D. Maria da Guerra, nasceu na Bahia a 20 de dezembro de 1633 Gregorio de Mattos Guerra, a quem o poetico engenho, e o caracter original haviam de tornar tão celebre como infeliz.

Nas aulas dos jesuitas recebeu Gregorio de Mattos em companhia de seus irmãos mais velhos, Pedro e Euzebio, solidas e proficuas bases da educação litteraria, e aos quatorze annos de idade foi mandado por seus paes para a universidade de Coimbra, onde tomou o grau de bacharel em leis.

Logo na universidade distinguuiu-se como poeta; sua musa porém inspirava-lhe versos facetos, composições satyricas e burlescas, com que ridiculisava homens, costumes ou factos, que incorriam em seu desagrado.

Gregorio de Mattos despediu-se de Coimbra a mal-dizel-a em versos, em que a malignidade se fazia perdoar pela graça, e foi assentar banca de advogado em Lisboa, servindo depois os logares de juiz do crime de um dos bairros d'esta cidade, e o de juiz de orphãos e ausentes de uma das comarcas proximas.

O principe-regente D. Pedro, querendo proteger Gregorio de Mattos, que o auxiliara na sua empresa contra D. Affonso VI, assegurou-lhe nomeal-o para a Casa da Supplicação; mas exigiu que elle fosse antes ao Rio de Janeiro abrir devassa sobre o governo de

¹ *Annuario Biographico*, tomo III, pag. 567.

Salvador Correa de Sá e Benevides, a quem não perdoava a exemplar fidelidade ao rei Affonso. O poeta porém, que era antes de tudo um homem honrado, excusou-se á missão, pelo que perdeu as boas graças do príncipe-regente.

Voltando á Bahia em 1679 ahi exerceu os empregos de thesoureiro-mór da Sé, e vigario geral durante o arcebispado de D. Gaspar Barata de Mendonça que nunca veio ao Brazil; mas com a chegada e posse do arcebispo D. João da Madre de Deus exonerou-se d'aquelles logares, e entregou-se ao exercicio da advocacia.

«Se até então, diz o biographo que estamos seguindo, Gregorio de Mattos nunca de todo esquecera sua musa traquinas, desapiedada, e burlesca, d'ahi por deante livre de embaraços e de reservas que lhe impunham os empregos que occupára, em sua independente vida de advogado, desenfreado o seu natural e terrivel engenho poetico, tornando-se tão celebre, como temido, e infelizmente creando numerosos inimigos.

«Demandistas, procuradores, escrivães, juizes eram victimas de seus epigrammas: os governadores geraes gemiam mordidos pelas satyras, que faziam rir a todos: o genio de Gregorio de Mattos era inexgotavel, e as suas composições poeticas muitas vezes extravagantes, vulgares no estylo, e até com ousadias obscenas rompiam tão originaes, tão appropriadamente grotescas, que forçosamente se admiravam, embora se reprovassem por descomedidas.»

Nem a propria esposa escapou aos assaltos da sua musa satyrica. D. Maria de Póvos, linda viuva que elle desposára em 1684, viu-se tão maltratada de seus apodos humoristicos que deixou-lhe a companhia. Conta-se que accedendo afinal a muitos rogos, Gregorio de Mattos consentiu que elle voltasse para casa com a condição de vir amarrada e conduzida por um capitão do

matto; assim se fez com a maior decencia possivel e á noite; e o extravagante marido não se esqueceu de gratificar o tal capitão do matto, declarando que se tivesse filhos todos se chamariam Gonçalos, pois sempre era a casa sua onde a gallinha gritava mais do que o gallo, alludindo naturalmente ás exigencias da esposa, que na verdade era prodiga.

Já na primeira parte d'este trabalho tratámos de certas minuciosidades da vida d'este insigne poeta para que aqui nos seja necessario repetil-as; basta-nos pois dizer que depois de muitos tormentos e miserias, de desterros e mudanças, velho, cançado e gasto falleceu emfim Gregorio de Mattos na avançada idade de 73 annos, em 1696, na cidade de Pernambuco.

D'entre as suas numerosas poesias, parte das quaes se conservam ineditas, trasladamos para aqui as seguintes, que dão a medida exacta do talento do nosso poeta:

AOS VICIOS

Eu sou aquelle que os passados annos
Cantei na minha lyra maldizente
Torpezas do Brazil, vicios e enganós.

Se bem que os cantei bastantemente,
Canto segunda vez na mesma lyra
O mesmo assumpto em plectro differente.

Já sinto que me inflamma e que me inspira
Thalia, que anjo é da minha guarda
Des'que Apollo mandou que me assistira.

Arda Bayona, e todo o mundo arda,
Que a quem de profissão falta a verdade
Nunca a dominga da verdade tarda.

Nenhum tempo exceptua a christandade
Ao pobre pegureiro do Parnaso
Para fallar em sua liberdade.

A narração ha de igualar ao caso,
E se talvez o caso não iguala,
Não tenho por poeta o que é Pegáso.

De que póde servir calar quem cala?
Nunca se ha de fallar o que se sente?!
Sempre se ha de sentir o que se falla.

Qual homem póde haver tão paciente,
Que vendo o triste estado da Bahia,
Não chore, não suspire e não lamente?

Isto faz a discreta phantasia:
Discorre em um e outro desconcerto,
Condemna o roubo, increpa a hypocrisia.

O nescio, o ignorante, o inexperto,
Que não elege o bom, nem mau reprova,
Por tudo passa deslumbrado e incerto.

E quando vê talvez na doce trova
Louvado o bem, o mal vituperado,
A tudo faz focinho, e nada approva.

Diz logo prudentaço e repousado:
— Fulano é um satyrico, é um louco,
De lingua má, de coração damnado.

Nescio, se d'isso entendes nada ou pouco,
Como mofas em riso e algazaras
Musas, que estimo ter, quando as invoco.

Se souberas fallar tambem falláras,
Tambem satyrisaras, se souberas,
E se fôras poeta, poetisáras.

A ignorancia dos homens d'estas eras
Sizudos faz ser uns, outros prudentes,
Que a mudez canoniza bestas feras.

Ha bons, por não poder ser insolentes,
Outros ha comedidos de medrosos,
Não mordem outros não—por não ter dentes.

Quantos ha que os telhados tem vidrosos,
E deixam de atirar sua pedrada,
De sua mesma telha receiosos?

Uma só natureza nos foi dada;
Não creou Deus os naturaes diversos;
Um só Adão creou, e esse de nada.

Todos somos ruins, todos perversos,
Só nos distingue o vicio e a virtude,
De que uns são commensaes, outros adversos.

Quem maior a tiver, do que eu ter pude,
Esse só me censure, esse me note,
Calem-se os mais, chiton, e haja saude.

RETRATO

Vá do retrato
Por consoantes;
Que eu sou Timantes
De um nariz de tocano côr de pato.

Pelo cabello
Começa a obra,
Que o tempo sobra
Para pintar a giba do camello.

Causa-me engulho
O pello untado,
Que de molhado,
Parece que sae sempre de mergulho.

Não pinto as faltas
Dos olhos baios,
Que versos raios
Nunca ferem senão em cousas altas.

Mas a fachada
Da sobrançelha
Se me assimelha
A uma negra vassoura espanamada.

Nariz de embono
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono.

Nariz que falla
Longe do rosto,
Pois na Sé posto
Na praça manda pôr a guarda em ala.

Membro de olphatos,
Mas tão quadrado
Que um rei coroadado
O pôde ter por copa de cem pratos.

Tão temerario
E' o tal nariz,
Que por um triz
Não ficou cantareira d'um armario.

Você perdôe
Nariz nefando
Que eu vou cortando
E ainda fica nariz em que se assôe.

Ao pé d'altura
Do naso outeiro
Tem o sendeiro
O que bocca nasceu e é rasgadura

Na gargantona,
Membro do gosto,
Está composto
O órgão muito subtil da voz fanhona.

Vamos á giba:
Porém que intento,
Se não sou vento
Para poder subir lá tanto arriba?

Sempre eu insisto
Que no horisonte
D'esse alto monte
Foi tentar o diabo a Jesu-Christo.

Chamam-lhe auctores,
Por fallar fresco,
Dorsum burlesco,
Na qual *fabricarunt peccatores*.

Havendo apostas,
Se é homem ou féra,
Se assentou qu'era
Um caracol que traz a casa às costas.

De grande arribá
Tanto se entona,
Que já blazona
Que engeitou ser canastra por ser giba.

Oh pico alçado !
Quem lá subira,
Para que vira
Se é Etna abrazador, se Alpe nevado.

Cousa pintada,
Sempre uma cousa,
Pois d'onde pausa
Sempre o vem de bastão, sempre d'espada.

Dos Santos Passos
Na bruta cinta
Uma cruz pinta;
A espada, o pau da cruz, e elle os braços.

Vamos voltando
Para a dianteira
Que na trazeira
O cu lhe vejo açoitado por nefando.

Se bem se infere
Outro fracasso,
Porque em tal caso
Só se açoita quem toma o *miserere*.

Pois que seria
Se eu vi vergões ?
Serão chupões
Que o bruxo do Ferreira lhe daria ?

E a entezedeira
Do gran Priapo
Que em sujo trapo
Se alimpa nos fundilhos do Ferreira.

Seguem-se as pernas,
Sigam-se embora,
Porque eu por ora
Não me quero embarcar em taes cavernas.

Se bem assento
Nos meus miollos,
Que são dois rollos
De tabaco já podre e fedorento.

Os pés são figas
A mór grandeza,
Por cuja empreza
Tomaram tanto pé tantas cantigas.

Velha coitada,
Cuja figura
Na architectura
Da pôpa da nau nova está entalhada.

Boa viagem,
Senhor Tocano
Que para o anno
Vos espera a Bahia entre a bagagem.

XIV

Manuel Botelho d'Oliveira

Ao que ficou dito na primeira parte d'este livro
com respeito á vida d'este poeta bahiano, cumpre aqui
acrescentar apenas o juizo emittido por Fernandes Pi-
nheiro no seu *Resumo de Historia Litteraria* :

«Dado o devido desconto ao pessimo gosto da épo-

ca, com o qual infelizmente se conformou o nosso compatriota, e ao immoderado desejo que nutria d'ostentar erudição linguistica, ainda resta muito para louvar-lhe n'esse nobre emprehendimento, n'esse arrojo com que «não se envergonhou, como diz Costa e Silva, de ser tido por americano.

«Da vernaculidade da sua elocução serve de fiança o honroso voto da Academia Real das Sciencias de Lisboa, mandando incluil-o no catalogo dos classicos portuguezes; e da louçania de seus versos e do cunho nativo que buscou imprimir-lhes, serve de padrão a bellissima descripção da *Ilha da Maré* (que damos em seguida), esmaltada com a amovel pintura dos nossos peixes, plantas, fructos, legumes e flores.

«Bastante esforço de vontade lhe foi preciso para arrostar preconceitos, para cantar em sonoros versos aquillo que aos seus coetaneos parecia prosaico; porque o commum dos homens estima o que não possui, só admira o que não conhece.»

A ILHA DA MARÉ

Jaz em obliqua fórma e prolongada
A terra da Maré, toda cercada
De Neptuno, que tendo o amor constante,
Lhe dá muitos abraços por amante;
E botando-lhe os braços dentro d'ella
A pretende gozar, por ser mui bella.

N'esta assistencia tanto a senhoréa,
E tanto a galantéa,
Que do mar de Maré tem o appellido,
Como quem présa o amor do seu querido;
E por gosto das prendas amorosas
Fica maré de rosas,
E vivendo nas ancias successivas
São do amor marés vivas;
E se nas mortas menos a conhece,
Maré de saudades lhe parece.
Vista por fóra é pouco apetecida,

Porém dentro habitada
E' muito bella, muito desejada,
E' como a concha tosca e deslustrosa,
Que dentro cria a perola formosa.

Erguem-se n'ella outeiros
Com soberbas de montes altaneiros,
Que os valles por humildes despresando,
As presumpções do mundo estão mostrando,
E querendo ser principes subidos
Ficam os valles a seus pés rendidos.

Por um e outro lado
Varios lenhos se vêem no mar salgado.
Uns vão buscando da cidade a via,
Outros d'ella se vão com alegria;
E na desigual ordem
Consiste a formosura na desordem.

Os pobres pescadores em saveiros,
Em canôas, ligeiros,
Fazem com tanto abalo
Do trabalho marítimo regalo;
Uns as redes estendem,
E varios peixes por pequenos prendem;
Que até nos peixes com verdade pura
Ser pequeno no mundo é desventura:
Outros no anzol fiados
Tem aos miseros peixes enganados,
Que sempre da vil isca cobiçosos
Perdem a propria vida por gulosos.

Aqui se cria o peixe regalado
Com tal sustancia, e gosto preparado,
Que sem tempero algum para appetite
Faz gostoso convite
E se pôde dizer em graça rara
Que a mesma natureza os temperara.

Não falta aqui marisco saboroso
Para tirar fastio ao melindroso;
Os polvos radiantes
Os lagostins flammantes,
Camarões excellentes,
Que são dos lagostins pobres parentes;
Retrogrados c'ranguejos,
Que formam pés das boccas com festejos,

Ostras, que alimentadas
Estão nas pedras, onde são geradas,
Emfim tanto marisco, em que não falo,
Que é vario perrexil para o regalo.

As plantas sempre n'ella reverdecem,
E nas folhas parecem,
Desterrando do inverno os desfavores,
Esmeraldas de abril em seus verdores,
E d'ellas por adorno appetecido
Faz a divina Flora seu vestido.

As frutas se produzem copiosas,
E são tão deleitosas,
Que como junto ao mar o sitio é posto,
Lhes dá salgado o mar o sal do gosto.
As canas fertilmente se produzem,
E a tão breve discurso se reduzem,
Que, porque crescem muito,
Em doze mezes lhe sazona o fruto,
E não quer, quando o fruto se deseja,
Que sendo velha a cana, fertil seja.

As laranjas da terra
Pouco azedas são, antes se encerra
Tal doce n'estes pomos,
Que o tem clarificado nos seus gomos;
Mas as de Portugal entre alamedas
São primas dos limões, todas azedas.
Nas que chamam da China
Grande sabor se afina.
Mais que as da Europa doces e melhores,
E teem sempre a vantagem de maiores,
E n'esta maioria

Como maiores são, teem mais valia.
Os limões não se presam,
Antes por serem muitos se desprezam.
Ah! se a Hollanda os gosára!
Por nenhuma provincia se trocará.

As cidras amarellas
Caindo estão de bellas,
E como são inchadas, presumidas,
E' bem que estejam pelo 'chão cahidas:
As uvas moscateis são tão gostosas,
Tão raras, tão mimosas,
Que se Lisboa as vira, imaginára
Que alguém dos seus pomares as furtára;

D'ellas a producção por copiosa
Perece milagrosa,
Porque dando em um anno duas vezes,
Geram dous partos, sempre, em doze mezes.
Os melões celebrados
Aqui tão docemente são gerados,
Que cada qual tanto sabor alenta,
Que são feitos de assucar e pimenta,
E como sabem bem com mil agrados,
Bem se pôde dizer que são lettrados;
Não fallo em Vilariça, nem Chamusca:
Porque todos offusca
O gosto d'estes, que esta terra abona
Como proprias delicias de Pomona.
As melancias com igual bondade
São de tal qualidade,
Que quando docemente nos recreia,
E' cada melancia uma colmeia,
E ás que tem Portugal lhe dão de rosto,
Por insulsas aboboras no gosto.
Aqui não faltam figos,
E os sollicitam passaros amigos,
Appetitosos de sua doce usura,
Porque cria appetites a doçura;
E quando acaso os matam,
Porque os figos maltratam,
Parecem mariposas, que embebidas
Na chamma alegre, vão perdendo as vidas.

As romãs rubicundas quando abertas
A' vista agrados são, á lingua offertas,
São thesouro das frutas entre affagos,
Pois são rubis suaves os seus bagos.
As frutas quasi todas nomeadas
São ao Brazil de Europa trasladadas,
Porque tenha o Brazil por mais façanhas
Além das proprias frutas, as estranhas.

E tratando das proprias, os coqueiros,
Galhardos e frondosos
Criam cocos gostosos;
E andou tão liberal a natureza
Que lhes deu por grandeza,
Não só para bebida, mas sustento,
O nectar doce, o candido alimento.

De varias côres são os cajús bellos
Uns são vermelhos, outros amarellos,
E como varios são nas varias côres,
Tambem se mostram varios nos sabores;
E criam a castanha,
Que é melhor que a de Franca, Italia, Hespanha.
As pitangas fecundas
São na côr rubicundas,
E no gosto picante comparadas
São de Americas ginjas disfarçadas.
As pitombas douradas, se as desejas,
São no gosto melhores que as cerejas,
E para terem o primor inteiro
A ventagem lhe levam pelo cheiro.
Os araçazes grandes ou pequenos,
Que na terra se criam mais ou menos,
Como as peras de Europa engrandecidas,
Como ellas variamente parecidas,
Tambem se fazem d'ellas
De varias castas marmelladas bellas.
As bananas no mundo conhecidas
Por fruto e mantimento appetecidas
Que o ceu para regalo e passatempo
Liberal as concede em todo o tempo,
Competem com maçãs ou baonesas,
Com peros verdeaes ou camoesas:
Tambem servem de pão aos moradores,
Se da farinha faltam os favores;
E' conducto tambem que dá sustento,
Como se fosse proprio mantimento;
De sorte que por graça ou por tributo
E' fruto, é como pão, serve em conducto,
A pimenta elegante
E' tanta, tão diversa e tão picante,
Para todo o tempero accomodada
Que é muito avantajada,
Por fresca, e por sadia
A' que na Azia se gera, Europa cria;
O mamão por frequente
Se cria vulgarmente,
E não préza o mundo,
Porque é muito vulgar em ser fecundo.
O marujá tambem gostoso e frio
Entre as fructas merece nome e brio;
Tem nas pevides mais gostoso agrado
Do que assucar rosado;

E' bello, cordeal, e como é molle,
Qual suave manjar todo se engolle.
Vereis os ananazes
Que para rei das fructas são capazes;
Vestem-se de escarlata
Com magestade grata,
Que para ter do imperio a gravidade
Logram da corôa verde a magestade;
Mas quando tem a corôa levantada
De picantes espinhos adornada,
Nos mostram que entre reis, entre rainhas
Não ha corôa no mundo sem espinhas.
Este pomo celebra toda a gente,
E' muito mais que o pecego excellente,
Pois lhe leva a vantagem gracioso
Por maior, por mais doce e mais cheiroso.

Além das frutas, que esta terra cria,
Tambem não faltam outras na Bahia;
A mangava mimosa
Salpicada de tintas por formosa
Tem o cheiro famoso
Com se fôra almiscar oloroso;
Produz-se no matto
Sem querer da cultura o duro trato,
Que como em si toda a bondade apura,
Não quer dever aos homens a cultura.
Oh que galharda fructa e soberana
Sem ter industria humana!
E se Jove as tirára dos pomares
Por Ambrosia as puzera entre os manjares!

Com a mangava bella e similhança
Do macujé se alcança.
Que tambem se produz no matto inculto
Por soberano indulto,
E sem fazer ao mel injusto agravo,
Na bocca se desfaz qual doce favo.

Outras frutas dissera, porém basta
Das que tenho descripto a vária casta,
E vamos aos legumes, que plantados
São do Brazil sustentos duplicados:

Os mangarás que brancos ou vermelhos,
São da abundancia espelhos;

Os candidos inhames, se não minto,
Podem tirar a fome ao mais faminto.
As batatas que assadas ou cozidas
São muito appetecidas;
D'ellas se faz a rica batatada
Das belgicas nações sollicitada.
Os carás, que de roxo estão vestidos,
São loyos dos legumes parecidos,
Dentro são alvos, cuja côr honesta
Se quiz cobrir de roxo por modesta.
A mandioca, que Thomé sagrado
Deu ao gentio amado,
Tem nas raizes a farinha occulta:
Que sempre o que é feliz, se difficulta.
E parece que a terra de amorosa
Se abraça com seu fruto delectosa;
D'ella se faz com tanta actividade
A farinha, que em facil brevidade
No mesmo dia sem trabalho muito
Se arranca, se desfaz, se cose o fruto;
D'ella se faz tambem com mais cuidado
O beyjû regalado,
Que feito tenro por curioso amigo,
Grande vantagem leva ao pão de trigo.
Os aypins se aparentam
Co'a mandioca, e tal favor alentam,
Que tem qualquer, cosido ou seja assado,
Das castanhas da Europa o mesmo agrado.
O milho que se planta sem fadigas,
Todo o anno nos dá faceis espigas,
E é tão fecundo em um, e em outro filho
Que são mãos liberaes as mãos de milho.
O arroz semeado
Fertilmente se vê multiplicado;
Calle-se de Valença por estranha
O que tributa a Hespanha,
Calle-se do Oriente
O que como o gentio, e a Lizia gente,
Que o do Brazil quando se vê cozido,
Como tem mais substancia, é mais crescido.

Tenho explicado as fructas e legumes,
Que dão a Portugal muitos ciumes;
Tenho recopilado
O que o Brazil contém para invejado.

E para preferir a toda terra,
Em si perfeitos quatro AA encerra.
Tem o primeiro A, nos arvoredos
Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
Tem o segundo A, nos ares puros,
Na temperie agradaveis e seguros;
Tem o terceiro A, nas aguas frias
Que refrescam o peito, e são sadias,
O quarto A, no assucar deleitoso,
Que é do mundo o regalo mais mimoso,
São pois os quatro AA por singulares
Arvoredos, assucar, aguas, ares.

N'esta ilha está mui ledo, e mui vistoso
Um engenho famoso,
Que quando quiz o fado antigamente
Era rei dos engenhos preminente,
E quando Hollanda perfida e nociva
O queimou, renasceu qual Fenis viva.

Aqui se fabricaram tres capellas
Ditosamente bellas,
Uma se esmera em fortaleza tanta,
Que de abobada forte se levanta;
Da Senhora das Neves se appellida,
Renovando a piedade esclarecida,
Quando em devoto sonho se viu posto
O nevado candor no mez de agosto.
Outra capella vemos fabricada.
A Xavier illustre dedicada,
Que o Maldonado parochó entendido
Este edificio fez agradecido
A Xavier, que foi em sacro alento
Gloria da Egreja, do Japão portento.
Outra capella aqui se reconhece,
Cujo nome a engrandece,
Pois se dedica á Conceição sagrada
Da Virgem pura, sempre immaculada,
Que foi por singular mais formosa
Sem manchas lua, sem espinhos rosa.
Esta ilha de Maré, ou de alegria,
Que é termo da Bahia,
Tem quasi tudo quanto o Brazil todo,
Que de todo o Brazil é breve apodo;
E se algum tempo Citherea a achára,
Por essa sua Chipre despezára,

Porém tem, com Maria verdadeira,
Outra Venus melhor por padroeira.

XV

Padre Nuno Marques Pereira

Nasceu Nuno Marques Pereira na antiga capitania da Bahia, no anno de 1652; estudou humanidades e tomou ordens sacras, adquirindo bom nome como theologo e o seu tanto de naturalista.

Desejando dar á publicidade uma obra que compuzera como fructo de longas observações e estudos, partio para Lisboa onde falleceu, segundo affirma Balthasar da Silva Lisboa, a 9 de dezembro de 1728, justamente no anno em que sahio do prelo pela primeira vez o seu trabalho, a respeito do qual transcrevemos do *Diccionario inedito* de Felix Ferreira o seguinte:

«— *Compendio narrativo do peregrino da America, em que se tratam de varios discursos espirituaes e moraes, com muitas advertencias e documentos contra os abusos que se acham introduzidos pela malicia diabolica no Estado do Brazil.*—Lisboa, na officina de Manuel Fernandes da Costa 1728.

«— *Segunda edição* 1760;— *Terceira* 1765; e *Quarta* (?)—De todas essas edições possui a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro exemplares em perfeito estado. Parece-me porém que todas essas datas não são mais que de novos frontespicios, que artificiosamente foram substituidos com o fim de dar extracção á edição unica de 1728.

«O *Peregrino da America*, como vulgarmente é conhecida a obra de Nuno Marques, é destituido de valor historico e pouco litterario; o estylo é confuso e diffuso.»

Exemplifiquemos:

Do compendio narrativo do Peregrino da America
(edição de 1665).

CAPITULO v.—Dá principio o Peregrino á relação da sua jornada para as Minas de Ouro; trata das excellencias da Missa: e manifesta algumas virtudes do Veneravel Arcebispo da Bahia D. Fr. Manuel da Ressurreição, por estar sepultado na Igreja de Belem, onde o Peregrino então se achava.

Com effeito me embarquey e chegando ao porto da Villa da Cachoeira, já quando as sombras da noite embargavam a luz do dia; por não ter conhecimento em terra, me deixey ficar na embarcação. E antes que de todo o Sol com seus rutilantes rayos usurpasse o valor das plantas, e adustasse a terra com seu calor, me puz a caminho, seguindo minha derrota, sem mais comboy, que hum cajado, alforges, e hum cabaça de agoa. E depois de ter passado a Villa, sem que seus habitadores me dessem os alegres dias, comecey a ir descobrindo copados arvoredos, fragrantes flores, espaçoso prado, todo coberto de finó argento, em forma de perolas, com que a rica Aurora sem dispendio o enriquecia, para lhe communicar a vida no fresco orvalho, em que se convertia. E logo começaram os passarinhos a festejar a alegre manhã, com tão sonora harmonia, e canto de suas vozes, que podiam competir com o melhor contraponto que a arte pôde inventar.

ROMANCE

Lá cantava o Sabiá;
Um recitado de amor
Em doce metro sonoro,
Que as mais aves despertou.

A este tempo se ouvia
N'um raminho o Curió,
Com sonora melodia,
E com requiebro na voz.

O Mazombinho Canario,
Realengo em sua côr,
Deu taes passos de garganta,
Que a todos admirou.

O encontro lhe sahiu,
Passarinho Bom-cantor,
De ramo em ramo saltando,
Só por ver sahir o sol.

De picado o Sanhaçu,
Tão alto soltou a voz,
Que cantando a compasso,
Compasso não levantou.

A encarnada Tapiranga
Quando mais bem se explicou,
Foi por minutos da solfa;
Com mil requiebro na voz.

A linda Guarinhataã,
Chochorriando, compoz
Um solo bem afinado,
Que seu amor explicou.

O alegre passarinho,
Que se chama Papa-arroz,
Pelos seus metros canoros
Cantava, ut, ré, mi, fã, sol.

A Carricinha cantando,
Tanto seu tiple afinou,
Que nas clausulas da solfa
Se não viu cousa melhor.

E logo por estes ares
Remontando o Beija-flôr
Tocando hia nas azas
Com donaire um bello som.

Valente Pica-pau
De um pau fez o tambor,
E com o bico tocava
Alvorada ao mesmo sol.

Despertando o Pitahuãa,
Com impulsos de rigor,
Disse logo: Bem te vi,
D'este logar em que estou.

O Fradinho do deserto,
Contemplativo, mostrou
Que também sabe cantar
Os louvores do Senhor.

O Corujinha cantando,
Parecia um Rouxinol;
E sempre tão entoado,
Que nunca desafinou.

As Andorinhas no ar,
Com donaire e com primor,
Fizeram um lindo baile,
Que seu amor inventou.

O lindo Cocurutado,
Que bella voz, se mostrou
Que era musico famoso
Do real côro do sol.

O pintado Pintasilgo,
Da solfa compositor,
Endeixas fez, e um Romance,
Que em pasmo a todos deixou.

As formosas Aracuãs,
Sem temer ao caçador,
Em altas vozes cantavam
Cada qual com bello som.

Sahiu de ponto a dançar
A Lavadeira, e mostrou
Era tão dextra na dança,
Que pés na terra não pôz.

A formosa Juruti
No bico trouxe uma flôr,
E com tão custosa galla,
Que as tenções arrebatou.

Sahiu de branco a Araponga
Com tão galhardo primor,
Que foi alvo das mais aves,
Pela alvura que mostrou.

Vieram em bandos logo,
Cantando com bom primor,
Periquitos, Papagaios,
Tocanos, e mais Paós.

N'esta suave harmonia
Se divulgava uma voz
Pelos ares, que dizia:
Arára, Arára de amor.

Não fallo aqui das mais aves,
Nem dos Sahuins, e Guigós,
Que com bailes de alegria
Festejam ao Creador.

XXVI

João Mendes da Silva

Natural da cidade do Rio de Janeiro, diz Joaquim Manuel de Macedo, onde nascera em 1656, João Mendes da Silva formou-se em leis na universidade de Coimbra, e de volta para o berço patrio, exerceu dignamente a profissão de advogado, e casou-se com Lourença Coutinho.

Annos depois Lourença Coutinho, suspeita de judaismo, foi presa no Rio de Janeiro pelos agentes do Santo Offício e remettida para Lisboa.

Com escriptorio de advocacia em Lisboa João Mendes a despeito dos amigos que adquiriu, e das praticas ostensivas e muito frequentes de devoção e de piedade, não conseguiu arrancar a esposa dos carcereiros da inquisição; ao menos porém educou seu filho e pondeu-o formado em canones pela universidade de Coimbra, e praticando com elle em seu escriptorio.

Mas a 8 de agosto de 1726 tambem Antonio José da Silva, seu filho e sua esperança, foi agarrado pela inquisição sob pretexto de suspeição de judaismo!...

Embora depois de dois mezes de tormentos, e de tratos de polé, soltassem o pobre joven, o dia 8 de Agosto foi para João Mendes precursor de horrivel infortunio, e ficou no seu espirito, como sombra negra e de máu agouro do futuro. O pae estremecido via n'aquella data a marca da implacavel inquisição lançada sobre seu filho.

Ainda assim, ainda com a perseguição da sinistra idéa, e com o medonho martyrio que ameaçava sua esposa, o infeliz João Mendes abatido, desgostoso, a maldizer da inquisição dentro de si, exteriormente a fingir acatal-a, viveu dez annos, fallecendo emfim no de 1736.

Deus tinha-se amerceado d'aquelle esposo dedicado, e pae extremoso, que ao menos não viu as flammas malditas da fogueira sacrilega devorarem a esposa e o filho.

João Mendes da Silva foi jurisconsulto, e advogado de muito credito e poeta de algum merecimento. Entre os seus melhores trabalhos litterarios citam-se: Um poema dedicado a Nosso Senhor Jesus Christo; varios hymnos sacros e muitas fabulas e poesias ligeiras, a que autorizados criticos dão decidida preferencia.

XVII

Sebastião da Rocha Pitta

Informa-nos Joaquim Manuel de Macedo em seu *Annuario Biographico* que Sebastião da Rocha Pitta nasceu na cidade da Bahia a 3 de Maio de 1660. João da Rocha Pitta, chanceller da relação d'aquella cidade foi seu pae, conforme a informação do conego Januario, e de outros, ou seu avô materno, segundo o testemunho do abbade Diogo Barboza.

Rocha Pitta estudou no collegio dos jesuitas da Bahia, e tomou ahi o gráu de mestre em artes; aos dezeseis annos partiu para Portugal, e na Universidade de Coimbra formou-se em canones em 1682. Logo de volta á patria occupou o posto de coronel do regimento privilegiado das ordenanças, e retirou-se para uma fazenda que possuia nas margens do rio Paraguassú.

Ahi esposo amante e feliz gozou todas as doçuras da vida domestica: descansava das fadigas agricolas, e roubava horas ao encanto da familia, lendo e compondo: escreveu em castelhano um romance imitativo do *Palmeirim de Inglaterra*, fez-se poeta de mediocre reputação, e resolveu-se enfim a escrever uma—*Historia do Brazil*.

Até então nenhuma havia: Pedro Gondavo na sua *Historia da Terra de Santa Cruz* pouco adiantara além do descobrimento de Cabral: todos os outros escriptores em geral estrangeiros eram ou chronistas, ou noticiadores de acontecimentos e de cousas de uma ou outra capitania.

Rocha Pitta apprehendeu trabalho descommunal para o seu tempo, e mais que difficil ainda hoje. Deixou

suas lavouras, e na Bahia, Rio de Janeiro e S. Vicente gastou annos a examinar as livrarias e archivos dos conventos e das camaras, seguiu para Lisboa a indagar consciencioso quanto podia e devia dar-lhe luz, estudou as linguas franceza, italiana e hollandeza que além da propria e da castelhana e latina lhe dariam perfeito conhecimento de obras sobre sua patria, empregou emfim quasi metade de sua vida na missão de historiador de sua patria, e em 1730 aos setenta annos de sua idade publicou a «Historia da America-Portugueza desde o seu descobrimento até o anno de 1724.»

Applaudido, festejado, coberto de louros mereceu do rei D. João V ser nomeado fidalgo de sua casa, e cavalleiro da Ordem de Christo o que era muito notavel distincção n'aquelles tempos.

O illustre velho brasileiro retirou-se então para o doce asylo de sua fazenda, onde oito annos depois morreu a 2 de Novembro de 1738.

«Os poetas, os philosophos, conclue Macedo que é competente na materia, os escriptores de qualquer sciencia devem ser julgados conforme a maior civilisação do seu tempo, e as condições, e circumstancias em que puderam produzir suas obras.

Comparar o historiador Sebastião da Rocha Pitta, que escreveu no fim do seculo decimo setimo e no principio do seguinte com os grandes e luminosos historiadores da escola politico-phylosophica da Inglaterra, da França e da Allemanha é esmagar a adolescencia da idade moderna com a immensa opulencia da civilisação do seculo decimo nono.

Rocha Pitta não pôde competir com os grandes historiadores modernos.

Elle não pertence, nem podia pertencer às mesmas escolas; mas para o seu tempo, para os elementos de que dispôz com incalculaveis sacrificios pessoaes, para a civilisação do seu seculo a sua — *Historia da America*

Portuguesa é monumento de que o Brazil se deve ufanar.

Rocha Pitta é o pae da historia, como Ayres Cazal é tambem o admiravel pae da chorographia do Brazil.

Assombra o que conseguiram fazer esses dois homens de merecimento excepcional creando obras—thesouros preciosissimos—em tempos de tanta incuria e de tanta pobreza de conhecimentos.

Sebastião da Rocha Pitta se não poude ser o sol, foi pelo menos a brilhante aurora da—Historia do Brazil.

Aos mais profundos e abalizados mestres que hoje fulguram escrevendo a historia da patria, é de dever honrar a memoria do venerando e mais antigo mestre, que no seu tempo fez mais, do que hoje tem feito todos juntos quantos lavram na mesma seára.

XVIII

Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão

Bartholomeu Lourenço de Gusmão nasceu na villa de Santos, da antiga capitania de S. Vicente, hoje provincia de S. Paulo, em 1685. Pertencia a uma familia distincta e contou entre seus irmãos duas outras notabilidades: uma, Joanna de Gusmão que por suas virtudes e caridade foi pelo povo cognominada «a Santa» e outra foi Alexandre de Gusmão grande diplomata e escriptor classico, do qual nos occupamos em seguida.

Depois de feitos os seus preparatorios no Collegio dos Jesuitas, em Santos, partiu Bartholomeu Lourenço para o reino, onde tomou em Coimbra o gráu de licenciado em canones, e abraçando a carreira ecclesias-

tica disse logo a primeira missa ao sahir da Universidade.

Bem depressa adquiriu o padre Bartholomeu nomeada como prégador de primeira plana, quer pela vastidão de conhecimentos e admiravel eloquencia de que era dotado, quer pela dicção correctá e phrase castigada com que revestia os seus sermões e panegyricos.

Fazendo uma viagem á Hespanha, não sabemos se por instrucção ou recreio, captou por tal modo a admiração e sympathias da rainha D. Izabel de Brunswick Blankenburgo, que ao voltar a Lisboa, d'ella trouxe uma carta de recommendação para el-rei D. João V, que por sua vez o apreciou tanto, que logo o nomeou capellão e fidalgo da sua real casa.

Mas não era como orador que Bartholomeu de Gusmão estava predestinado a gloriosa posteridade. Hoje que não se sabe de seus sermões mais do que nos dizem os biographos, seu nome seria apenas mencionado entre os bons oradores portuguezes de seculo XVII e nada mais, se um commettimento scientifico dos mais arrojados para o tempo o não collocasse entre os inventores mais celebres de todas as eras.

Bartholomeu de Gusmão era dado ao estudo das sciencias physicas, e das suas numerosas experiencias, que infelizmente para a sciencia em grande parte se perderam suffocadas pelo obscurantismo e superstição que então reinavam em Portugal, avultou logo um processo mechanico de esgotar a agua dos navios arrombados por meio de bombas automaticas, cujo machinismo é hoje de todo ignorado.

Depois de applicadas experiencias e pacientes investigações, feitas sob absoluto segredo, Bartholomeu chegou ao resultado da descoberta do aerostato, cujo problema não era novo mas até então nunca realisado. Communicando a D. João V a sua ideia, tal enthusiasmo encontrou da parte d'este, que á custa do bolso real executou-se, sob direcção immediata do inventor,

uma machina, *em fôrma de passaro*, dizem os contemporaneos, que effectivamente subiu aos ares no pateo da casa da India no dia 5 de agosto de 1709.

Assistiram á experiencia o rei, ministros, toda a còrte e muito povo, mas, ou porque a machina se damnificasse batendo na cornija do edificio, ou porque o *ar quente* de que estava fornecida não fosse sufficiente, o certo é que o balão não passou da altura do telhado, voltando a terra de tal modo enfraquecido que não poudes subir novamente. Não obstante a ascensão realisára-se, a probabilidade da navegação aerea estava praticamente demonstrada.

«A admiração foi geral, diz Macedo,¹ os applausos foram unanimes. Os poetas do tempo multiplicaram sonetos, decimas, composições poeticas em honra de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, a quem deram a gloriosa alcunha de *Voador*.

«Mas não tardou a vir a superstição pôr em sobresaltos e em perigo o illustre *Voador* suspeito de feitiçarias e de relações com o demonio!...

«O proprio rei insinuou a Bartholomeu Lourenço a necessidade de adiar novas experiencias da sua machina, a que este queria dar melhoramentos, que já tinha engendrado.

«A superstição do povo suffocou o genio do sabio.»

Adiando para melhores tempos a renovação das suas experiencias, Bartholomeu dedicou-se ao magisterio e á tribuna sagrada, impondo-se á admiração publica e assim fazendo calar por algum tempo a calumnia da superstição, que é a peor inimiga da humanidade.

Instituindo D. João V a Academia Real de Historia Portugueza, Bartholomeu de Gusmão foi iucluido na lista dos primeiros cincoenta academicos que a consti-

¹ *Annuario Biographico*, tomo II.

tuíram; sendo logo encarregado de varios trabalhos entre os quaes avulta a *Historia do bispado do Porto*, que lhe valeu a qualificação de escriptor classico.

A tão alto grau de estima attingiu este illustre brasileiro no espirito de D. João V que por uma graça especial, rara, senão unica, galardoou os serviços do filho concedendo o fôro de fidalgo ao pae de Bartholomeu, o cirurgião-mór do presidio de Santos, Francisco Lourenço de Gusmão.

Mandado porém a Roma para alcançar da Santa Sé a elevação da capella real de Lisboa ao grau patriarchal e destruir certas divergencias de bispados, revelou-se mau diplomata, pelo que foi substituido por seu proprio irmão, mais moço do que elle, Alexandre de Gusmão que conseguiu da curia romana o que o grande inventor não pudera obter.

Ainda não decahiu de todo da graça real, pois de volta ao reino foi encarregado da decifração da correspondencia diplomatica, que n'aquelles tempos era toda feita por signaes e palavras de convenção; mas renovando-se a perseguição supersticiosa dos gratuitos inimigos, que começaram a lançar-lhe apódos pungentes e satyras ferinas, accusando-o de monomaniaco, talvez por novas experiencias do invento aerostatico que elle tratasse de fazer, Bartholomeu sentiu-se tão possuido de indignação e assoberbado de desgostos que se retirou inopinadamente para o reino visinho em setembro de 1724, fallecendo na mais completa miseria na cidade de Toledo a 18 de novembro d'esse mesmo anno. Em Toledo foi sepultado a expensas da irmandade dos Ecclesiasticos de S. Pedro, na matriz de S. Romão.

Assim se finou um dos homens mais illustres que o seculo XVII produziu n'esta parte da America do Sul. Por muito tempo a memoria de Bartholomeu de Gusmão esteve despojada da prioridade do invento dos aerostatos, attribuida geralmente aos irmãos Montgol-

fier, da França, até que reivindicada e provada a gloria para Bartholomeu Lourenço de Gusmão, gosa esse nome hoje da mais justa admiração não só de seus compatriotas como até mesmo dos que por muito tempo lhe disputaram a gloria.

XIX

Alexandre de Gusmão

Irmão do padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, nasceu tambem Alexandre na Villa de Santos, em 1695, e tambem como o grande inventor dos aerostatos estudou humanidades no Collegio dos Jesuitas d'aquella villa, até que chegado aos quinze annos, foi enviado ao reino onde seguiu estudos superiores sob a direcção de seu irmão, já formado e em brilhante inicio da mais auspiciosa carreira.

A fama de seu talento, e grande intelligencia enriquecida por assiduos e severos estudos, e a influencia e favor de que gosava seu irmão deram-lhe o despacho de secretario da embaixada portugueza em França, mal se graduara em direito civil na universidade de Coimbra.

Essa embaixada diz o sr. conselheiro Pereira da Silva,¹ era de character apparatuso e de ostentação de amizade feita por D. João V ao famoso Luiz XIV, cujo fausto e grandezas o rei de Portugal tanto procurava imitar. « — A guerra de successão de Hespanha tinha acabado, acrescenta Macedo;² a paz geral estava feita,

¹ *Varões illustres do Brazil*, tomo I.

² *Annuario Biographico*, tomo II.

e pelos tratados e pelas convenções de 1712, 1713 e 1714 estavam resolvidas as questões políticas; mas Portugal queria firmar boas relações com a França e honrar o seu velho rei, que aliás morreu pouco depois da chegada da embaixada em Pariz, no anno de 1715.»

Aproveitando a sua estada na grande capital, que já n'esse tempo era uma das mais notaveis do mundo, Alexandre de Gusmão tomou na respectiva faculdade franceza o grau de doutor em direito civil, romano e ecclesiastico, aprofundando seus estudos principalmente em assumptos diplomaticos.

Voltando a Portugal em 1720, foi Alexandre de Gusmão empregado na secretaria dos negocios do reino, e no anno seguinte seguiu para Roma a servir como adjunto de seu irmão o padre Bartholomeu, a quem não tardou a substituir e com mais fortuna, pois não só conseguiu o patriarchado cardinalicio para Lisboa como o titulo de *Fidelissimo* para o Rei, honras e regalias essas que foram pagas á curia romana com montes de ouro que a Portugal enviavam as opulentas minas da colonia americana.

Regressando a Lisboa em 1730 foi Alexandre logo nomeado *escrivão da puridade*, cargo da mais alta confiança, quasi ministro, pois de facto o era da privança real, porque transmittia as ordens de D. João V para toda a administração do reino.

Além d'esse encargo foi tambem incumbido da decifração da correspondencia diplomatica e auctorizado a substituir n'esse ramo de serviço o antigo systema de signaes convencionaes por um novo de sua invenção. «Até 1750, foi Alexandre de Gusmão a intelligencia inspiradora das importantes negociações externas: entre outras a prerogativa da apresentação dos bispos pelo rei fidelissimo a seus exforços e habilitade se deveu. Documentos incontestaveis provam que era elle o mais consummado diplomata do seu tempo em

Portugal, e pelo menos igual a D. Luiz da Cunha que aliás o tinha n'aquelle elevado conceito.

«Na administração dos negocios internos abundam provas documentaes, de que Alexandre de Gusmão foi, como escrivão da puridade, ministro recto, energico, liberal e habilissimo.

«O famoso tratado de Madrid de 13 de janeiro de 1750, aliás tão mal comprehendido pelos portuguezes, foi a ultima obra, a chave de ouro da vida diplomatica de Alexandre de Gusmão. Esse tratado pelo qual se fixavam os limites do Brazil com os dominios hespanhoes na America do Sul, embora deixasse á Hespanha a colonia do Sacramento, era muito vantajoso, e digno do eminente brasileiro que o preparou, esclareceu em memoria offerecida a D. José I, e ainda depois defendeu em escripto primoroso que publicou em Lisboa sob o titulo — Impugnação.»

Nomeado em 1742 ministro do ultramar, prestou ainda Alexandre de Gusmão grandes serviços á administração e colonisação do Brazil; mas, fallecendo em 1750 D. João V e substituindo-o no reinado D. José I, decabiu o illustre brasileiro do favor real, e justamente quando cheio de desgostos se retirava á vida particular, um pavoroso incendio devorou-lhe a casa e tudo quanto n'ella havia, sendo o mais precioso os dois unicos filhos que de seu consorcio tivera.

Dois annos apenas ponde sobreviver este grande homem a tão horrivel catastrophe, fallecendo em 31 de dezembro de 1753.

Varão verdadeiramente illustre pelo seu saber que era profundo, pela sua intelligencia que era vastissima e pelo seu character que era exemplar, Alexandre de Gusmão foi tambem um litterato distinctissimo, e como seu irmão pertenceu e foi um dos cincoenta primeiros academicos da Real Academia de Historia Portugueza, e do seu punho os poucos escriptos que restam impressos bastam para collocar-o entre os mais insignes mes-

tres da lingua vernacula. Sirvam de exemplo os seguintes trechos:

Da resposta que deu ao brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos sobre o negocio da praça da Colonia.

Descobertas por Colombo as primeiras ilhas no Golpho do Mexico no anno de 1492, o papa Alexandre VI, Hespanhol, expedio no seguinte uma bulla para regular uma repartição de conquista entre as duas monarchias, determinando que 100 leguas ao occidente das Ilhas dos Açores, ou de Cabo Verde, se imaginasse uma linha meridiana de pólo a pólo, e quanto d'esta figura da linha ficasse para o Oriente, fosse conquista de Portugal e para o poente, de Hespanha. Clamou contra esta partilha o nosso rei D. João II; e depois de varias negociações se ajustou entre elles e os reis de Castella e Aragão, um tratado em Tordezillas no anno de 1494, em que se assentou, que a dita linha meridiana se supporia lançada 370 leguas para o poente das ilhas de Cabo Verde, sem se diffinir de qual d'ellas se devia principiar a conta; sendo que a mais oriental d'aquellas ilhas dista mais de 4 gráus meridianos da ultima, que fica ao poente: e juntamente ficou estipulado, que os Hespanhoes não poderiam navegar para a parte do sul da costa d'Africa. Depois de passados seis annos descobrimos o Brazil: e no mar da Asia adiantamos as nossas conquistas tão rapidamente que em menos de vinte annos, depois da primeira viagem da India, já tínhamos penetrado até o Archipelago de Maluco, onde descobrimos o importantissimo commercio das especiarias.

Fernando de Magalhães n'aquelle tempo tornou do Oriente, e sem razão aggravado de sua patria, passou ao serviço do imperador Carlos V, propoz a este principe, que tinha por certo ser a terra redonda; ponto até então muito duvidoso; e que sendo assim, devia a

dita linha meridiana pacteada em Tordezillas circular pelo outro hemispherio, deixando a conquista de cada uma das corôas 180 graus meridianos. O que supposto, mostraria, que as ilhas da especiaria estavam dentro dos 180 graus de Castella; que se obrigava a descobril as por novo caminho, sem offensa da prohibição, que no tratado de Tordezillas ficava posta á Hespanha, de navegar para a parte do Cabo da Boa Esperança.

A côrte de Madrid, que já se tinha achado bem em dar ouvidos ás proposições de Colombo, que outros tiveram por chimericas, subministrou a Magalhães tres navios para ir executar seu designio. Descobrio o estreito, a que poz o nome do seu appellido; e navegando pelo mar do sul chegou finalmente ás ilhas do Archipelago de Maluco, onde o mataram os barbaros. Mas do roteiro que deixou da sua navegação, usando de um notavel engenho, por sustentar o que havia segurado ao imperador, tinha diminuido os espaços de sorte, que fraudou o mar do sul mais de 40 graus meridianos, como se vê do mappa, que traz Henera na sua *Historia das Indias Occidentaes*; e por esta fórma não só o Archipelago, mas ainda até Malaca, comprehendeu nos 180 graus de Hespanha.

Não foi pequeno o damno, que com uma tal infidelidade causou á sua patria este tal aventureiro, indigno do nome portuguez: porque os Hespanhoes persuadidos d'aquella impostura, pertenderam por força de armas senhorear-se d'aquellas ilhas de especiaria, fomentando esta empreza pelas naus, que mandavam ao Mexico pelo mar do sul. Durou alguns annos n'aquella parte a guerra entre as duas nações, até que o nosso rei D. João III tratou com o imperador, que se attalhasse esta contenda averiguando-se amigavelmente o direito de cada uma das corôas nas conferencias, que para esse fim se fizeram em Saragoça.

Porém n'ellas os commissarios de Portugal, sem embargo de lhes sobrar a razão e a justiça, se acharam

totalmente destituídos de meios para mostral-a: porque os Hespanhoes sustentavam a dimensão do mappa de Magalhães: e como nenhuma outra nação tinha navegado o mar do sul, não havia no tempo que aquellas conferencias se fizeram, modo ou meio de convencer-o de falso, ignorando-se sobretudo ainda n'aquelle seculo a observação dos satellites de Jupiter, e outros meios, com que no seguinte se facilitou a averiguação das longitudes.

Todos os recursos dos nossos commissarios eram os roteiros dos pilotos da India; e para lhes sabir mais vantajoso o calculo (attendendo somente ás ilhas de especiaría, e não ao Brazil, de que os Portuguezes d'aquelle tempo faziam pouco caso) contaram as 370 leguas da ilha do Sal, que é a mais occidental de Cabo Verde. Mas nada bastava para desfazer de todo o erro, que os roteiros dos Hespanhoes do mar Pacifico tinham delineado; e o mais que os nossos commissarios poderam mostrar, foi que o mappa, ou nossa demarcação incluía grande parte do mar da China.

XX

Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão

Viu a luz no sitio denominado *Jaboatão*, termo da cidade do Recife, em Pernambuco e professou na ordem franciscana em 12 de dezembro de 1717, devendo por consequencia ter nascido no principio do seculo XVIII ou nos ultimos annos do seculo XVII pois não era licito professar antes dos 17 annos, conforme muito acertadamente pensa o conego Fernandes Pigneiro, que discorda de Innocencio Francisco que em seu *Diccionario bibliographico* dá Jaboatão nascido em 1695.

Exerceu frei Antonio de Santa Maria varios encargos na sua ordem, entre os quaes o de chronista; sendo geralmente bemquisto pela amenidade e lhaneza do seu character. Foi tambem membro da Academia dos Esquecidos.

Escreveu varias obras em prosa destacando-se entre ellas: *Orbe Seraphico, novo, brasilico, descoberto, estabelecido e cultivado a influxo da nova luz da Italia, estrellla brilhante da Hespanha, luzido sol de Padua, astro maior de ceu de Francisco, o thaumaturgo Portuguez Santo Antonio, a quem vae consagrado* etc. — A primeira parte foi publicada em Lisboa em 1761; a segunda conservou-se por muito tempo inedita até que o *Instituto Historico do Brazil* a mandou imprimir, e reimprimir a primeira parte, as quaes foram publicadas no Rio de Janeiro, 1859-1861, em dois volumes em 8.º grande.

«Fornecer esta chronica, diz o conego Fernandes Pinheiro, abundantes subsidios aos estudiosos da nossa historia; tanto mais apreciaveis quanto seu auctor parece não ter em mira senão relatar factos concernentes á sua ordem. Assim por exemplo, dando conta da fundação dos conventos de Iguarassu, Parahyba, Recife e Pojuca menciona successos que dizem respeito á guerra hollandeza, e fallando dos bemfeitores das casas religiosas raro deixa omissos os cargos que exerceram e os acontecimentos em que tomaram activa parte.

«Algumas inexactidões escaparam ao chronista franciscano, parte assignaladas no erudito parecer apresentado ao Instituto Historico pelo fallecido conselheiro Diogo Soares da Silva Bivar, parte apontados nas notas que adicionamos á ultima edição.

«Adoezia Jabotão do ataque gongorico e ressumbra em suas paginas o mau gosto seiscentista. Pura e es-correita é a sua linguagem, a que o mais escrupuloso purista não repugnará o fôro de classico. Confessamos

porém que pouco amena se faz a leitura de tal obra pela demasiada extensão dos periodos, e infindas digressões, que complicam o sentido do texto e geram tedio.

«Faltava-lhe tambem o preciso discernimento para joeirar os factos, escoimando-os das fabulas populares; excessiva era a sua piedade para entregar-se ao onus anatomico d'onde resultaria a ruina de muitas d'essas formosissimas legendas que lhe haviam embaçado o berço.»

XXI

Frei Manuel de Santa Maria Itaparica

Ignora-se a data do nascimento, e a filiação d'este distincto brasileiro, cujo berço foi a ilha de Itaparica que jaz fronteira á cidade da Bahia. Deve-se julgal-o nascido no anno de 1704; pois que na idade de dezeses annos professou no convento de Paraguassú a 2 de julho de 1720,

Frei Manuel de Santa Maria Itaparica gozou fama de orador sagrado muito notavel, e de esclarecido cultor das muzas.

D'elle ficou, como poeta, o poema *Eustachidos* impresso em um livro em 4.º de 128 paginas, e hoje rarissimo: *Um epigramma latino á morte do Rei Fidelissimo*; uma *Canção funebre ao mesmo assumpto* e tres sonetos, composições conservadas na relação panegyrica das exequias que a Bahia celebrou pela morte de D. João V.

Mas deve-se ter por certo que muito mais fecundo fosse em producções poeticas; pois que Jaboatão fallando de frei Manuel de Santa Maria de Itaparica, diz:

«Foi destro cultor das flôres do Parnaso, e dos fructos do seu trabalho se podiam ter colhido *alguns volumes*, se assim como se espalham por mãos particulares, se juntassem em um corpo.»

A obra que realmente recommenda o nome do poeta itaparicano é aquelle já mencionado poema que tem o longo titulo de mau gosto; mas de extensão em que delinquiam muitos escriptores d'aquelles tempos: «*Eustachidos. Poema sacro e tragicomico em que se contem a vida de Santo Eustachio martyr, chamado antes Placido e de sua mulher e filhos. Por um anonymo, natural da ilha de Itaparica; da Bahia: Dado á luz por um devoto do Santo.*»

Balthazar da Silva Lisboa no seu manuscripto *Apon-tamentos biographicos sobre a vida de varios brasileiros illustres* affirma que vira o original d'esse poema, e que este fôra impresso em Lisboa.

Eustachidos consta de seis cantos: no 5.^o em ligeiros traços que apenas lhe custam dez oitavas vê n'um sonho e, se não descreve, assignala a terra do Brazil antes de descoberta, e que

De um rei grande ha de ser avassallada.

No mesmo livro e depois do poema aprecia-se a seguinte:

Descrição da ilha de Itaparica

Em um vasto me achei e novo mundo
De nós desconhecido e ignorado,
Em cujas praias bate um mar profundo
Nunca até'gora de algum lenho arado:
O clima alegre, fertil e jocundo,
E o chão de arvores muitas povoado:
E no verdor das folhas julguei que era
Ali sempre continua a primavera.

D'ellas estavam pomos pendurados
Diversos na fragancia e na pintura,
Nem dos homens carecem ser plantados,
Mas agrestes se dão e sem cultura;
E entre os troncos muito levantados,
Que ainda a phantasia me figura
Havia um pau de tinta mui fecunda,
Transparente na côr, e rubicunda,

Passaros muitos de diversas côres
Se viam varias ondas transformando,
E dos troncos suavissimos licores
Em copia grande estavam dimanando:
Peixes vi na grandeza superiores,
E animaes quadrupedes saltando,
A terra tem do metal loiro as véas,
Que de alguns rios se acha nas aréas.

E quando a vista estava apascentando
D'estas coisas na alegre formosura,
Um velho vi, que andava passeando
De desmarcada e incognita estatura;
Com sobresalto os olhos fui firmando
N'aquella sempre movel creatura,
E pareceu-me, se bem reparava,
Que varios rostos sempre me mostrava.

Tinha os cabellos brancos como a neve
Pela velhice muita carcomidos,
E só com pennas se trajava ao leve,
Porque lhe eram pezados mais vestidos;
Andava sempre, mas com passo breve,
Posto que os pés trazia envelhecidos,
Um baculo em as mãos accomodava,
Do qual para o passeio se ajudava.

Fiquei d'esta visão maravilhado,
Como quem de taes monstros não sabia,
E logo pergun'ei sobresaltado
Quem era, que buscava, e que queria?
Elle virando o rosto remendado
Da côr da escura noite e claro dia,
Quem eu era, respondeu, quem procurava,
E que Postero, disse, se chamava.

Esta que vês (continuou dizendo)
Terra aos teus escondida e occultada,
Quando eu velho fôr mais envelhecendo
De um rei grande ha de ser avassalada:
Não te posso dizer o como: e sendo
Esta noticia a outros reservada,
Basta saberes que sem romper muros
Será, passados seculos futuros.

Porém isso não foi o que a buscar-te
Me moveu, e a fallar-te d'esta moda,
Mas de outra coisa venho a informar-te,
Que muito mais do que isto te accomoda:
Bem podes começar d'ella a gozar-te,
Que para isso vou andando em roda,
E para que não estejas cuidadoso,
Quero dar-te a noticia presagioso.

N'aquella (e me mostrou uma grande ilha,
Formosa, fresca, fertil, e aprasível,
A quem Neptuno o seu tridente humilha,
Quando o rigor do Austro é mais sensível)
Ha de vestir a pueril mantilha,
Depois de n'ella ter a aura visível,
Um, que para que a ti versos ordene,
Ha de beber da fonte de Hypocrene.

Este pois lá n'um seculo futuro,
Posto que d'ella ausente e apartado,
Porque c'os filhos sempre foi perjuro
O patrio chão, e os trata sem agrado,
Por devoção intrinseca e amor puro,
Talvez do Deus, que adoras, inspirado,
De ti e d'esses dois d'essa pousada
Ha de cantar em lyra temperada.

XXII

Antonio José da Silva

Já nos occupámos largamente, e como merecia este eminente poeta dramatico para que aqui tenhamos de repetir a sua amargurada vida e tragico fim. Limitemo-nos pois a dar alguns trechos de suas afamadas

Guerras do Alecrim e Mangerona

D. NIZE

Ora senhores doutores, já que v. m. aqui se achão, bom é, que os informemos, eu, e minha irmã, de varias queixas, que padecemos.

SIMICUPIO

Inda mais essa? Ora digão.

D. CLORIS

Senhor, o nosso achaque é tão semelhante, que com uma só receita se podem curar ambos os males.

D. NIZE

Não ha duvida, que o meu achaque é o mesmo em carne, que o de minha irmã.

SIMICUPIO

Achaque em carne pertence á cirurgia.

D. CLORIS

Que como dormimos ambas, se nos communicou o mesmo achaque; e assim, senhor, padecemos umas ancias no coração,

umas melancolias n'alma, uma inquietação nos sentidos, uma travessura nas potencias; e finalmente, senhor doutor, é tal este mal, que se sente, sem se sentir; que dóe, sem doer; que abraza, sem queimar; que alegra entristecendo, e entristece alegrando.

SIMICUPIO

Basta, já sei, isto é mal Cupidista.

D. LANSEROTE

Oh, que é mal Cupidista, que nunca tal ouvi ?

SIMICUPIO

E' um mal da moda.

D. NIZE

Que remedio nos dão v. m. ?

D. FUAS

Eu dissera, que o oleo de Mangerona era excellente remedio.

- D. GIL

O verdadeiro para essa queixa são as fumaças do Alecrim.

D. FUAS

Hui, senhor doutor, a Mangerona é um excellente remedio.

D. GIL

Nada chega ao Alecrim, cujas excellentes virtudes são tantas, que para numeral-as não acha numero o algarismo; e não faltou quem discretamente lhe chamasse planta bemdita.

D. FUAS

Se entrarmos a especular virtudes, as da Mangerona são mais, que as da herva santa.

SIMICUPIO

D'aqui a pol-a no altar não vai nada.

D. FUAS

A Mangerona é planta de Venus, de cujos ramos se corôa Cupido, e para o mal Cupidista não pôde haver melhor remédio, que uma planta de Venus; pois se notarmos a perfeição, com que a natureza a revestio d'aquellas mimosas folhinhas, para que todo o anno sejam geroglifico da immortalidade, aquelle suavissimo aroma, de cuja fragancia é hidropico o olfato, ella é a delicia de Flora, o mimo de abril, e a esmeralda no annel da primavera.

SIMICUPIO

E' verdade; não ha duvida.

D. NIZE

Estou tão contente. (*A'parte*)

D. GIL

O Alecrim, senhor, pela sua excellencia é titular na republica das plantas, cujas flores, depois de serem bella imitação dos ceruleos globos, são a doçura do mundo nos melifluos osculos das abelhas.

SIMICUPIO

Todavia a materia é de *apicibus*.

D. GIL

Elle é a corôa dos jardins; o lenço vegetal das lagrimas da Aurora; nas chammas é Fenix; nas águas Rainha; e finalmente é o antidoto universal de todos os males, e a mais segura taboa da vida, quando no mar das queixas assoprão os ventos inficionados; e para prova d'este systema repetirei traduzido em portuguez um epigramma do Proto-Medico Avicena, poeta arabico.

Um dia para Siques¹ quiz amor
 Uma grinalda bella fabricar,
 E, por mais que buscou, não pôde achar,
 Flor do seu gosto entre tanta flor.

¹ Psyché.

Desprezou do jasmim o seu candor,
E a rosa não quiz por se espinhar,
Ao girasol mostrou não se inclinar,
E ao jacinto deixou na sua dor.

Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o Alecrim,
Um verde ramo pretendeu colher;

Tu só me agradas, disse, pois emfim
Por ti desprezo, só por te querer,
Jacinto, girasol, rosa e jasmim.

D. CLORIS

Viva o senhor doutor, eu quero as fumaças do Alecrim.

D. TIBURCIO

E morra o senhor doente: ai minha barriga !

D. FUAS

Se versos podem servir de textos, escute uns de um antagonista d'esse author a favor da Mangerona pelos mesmos consoantes:

Para vencer as flores quiz Amor
Settas de Mangerona fabricar:
Foi discreta eleição, pois soube achar
Quem soubesse vencer a toda a flor.

O jasmim desmaiou no seu candor,
A rosa começou-se a se espinhar,
No girasol foi culto o inclinar,
Ais o jacinto deu de inveja, e dor.

Entre as vencidas flores pôde ver
Retirar-se fugido o Alecrim,
Que Amor para vingar-se o quiz colher;

Cantou das flores o triumpho emfim,
Nem os despojos quiz, por não querer,
Jacinto, girasol, rosa, e jasmim.

D. NIZE

Viva o senhor doutor, eu quero o remedio da Mangerona.

D. LANSEROTE

Não cuidei que a Mangerona e Alecrim tinham taes virtudes. Vejamos agora o que diz o senhor doutor.

D. TIBURCIO

Que tenho eu com isso ? Senhores, v. m. vierão curar a mim ou ás raparigas ? Ai minha barriga !

SIMICUPIO

Callado estive ouvindo a estes senhores da escola moderna, encarecendo a Mangerona e Alecrim. Não duvida que *pro utraque parte* ha mui nervosos argumentos, em que os doutores Alecrinistas e Mangeronistas se fundão; e tratando Dioscorides do Mangeronismo e Alecrinismo, assenta de pedra e cal, que para o mal Cupidista são remedios inanes; porque tratando Ovidio do remedio *amoris* não achou outro mais genuino contra o mal Cupidista que o Malmequer, por virtude *sympatica*, *magnetica*, *diaforetica*, e *dioretica*, com a qual *curatur amorem*. Repetirei as palavras do mesmo Ovidio:

Essa, que em cacos velhos se produz
Mangerona miserrima sem flor,
Esse pobre Alecrim, que em seu ardor
Todo se abraza por sahir á luz;

Ainda que se vejam hoje a flux
Desbancar nas muralhas do amor,
Cuido, que ellas o bollo hão de repor,
Senão negro seja eu como um lapuz.

O Malmequer, senhores, isso sim,
Que é flor, quo desengana, sem fazer
No verde da esperanza amor sem fim.

Deixem correr o tempo, e quem viver
Verá que a Mangerona e o Alecrim
As plantas beijarão do Malmequer.

SEVADILHA

Viva, e reviva o senhor doutor, e já que é tão bom medico, peço-lhe me cure de umas dores tão grandes, que parecem feitiços.

SIMICUPIO

Dá cá as pulseiras. Ah perra, que te agarrei! Tu estás marasmodica, e impiamatica. Ah senhor, logo, logo, antes que se perpetue uma febre podre, é necessario, que esta rapariga tome uns simicupios.

SEVADILHA

Simicupios eu? E' cousa, que abomino.

SIMICUPIO

Eu desencarrego a minha consciencia, e não sou mais obrigado.

D. LANSEROTE

Ella não tem querer, ha de fazer o que v. m. mandar.

FAGUNDES

Eu tambem sou de carne, tenho annos, e tenho achaques.

SIMICUPIO

Pois cure-se primeiro dos annos, logo se curará dos achaques.

FAGUNDES

Não senhor, que este achaque não é annual é diario.

SIMICUPIO

Se fôra nocturno, não era máo. Pois que achaque é o seu senhora velha?

FAGUNDES

Que ha de ser? E' esta madre que me persegue.

SIMICUPIO

Hui, vossé com esses annos ainda tem madre? E o que será de velha a senhora sua madre! Filha, isso não é madre, é avó.

FAGUNDES

Talvez que por isso tão rabujenta me persiga. E que lhe farei, senhor doutor?

SIMICUPIO

A uma madre velha, que se lhe ha de fazer? Andar, ponha-lhe oculos e muletas, e deixe-a andar.

D. LANSEROTE

Isto aqui é um hospital, graças a Deos: só eu n'esta casa sou são como um pero, apesar de duas fontes e uma funda.

SIMICUPIO

O' ditoso homem, que vives sem males!

D. TIBURCIO

Senhores, o meu mal devia ser contagioso; porque depois da minha doença todos adoecerão. Ai minua barriga!

D. LANSEROTE

Pois em que ficamos?

SIMICUPIO

Senhor meu, fallando em termos, o doente sangre-se no pé; v. m. na bolsa; ás senhoras suas sobrinhas tres banhos; á moça simicupios; e á velha lancem-na ás ondas, que está damnada.

FAGUNDES

Ai que galante cousa!

D. CLORIS

Eu não quero mais remedio, que os fumos do Alecrim.

D. NIZE

E eu os de Mangerona.

SIMICUPIO

Não seja essa a duvida, ainda que não sou d'esse voto com-tudo cada um é senhor da sua vida, e se póde curar como qui-zer, lá vai a receita: (*canta Simicupio o seguinte*)

Si in medicinis
Te visitamos,
Non asniamus,
Sed de Alecrinis,
Et Mangeronis
Recipe quantum
Satis *aná*.

Credite mihi
Qui sum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.

XXIII

Frei Gaspar da Madre de Deus

Em seu *Annuario biographico* diz Joaquim Manuel de Macedo:

«Natural da provincia de S. Paulo, onde nasceu em 1714 na villa depois cidade de Santos, Gaspar que no claustro tomou o nome religioso de *Madre de Deus*, foi filho legitimo do coronel Domingos Teixeira de Azevedo e de D. Roza de Serqueira Mendonça, de familias nobres e ricas da então capitania.

Orphão de pae ainda em tenra idade, á sua zelosa e digna mãe deveu solícita educação até que aos dez-eseite annos desprezando a riqueza e a condição no-

bre que tantos gozos e grandezas lhe promettiam na terra, recolheu-se ao claustro Benedictino, e acompanhando o provincial frei Antonio da Trindade veio ao Rio de Janeiro e seguiu para a Bahia, onde com outros entrou no noviciado a 4 de agosto de 1731, sendo abbade no mosteiro frei João Baptista da Cruz, seu tio avô pelo lado materno.

Professou e seguiu severamente os estudos do mosteiro. A 10 de agosto de 1743 abriu como lente de theologia a sua aula: distinguio-se no magisterio, e não menos na tribuna sagrada; prégando muitas vezes de improviso e com admirada erudição e eloquencia.

Renunciou á abbadia em S. Paulo e o lugar de Definidor para o qual foi eleito em 20 de fevereiro de 1756.

Abbade do mosteiro do Rio de Janeiro durante dois annos e quatro mezes, governou exemplarmente. Fez guardar exacta observancia do seu instituto: zelou a pompa e esplendor das solemnidades do culto divino: deu todas as segundas-feiras jantar aos presos da ilha das Cobras; liberalisou aos pobres avultadas esmolas distribuidas com prudencia e cuidado, para que ellas coubessem aos mais necessitados; enriqueceu a bibliotheca do mosteiro com livros novos, e tomou habil conservador e encadernador para restaurar os livros velhos e estragados pela traça, e administrou habilmente os bens do mosteiro.

Eleito provincial na junta de 5 de agosto de 1768, a 6 do mesmo mez e anno declarou renunciar o lugar, e recolheu-se ao mosteiro de S. Paulo.

Escreveu no Rio de Janeiro, quando era abbade, a *Relação chronologica de todos os documentos do patrimonio do mosteiro*.

Em S. Paulo e depois de 1768 escreveu as *Memo-rias para a historia da capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, do Estado do Brazil*. Publicadas em 1797 de ordem da Academia Real das Sciencias;

e tambem a *Noticia dos annos em que se descobrio o Brazil e a Historia das Minas de S. Paulo e expulsão dos jesuitas*. Todas estas memorias encontram-se na *Revista do Instituto Historico*.

«Os trabalhos historicos de frei Gaspar da Madre de Deus, diz o conego Fernandes Pinheiro, recomendam-se pela escrupulosa exactidão com que expõe os factos, escudando-se sempre em valiosos documentos, de cuja genuidade não pôde restar a minima duvida. Seu estylo é fluente e despido d'ornatos, como convinha á natureza do assumpto; a linguagem da mais legitima vernaculidade.

XXIV

Claudio Manuel da Costa

A' noticia que já demos d'este admiravel poeta acrescentemos aqui apenas a sua inimitavel

FABULA DO RIBEIRÃO

Aonde levantado
Gigante, a quem tocára,
Por decreto fatal de Jove irado,
A parte extrema e rara
D'esta incul'a região, vive Itamonte,
Parto da terra, transformado em monte.

De uma penha, que esposa
Foi do invicto gigante,
Apagando Lucina a luminosa
Alampada brilhante,
Nasci: tendo em meu mal logo tão dura,
Como em meu nascimento, a desventura.

Fui da floren'e idade
Pela candida estrada
Os pés movendo com gentil vaidade;
E a pompa imaginada
De toda a minha gloria n'um só dia
Trocou de meu destino a aleivosia.

Pela floresta e prado
Bem polido mancebo,
Girava em meu poder tão confiado,
Que até do mesmo Phebo
Imaginava o throno peregrino
Ajoelhado aos pés do meu destino.

Não ficou tronco ou penha,
Que não dêsse tributo
A meu braço feliz, que já desdenha,
Despotico, absoluto,
As tenras flores, as mimosas plantas,
Em rendimentos mil, em glorias tantas.

Mas ah! Que amor tyranno
No tempo, em que a alegria
Se aproveitava mais do meu engano
Por aleivosa via
Introduzia cruel a desventura,
Que houve de ser mortal, por não ter cura.

Visinho ao berço caro,
Aonde a patria tive,
Vivia Eulina, este prodigio raro
Que não sei, se inda vive,
Para brazão eterno da belleza,
Para injuria fatal da natureza.

Tres lustros, todos d'oiro,
A gentil formosura
Vinha tocando apenas, quando o loiro,
Brilhante Deus procura
Accreditar do pae o culto attento,
Na grata acceitação do rendimento.

Mais formosa de Eulina
Respirava a belleza;
De oiro a madeixa rica e peregrina
Dos corações faz preza;
A candida porção da neve bella
Entre as rosadas faces se congela.

Mas inda que a ventura
Lhe foi tão generosa,
Permitte o meu destino que uma dura
Condição rigorosa,
Ou mais augmente emfim, ou mais atée
Tanto esplendor; para que mais me enlée.

Não sabe o culto ardente
De tantos sacrificios
Abrandar o seu nome: a dor vehemente,
Tecendo precipicios,
Já quasi me chegava a extremo tanto,
Que o menor mal era o mortal quebranto.

Vendo inutil o empenho
De render-lhe a fereza,
Busquei na minha industria o meu despenho:
Com ingrata destreza
Fiel de um roubo (oh misero delicto!)
A ventura de um bem, que era infinito.

Sabia eu como tinha
Eulina por costume,
(Quando o maior planeta quasi vinha
Já desmaiando o lume,
Para doirar de luz outro horizonte)
Banhar-se nas correntes de uma fonte:

A fugir destinado
Com o furto precioso,
Desde a patria, onde tive o berço amado,
Recolbi numeroso
Thesoiro, que roubara diligente
A meu pae, que de nada era sciente:

Assim pois prevenido
De um bosque a fonte perto,
Esperava o portento appetecido
Da nympha; e descoberto
Me foi apenas, quando (oh dura empreza!)
Chego; abraço a mais rara gentileza.

Quiz gritar; opprimida
A voz entre a garganta
Apollo? diz, Apoll . . a voz partida
Lhe nega força tanta:
Mas ah! Eu não sei como, de repente
Densa nuvem me põe do bem ausente.

Inutilmente ao vento
Vou estendendo os braços;
Buscar nas sombras o meu bem intento:
Onde a meus ternos laços . . !
Onde te escondes, digo, amada Eulina?
Quem tanto estrago contra mim fulmina?

Mas ia por deante,
Quando entre a nuvem densa
Apparecendo o corpo mais brilhante,
Eu vejo (oh dor immensa!)
Passar a bella nympha, já roubada
Do Numen, a quem fôra consagrada.

Em seus braços a tinha
O loiro Apollô preza
E já ludibrio da fadiga minha,
Por amorosa empreza,
Era despojo da deidade ingrata
O bem, que de meus olhos arrebatava.

Então já da paciencia
As redeas desatadas,
Toco de meus delirios a inclemencia:
E de todo apagadas
Do acerto as luzes, busco a morte impia,
De um agudo punhal na ponta fria.

As entranhas rasgando,
E sobre mim caindo,
Na funesta lembrança soluçando,
De todo confundindo
Vou á verde campina; e quasi exangue
Entro a banhar as flores de meu sangue.

Inda não satisfeito
O Numen soberano,
Quer vingar ultrajado o seu respeito;
Permittindo em meu damno,
Que em pequena corrente convertido
Corra por estes campos estendido.

E para que a lembrança
De minha desventura
Triumphe sobre a tragica mudança
Dos annos, sempre pura,
Do sangue, que exhalei, ó bella Eulina,
A côr inda conservo peregrina.

Porém o odio triste
De Apollo mais se accende;
E sobre o mesmo estrago que me assiste,
Maior ruina emprende;
Que chegando a ser impia uma deidade,
Excede toda a humana crueldade.

Por mais desgraça minha,
Dos thesoiros preciosos
Chegou noticia, que eu roubado tinha,
Aos homens ambiciosos,
E crendo em mim riquezas tão estranhas,
Me estão rasgando as miseras entranhas.

Polido o ferro duro
Na abrazadora chamma
Sobre os meus hombros bate tão seguro,
Que nem a dor, que clama,
Nem o esteril desvelo da portia
Desengana a ambiciosa tyrannia.

Ah mortaes ! Até quando
Vos cega o pensamento !
Que machinas estaes edificando
Sobre tão louco intento.
Como nem inda no seu reino immundo
Vive seguro o Bárathro profundo !

Idolatrando a ruina
Lá penetraes o centro,
Que Apollo não banhrou, nem viu Lucina;
E das entranhas dentro
Da profanada terra
Buscaes o desconcerto, a furia, a guerra.

Que exemplos vos não dita
Do ambicioso empenho
De Polidoro a misera desdita !
Que perigos o lenho,
Que entregastes primeiro ao mar salgado,
Que desenganos vos não tem custado !

Emfim, sem esperança,
Que allivios me permitta,
Aqui chorando estou minha mudança;
E a enganadora dita,
Para que eu viva sempre descontente,
Na muda fantazia está presente.

Um murmurar sonoro,
Apenas se me escuta;
Que até das mesmas lagrimas, que choro,
A deidade absoluta
Não consente ao clamor, se force tanto,
Que mova a compaixão meu pranto.

D'aqui vou descobrindo
A fabrica eminente
De uma grande cidade; aqui polindo
A desgrehada frente,
Maior espaço occupo dilatado,
Por dar mais desafogo a meu cuidado.

Não se escuta a harmonia
Da temperada avena
Nas margens minhas; que a fatal porfia
Da humana séde ordena,
Se attenda apenas o ruído horrendo
Do tosco ferro, que me vae rompendo.

Porém se Apollo ingrato
Foi causa d'este enleio,
Que muito, que da Musa o bello trato
Se ausente de meu seio,
Se o Deus, que o temperado coro tece,
Me foge, me castiga, e me aborrece!

Emfim sou, qual te digo,
O Ribeirão presado,
De meus engenhos a fortuna sigo:
Comigo sepultado
Eu choro o meu despenho: elles tem cura
Choram também a sua desventura.

XXV

Frei José Marianno da Conceição Velloso

Em suas *Notas bibliographicas* publicadas por occasião da Exposição de Historia do Brazil, em 1881 na Bibliotheca Nacional, escreveu o sr. Felix Ferreira a respeito d'este notabilissimo sabio brasileiro:

Frei José Marianno da Conceição Velloso, franciscano da provincia da Conceição do Rio de Janeiro, nasceu na villa de S. José, comarca do Rio das Mortes, na provincia de Minas, em 1732, segundo uns, ou 1742, segundo outros com melhores fundamentos.

Foi para Portugal em companhia de Luiz de Vas-

concellos e Souza, quando este se retirou do governo do Brazil; chegado a Lisboa, foram desde logo aproveitadas as suas aptidões, confiando-se-lhe a direcção da antiga *Typographia calcographica, typoplastica e litteraria* do Arco do Cêgo, creada em 1800. Sendo este estabelecimento depois incorporado à *Régia officina typographica*, passou frei Velloso a director litterario da mesma officina conjuntamente com Custodio J. de Oliveira, J. J. da Costa e Sá e Hyppolito José da Costa Pereira.

Na direcção d'esses estabelecimentos foi que o nosso compatriota prestou alguns bons serviços ao famoso Bocage, tirando-o da vida erradia em que andava e encarregando-o de algumas traducções, pelas quaes recebia o poeta certos proventos, que muito melhoraram a sua precaria situação.

Em remuneração aos serviços prestados a essas officinas e não menos como galardão a seus altos meritos intellectuaes, foi Velloso agraciado por D. João VI com a graduação de padre ex-provincial da sua provincia e uma pensão de 500\$000.

Voltando aos lares patrios acompanhando a familia real, frei José Marianno dedicou-se ainda a alguns trabalhos botanicos, até que a morte o surpreendeu n'esta cidade a 14 de julho de 1811, como dá Innocencio, ou a 13 de junho, como escreveu J. M. de Macedo em seu *Annuario Biographico*?

O nome de frei José Marianno liga-se a mais de cincoenta publicações, cuja maior parte sahiram de sua penna, umas originaes, outras traduzidas, mas todas de merecimento e da maior utilidade publica, pois foi este constantemente o principal objectivo do illustre publicista. Tudo quanto dava á luz era sempre em bem da instrucção popular, dos adiantamentos das sciencias, das artes e principalmente da agricultura.

No numero d'estas ultimas figura o excellente *Fazendeiro no Brazil, melhorado na economia rural dos*

generos já cultivados e de outros que se podem introduzir, etc.—Lisboa de 1790 a 1806, em 8.º grande, 11 volumes.

Obra preciosa, ornada de estampas e rica de subsídios ainda hoje muito aproveitáveis. A parte publicada, pois a obra não proseguiu por ter o auctor vindo para o Brazil, occupa-se em secções distinctas:—*I Da cultura da canna e factura do assucar* (2 volumes)—*II Do leite, queijo e manteiga* (1 volume)—*III Tinturaria* (3 volumes)—*IV Bebidas alimentosas* (3 volumes)—*V Especiarias* (1 volume)—*VI Filatura* (1 volume).

São também dignos de nota:

Diccionario Brazilião e Portuguez — 2.ª parte.

A primeira parte d'este trabalho foi impressa em Lisboa em 1795, sob o titulo—*Diccionario portuguez e brazilião, obra necessaria aos ministros do altar, que emprehenderem a conversão de tantos milhares de almas que ainda se acham dispersas pelos vastos sertões do Brazil sem o lume da fé, e baptismo, etc.* (11,479) in-3.º

—*Aviario brazilico ou galeria ornithologica das aves indigenas do Brazil.* Lisboa, 1800, 4.º

—*Descripção de varios peixes do Brazil.* Em latim.

Finalmente:—*Floroe Fluminensis, seu descriptionum palantarum Proefectura Fluminensis sponte nascentium, etc.*—Texto original, codice em 3 vols.—Estampas 11 vols. in-fol.

—*Floroe Fluminensis, seu descriptionum, etc.*—Flumine Januario ex-Typ. Nationali, 12 vols. em 7, in-fol., sendo o 1.º de texto.

—*Floroe Fluminensis icones.*—Pausis, ex-Lith. Se-nefelder—1827 11 vols. in-fol.

—*Index methodicus inconorum floroe fluminensis.*—Table alphabetique de la Flora—(Paris, 1827), fol.

Em Lisboa, havia frei José Marianno procurado dar á estampa a sua Flora, á custa do Estado, e o governo portuguez parece que não se recusára a isso, pois

chegou-se a começar a gravura das estampas, conforme testemunha o seguinte trecho de uns papeis officiaes de Portugal:

«No dia 29 de agosto de 1808, diz um officio dirigido pela administração da imprensa régia ao governo portuguez, pouco depois do meio dia apresentou-se (n'este estabelecimento) Mr. Geoffroy St. Hilaire com uma ordem de s. ex.^a o sr. duque de Abrantes, datada de 1 de agosto, ordenando que se lhe entregasse 554 chapas pertencentes á *Flora do Rio de Janeiro*, de que era auctor frei José Marianno da Conceição Velloso, as quaes se entregaram e levou comsigo na mesma sege em que veio.»

Interrompida a publicação pela retirada do auctor para o Brazil, conservou-se a obra inedita por espaço de 35 annos, até que por ordem de D. Pedro I fez-se em Pariz a impressão dos 11 volumes de estampas que acima citamos, e na Typographia Nacional os sete de texto, tambem citados, mas ainda d'esta vez a obra de frei Velloso não logrou ser publicada de todo. Os numerosos exemplares das estampas jazeram, por muitos annos nas lojas da Secretaria da Justiça, até que um personagem, muito conhecido no mundo scientifico, pediu-as e obteve-as do Estado para... fabricar com ellas papelão. E' certo que o Estado tambem já por sua vez as utilisava, na Academia das Bellas Artes, para os alumnos esboçarem no reverso das folhas, que ahi se distribuiam em profusão.

Assim se desbarataram esses exemplares que custaram aos cofres publicos algumas centenas de contos de réis.

Do texto, quer da parte impressa, quer manuscrita, acaba o Museu Nacional de fazer uma nova e completa edição, constituindo os numeros 1, 2, 3 e 4 dos *Archivos*, correspondentes ao anno de 1880 e formando um volume in-fol. de 467 paginas.

Precede o trabalho, cuidadosamente revisto, um bem

elaborado prologo do digno director do Museu, o sr. dr. Ladisláu Netto, a quem pedimos venia para aqui transcrever em parte a sua mui competente opinião, a respeito da *Flora* de Velloso.

«Notaveis lacunas, incorrecções frequentes encontram-se, é certo, ao longo de todo o trabalho que ahi vae exposto; mas que varonil coragem ou que robusto espirito, dos que a esse tempo mais se avantajaram no velho continente, houvera bastado a supplantar tamanhas difficuldades e tão numerosos tropeços;—difficuldades d'aquelle tempo e d'esse estado de remota colonia que era este imperio, tropeços devidos ao segregamento em que vivia aquelle religioso de tudo quanto mais util lhe era ao trama e remate de uma obra de tal folego? Se actualmente tão avultados vemos os obices em que se acha o botanico dedicado á phytologia systematica, fóra dos grandes herbarios e longe dos centros consultivos europeus, que um só, — o sr. A. Grey, abstrahido de taes recursos, pôde occupar-se da *Flora* do seu paiz, sem commetter as faltas que outros não menos competentes não alcançaram evitar, em relação ás *Floras* asiatica e africana, que muito é que houvesse incorrido em alguns equivocos ou perdoaveis descuidos o botanico brasileiro, sem relações com os seus collegas da Europa, sem o exame dos herbarios ali depositados e em uma época em que todo o vasto imperio do Brazil, então simples colonia portugueza, vedado se achava ao passo dos estrangeiros? Razões de tamanha monta deveriam ter, de certo, pesado no animo do illustre naturalista, o sr. Affonso de Candolle, para soffrear-lhe a ironica asserção com que se refere aos generos indevidamente creados por Velloso.

«Ao incansavel botanico brasileiro, nem sequer foi permittido o gozo de presidir a impressão do seu trabalho, durante o qual mui provavelmente elle o houvera espongido dos senões a que acima me referi, e

esclarecido e completado muitos pontos deficientes ou obscuros que ahí se notam.»

.....
 «E basta para isso advertirmos que o systema lineano adoptado por Velloso e geralmente acceito quando elle escreveu a *Flora Fluminensis*, já estava de ha muito no seu occaso pelo anno em que se imprimiu este manuscrito.»

XXVI

Thomaz Antonio Gonzaga

Ao que dissemos sobre a vida e obras d'este tão sonoro e quão infeliz poeta só aqui acrescentaremos algumas das suas mimosas lyras:

PARTE II — LYRA 1.ª

Já não cinjo de louro a minha testa,
 Nem sonoras canções o Deus me inspira:
 Ah! que nem me resta
 Uma já quebrada,
 Mal sonora Lyra!

Nas n'este mesmo estado, em que me vejo,
 Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:
 Cumpro o seu desejo;
 E ao que resta supra
 A paixão e a arte.

A fumaça, Marilia, da candéa
 Que a molhada parede ou suja, ou pinta,
 Bem que tosca, e féa,
 Agora me póde
 Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:
Elle me diz, que faça do pé de uma
 Má laranja ponta,
 E d'elle me sirva
 Em logar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo;
Verás, Marilia, uma idéa nova:
 Sim, eu já te escrevo,
 Do que esta alma dicta
 Quando amor approva.

Quem vive no regaço da ventura
Nada obra em te adorar, que assombro faça:
 Mostra mais ternura
 Quem te estima e morre
 Nas mãos da desgraça.

N'esta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos,
 A testa formosa,
 Os dentes nevados,
 Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentes
 D'essa bocca linda
 Nos ares espalham
 Suspiros arden'es.

Se alguém me perguntar, onde eu te vejo,
Responderei: *No peito*, que uns amores
 De casto desejo
 Aqui te pintarão
 E são bons pintores.

Mal meus olhos te viram, ah! n'essa hora
Teu retrato fizeram, e tão forte,
 Que entendo, que agora
 Só póde apagal-o
 O pulso da morte.

Isto escrevia, quando, ó Ceus, que vejo!
Descubro a ler-me os versos o deus louro:
 Ah! dá-lhes um beijo,
 E diz-me que valem
 Mais que lettras de ouro.

PARTE II — LYRA 38.^a

Eu vejo aquella Deosa,
Astréa pelos sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada:
O vel-a não me causa um leve abalo,
Mas antes atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe fallo:

Qual é o povo, dize,
Que comigo concorre no attentado?
Americano povo!
O povo mais fiel e mais honrado!
Tira as praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submette
De novo à sugeição do luso throno.

Eu vejo nas historias
Rendido Pernambuco aos hollandezes;
E vejo saqueada
Esta illustre cidade dos francezes;
Lá se derrama o sangue brasileiro;
Aqui não basta, supre
Das roubadas familias o dinheiro...

Emquanto assim fallava,
Mostrava a Deosa não me ouvir com gosto;
Punha-me a vista teza,
Enrugava o severo e acceso rosto:
Não suspendo comtudo no que digo;
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo, e assim prosigo:

Acabou-se, tyranna,
A honra, o zelo d'este luso povo?
Não é aquelle mesmo,
Que estas acções obrou, é outro novo?
E póde haver direito, que te mova
A suppor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas um homem,
Ou por seu nascimento, ou seu thesouro,

Que aos outros mover possa
A' força de respeito, á força d'ouro?
Os bens de quantos julgas rebellados
Podem manter na guerra.
Por um anno sequer, a cem soldados?

Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha uma acção d'estas
Nas mãos d'um pobre, sem respeito, e louco?
E quando a commissão lhe confiasse,
Não tinha pobre somma,
Que por paga, ou esmola, lhe mandasse!

Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia;
Ir-se-iam buscar socios
Na Colonia tambem, ou na Bahia?
Está voltada a côrte brasileira
Na terra dos suissos,
Onde as potencias vão erguer bandeira?

O mesmo auctor do insulto
Mais a riso, do que a terror me move;
Deu-lhe n'esta loucura,
Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.
A prudencia é tratál-o por demente,
Ou prendel-o, ou entregal-o
Para d'elle zombar a moça gente.

Aqui, aqui a Deosa,
Um extenso suspiro aos ares solta;
Repete outro suspiro,
E sem palavra dar as costas volta.
Tu te irritas! lhe digo, e quem te offende?
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim; socega, attende.

E tinha que offertar-me
Um pequeno, abatido, e novo Estado,
Com as armas de fóra,
Com as suas proprias armas consternado!
Achas tambem, que sou tão pouco esperto,
Que um bem tão contingente
Me obrigasse a perder um bem já certo?

Não sou aquelle mesmo,
Que a extincção do debito pedia ?
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegria ria ?
Um direito arriscado eu busco, e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto, e todo o meio ?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida ?
Que a fortuna risonha
A mais formosos campos me convida ?
Não me uniria, se os houvesse, aos vis traidores;
D'aqui nem ouro quero:
Quero somente levar os meus amores.

Eu, ó cega, não tenho
Um grosso cabedal dos paes herdado:
Não o recebi no emprego,
Não tenho as instrucções d'um bom soldado.
Far-me-iam os rebeldes o primeiro
No imperio que se erguia
A' custa do seu sangue, e seu dinheiro ?

Aqui, aqui de todo
A Deosa se perturba, e mais se altera;
Morde o seu proprio beijo;
O sitio deixa, nada mais espera.
Ah! vae-te, então lhe digo, vae-te embora;
Melhor, minha Marilia,
Eu gastasse contigo mais esta hora.

XXVII

Antonio de Moraes Silva

Natural da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu entre os annos de 1750 e 1760 Antonio de Moraes Silva estudou alguns preparatorios na mesma cidade,

e passou logo a Coimbra, em cuja universidade tomou o gráu de bacharel formado em leis.

Informa Warnhagen na biographia d'este illustre brasileiro, que Antonio de Moraes Silva se apresentára na universidade, pronunciando e fallando muito incorrectamente o portuguez, e tantas zombarias soffrera por isso dos collegas que protestára vingar-se d'elles do modo o mais digno é terminante; que desde então se dera ao mais aturado e severo estudo dos classicos portuguezes, tornando-se em breve tão notavel conhecedor e manejador da lingua que se divertia a dar quinãos e lições aos que d'elle tinham zombado, e tambem a apontar os erros dos proprios mestres eivados da mania dos gallicismos. Bacharel formado, seguiu Moraes para Londres, e o mesmo biographo citado diz que ignora como e porque motivo.

Em seus manuscriptos doados ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro ao lembrar «*Distinctos e Literatos cidadãos do Rio de Janeiro,*» Balthazar da Silva Lisboa em ligeirissima menção que faz de Antonio Moraes da Silva, informa que elle *para evitar a perseguição do Tribunal do Santo Officio fugira para França.*

Se isto é exacto, Moraes não se demorou muito em França, como aliás erradamente o diz B. da Silva Lisboa; porque em Londres foi que residio por algum tempo, merecendo a protecção do visconde de Balsemão: ali familiarisou-se com a lingua ingleza, da qual traduziu a *Historia de Portugal* publicada em Lisboa em 1788.

Moraes traduziu do francez então ou mais tarde as —*Recreações do homem sensivel* de Arnaud, e n'esta, como n'aquella traducção provou seus profundos conhecimentos da lingua vernacula.

Mas no anno de 1789 a officina de Simão Thaddeo Ferreira em Lisboa publicou a primeira edição do *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Antonio de Moraes

Silva que levantou n'essa obra o monumento de sua gloria.

Durante quasi um seculo nenhum lexicographo portuguez poude disputar-lhe a palma, embora tivesse senões o seu Diccionario.

Antonio de Moraes Silva apparece depois na carreira da magistratura despachado para o Brazil, e n'ella *servio*, dizem, segundo affirma Innocencio Francisco da Silva no seu Diccionario Bibliographico Portuguez, o cargo de desembargador na *Relação da Bahia*, quando por motivo de desgosto que teve com o chanceller, resignou o logar e retirou-se para Pernambuco. Balthazar da Silva Lisboa no seu artigo manuscripto já citado diz que elle era na Bahia *juiz de fóra*, e não quiz continuar na magistratura.

O certo é que Moraes retirou-se para Pernambuco, adquiriu propriedades, teve um *engenho* de assucar, foi coronel de milicias de Moribeca, e o governo deu-lhe a patente de capitão-mór do Recife.

No seu *Engenho Novo de Moribeca* acabou de compor aos 15 de julho de 1802 o seu *Epitome da grammatica da lingua portugueza* publicada pela primeira vez em Lisboa na officina de Thaddeo no anno de 1806.

O grande lexicographo já sexagenario e em seu doce retiro do *Engenho Novo da Moribeca* foi surprehendido a 7 de março de 1817 pela nomeação de membro do conselho do governo republicano organizado pelos chefes da revolução prorompida e victoriosa n'esse dia.

O velho Antonio de Moraes Silva mostrou-se em Olinda sómente para agradecer; mas não acceitar esse testemunho de consideração e de estima publica. Completamente estranho ao movimento revolucionario apenas lamentou em seu respeitado retiro os horriveis excessos do governador Luiz do Rego, e da alçada ainda mais cruel na reacção violentissima e barbara da auctoridade legal, triumphante e esmagadora.

Antonio de Moraes Silva, o lexicographo portuguez, falleceu no seu *Engenho Novo de Moribeca*, quasi tão só, e tão ignorado, tão despercebidamente, que nem se sabe ao certo a data do seu passamento.

Foi homem distincto imminente na primeira fila dos representantés da civilisação do seu tempo no mundo portuguez, ninguém pôde ainda hoje negar-lhe a merecida gloria de primeiro lexicographo da lingua portugueza.

XXVIII

Alexandre Rodrigues Ferreira

Nas suas *Notas Bibliographicas* escreveu tambem a respeito d'este botanico illustre o sr. Felix Ferreira o seguinte :

O dr. Alexandre Rodrigues Ferreira nasceu na cidade da Bahia aos 27 de abril de 1756. Destinado por seu pae á carreira ecclesiastica, tomou ordens menores aos doze annos, e, seguindo para Lisboa afim de fazer estudos superiores, matriculou-se no curso juridico em Coimbra ; obedecendo, porém, ao irresistivel pendor que sentia para as producções da natureza, passou-se para o curso de philosophia e n'elle doutorou-se, tendo já dois annos de exercicio gratuito de demonstrador de historia natural.

Estava-lhe reservada uma cadeira na faculdade de seu doutoramento, mas, querendo o governo portuguez conhecer as riquezas naturaes da parte menos explorada do Brazil, as margens do Amazonas, ordenou ao dr. Domingos Vandellh, primeiro cathedratico da faculdade de philosophia, que lhe indicasse *um individuo que aos preciosos conhecimentos juntasse as qualidades necessarias paraprehender uma viagem philosophica,*

e d'ella colher taes resultados, que preenchessem cabalmente as intenções do governo. O dr. Vandelli, depois de ter consultado por sua vez a congregação, propoz Alexandre Rodrigues Ferreira, que foi desde logo nomeado.

Por circumstancias desconhecidas do biographo que temos presente, demorou-se o dr. Ferreira cinco annos ainda em Portugal; mas esses cinco annos foram aproveitados em varias e importantes commissões, das quaes deu elle sempre a mais honrosa conta, valendo-lhe essas provas de sua capacidade o ser nomeado socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

No mez de setembro de 1783 fez-se Alexandre Rodrigues Ferreira á vela, chegando á capital do Grão Pará em outubro do mesmo anno.

«Longo seria, diz o seu biographo, acompanhar passo a passo o nosso philosopho em toda a sua viagem. O sertão do Pará e Rio Negro, o Rio Branco, o Madeira, o Guaporé, a Serra de Cuannurú, Mato Grosso e Cuyabá, nada se evadiu ás investigações do dr. Ferreira; nem aquelle espirito infatigavel se contentava com estudar os productos da natureza, tambem lançava mão da penna para defender os direitos da corôa portugueza ao territorio invadido pelos hespanhoes, para descrever as enfermidades proprias de Mato Grosso e para historiar a nascente civilisação dos Muras.»

Dez annos consumiu o eminente naturalista no desempenho d'essa commissão, unica que lhe coube de tal genero, mas que lhe foi de sobra para legar á posteridade a copiosa herança que por ahi tem andado malbaratada e que só agora podemos na Exposição admirar tantos e tão valiosos trabalhos juntos afinal, ainda que momentaneamente, aos nossos olhos, para que córassemos de pejo pela ignorancia em que viviamos da existencia de semelhantes thesouros.

Voltando ao Pará, permaneceu Alexandre Ferreira nove mezes em Belem, não na ociosidade, que não a comportava seu genio laborioso e activo, mas desempenhando o encargo de vogal nas juntas da fazenda e da justiça, para o qual o nomeára o governador.

Foi n'essa época que se casou o illustre naturalista, e a historia d'este consorcio é tão original que não nos podemos furtar ao desejo de aqui transcrevel-a.

Chegando o dr. Ferreira ao Pará, diz Costa e Sá no panegyrico lido em sessão da Academia Real de Sciencias, na volta da sua viagem, ponderou-lhe o capitão Luiz Pereira da Cunha, que tinha remettido, conforme suas ordens, os productos da sua viagem para Lisboa, mas que se achava, por isso, no desembolso de tal quantia, que com ella poderia dotar uma filha.

«—Isso não servirá de embaraço a seu casamento, retorquiui-lhe Ferreira com a sua natural bondade; eu serei quem receba essa sua filha por mulher»; e assim o fez, casando a 26 de setembro de 1792.

Regressando a Lisboa, foi nomeado official da secretaria d'estado dos negocios da marinha, no anno seguinte dispensado d'esse encargo para exercer o de vice-director do Real Jardim Botanico e posteriormente administrador das reaes quintas de Queluz, Caxias e Bemposta e deputado da Junta do Commercio. Como unica distincção honorifica teve o habito de Christo.

O tempo que lhe ficava de suas multiplas occupações officiaes, empregava Alexandre Ferreira em pôr por ordem os seus valiosissimos trabalhos, procurando ao mesmo tempo corrigil-os de accordo com as ideias correntes da sciencia, de cujos progressos o segregaram os dez annos de suas peregrinações pelo norte no Brazil; a falta de meios, porém, para dar á publicidade esses fructos de seu labor, e com os quaes a consciencia assegurava-lhe invejavel renome, o abandonou em que o deixava o governo e talvez o desdém ou inveja de contemporaneos, acarretaram-lhe tão pro-

funda melancolia, que, como a planta á falta de luz e ar, foi-se estiolando aquella preciosa existencia até de todo finar-se a 23 de abril de 1845.

O extenso catalogo dos estimaveis escriptos d'este illustre naturalista, não o comportam as estreitas dimensões d'estas paginas. O Instituto Historico deu-o no anno de 1840 no volume II da sua *Revista*, tal como lhe foi fornecido pela Acadmia Real das Sciencias.

De todos esses trabalhos apenas tres até o presente têm visto a luz da publicidade nas paginas da *Revista* do Instituto Historico, são elles: 1.º *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte, pela corôa portugueza*, Rev., vol. III pag 363; 2.º *Descripção da gruta do inferno*, idem, vol. IV pag. 163; 3.º *Viagem á gruta das onças*, idem, vol. XII pag. 87.

Na *Corographia historica* do sr. dr. Mello Moraes encontram-se tambem longos extractos de algumas das obras de Ferreira.

A Bibliotheca Nacional expoz cerca de 40 trabalhos, uns autographos, outros cópias authenticas e outros ainda reproducções manuscriptas ou duplicadas de memorias tambem expostas.

Parece que o douto escriptor previa a dispersão que haviam de ter os seus escriptos, quando tão pacientemente os passava a limpo, copiava-os uma e mais vezes, quer por sua propria mão, quer por estranhas, emendava com sua lettra as reproducções dos copistas e rubricava-as, para que dos naufragios successivos d'essa dispersão se reconhecessem quaes os salvados de legitima procedencia.

Dos manuscriptos expostos, chamam particularmente a nossa attenção:

—*Inventario de todos os productos naturaes e artificiaes*; instrumentos, livros, moveis, utensis, etc., do Gabinete de historia natural, Jardim Botânico e casas annexas, etc., do Museu da Ajuda. Codice volumoso e bastante interessante, pois dá noticia de tudo quanto

possuiam em 1794 aquelles estabelecimentos, indicando os productos naturaes e artificiaes do Brazil, que ali existiam igualmente.

— *Observações geraes e particularès, sobre a classe dos mamães observados nos territorios dos tres rios, dos Amazonas, Negro e do Madeira, etc.* «Precedida de uma extensa e bem elaborada introducção, em que trata da constituição physica, moral, espirital e politica dos indigenas brazilicos da região amazonica e dá numerosas noticias historicas, geographicas e ethnographicas e até bibliographicas sobre o Brazil.»

— *Relação dos animaes quadrupedes, sylvestres, que habitam nas mattas de todo o continente do Estado do Grão Pará.* Codice original.

— *Memorias sobre as tartarugas; sobre os jacarès, sobre o peixe pirá-urucú; sobre o peixe-boi, etc., originaes, 6, codices, autographos e cópias.*

Cerca de vinte memorias importantes sobre as raças, usos, costumes, religião, agricultura e industria dos indigenas semi-civilisados e selvagens, que habitavam as margens exploradas pelo nosso naturalista.

Memorias sobre as madeiras do Brazil, que servem para as canóas tanto dos Indios como dos Mazombos do Estado do Grão-Pará: que servem para casas, para obras de marceneria; cascas para o cortume de couros; sobre a casca do Guambé-Cima applicada á cordoaria; sobre as palmeiras cujas folhas servem para cobrir casas, etc.

— *Memorias sobre as salinas do Cunha; trazendo no fim uma nota sobre as minas de sal de Jaurú.*

— *Relação circumstanciada das amostras de ouro, remetidas ao Real Gabinete de Historia Natural.*

Nada escapou ás doudas investigações do sabio explorador, tudo foi por elle visto, examinado, avaliado, analysado e descripto.

As obras de Alexandre Rodrigues Ferreira são como que o grande inventario, o mais verdadeiro, mais

completo, mais exacto dos inexauriveis thesouros que, com razão, dizia o padre João Daniel havel-os descoberto no Amazonas.

Acompanham essas obras as mais bellas collecções de estampas, encadernadas em volumes separados, representando quadrupedes, aves, amphybios, peixes, armas, instrumentos musicaes, mecanicos, vestidos, ornatos e utensilios domesticos dos indigenas, etc. O interior de suas habitações, sua architectura, modo de preparar as bebidas, de fabricar as redes, de envenenar as armas, etc.

O volume sob o n.º 19,220 é uma verdadeira preciosidade, quer sob o ponto de vista da historia e da ethnographia, quer sob o ponto de vista artistico, pois os desenhos são de irreprehensivel correcção e admiravel nitidez.

O frontespicio é uma bella allegoria, representando a chegada de Ferreira ás plagas brasileiras; de um lado desenrolam duas indigenas um mappa do curso do Amazonas, que o explorador examina com curiosidade; de outro um mascate expõe suas mercadorias aos indios cheios de pasmo; ao fundo avistam-se os navios e no alto ostenta-se o busto de D. João VI em uma graciosa moldura. E' uma pagina cheia de animação e de vida, de um desenho que denuncia mão de mestre.

Sob o numero 19,221 expõe-se um volume de 243 folhas, contendo, além dos desenhos de animaes e gentios, vistas de cidades, villas, logares, povoações, fortalezas, edificios, rios, cachoeiras, etc. E' um dos volumes mais preciosos da collecção das obras de Ferreira e do mais alto valor para a historia topographica do Pará.

XXIX

Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas

Seja-nos permittido aqui transcrever mais d'este
egregio cantor sacro a sua afamada ode

A immortalidade da alma

Porque choras, Fileno? Enxuga o pranto
Que rega teu semblante, onde a amizade
De seus dedos gravou o terno toque.
Ah! não queiras cortar minha esperança,
E de der embeber minha alegria.

Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os frouxos membros,
Nos abysmos do nada inexcrutaveis
Vae de todo afogar minha existencia?
E' outro o meu destino, outra a promessa
Do espirito que em mim vive e me anima.

A horrenda sepultura
Conter não póde a luz brilhante e pura,
Que soberana rege o corpo inerte...
Não descobres em ti um sentimento
Sublime e grandioso, que parece
Tua vida estender além da morte?
Attenta... escuta bem... Olha... examina...
Em ti deve existir: eu não te engano...
Tu me dizes que existe... Ah! meu Fileno

Como é doce a lembrança
D'essa vida immortal em que, banhado
De inefavel prazer, o justo gosa
Do seu Deus a presença magestosa!

Desperta, ó morte:
Que te detem?
Teu cruel braço
Esforça e vem.

Vem, por piedade,
Já transpassar-me
E avisinhar-me
Do Summo Bem.

E queres que eu prefira
Humanos passatempos ao momento,
Em que raia a feliz eternidade ?

Um Deus de amor m'inflamma:
E já no peito meu mal cabe a chainma
Que docemente o coração me abraza.
Eu voo por elle: elle só póde
Minha alma, sequiosa do infinito,
De todo saciar: este desejo

Me torna saboroso
O calix que tu julgas amargoso.
Fileno, doce amigo, a mão estende,
A minha aperta: não te assuste o vel-a
De mortal frio já passada e languida.

Mais duravel que a vida,
E' da amisade a teia delicada,
Se a virtude a teceu... Em fim, ó morte,
Tu me mostras a foice inexoravel.
Amarga este momento: eu não t'o nego,
Meu amante Fileno: a voz já preza

Sinto faltar-me; o sangue
Nas veias congelar-se; pelo rosto
Me cae frio suor; a luz mal posso
Das trevas distinguir; e suffocado

O coração desmaia.
Vem, immortalidade—vem, ó grande,
Sublime pensamento,
Adoçar o meu ultimo momento.

O' Nume infinito,
Que aspiro a gosar,
O meu peito afflicto
Enche de valor.

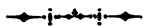
Suave esperança
De sorte melhor,
Quanto d'este instante
Adoças o horror !

FIM.

Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão.....	399
Frei Manoel de Santa Maria Itaparica	401
Antonio José da Silva.....	405
Frei Gaspar da Madre de Deus	412
Claudio Manoel da Costa.....	414
Frei José Marianno da Conceição Velloso	420
Thomaz Antonio Gonzaga.....	425
Antonio de Moraes Silva.....	429
Alexandre Rodrigues Ferreira.....	432
Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas.....	438



BERLA COTRIM & C.^{IA}



CASA DE COMMISSÕES PARA A EUROPA
CAFÉ, ETC.

12 A, BENEDICTINOS, 12 A

COMPANHIA

DE

SEGUROS MARITIMOS

E

TERRESTRES



◀ NOVA PERMANENTE ▶



CAPITAL 4.000:000\$000

ESCRITORIO

35, Rua Primeiro de Março, 35

RIO DE JANEIRO

A NOVA-YORK

COMPANHIA MUTUA DE SEGUROS DE VIDA

DOS

ESTADOS-UNIDOS DA AMERICA

CAPITAL

Cerca de cento e quarenta e dois mil contos

RENTA ANNUAL

CERCA DE TRINTA E CINCO MIL CONTOS

FUNDADA EM 1845

39 ANNOS DE PROSPERIDADE

Desde a sua fundação até o 1.º de Janeiro deste anno,
a historia d'esta companhia
resume-se nos seguintes factos :

Acceitou	Cento e oitenta e seis mil segurados.
Recebeu de prestações cer- ca de.....	Trezentos mil contos de réis.
Pagou por fallecimento de segurados cerca de.....	Setenta e dois mil contos de réis.
Pagou por dotações, pen- sões, premios devolvi- dos, dividendos.....	Cento e treze mil contos de réis.

NO BRAZIL TEM PAGO AOS HERDEIROS
DOS SEGURADOS SEGUINTE :

Joseph Norris, Gustave Masset, Victor Scheitlin,
C. A. A. Dorhmann, Gustavo Wedekind, no Rio de
Janeiro; João José de Freitas Guimarães, Dr. Can-
dido Quirino Bastos, José João Ribeiro, José Rodri-
gues de Souza, José Amando Mendes, Pará; José
Soares Pereira, Bahia; Tito Antonio da Rocha, Ceará;
Paulo Emilio Willmersdorf, Santos.

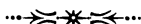
31, RUA DO HOSPICIO. 31

DEPOSITO
DE
VINHOS ESPECIAES

E DE OUTROS
PRODUCTOS NACIONAES E ESTRANGEIROS



Teixeira Bastos & Geraldles



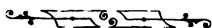
CASA IMPORTADORA DE GENEROS Á COMMISSÃO
E CONSIGNAÇÃO

73, RUA DE S. PEDRO

Caixa de Correio, n.º 765

RIO DE JANEIRO

Veiga, Pinto & C.



MOLHADOS POR ATACADO

E
COMMISSÕES



26, Rua de S. Pedro, 26

RIO DE JANEIRO

GABINETE CIRURGICO-DENTARIO
DE
LUIZ JOSÉ CARDOZO
CIRURGIÃO DENTISTA

Approvado plenamente pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Membro fundador do instituto de cirurgiões dentistas da mesma cidade, etc.

EMPRESA BRAZILEIRA
DE
FABRICAÇÃO DE GELO

53, 55, 57, Rua de Santa Lucia, 53, 55, 57

RIO DE JANEIRO

A maior fabrica do mundo com deposito permanente superior a um milhão de kilos.

Vendas por atacado e a retalho tanto na fabrica como nos depositos da cidade e suburbios.

RETRATOS DE PORCELLANA

A 5\$000 RÉIS A DUZIA

Na antiga e bem conhecida photographia de J. M. ARGUELLES á rua da Carioca, n.º 72: continua-se a tirar retratos em porcellana a 5\$000 a duzia, trabalho garantido de primeira ordem.

J. M. ARGUELLES — PHOTOGRAPHO

72, RUA DA CARIOCA, 72

Acme

Bookbinding Co., Inc.
300 Summer Street
Boston, Mass. 02210



3 2044 055 058 135

THE BORROWER WILL BE CHARGED
THE COST OF OVERDUE NOTIFICATION
IF THIS BOOK IS NOT RETURNED TO
THE LIBRARY ON OR BEFORE THE LAST
DATE STAMPED BELOW.

BOOK DUE-WID

JUL 7 1979

6384364

MAR 1 1979

WIDENER

BOOK DUE

CANCELLED

OCT 31 2001

WIDENER

JAN 04 2002

